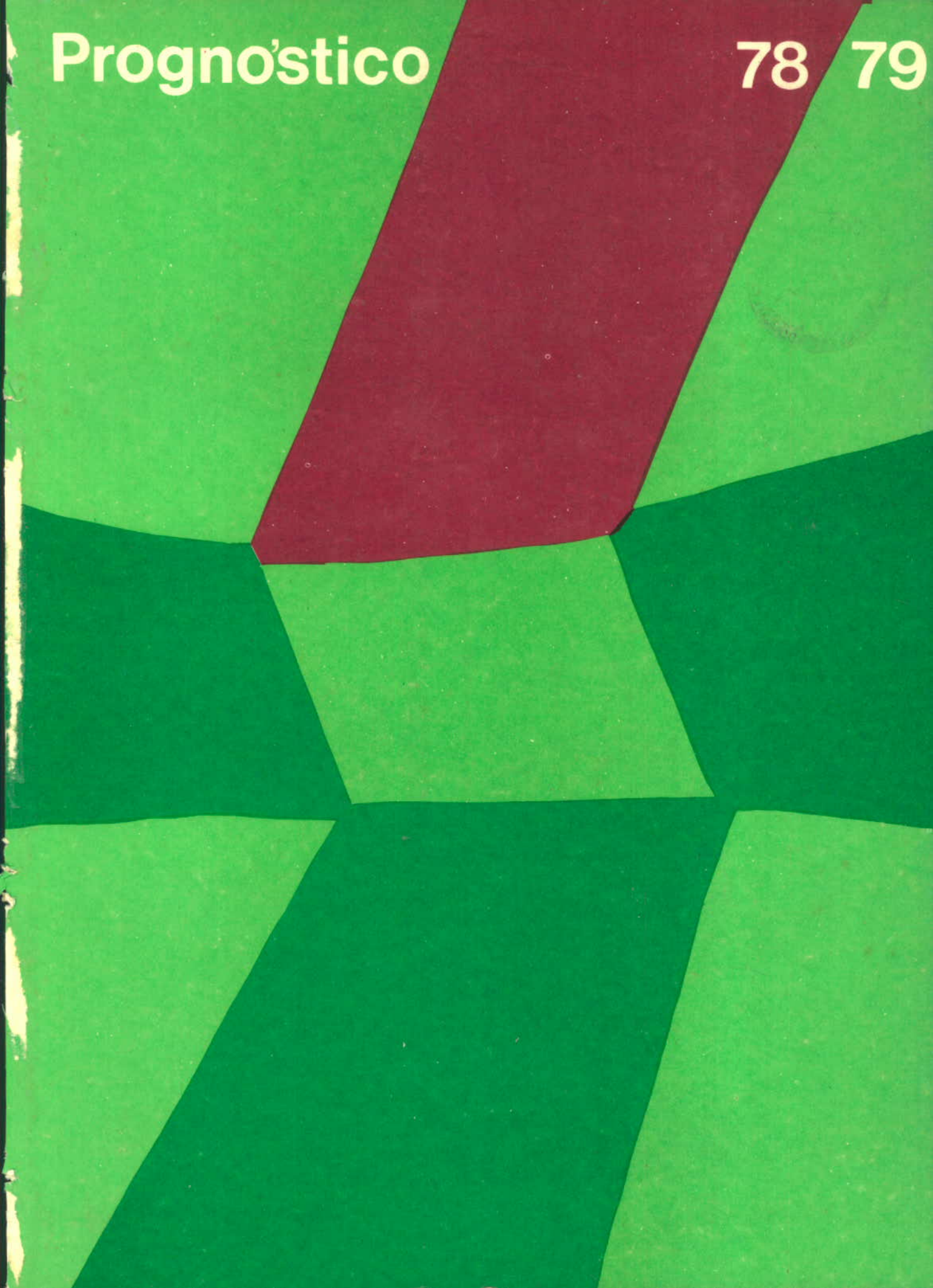


Prognóstico

78 79



CORPO TÉCNICO DO IEA
em exercício

Diretor: Alberto Veiga

Assistência Técnica de Acompanhamento e Controle

Clóvis de Toledo Piza Junior
Dêcio Sodrzejewski
Iby Arvatti Pedroso
Luiz Flávio Barbosa Cancegliero
Luiz Moricochi
Natanael Miranda dos Anjos

Divisão de Comercialização

Diretor: Antônio Ambrósio Amaro
Adalberto de Oliveira Rodrigues
Afonso Negri Neto
Alfredo Tsunehiro⁽¹⁾
Ana Maria Futino
Anna Perina Rabello de Arruda
Antônio José Braga do Carmo
Célia Regina Roncato Penteadó
Clotilde Cantos
Domingos Desgualdo Neto
Eduardo Pires Castanho Filho
Eloisa Elena Bortoleto
Everton Ramos de Lins
Flavio Condê de Carvalho⁽¹⁾
Gabriela Toscano
Gilberto Correia de Godoy
José Roberto da Silva
Lidia Hatue Ueno
Marcia da Silva Peetz
Marina Brasil Rocha
Maria da Conceição Rodrigues Ribeiro
Maria Elisa Beneton Junqueira⁽¹⁾
Maria de Lourdes do Canto Arruda
Mauro de Souza Barros
Nelma Lúcia Heiffig
Nelson Giulietti
Paulo Augusto Wiesel
Sebastião Nogueira Junior
Sylvia Regina Hellmeister
Vicente de Paula Melo Figueiredo⁽¹⁾
Waldemar Pires de Camargo Filho⁽¹⁾
Yuly Ivete Mizaki de Toledo

Divisão de Política e Desenvolvimento

Diretor: Ismar Florêncio Pereira
Elcio Umberto Gatti⁽¹⁾
Gabriel Luiz Seraphico Peixoto da Silva
Leonia Gadelha de Lima Furtado
Luiz Carlos Assef
Maria Auxiliadora de Carvalho
Maria Tanajura Cruz Gimenes
Nelson Batista Martin
Nelson Kazaki Toyama
Regina Junko Yoshii
Sonia Martins Giordano

Divisão de Economia da Produção

Diretor: Paul Frans BemeImans
Alfredo de Almeida Bessa Jr.⁽¹⁾
Arthur Antonio Ghilardi
Cesar Roberto Leite da Silva
Danilo de Albuquerque
Devancyr Aparecido Romão
Fernando Villela
Hiroshige Okawa
Ikuyo Kiyuna
Irene José E. Goldenberg
José Roberto Viana de Camargo⁽¹⁾
Maria Aparecida Sanches da Fonseca
Minoru Matsunaga
Nilda Tereza Cardoso de Mello
Paulo Edgard Nascimento de Toledo
Richard Domingues Dulley
Roberto Assumpção
Roxana Maria Moraru Topel
Sylvia Toledo Arruda
Zuleima Alleoni Pires⁽¹⁾

Divisão de Levantamentos e Análises Estatísticas

Diretor: Luiz Henrique de Oliveira Piva
Abel Ciro Minniti Igreja
Alceu de Arruda Veiga Filho⁽¹⁾
Ana Maria Montragio Pires de Camargo⁽¹⁾
Elizabeth Alves
Fernando Antônio de Almeida Sêver
Francisco Alberto Pino
José Roberto Vicente
Jovelino de Souza Barbosa Filho
Julio Umberto Jimenez Ossio
Manuel Joaquim Martins Falcão
Maria Angélica Ferraz de Toledo Machado
Maria de Fátima Packer
Maria de Lourdes Barros Camargo⁽¹⁾
Maristela Simões do Carmo
Maura Maria Demetrio Santiago
Milton Nogueira de Camargo
Rosa Maria Pescarin Pellegrini

Divisão de Apoio à Pesquisa

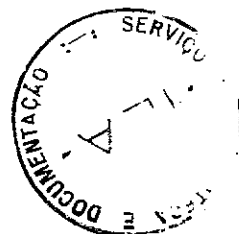
Diretor: Paulo David Criscuolo
Antônio Augusto Botelho Junqueira
Antonio Roger Mazzei
Celuta Moreira Cesar Machado
Luiz Carlos Miranda

Serviço de Biblioteca e Documentação

Diretora: Helena Souza e Silva de Oliveira
Aguri Sawatani
Alice May R. X. de Mendonça
Gabriela Menni Ferreri
Maria Luiza Alexandre Peão
Maria Rodrigues

⁽¹⁾ Realizando programa de pós-graduação ou de aperfeiçoamento.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DA AGRICULTURA
INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA




PROGNÓSTICO 78/79

APRESENTAÇÃO

A importância do trabalho que a Secretaria da Agricultura desenvolve no campo da estatística e da análise econômica transcende hoje largamente os limites deste Estado. Isto decorre não somente da própria importância da produção agrícola paulista nos mercados de consumo interno e de exportação, como também do aprimoramento constante do trabalho realizado por esta Pasta no atendimento à crescente demanda por elementos informativos fidedignos que sirvam de base à formulação da estratégia comercial e política do setor.

O Prognóstico 78/79 reúne um conjunto de informações que bem caracteriza esta função. Além de um detalhado retrospecto da evolução recente da agricultura paulista, este volume fornece uma visão das perspectivas econômicas que se apresentam em antecipação à abertura de mais uma safra. É uma obra de consulta a todos quantos se interessam pela recente evolução dos mercados agrícolas, pelo comportamento dos custos de produção, pelas medidas de política relativas ao setor ou pelo desempenho global da agricultura paulista.

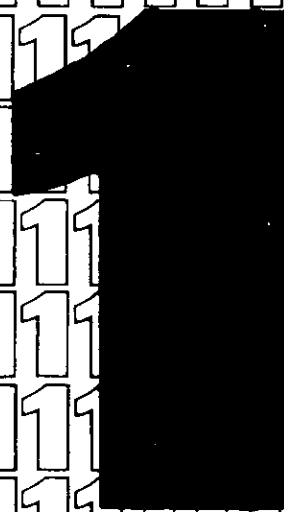
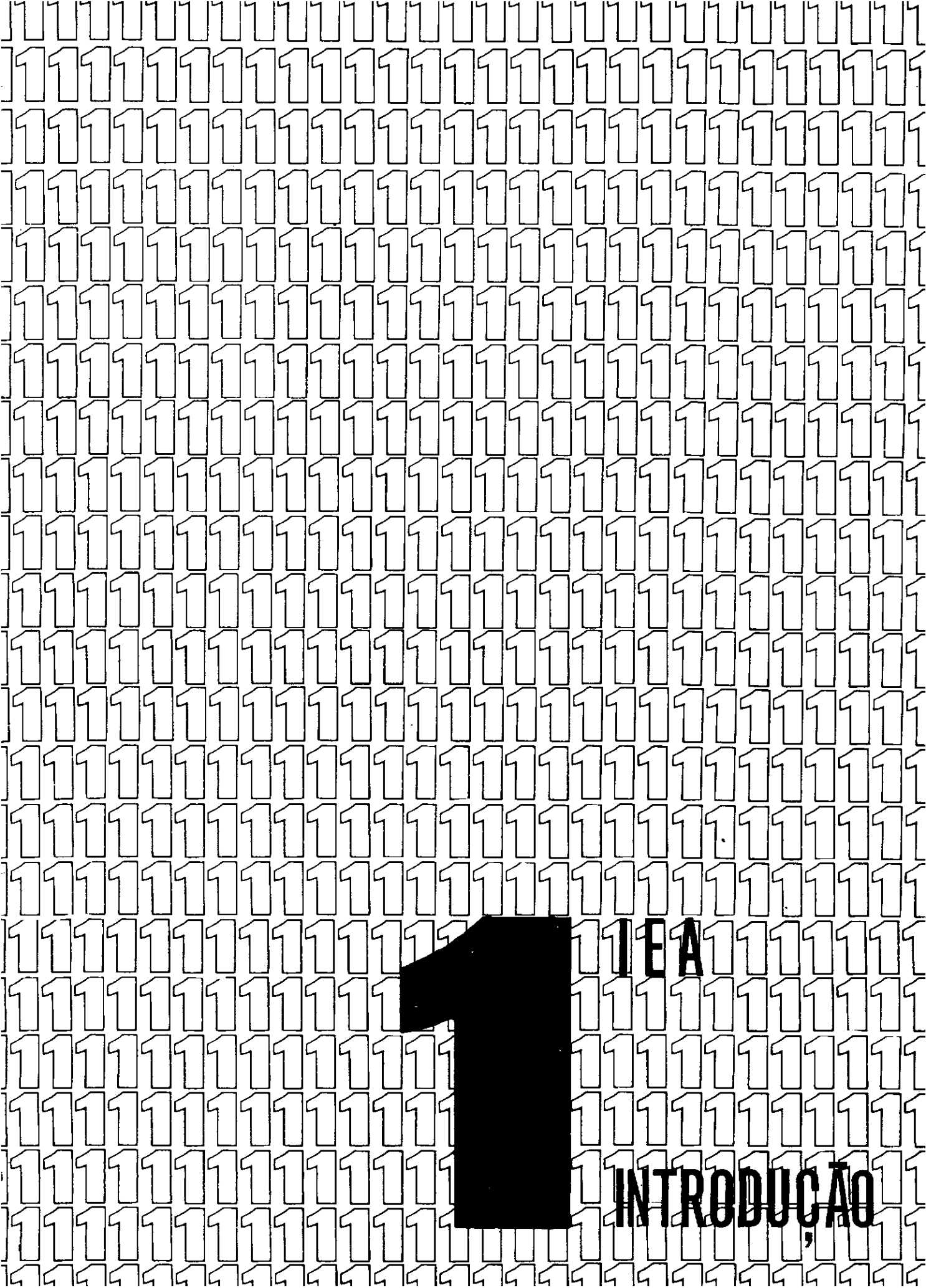
São Paulo, agosto de 1978



PAULO DA ROCHA CAMARGO
Secretário da Agricultura

ÍNDICE

1 - INTRODUÇÃO.....	1
2 - RESULTADO ECONÔMICO E CUSTO OPERACIONAL.....	3
3 - POLÍTICA AGRÍCOLA.....	21
4 - PROJEÇÕES DE OFERTA E PROCURA.....	31
5 - MERCADOS DE FATORES.....	37
- Fertilizantes.....	37
- Tratores.....	51
- Mão-de-obra.....	56
- Terra.....	65
- Sementes.....	73
6 - MERCADOS DE PRODUTOS.....	75
- Pecuária de Corte.....	75
- Pecuária de Leite.....	86
- Mamona.....	90
- Oleaginosas: soja e amendoim.....	97
- Arroz.....	106
- Trigo.....	111
- Milho.....	116
- Café.....	124
- Algodão.....	139
- Suínos.....	147
- Pescado.....	154
- Cana-de-açúcar.....	166
- Hortaliças.....	173
- Batata.....	182
- Mandioca.....	187
- Feijão.....	191
- Avicultura.....	196
- Frutas: laranja, banana e outras frutas.....	212
- Cebola.....	227
- Silvicultura.....	233
- Eventos Climáticos.....	238
7 - DESEMPENHO DA AGRICULTURA PAULISTA.....	241



TEA

INTRODUÇÃO

1 - INTRODUÇÃO

Após o desempenho satisfatório do balanço de pagamentos, observado em 1977, as expectativas para 1978 passaram a concentrar-se no comportamento dos preços e nas medidas para controle da inflação. No entanto, passado o primeiro semestre deste ano, ambos os problemas parecem continuar desafiando os mecanismos de estabilização montados. Nessa oportunidade, coube à agricultura significativa parcela dos desajustes verificados.

O ano agrícola 1977/78 - em sequência a um 1976/77 de excepcional crescimento - prenunciava-se com características normais, ainda que sob os vaticínios de restrições de crédito rural, elevação dos custos de produção e preços desfavoráveis para alguns produtos. De fato, as primeiras previsões das safras paulistas indicavam uma possibilidade de crescimento físico da produção vegetal da ordem de 5%, que provavelmente seria confirmado pela produção animal, em decorrência do maior abate de fêmeas que se verificou em 1977. Entretanto, a persistente seca verificada desde meados de janeiro até início de março, atingindo parte de São Paulo e os estados do Sul, modificou este panorama. As previsões mais recentes estimam uma queda da produção agrícola paulista, em termos físicos, de cerca de 1%. Esta redução, acompanhada, quanto aos preços, pelo café deverá resultar em uma renda agrícola bastante inferior à do ano transato.

Este fato, traduzido em expectativas pouco otimistas sobre a elevação do produto agrícola nacional, levou a maiores incertezas com relação à balança comercial e aos efeitos do custo de alimentação na taxa de inflação. Com efeito, o saldo comercial nos primeiros cinco meses de 1978 foi negativo em mais de US\$300 milhões, com as exportações agrícolas aquém de seu desempenho normal. Por sua vez, o custo de alimentação em São Paulo cresceu, até junho, quase 20%.

Outros acontecimentos que marcaram a agricultura paulista e brasileira, no ano 1977/78, foram principalmente situações conjunturais de escassez da oferta, refletindo sobre o abastecimento, e um crescente debate sobre política agrícola, em antecipação à prioridade estabelecida para o novo período presidencial, a iniciar-se em 1979.

No campo conjuntural destacaram-se as crises de abastecimento de cebola e milho, a menor dependência de importações de leite em pó e o recente surto de peste suína, entre outros fatos de relevo. A escassez da cebola, resultando em altos preços, atingiu seu clímax em março-abril deste ano, vindo a normalizar-se apenas com a entrada das safras de claras de São Paulo e Pernambuco, a partir de maio. No caso do milho, a quebra na área plantada, somada ao menor rendimento, provocou a inusitada necessidade de importações deste cereal. Quanto ao leite, evidenciou-se mais uma vez que o País apresenta um potencial de produção que se torna rapidamente disponível em situações favoráveis de preço: as importações de leite em pó que ultrapassaram as 40 mil toneladas em 1977 deverão cair para 10 mil toneladas, neste ano. Finalmen-

te, as notícias de que a peste suína africana manifestou-se no País trouxeram justificadas preocupações aos criadores, exatamente no momento em que a suinocultura nacional começava a desenvolver-se com maior plenitude.

Outros eventos, como as quebras nas safras nacionais de trigo, arroz, feijão e soja indicam uma entressafra de estoques reduzidos com conseqüentes reflexos sobre preços e exportação.

No Estado de São Paulo acentua-se a tendência para uma agricultura voltada ao comércio exterior. Pela primeira vez a área cultivada com cana-de-açúcar suplantou a de todas as demais culturas, em especial a do milho, que vinha liderando este setor. Isto se deve, principalmente, à produção de álcool combustível, que vem evoluindo exponencialmente. A safra de laranja também aumentou de forma acentuada, em um mercado pouco competitivo, onde se faz necessária a freqüente intervenção do Governo. Por sua vez, o café firma-se como primeiro gerador de renda da agricultura paulista, apesar da baixa de preços verificada após o "boom" de mercado do período 1975-77. A área plantada com soja vem também aumentando ano a ano, situando-se já em quarto lugar no Estado.

No campo da política agrícola, o ano 1977/78 foi pleno de especulação e debate, que se devem acentuar à medida em que se aproximam as eleições e o novo período governamental. Deve se reconhecer que, para este clima, muito contribuíram também a situação desfavorável da produção da última safra e as restrições à expansão do crédito rural, em razão da política antiinflacionária. Porém, é imperioso admitir que só poderão advir benefícios de um fórum amplo e ponderado sobre a ação do Estado brasileiro para com seu setor agrícola, mormente quando parecem esgotar-se as medidas de emergência habitualmente utilizadas para reavivá-lo.

Fortalece-se, assim, o consenso de que, conquanto as autoridades monetárias tenham adotado uma linha de ação coerente com os objetivos econômicos globais da Nação, muitos de seus reflexos sobre a agricultura têm sido negativos. E isto tem ocorrido, menos por inadequação dos instrumentos financeiros utilizados, do que pela carência de uma ideologia de desenvolvimento agrícola nacional, de características liberais, racional e objetiva.



LEA
RESULTADO
ECONÔMICO E
CUSTO OPERACIONAL

2 - RESULTADO ECONÔMICO E CUSTO OPERACIONAL

Estimado com base no custo operacional, o resultado econômico das principais atividades agrícolas constitui-se em indicador útil para a tomada de decisões racionais no âmbito da empresa agrícola, assim como oferece subsídios aos órgãos privados e governamentais.

O custo operacional é representado pelos encargos efetivos pagos pelo empresário, tais como mão-de-obra, combustível, lubrificante, reparos de máquinas, fertilizantes, sementes, corretivos do solo, defensivos, herbicidas, juros bancários, etc; mais a depreciação de máquinas e, no caso de culturas permanentes, depreciação destas.

Quando é utilizada a mão-de-obra familiar, o seu valor estimado também é incluído no custo operacional. A diferença entre o preço (ou receita média) recebido pelo agricultor e o custo operacional estimado pelo IEA constitui o resíduo para retribuir ao capital fixo e ao empresário, devendo idealmente ser positivo. Uma vez coberto esse custo operacional, o empresário terá condições para permanecer na atividade a curto prazo, constituindo, inclusive, reserva para reposição da maior parte do capital fixo empregado.

Do ponto de vista da administração da empresa, o agricultor procura tornar o resíduo global do sistema de produção da propriedade o maior possível, visando não só a uma taxa de retorno ao capital empatado que compense o custo de oportunidade dos recursos utilizados, mas também a remuneração satisfatória da sua própria atividade empresarial, como responsável por tomadas de decisão e riscos.

As informações contidas neste capítulo devem ser consideradas apenas como uma aproximação da realidade, devendo-se ter sempre em mente que cada produtor terá seu próprio custo, resultante da forma pela qual está combinando seus fatores de produção, do tamanho da área cultivada, tecnologia empregada, condições de fertilidade do solo, proximidade de mercados consumidores, etc.

- Resultado Econômico, 1977/78

Nos quadros 2, 3, 4 e 5 estão contidos os custos operacionais das culturas anuais e perenes. Os resultados econômicos de café, laranja, pêssego, uva e das principais culturas anuais podem ser visualizados nos quadros 6, 7, 8 e 9. Corrigida para Cr\$69,00, a diária da mão-de-obra para o Estado de São Paulo apresenta, assim, um aumento de 19% em relação ao valor projetado no último Prognóstico, que era da ordem de Cr\$58,00. A diária do tratorista foi corrigida para Cr\$92,00 e calculada, para cada DIRA, de acordo com informações obtidas diretamente das mesmas.

Foram incluídos nos encargos financeiros juros bancários a taxa de 15% sobre a metade do valor das despesas com operação e insumos, considerando o ciclo da cultura, excluídos os

gastos com fertilizantes que gozam de isenção de juros.

No custo anual de formação das culturas perenes, foram computados juros. Desse custo de formação foi deduzido o valor da produção inicial que ocorre nesse período.

No item "outros", estão incluídos os juros bancários, embalagem, empreita de modo geral com exceção da colheita, operação animal, mourões, arame, etc.

A exploração de maior custo por hectare é o tomate envarado, variedade Santa Cruz, seguido em ordem decrescente por outras culturas intensivas, como cebola de bulbilho, batata e tomate envarado caqui.

Tomando-se como exemplo a cultura do amendoim no Estado, o custo operacional por hectare foi da ordem de Cr\$2.818,30 para uma produtividade média de 68 sacos por hectare e, conseqüentemente, Cr\$108,55 por saco de 25kg. Considerando o preço médio recebido pelo agricultor de Cr\$150,00, chega-se a uma receita líquida de Cr\$41,45 por saco de 25kg. Este resultado, entretanto, é apenas indicativo, não tendo a pretensão de refletir a realidade de cada produtor. Assim como os custos variam de produtor para produtor, dependendo de fatores como área cultivada, tecnologia empregada, condições de fertilidade natural do solo e proximidade de mercados, entre outros, também as receitas médias variam em função da qualidade do produto, época e condições de venda.

As produtividades consideradas nesta análise são baseadas no 4º Levantamento de Previsão e Estimativas das Safras Agrícolas do Estado de São Paulo.

Das culturas relacionadas nos quadros 6, 7, 8 e 9, apresentam resíduos negativos as do tomate caqui envarado, batata da seca, arroz de sequeiro e milho na região de Tatuí.

Na análise do resíduo, cada agricultor individualmente pode atribuir valores anuais para remunerar ao capital, empresário e terra própria. Os critérios para avaliar esses valores são arbitrários, variando desde taxas fixas e pré-determinadas em função dos preços nos mercados de fatores, até outros critérios fundamentados em razões pessoais.

- Estimativa de Custo Operacional, 1978/79

São apresentadas nos quadros 10 a 15 as estimativas de custo operacional para o próximo ano agrícola, agrupando-se as culturas em cereais, oleaginosas, outras (batata, cana-de-açúcar, cebola, mandioca e tomate), perenes e atividades de origem animal.

Como resultado do projeto de pesquisa IEA/04 - "Análise do Custo e Renda das Principais Explorações do Estado de São Paulo", foram estimados custos operacionais com novos coeficientes técnicos para a cana-de-açúcar nas regiões de Ribeirão Preto e de Piracicaba. Para a cebola de muda foi introduzido um custo operacional baseado em cultivo de nível tecnológico mais desenvolvido.

No sentido de aperfeiçoar a regionalização dos custos, tornam-se necessárias algumas considerações quanto a critérios adotados.

Mão-de-obra - em safras passadas, o valor da diária da mão-de-obra era calculado com base no salário mínimo regional, valor esse entretanto maior que o efetivamente pago pelos produtores. Com o decorrer do tempo, os produtores foram-se ajustando ao salário mínimo e, ainda mais, devido ao êxodo rural e à disputa pela mão-de-obra durante os picos de demanda, aquele valor passou a ser superior ao salário mínimo. Há que se destacar, por outro lado, que em algumas regiões a competição pela mão-de-obra era maior que em outras, resultando evidentemente em maiores valores da diária média. Ribeirão Preto é um exemplo disso, onde cana, café e algodão requerem grande volume de mão-de-obra contratada durante a colheita.

Para minimizar os efeitos desse fenômeno, como no ano anterior, tentou-se regionalizar por DIRA o valor da diária. Através dos levantamentos de previsão de safras em novembro e abril de cada ano, tomaram-se os valores da diária para residentes e volantes, ponderando-os pelas respectivas populações existentes, originando a diária média para o Estado projetada para 1978/79 de Cr\$90,00, e as diárias por DIRA (quadro 1).

A diária média de tratorista também sofreu pequena modificação quanto ao critério de cálculo. Tomava-se uma vez e meia o valor da diária comum e chegava-se a um valor bem aproximado da realidade. Atualmente os dados têm demonstrado que essa proporção não está sendo observada, passando-se a considerar os valores obtidos nos levantamentos de previsão de safras do IEA realizados em novembro e abril, cuja média do Estado projetada para 1978/79 foi de Cr\$120,00.

Máquinas - o aumento no custo de operação de máquinas em relação a 1977/78 foi da ordem de 27%. O preço do óleo diesel utilizado no cálculo do custo diário da máquina foi Cr\$4,40 por litro correspondendo ao preço de maio de 1978 acrescido de 10%. Nestes cálculos são considerados o valor de reparos, geralmente na base de 10% sobre o valor da máquina nova, combustível, lubrificantes e graxa. A depreciação é calculada com base no valor da máquina nova dividido pela duração em anos de vida útil. Para o total de dias de serviço da máquina, considerou-se a propriedade como um todo. Assim, por exemplo, o trator trabalha, em média e em condições normais, 125 dias de 8 horas ou mil horas por ano.

QUADRO 1. - Valor da Mão-de-obra ⁽¹⁾ por DIRA, Estado de São Paulo, 1978/79
(em cruzeiro)

DIRA	Mão-de-obra	
	Comum	Tratorista
Araçatuba	88,00	109,00
Bauru	86,00	109,00
Campinas	94,00	146,00
Marília	81,00	109,00
Presidente Prudente	86,00	109,00
Ribeirão Preto	107,00	146,00
São José do Rio Preto	98,00	109,00
São Paulo	96,00	146,00
Sorocaba	86,00	109,00
Vale do Paraíba	83,00	109,00
Estado de São Paulo	90,00	120,00

⁽¹⁾ Valor ponderado para diarista, mensalista e volante.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

Encargos financeiros - o juro bancário foi calculado como no ano anterior, isto é, utilizou-se a taxa de 15% sobre a metade das despesas de custeio, considerando o ciclo da cultura, exceto adubo.

Defensivos - sobre os preços vigentes em maio de 1978, foi estimado um acréscimo de 10% no sentido de compensar o espaço de tempo que decorre entre o cálculo das atuais estimativas e aquele em que efetivamente se concentram as aquisições do insumo.

FUNRURAL - na maioria dos casos, não se incluíram as despesas decorrentes do FUNRURAL, uma vez que dependem do preço obtido pelos produtores.

Produtividades - os valores admitidos nas estimativas de custo operacional estão sujeitos a variações decorrentes dos inúmeros fatores que podem influenciar a produtividade.

A elevação dos custos operacionais estimados para 1978/79 é da ordem de 33% em relação ao custo operacional obtido para 1977/78. Entre os itens mais onerosos, por cultura, encontram-se: colheita por empreita no algodão (25%); adubo e corretivo na soja (36%); sorgo granífero (25%) e trigo (39%); operação de máquinas na cana-de-açúcar (29%) e do arroz irrigado (35%); mão-de-obra na mamona (58%), mandioca (45%), feijão (39%), tomate (35%), cebola (28%), arroz de sequeiro (26%) e amendoim (21%); e semente na batata (40%).

Para o milho alternam-se a mão-de-obra, operação de máquinas, adubos e corretivos como os itens mais onerosos na estimativa de custo operacional, dependendo da tecnologia e da região.

A mão-de-obra nas culturas permanentes é de modo geral o item mais dispendioso, seguindo-se a adubação e operações de máquinas.

Para a cultura do café, consideraram-se quatro níveis de produtividade (20, 15, 10 e 5 sacas beneficiadas por hectare) e incluíram-se despesas gerais e de administração. A depreciação foi calculada a partir das máquinas utilizadas no processo da produção, das benfeitorias específicas (terreiro, lavador e tulha) e do cafezal, para uma vida útil de 30 anos.

Para avicultura, foi calculado o custo operacional para produzir ovo e frango de corte. No caso do frango de corte, partindo-se de um plantel de 1.000 aves o custo operacional soma Cr\$20.329,00. Desse total, deduziu-se Cr\$680,00 correspondente ao valor do esterco produzido pelo lote, chegando-se ao custo por quilo de ave viva de Cr\$11,52. A alimentação representa 69% do custo operacional, constituindo-se no item mais oneroso da atividade.

O custo operacional de ovos foi calculado para uma produtividade anual de 656 caixas de 30 dúzias para 1.000 aves. Deduzidos os rendimentos indiretos, chegou-se a um custo por caixa de Cr\$255,80, com a alimentação participando com 69% desse valor.

O custo do leite "C" está calculado para três níveis de produção: para a pequena empresa cuja produção é de até 100 litros por dia, para a empresa de tamanho médio que produz de 100 a 300 litros diários e para a grande empresa com mais de 300 litros por dia. Este estudo refere-se especificamente ao Vale do Paraíba, onde foram obtidos os coeficientes técnicos. Computados os desembolsos, depreciações das máquinas e das benfeitorias específicas e mais a mão-de-obra do empresário, obteve-se um custo operacional do qual foi deduzida a receita referente à venda de esterco, descarte de animais, sacaria vazia, etc. O custo operacional para a pequena exploração foi de Cr\$5,08/litro.

As estimativas de custos operacionais elaboradas pelo IEA são realizadas fundamentalmente com base nos preços de maio/junho. Desta data até o início das operações referentes às culturas das águas, e mais ainda às da seca, podem ocorrer alteração nos preços de mão-de-obra, combustíveis, lubrificantes, adubos, embalagens e outros insumos necessários ao processo produtivo, provocando assim gradual desatualização das presentes estimativas. Visando contornar estes problemas, o IEA implantou um sistema para cálculo de estimativas das principais culturas do Estado de São Paulo, utilizando os recursos da computação eletrônica. Esta iniciativa veio proporcionar não só maior dinamismo à área de custo de produção da Instituição, mas também oferecer dados atualizados e oportunos, para a tomada de decisão sobre o plantio e comercialização dos produtos.

QUADRO 2.- Custo Operacional por Hectare e por Unidade de Produção de Cereais, Estado de São Paulo, 1977/78
(em cruzeiro)

Cultura	Produtividade		Mão-de-obra	Semente e muda	Adubo e corretivo	Defensivo	Operação de máquinas ⁽¹⁾	Outros ⁽²⁾	Colheita por empreita	Depreciação ⁽³⁾	Custo por hectare	Custo por unidade produzida
	Por ha	Unidade										
Arroz irrigado (TM) (Sub-região do Vale do Paraíba)	33	60kg	1.654,32	299,20	972,66	168,35	2.086,17	852,49	-	574,30	6.607,49	200,23
Arroz de sequeiro (TM) (Município de Olímpia)	9	60kg	1.321,23	162,80	1.213,00	54,50	861,29	312,93	598,50	240,10	4.764,35	529,37
Feijão das águas (TA) (Sub-regiões Itapeva e Avaré)	10	60kg	1.141,14	250,27	369,00	79,79	16,30	434,65	-	35,21	2.326,36	232,64
Feijão das águas (TMA) (Sub-regiões Itapeva e Avaré)	10	60kg	989,52	248,57	416,25	79,79	607,10	142,80	-	171,94	2.655,97	265,60
Feijão da seca (TA) (Sub-regiões Itapeva e Avaré)	10	60kg	1.326,60	450,50	461,97	157,77	17,10	663,50	-	38,49	3.115,93	311,59
Feijão da seca (TMA) (Sub-regiões Itapeva e Avaré)	10	60kg	1.074,00	543,16	523,04	157,77	804,59	213,02	-	211,03	3.526,61	352,66
Milho (TM) (Estado)	30	60kg	699,89	76,00	1.024,44	-	1.153,87	480,80	-	312,04	3.747,04	124,90
Milho (TM) (Região Ribeirão Preto)	38	60kg	422,06	77,88	1.258,08	15,96	910,41	446,20	-	246,65	3.377,24	88,87
Milho (TMA) (Sub-regiões Tatuí e Capão Bonito)	23	60kg	993,54	178,30	720,00	16,46	511,29	373,60	-	145,44	2.938,63	127,77
Sorgo granífero (TM) (Jaboticabal)	35	60kg	518,32	171,00	648,60	27,02	627,87	366,03	387,00	163,02	2.908,86	83,11
Trigo (TM) (Sub-região de Assis) (1977)	17	60kg	120,86	750,00	1.097,11	272,86	572,10	84,63	-	145,62	3.043,18	179,01

⁽¹⁾ Foram incluídos reparos de máquinas, combustível e lubrificantes.

⁽²⁾ Foram incluídos, operação animal, sacaria, beneficiamento e juros bancários.

⁽³⁾ Somente do capital em máquinas e animais de trabalho.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 3. - Custo Operacional por Hectare e por Unidade de Produção de Oleaginosas, Estado de São Paulo, 1977/78

(em cruzeiro)

Cultura	Produtividade		Mão-de-obra	Semente e muda	Adubo e corretivo	Defensivo	Operação de máquinas (1)	Outros (2)	Colheita por empreita	Depreciação (3)	Custo por hectare	Custo por unidade produzida
	Por ha	Unidade										
Algodão (TMA) (Sub-região Orliândia)	78	arroba	1.331,76	321,01	2.278,84	1.340,35	724,29	584,41	2.507,00	204,30	9.291,96	119,13
Algodão (TM) (Sub-região Orliândia)	84	arroba	1.346,42	354,01	1.712,87	1.496,96	1.037,45	698,20	2.714,00	265,33	9.625,24	114,59
Algodão (TMA) (Sub-região Avarê)	74	arroba	1.429,98	402,40	2.033,56	1.230,01	732,59	541,20	2.208,00	213,90	8.791,64	118,81
Algodão (TMA) (Sub-regiões Campinas, Limeira, São João da Boa Vista)	84	arroba	1.095,22	375,74	1.919,22	827,95	716,37	575,85	2.737,00	215,00	8.462,35	100,74
Algodão (TM) (Sub-regiões Campinas, Limeira, São João da Boa Vista)	84	arroba	884,64	375,74	1.919,22	827,95	1.149,32	532,70	2.737,00	286,41	8.712,98	103,73
Algodão (TM) (Sub-região Araçatuba)	61	arroba	831,32	408,03	540,00	890,63	1.129,97	925,40	1.656,00	280,22	6.661,57	109,21
Amendoim (TA)	56	25kg	1.650,48	1.083,60	1.118,25	515,52	41,84	367,93	1.347,50	101,02	6.226,14	111,18
Amendoim (TM)	68	25kg	1.126,08	1.229,80	1.118,25	540,08	1.142,63	264,46	1.674,75	285,65	7.381,70	108,55
Mamona	22	50kg	2.388,54	18,36	540,00	21,61	591,69	287,15	-	171,14	4.018,49	182,66
Soja (TM) (Sub-região Ribeirão Preto)	27	60kg	393,84	405,00	993,62	374,78	530,47	88,69	-	153,68	2.940,08	108,89

(1) Foram incluídos reparos de máquinas, combustível e lubrificantes.

(2) Foram incluídos, operação animal, sacaria, beneficiamento e juros bancários, seguro obrigatório para o algodão.

(3) Somente do capital em máquinas e animais de trabalho.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 4.- Custo Operacional por Hectare e por Unidade de Produção de Raízes e Tubérculos, Cana-de-Açúcar, Batata, Cebola, Mandioca e Tomate, Estado de São Paulo, 1977/78

(em cruzeiro)

Cultura	Produtividade		Mão-de-obra	Semente e muda	Adubo e corretivo	Defensivo	Operação de máquinas (1)	Outros (2)	Colheita por empreita	Depreciação (3)	Custo por hectare	Custo por unidade produzida
	Por ha	Unidade										
Batata das águas (TA) (Municípios de Divinolândia e S.S. da Gramma)	155	60kg	5.110,56	9.360,00	3.334,42	1.286,62	31,42	1.789,53	-	83,70	20.996,16	135,46
Batata das águas (TMA) (Municípios de Divinolândia e S.S. da Gramma)	175	60kg	4.961,44	9.712,00	4.071,35	1.340,13	499,30	1.818,77	-	192,64	22.595,63	129,12
Batata da seca (TMA) (Municípios de Divinolândia e S.S. da Gramma)	139	60kg	6.547,76	14.030,64	5.256,90	1.691,16	2.278,44	2.153,81	-	795,78	32.754,49	235,64
Batata da seca (TM) (Municípios de Itapetininga e Ibiúna)	262	60kg	4.044,90	23.598,90	17.055,88	13.715,07	3.864,74	4.002,05	-	1.143,12	67.424,66	257,35
Batata das águas (TM) (Municípios de Itapetininga e Ibiúna)	320	60kg	4.131,54	15.800,00	10.531,65	11.242,99	3.936,55	3.519,21	-	1.126,81	50.088,75	156,53
Cana-de-açúcar (nova) (TM) (4)	103	t	2.013,65	1.934,40	3.185,29	333,63	2.137,72	5.803,18	3.090,00(5)	531,93	19.029,80	184,76
Cana-de-açúcar (soca) (TM)	62	t	890,33	-	1.348,90	333,63	819,59	2.958,77	1.860,00(5)	197,27	8.408,49	135,62
Cana-de-açúcar (ressoca) (TM)	50	t	890,33	-	1.348,90	333,63	819,59	2.416,77	1.500,00(5)	197,27	7.505,49	150,11
Cebola de muda (TMA) (Sub-região Casa Branca)	248	45kg	6.095,60	5.600,00	4.388,60	1.376,86	1.417,60	2.001,09	-	380,64	21.260,39	85,73
Cebola de muda (TA) (Sub-região Sorocaba)	338	45kg	8.837,40	6.498,00	3.556,05	2.318,47	330,96	2.579,18	-	180,32	24.300,38	71,89
Cebola de muda (TM) (Sub-região Sorocaba)	366	45kg	7.690,38	6.498,00	4.790,85	1.219,87	2.277,29	2.320,05	-	514,36	25.310,80	69,16
Cebola de bulbilho (TA) (Sub-região Sorocaba)	284	45kg	9.876,90	9.232,00	4.245,75	1.161,57	824,93	2.216,47	-	343,17	27.900,79	98,24
Cebola de bulbilho (TM) (Sub-região Sorocaba)	408	45kg	10.852,26	9.232,00	7.436,70	1.913,68	3.694,43	2.622,27	-	885,43	36.636,77	89,80
Mandioca (4)	14	t	2.155,74	1.752,00	449,10	12,53	4,95	764,33	-	14,14	5.152,79	368,06
Tomate Sta. Cruz enervado (TM)	1.758	cx.	52.651,52	213,56	18.542,35	6.177,66	5.044,22	42.103,41	-	2.801,84	127.534,56	72,55
Tomate caqui enervado	930	cx.	50.432,44	1.363,39	20.800,63	5.070,41	3.032,01	33.133,93	-	2.121,89	115.954,70	124,68
Tomate rasteiro (TM)	18,2	t	5.604,87	1.404,20	3.309,24	2.199,08	4.631,05	519,00	-	1.263,14	18.930,58	1.040,14

(1) Foram incluídos reparos de máquinas, combustível e lubrificantes.

(2) Foram incluídos, operação animal, sacaria, beneficiamento e juros bancários.

(3) Somente do capital em máquinas e animais de trabalho.

(4) Cultura de ano e meio.

(5) Inclui também carregamento e transporte.

Obs: Tecnologia utilizada: TA= tração animal; TM= tração motomecanizada; TMA= tração motomecanizada e animal.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 5.- Custo Operacional por Hectare e por Unidade de Produção de Culturas Perenes, Estado de São Paulo, 1977/78
(em cruzeiro)

Cultura	Produtividade		Mão-de-obra	Semente ou muda	Adubo e corretivo	Defensivo	Operação de máquina ⁽¹⁾	Outros ⁽²⁾	Depreciação ⁽³⁾	Custo por hectare	Custo por unidade produzida
	Por ha	Unidade									
Abacaxi (TA) implantação e 2º ano ⁽⁴⁾	21.000	kg	12.234,70	10.846,50	1.070,68	318,67	68,99	2.132,58	149,81	26.821,93	1,28
Abacaxi (TM) implantação e 2º ano ⁽⁴⁾	22.260	kg	10.555,92	12.375,00	5.552,20	770,81	3.217,62	2.230,12	813,11	35.514,78	1,60
Abacaxi (TMM) implantação e 2º ano ⁽⁴⁾	21.200	kg	12.010,56	10.500,00	6.759,20	988,93	2.478,51	2.132,87	639,82	35.509,89	1,67
Banana na várzea (ciclo - 14 meses)	22	t	5.866,72	-	3.171,44	1.055,34	119,63	616,14	17,46	10.846,73	493,03
Banana no morro (ciclo - 14 meses)	21	t	6.113,88	-	4.557,70	1.055,34	152,86	640,64	22,31	12.542,73	597,27
Cafê formação - 1º ao 4º (1.000 covas)	10	60kg	11.680,32	3.300,00	5.316,90	1.199,52	2.584,70	6.268,79	2.060,88	32.411,11	3.241,11
Cafê	20	60kg	1.958,22	59,20	2.272,50	946,43	721,35	10.925,55	1.364,16	18.247,41	912,37
Cafê	15	60kg	1.682,22	88,80	1.416,25	946,43	717,83	10.916,13	1.352,85	17.120,51	1.141,37
Cafê	10	60kg	1.503,97	118,40	992,10	946,43	625,30	9.218,01	1.178,53	14.582,74	1.458,27
Cafê	5	60kg	842,72	-	-	887,06	529,26	7.266,01	1.115,38	10.640,43	2.128,09
Figo formação 1º e 2º ano (TM) (1.660 pés)	-	-	20.351,09	- ⁽⁶⁾	7.473,02	4.373,39	1.448,55	8.487,99	290,77	42.424,81	- ⁽⁵⁾
Figo produção	6.204	engrad.	35.599,17	-	11.598,00	14.245,56	3.000,46	39.152,47	2.570,71 ⁽⁷⁾	106.166,37	17,11
Laranja formação 1º ao 4º (TM) - (200 pés)	-	-	6.246,57	3.750,00	2.775,71	2.661,65	4.182,86	1.293,44	1.105,81	22.016,04	- ⁽⁵⁾
Laranja produção	340	caixa	2.092,80	-	1.631,34	1.672,29	1.216,40	384,73	1.226,39 ⁽⁷⁾	8.223,95	24,19
Maracujá formação (1.000 pés) (TMA)	-	-	7.709,60	8.400,00	1.326,36	356,13	2.718,35	25.044,68	822,89	46.378,01	- ⁽⁵⁾
Maracujá produção	875	caixa	5.198,00	-	3.011,58	2.278,95	3.673,00	847,50	6.536,49 ⁽⁷⁾	21.545,52	24,62
Pêssego formação 1º ao 4º ano (TM) (220 pés)	-	-	56.195,00	5.280,00	21.628,00	10.678,68	8.429,89	26.590,20	2.310,02	131.111,79	- ⁽⁵⁾
Pêssego produção (TM) (220 pés)	6.140	caixa	34.225,00	-	10.784,00	5.636,81	5.298,62	30.327,13	8.554,65 ⁽⁷⁾	94.826,21	15,44
Uva niagara formação 1º ao 3º ano (4.000 pés)	-	-	63.580,26	60.000,00	42.455,00	5.398,82	2.309,64	42.168,61	822,82	216.735,15	- ⁽⁵⁾
Uva niagara em produção	1.500	caixa	25.378,80	-	14.810,00	2.489,96	767,58	14.615,73	7.018,04 ⁽⁷⁾	65.080,11	43,39

⁽¹⁾ Incluídos reparos de máquinas, combustível e lubrificantes.

⁽²⁾ Incluídos operação animal, juros bancários e no café administração e despesas gerais.

⁽³⁾ Somente do capital em máquinas: exceto para o café que inclui benfeitorias específicas e cafezal.

⁽⁴⁾ Semiperene - tração animal (TA) e mecanizada (TM) na região de Bauru - mecanizada e manual (TMM) no Vale do Ribeira.

⁽⁵⁾ Custo de formação (unidade = pé) está incluído juro bancário.

⁽⁶⁾ O serviço de preparo das estacas está incluído na mão-de-obra.

⁽⁷⁾ Inclui depreciação do pomar baseada no custo de formação. Deste foi deduzida a receita auferida por produção no período.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 6. - Resultado Econômico por Hectare e por Unidade de Produção de Cereais, Estado de São Paulo, 1977/78

(em cruzeiro)

Cultura	Rendimento ⁽¹⁾		Receita		Custo operacional		Receita líquida ⁽²⁾	
	Por ha	Unidade	Por ha	Por unidade	Por ha	Por unidade	Por ha	Por unidade
Arroz irrigado (TM) (Sub-região Vale do Paraíba)	33	60kg	9.900,00	300,00	6.607,49	200,23	3.292,51	99,77
Arroz de sequeiro (TM) (Olimpia)	9	60kg	2.700,00	300,00	4.764,35	529,37	- 2.064,35	- 229,37
Feijão das águas (TA) (Sub-regiões de Itapeva e Avarê)	10	60kg	5.000,00	500,00	2.326,36	232,64	2.673,64	267,36
Feijão das águas (TMA) (Sub-regiões de Itapeva e Avarê)	10	60kg	5.000,00	500,00	2.655,97	265,60	2.344,03	234,40
Feijão da seca (TA) (Sub-regiões de Itapeva e Avarê)	10	60kg	5.000,00	500,00	3.115,93	311,59	1.884,07	188,41
Feijão da seca (TMA) (Sub-regiões de Itapeva e Avarê)	10	60kg	5.000,00	500,00	3.526,67	352,67	1.473,33	147,33
Milho (TM) (Estado)	30	60kg	3.630,00	121,00	3.746,54	124,88	- 116,54	- 3,88
Milho (TM) (Região Ribeirão Preto)	38	60kg	4.598,00	121,00	3.337,26	88,88	1.260,74	33,18
Milho (TMA) (Sub-regiões Tatuí e Capão Bonito)	23	60kg	2.783,00	121,00	2.938,63	127,77	- 155,63	- 6,77
Trigo (TM) (Sub-região Assis)	17	60kg	4.233,00	249,00	3.043,18	179,01	1.189,82	70,00

(¹) Rendimento estimado para o ano agrícola 1977/78, e variando segundo a tecnologia.

(²) Receita líquida = receita menos custo operacional.

Obs: Tecnologia utilizada: TA = tração animal; TM = tração motomecanizada; TMA = tração motomecanizada e animal.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 7. - Resultado Econômico por Hectare e por Unidade de Produção de Oleaginosas, Estado de São Paulo, 1977/78

(em cruzeiro)

Cultura	Rendimento ⁽¹⁾		Receita		Custo operacional		Receita líquida ⁽²⁾	
	Por ha	Unidade	Por ha	Por unidade	Por ha	Por unidade	Por ha	Por unidade
Algodão (TMA) (Sub-região Orlândia)	78	arroba	9.360,00	120,00	9.291,96	119,13	68,04	0,87
Algodão (TM) (Sub-região Orlândia)	84	arroba	10.080,00	120,00	9.625,24	114,59	454,76	5,41
Algodão (TMA) (Sub-região Avaré)	74	arroba	9.880,00	120,00	8.791,64	118,81	1.088,36	14,71
Algodão (TMA) (Sub-regiões Campinas, Limeira, São João da Boa Vista)	84	arroba	10.080,00	120,00	8.462,35	100,74	1.617,65	19,26
Algodão (TM) (Sub-regiões Campinas, Limeira, São João da Boa Vista)	84	arroba	10.80,00	120,00	8.712,98	103,73	1.367,02	16,27
Algodão (TM) (Sub-região Araçatuba)	61	arroba	7.320,00	120,00	6.661,57	109,21	658,43	10,79
Amendoim (TA)	56	25kg	8.400,00	150,00	6.226,14	111,18	2.173,86	38,82
Amendoim (TM)	68	25kg	10.200,00	150,00	7.381,70	108,55	2.818,30	41,45
Mamona (TMA)	22	50kg	5.500,00	250,00	4.018,49	182,66	1.481,51	67,34
Soja (TM) (Região Ribeirão Preto)	27	60kg	5.670,00	210,00	2.940,08	108,89	2.729,92	101,11

⁽¹⁾ Rendimento estimado para o ano agrícola 1977/78 e variando segundo a tecnologia.

⁽²⁾ Receita líquida = receita menos custo operacional.

Obs: Tecnologia utilizada: TA = tração animal; TM = tração motomecanizada; TMA = tração motomecanizada e animal.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 8.- Resultado Econômico por Hectare e por Unidade de Produção de Batata, Cana-de-Açúcar, Cebola, Mandioca e Tomate, Estado de São Paulo, 1977/78
(em cruzeiro)

Cultura	Rendimento ⁽¹⁾		Receita		Custo operacional		Receita líquida ⁽²⁾	
	Por ha	Unidade	Por ha	Por unidade	Por ha	Por unidade	Por ha	Por unidade
Batata das águas (TA) (Divinolândia e S.S. da Grama)	155	60kg	35.340,00	228,00	20.996,15	135,46	14.343,85	92,54
Batata das águas (TMA)(Divinolândia e S.S. da Grama)	175	60kg	39.900,00	228,00	22.595,63	129,12	17.304,37	98,88
Batata da seca (TMA) (Divinolândia e S.S. da Grama)	139	60kg	31.692,00	228,00	32.754,49	235,64	(-)1.062,49	(-)7,64
Batata da seca (TM) (Itapetininga, Capão Bonito e Ibiúna)	262	60kg	78.600,00	300,00	67.424,66	257,35	11.175,34	42,65
Batata das águas (TM) (Itapetininga, Capão Bonito e Ibiúna)	320	60kg	72.960,00	228,00	50.088,55	156,53	22.871,45	71,47
Cana-de-açúcar (nova) (TM) ⁽³⁾	103	t	21.426,00	208,02	19.029,80	184,76	2.396,20	23,26
Cana-de-açúcar (soca) (TM)	62	t	12.897,24	208,02	8.408,49	135,62	4.488,75	72,40
Cana-de-açúcar (ressoca) (TM)	50	t	10.401,00	208,02	7.505,49	150,11	2.895,51	57,91
Cebola de muda (TMA) (Sub-região de Casa Branca)	248	45kg	48.112,00	194,00	21.260,39	85,73	26.851,61	108,27
Cebola de muda (TA) (Sub-região de Sorocaba)	338	45kg	65.572,00	194,00	24.300,38	71,89	41.271,62	122,11
Cebola de muda (TM) (Sub-região de Sorocaba)	366	45kg	71.004,00	194,00	25.310,80	69,16	45.693,20	124,84
Cebola de bulbilho (TA) (Sub-região de Sorocaba)	284	45kg	55.096,00	194,00	27.000,79	98,24	27.195,21	95,76
Cebola de bulbilho (TM) (Sub-região de Sorocaba)	408	45kg	79.152,00	194,00	36.636,77	89,80	42.515,23	104,20
Mandioca (TMA) ⁽³⁾	14	t	6.720,00	480,00	5.152,79	368,06	1.567,21	111,94
Tomate Sta. Cruz envarado (TM)	1.758	cx.	140.429,00	79,88	127.534,56	72,55	12.894,44	7,33
Tomate caqui envarado (TM)	930	cx.	107.731,20	115,84	115.954,70	124,68	(-) 8.223,50	(-) 8,84
Tomate rasteiro (TM)	18,2	t	21.294,00	1.170,00	18.930,58	1.040,14	2.363,42	129,86

⁽¹⁾ Rendimento estimado para o ano agrícola 1977/78, e variando segundo a tecnologia.

⁽²⁾ Receita líquida = receita menos custo operacional.

⁽³⁾ Cultura de ano e meio.

Obs: Tecnologia utilizada: TA = tração animal; TM = tração motomecanizada; TMA = tração motomecanizada e animal.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 9. - Resultado Econômico por Hectare e por Unidade de Produção de Culturas Perenes, Estado de São Paulo, 1977/78

(em cruzeiro)

Cultura	Rendimento ⁽¹⁾		Receita		Custo operacional		Receita líquida ⁽²⁾	
	Por ha	Unidade	Por ha	Por unidade	Por ha	Por unidade	Por ha	Por unidade
Abacaxi (TA) implantação e 2º ano ⁽³⁾	21.000	kg	52.500,00	2,50	26.821,93	1,28	25.678,07	1,22
Abacaxi (TM) implantação e 2º ano ⁽³⁾	22.260	kg	55.650,00	2,50	35.514,78	1,60	20.135,22	0,90
Abacaxi (TMM) implantação e 2º ano ⁽³⁾	21.200	kg	53.000,00	2,50	35.509,89	1,67	17.490,11	0,83
Banana na várzea (ciclo-14 meses)	20	t	12.000,00	600,00	10.846,73	542,34	1.153,27	57,66
Banana no morro (ciclo-14 meses)	20	t	12.000,00	600,00	12.542,73	627,14	- 542,73	- 27,14
Cafê	20	60kg	45.830,00	2.291,50	18.247,41	912,37	27.582,59	1.379,13
Cafê	15	60kg	34.372,50	2.291,50	17.120,51	1.141,37	17.251,99	1.150,13
Cafê	10	60kg	22.915,00	2.291,50	14.582,74	1.458,27	8.332,26	833,23
Cafê	5	60kg	11.457,50	2.291,50	10.640,43	2.128,09	817,07	163,41
Figo produção (TM)	7.755	engrad.	108.570,00	14,00	106.166,37	13,79	2.403,63	0,31
Laranja produção (TM)	340	cx.	10.200,00	30,00	8.223,95	24,19	1.976,05	5,81
Pêssego produção (TM) (220 pês)	6.140	cx.	120.221,20	19,58	94.826,21	15,44	25.394,99	4,14
Uva niagara produção (TM)	1.500	cx.	67.845,00	45,23	65.080,11	43,39	2.764,89	1,84

⁽¹⁾ Rendimento estimado para o ano agrícola 1977/78, e variando segundo a tecnologia.

⁽²⁾ Receita líquida = receita menos custo operacional.

⁽³⁾ Cultura do abacaxi: Semiperepe; tração animal (TA) e mecanizada (TM) na região de Bauru e mecanizada e manual (TMM) no Vale do Ribeira.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 10. - Estimativa de Custo Operacional por Hectare e por Unidade de Produção de Cereais, Estado de São Paulo, 1978/79

(em cruzeiro)

Cultura	Produtividade		Mão-de-obra	Semente e muda	Adubo e corretivo	Defensivo	Operação de máquinas ⁽¹⁾	Outros ⁽²⁾	Colheita por empreita	Depreciação ⁽³⁾	Custo por hectare	Custo por unidade produzida
	Por ha	Unidade										
Arroz irrigado (TM) (Sub-região Vale do Paraíba)	39	60kg	2.078,80	306,00	1.391,71	217,36	3.249,16	1.066,85	-	897,86	9.207,74	236,10
Arroz de sequeiro (TM) (Município Olímpia)	19	60kg	1.724,72	166,50	1.714,00	77,09	1.173,62	416,36	935,00	359,85	6.567,14	345,64
Feijão das águas (TA) (Sub-regiões Itapeva e Avaré)	9	60kg	1.486,94	250,27	525,46	200,62	23,34	535,02	-	57,32	3.078,97	342,11
Feijão das águas (TMA) (Sub-regiões Itapeva e Avaré)	14	60kg	1.577,68	248,57	2.024,10	1.099,42	940,63	272,77	-	284,01	6.447,18	460,51
Feijão da seca (TA) (Sub-regiões Itapeva e Avaré)	14	60kg	1.728,60	215,86	544,68	193,39	23,96	761,41	-	62,80	3.530,70	252,19
Feijão da seca (TMA) (Sub-regiões Itapeva e Avaré)	14	60kg	1.398,66	260,26	608,76	193,39	1.101,80	271,45	-	338,24	4.172,56	298,04
Milho (TM) (Estado)	41	60kg	912,90	190,00	1.498,80	-	1.570,58	646,30	-	474,86	5.293,44	129,11
Milho (TM) (Região Ribeirão Preto)	47	60kg	550,39	194,70	1.749,78	20,93	1.245,87	694,70	-	380,34	4.836,71	102,91
Milho (TMA) (Região Tatuí e Capão Bonito)	37	60kg	1.293,94	178,30	1.025,28	21,57	758,74	583,72	-	226,26	4.087,81	110,48
Sorgo grãofero (TM) (Jaboticabal)	43	60kg	676,10	171,00	964,50	35,42	850,87	562,50	430,00	243,58	3.933,97	91,49
Trigo (TM) (Sub-região Assis)	30	60kg	157,23	750,00	1.481,05	384,71	755,59	99,24	-	195,72	3.823,54	127,45

⁽¹⁾ Foram incluídos reparos de máquinas, combustível e lubrificantes.

⁽²⁾ Foram incluídos operação animal, sacaria, beneficiamento e juros bancários.

⁽³⁾ Somente do capital em máquinas e animais de trabalho.

QUADRO 11. - Estimativa de Custo Operacional por Hectare e por Unidade de Produção de Oleaginosas, Estado de São Paulo, 1978/79

(em cruzeiro)

Cultura	Produtividade		Mão-de-obra	Semente e muda	Adubo e corretivo	Defensivo	Operação de máquinas (1)	Outros (2)	Colheita por empreita	Depreciação(3)	Custo por hectare	Custo por unidade produzida
	Por ha	Unidade										
Algodão (TMA) (Sub-região Orlandia)	109	arroba	1.550,11	319,10	3.105,82	1.845,74	1.073,68	702,76	2.725,00	385,19	11.707,40	107,41
Algodão (TM) (Sub-região Orlandia)	118	arroba	1.540,54	351,90	2.364,78	1.965,75	1.430,25	762,09	2.950,00	407,25	11.772,56	99,77
Algodão (TMA) (Sub-região Avaré)	96	arroba	1.881,01	400,00	3.054,68	1.681,14	1.056,59	703,99	2.400,00	354,75	11.532,16	120,13
Algodão (TMA) (Sub-regiões Campinas, Limeira, São João da Boa Vista)	119	arroba	1.429,32	373,50	2.350,28	1.106,72	1.009,70	668,38	3.272,50	336,81	10.547,21	88,63
Algodão (TM) (Sub-regiões Campinas, Limeira, São João da Boa Vista)	119	arroba	1.182,00	373,50	2.350,28	1.398,18	1.667,00	634,38	3.272,50	474,72	11.352,56	95,40
Algodão (TM) (Sub-região Araçatuba)	72	arroba	1.076,72	405,60	768,97	2.345,07	1.541,14	1.127,97	1.800,00	443,16	9.508,63	132,06
Amendoim (TA)	70	25kg	2.152,80	1.260,00	1.593,91	795,39	61,91	488,54	1.505,00	169,40	8.026,95	114,67
Amendoim (TM)	87	25kg	1.468,80	1.430,00	1.593,91	829,27	1.560,48	333,86	1.870,50	445,14	9.531,96	109,56
Mamona (TMA)	20	60kg	3.111,64	18,36	768,96	28,34	790,21	378,16	-	249,57	5.345,24	267,26
Soja (TM)(Região Ribeirão Preto)	27	60kg	513,72	405,00	1.367,25	476,52	719,37	108,73	-	227,38	3.817,97	141,41

(1) Foram incluídos reparos de máquinas, combustível e lubrificantes.

(2) Foram incluídos, operação animal, sacaria, beneficiamento, juros bancários e desbaste.

(3) Somente do capital em máquinas e animais de trabalho.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 12.- Estimativa de Custo Operacional por Hectare e por Unidade de Produção de Batata, Cana-de-Açúcar, Cebola, Mandioca e Tomate, Estado de São Paulo, 1978/79

(em cruzeiro)

Cultura	Produtividade		Mão-de-obra	Semente e muda	Adubo e corretivo	Defensivo	Operação de máquinas (1)	Outros (2)	Colheita por empreita	Depreciação (3)	Custo por hectare	Custo por unidade produzida
	Por ha	Unidade										
Batata das águas (TA)(Municípios Divinolândia e S.S. da Gramma)	149	60kg	6.672,12	14.040,00	4.753,41	2.427,60	41,63	2.747,49	-	137,80	30.820,05	206,85
Batata das águas (TMA)(Municípios Divinolândia e S.S. da Gramma)	157	60kg	6.467,76	14.568,00	5.689,63	2.528,91	674,88	2.805,10	-	290,10	33.024,38	210,35
Batata da seca (TMA)(Municípios Divinolândia e S.S. da Gramma)	140	60kg	8.553,60	17.988,00	6.343,92	2.825,03	3.012,93	2.904,69	-	1.166,33	42.794,50	305,68
Batata da seca (TM) (Municípios Itapetininga e Capão Bonito)	278	60kg	5.384,10	32.272,00	21.050,15	21.696,88	5.256,70	5.585,63	-	1.666,03	92.911,40	334,21
Batata das águas (TM)(Municípios Itapetininga e Ibiúna)	313	60kg	5.379,54	24.960,00	15.318,42	19.937,06	5.359,27	5.628,90	-	1.655,37	78.238,56	249,96
Cana-de-açúcar (nova)(TM) (4)(região de Ribeirão Preto)	96	t	2.213,96	2.976,00	3.983,04	1.005,25	4.774,17	1.654,50	3.168,00(5)	1.582,03	21.356,95	222,47
Cana-de-açúcar (soca)(TM) (região de Ribeirão Preto)	74	t	1.352,08	-	1.347,63	647,40	2.142,03	493,76	2.442,00(5)	765,16	9.190,06	124,19
Cana-de-açúcar (ressoca)(TM) (região de Ribeirão Preto)	60	t	1.139,78	-	1.440,57	673,81	2.019,89	436,01	1.980,00(5)	703,56	8.393,62	139,89
Cana-de-açúcar (nova)(TMA)(4)(região de Piracicaba)	87	t	4.107,40	1.920,00	2.481,66	9,34	4.699,81	1.261,12	-	1.294,15	15.773,48	181,30
Cana-de-açúcar (soca)(TMA) (região de Piracicaba)	66	t	2.328,38	-	2.065,96	8,05	2.706,36	391,09	-	735,86	8.235,69	124,78
Cana-de-açúcar (ressoca)(TMA)(região de Piracicaba)	53	t	1.979,28	-	1.745,38	5,15	2.282,32	332,88	-	634,89	6.979,90	131,70
Cebola de muda (TMA) (Sub-região Casa Branca)	230	45kg	7.957,46	5.918,40	6.444,84	2.086,68	1.963,82	3.151,09	-	610,43	28.132,72	122,32
Cebola de muda (TM) (Sub-região de Sorocaba)	400	45kg	12.352,80	7.891,20	16.973,02	2.746,25	2.419,50	4.950,23	-	605,19	47.938,19	119,85
Cebola de muda (TM) (Sub-região de Sorocaba)	281	45kg	10.018,68	5.918,40	7.089,57	1.769,57	3.148,41	3.616,30	-	821,04	32.381,87	115,24
Cebola de bulbilho (TM) (Sub-região de Sorocaba)	248	45kg	14.137,90	18.925,60	10.905,48	2.740,06	5.061,19	4.470,10	-	1.442,06	57.682,39	232,50
Mandioca (TMA) (4)	20	t	2.816,37	1.752,00	653,85	16,42	7,14	1.149,60	-	23,04	6.418,22	320,96
Tomate Sta. Cruz envarado (TM)	1.715	cx.	68.283,20	251,35	24.041,18	9.263,21	8.331,07	60.967,11	-	2.001,88	174.038,06	101,48
Tomate caqui envarado (TM)	930	cx.	65.404,90	1.772,41	23.624,24	7.691,93	5.443,20	53.266,61	-	1.209,90	158.413,10	170,34
Tomate rasteiro (TM)	22	t	7.310,70	811,58	4.724,06	5.558,98	6.547,85	758,62	-	2.036,27	27.748,06	1.261,27

(1) Foram incluídos reparos de máquinas, combustível e lubrificantes.

(2) Foram incluídos, operação animal, embalagem, beneficiamento e furos bancário; para a mandioca, está incluso as operações de tração e gradeação.

(3) Somente do capital em máquinas e animais de trabalho.

(4) Cultura de ano e meio.

(5) Inclui somente o corte de cana.

Obs: Tecnologia utilizada: TA= tração animal; TM= tração motomecanizada; TMA= tração motomecanizada e animal.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 13. - Estimativa de Custo Operacional por Hectare e por Unidade de Produção de Culturas Perenes, Estado de São Paulo, 1978/79

(em cruzeiro)

Cultura	Produtividade		Mão-de-obra	Semente ou muda	Adubo e corretivo	Defensivo	Operação de máquinas ⁽¹⁾	Outros ⁽²⁾	Depreciação ⁽³⁾	Custo por hectare	Custo por unidade produzida
	Por ha	Unidade									
Abacaxi (TA) implantação e 2º ano ⁽⁴⁾	21.000	kg	16.239,38	10.846,50	1.597,14	482,74	98,16	2.567,86	174,38	32.006,16	1,52
Abacaxi (TMM) implantação e 2º ano ⁽⁴⁾	21.200	kg	15.585,94	10.500,00	9.604,00	778,10	4.199,12	2.621,09	1.060,14	44.348,39	2,09
Abacaxi (TM) implantação e 2º ano ⁽⁴⁾	22.260	kg	14.150,96	12.375,00	7.889,00	1.123,89	5.229,19	2.728,22	1.337,67	44.833,93	2,01
Banana na várzea (ciclo-14 meses)	22	t	7.610,88	-	4.489,20	1.339,47	149,33	796,18	24,89	14.409,95	655,00
Banana no morro (ciclo-14 meses)	21	t	7.931,52	-	4.762,38	1.339,47	190,81	827,96	31,80	15.083,94	718,28
Cafê formação 1º ao 4º (1.000 covas)	10	60kg	15.235,20	3.630,00	8.893,56	2.102,28	3.437,10	7.771,07	1.238,30	42.307,51	42,31 ⁽⁵⁾
Cafê	20	60kg	2.554,20	66,00	3.482,13	1.598,25	988,60	12.852,64	1.775,28	23.317,10	1.165,86
Cafê	15	60kg	2.194,20	99,00	2.167,42	1.598,25	985,47	12.564,27	1.757,87	21.366,48	1.424,43
Cafê	10	60kg	1.961,70	132,00	1.516,67	1.598,25	857,27	10.474,89	1.530,82	18.071,60	1.807,16
Cafê	5	60kg	1.099,20	-	-	1.518,63	725,93	10.065,15	1.440,16	14.849,07	2.969,81
Figo formação 1º e 2º ano (1.660 pês)	1.067	engrad.	26.544,90	(6)	13.735,24	6.128,01	1.870,04	11.397,70	421,25	60.097,14	36,20 ⁽⁵⁾
Figo produção	6.204	engrad.	46.433,70	-	20.678,59	18.713,49	3.745,36	51.459,00	3.332,78 ⁽⁷⁾	144.362,92	23,27
Laranja formação 1º ao 4º (TM)-(200 pês)	200	cx.	8.147,70	3.750,00	4.100,28	4.144,24	5.792,91	1.695,00	1.894,20	29.524,33	147,62 ⁽⁵⁾
Laranja produção	400	cx.	2.730,00	-	2.296,74	3.417,87	1.674,21	621,33	1.569,26 ⁽⁷⁾	12.309,41	30,77
Maracujã formação (1.000 pês) (TAM)	-	-	10.056,00	8.400,00	2.310,27	459,80	3.937,09	29.672,36	1.012,04	55.847,56	55,85 ⁽⁵⁾
Maracujã produção	875	cx.	6.780,00	-	4.410,90	3.041,07	5.410,73	1.158,48	9.223,92 ⁽⁷⁾	30.025,10	34,31
Pêssego formação 1º ao 4º ano (TM) (220 pês) 4.062	4.062	cx.	72.902,40	5.280,00	25.920,90	25.536,06	9.355,78	43.989,04	3.118,85	186.103,03	845,92 ⁽⁵⁾
Pêssego produção (TM) (220 pês)	6.140	cx.	44.400,00	-	33.603,00	13.128,61	6.546,80	56.045,44	7.573,27 ⁽⁷⁾	161.297,12	26,27
Uva niagara formação 1º ao 3º ano (4.000 pês) 1.120	1.120	cx.	80.832,50	8.000,00	50.000,80	7.435,90	4.617,72	53.469,18	1.015,91	205.372,01	51,34 ⁽⁵⁾
Uva niagara em produção	2.000	cx.	32.267,40	-	30.227,80	3.463,87	1.904,41	17.056,11	5.535,51 ⁽⁷⁾	90.455,10	45,23

(1) Incluídos reparos de máquinas, combustível e lubrificantes.

(2) Incluída operação animal, juro bancário e no café administração e despesas gerais.

(3) Somente do capital em máquinas, exceto para café que inclui benfeitorias específicas e cafezal.

(4) Semiperenes- tração animal (TA) e mecanizada (TM) na região de Bauru - mecanizada e manual (TMM) no Vale do Ribeira.

(5) Custo de formação (unidade=pês)

(6) O serviço de preparo das estacas está incluído na mão-de-obra.

(7) Inclui depreciação do pomar com base no custo de formação. Do custo de formação deve ser excluída a receita auferida por produção no período.

QUADRO 14.- Estimativa de Custo Operacional de Atividades de Avicultura, Pecuária de Leite e Sericicultura, Estado de São Paulo, 1978/79

(em cruzeiro)

Produto	Produção	Mão-de-obra	Compras ⁽¹⁾	Alimentação	Vacinas medicamentos e defensivos	Reparos de máquinas e benf.	Transporte até plataforma e FUNRURAL	Depreciação de máquinas e benfeitorias	Outros	Total	Custo por unidade produzida
Frango de corte (1.000 aves)	1.764kg	560,00	4.100,00	13.990,00	178,00	-	485,00	376,00	1.320,00	20.329,00 ⁽²⁾	11,52
Ovo (1.000 aves)	656cx.	8.190,00	7.800,00	128.640,00	2.455,00	995,00	3.967,00	5.274,00	10.488,00 ⁽³⁾	167.809,00 ⁽²⁾	255,80
Leite (pequena) ⁽⁴⁾	litro	1,914	0,390	1,003	0,204	0,712	0,382	0,474	0,537 ⁽⁵⁾	-	4,542
Leite (média) ⁽⁴⁾	litro	1,336	0,406	0,858	0,183	0,523	0,382	0,364	0,524 ⁽⁵⁾	-	3,528
Leite (grande) ⁽⁴⁾	litro	0,705	0,262	0,751	0,101	0,461	0,382	0,319	0,519 ⁽⁵⁾	-	2,462
Casulo (7 criações/ano)	3.528kg	49.106,00	6.552,00	4.732,50 ⁽⁶⁾	2.564,00	-	-	5.106,20	2.802,00	70.862,70	20,09

⁽¹⁾ Correspondente à reposição do plantel avícola; combustível e lubrificantes para a exploração de leite; e compra de ovos na sericicultura.

⁽²⁾ Deduziu-se Cr\$ 680,00, referente à venda de esterco e sacaria.

⁽³⁾ Embalagem, funrural, perdas, despesas gerais e fiscais, juros bancários, menos os rendimentos indiretos.

⁽⁴⁾ A produção média para pequeno, médio e grande tamanho é respectivamente de 22.111 litros, 47.209 litros e 148.274 litros.

⁽⁵⁾ Outros rendimentos, como venda de animais, sacaria usada, esterco, etc, deduzidos do custo operacional.

⁽⁶⁾ Corresponde à depreciação do amoreiral para as 7 criações.

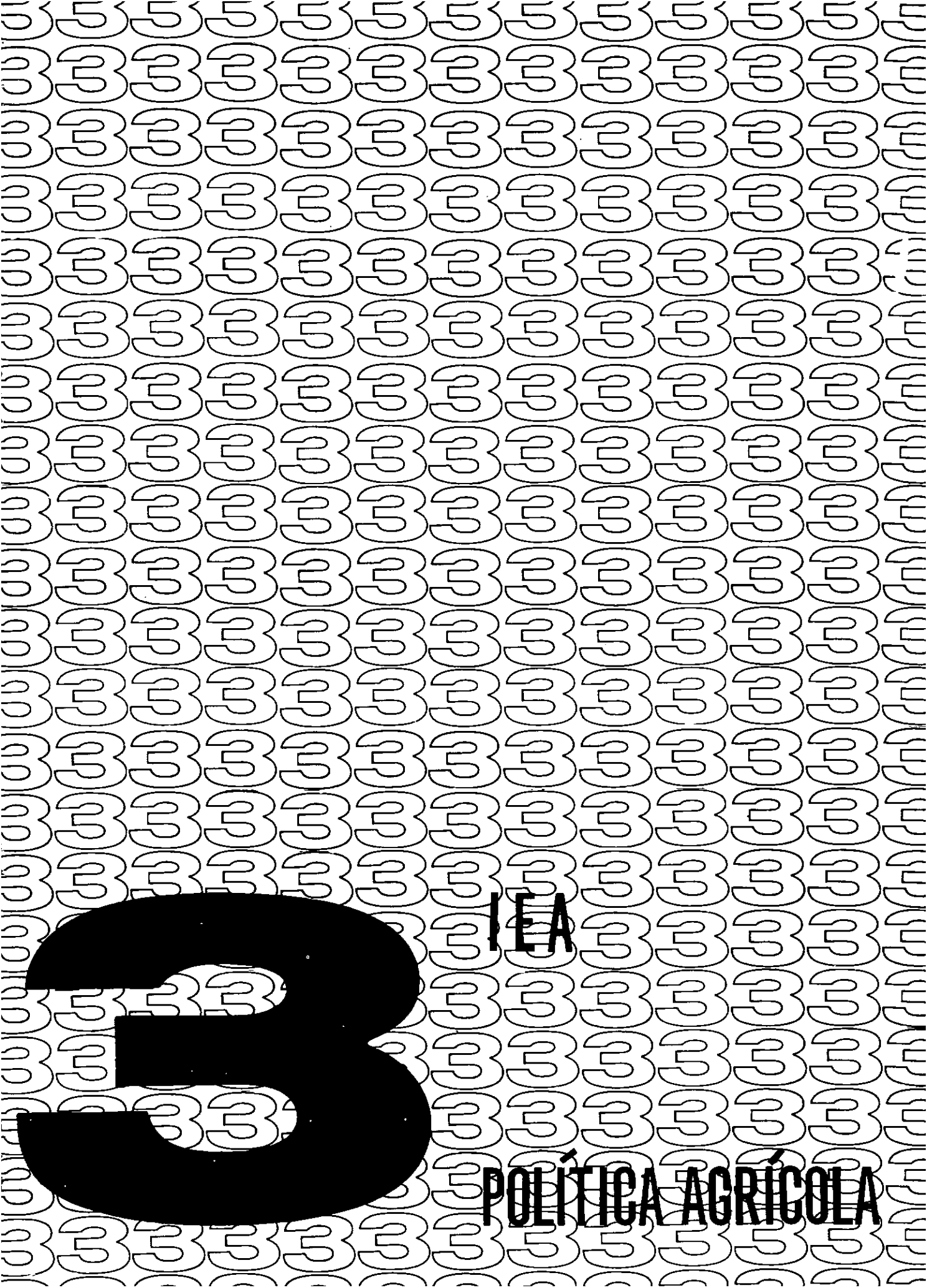
Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 15.- Estimativa de Custo Operacional de Pastagens e Formação de Amoreiral, por Hectare, Estado de São Paulo, 1978/79
(em cruzeiro)

Item	Mão-de-obra	Operação de máquinas	Semente e muda	Adubo e corretivo	Defensivos	Depreciação de máquinas	Outros	Custo por hectare
Pastagem colônião (método CATI)	641,40	1.556,03	1.031,25	943,60	33,81	640,76	61,17	4.908,02
Pastagem colônião (plantio mudas)	627,00	1.633,64	-	-	32,20	662,09	114,64	3.069,57
Pastagem brachiaria	972,00	1.684,93	-	-	32,20	675,85	126,08	3.491,06
Pastagem napier	1.305,00	1.677,43	-	-	32,20	672,32	113,05	3.800,00
Amoreiral formação (19 e 29 ano 6.610 pés)	7.512,60	354,86	-	3.467,10	25,76	204,60	963,20	12.528,12
Amoreiral manutenção 6.610 pés	3.660,16	20,86	-	6.956,10	12,88	711,59	666,31	12.027,90

(¹) O custo das mudas está incluso na mão-de-obra.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.



S

IA

POLÍTICA AGRÍCOLA

3 - POLÍTICA AGRÍCOLA

Desde meados de 1977, a temática dominante, que sobrepujou todas as considerações de curto prazo no campo da política agrícola, foi a discussão do modelo de desenvolvimento agrícola do País e das alternativas para seu redirecionamento. Tal discussão surgiu no bojo de um conjunto de medidas governamentais que refletiam a iminência do esgotamento do modelo tradicional, que realça soluções e instrumentos de curto prazo, configurando a chamada "política de crise".

Estas medidas recentes, que reconhecem implicitamente a impossibilidade de se manter indefinidamente as taxas de expansão do crédito rural que vinham se observando nos últimos anos, levaram à busca de novos instrumentos que substituíssem, de imediato, aquele que se tornou a mola mestra dos programas de expansão da produção agrícola brasileira. Esta busca tem se mostrado estéril até o momento, sobretudo pela dificuldade em se prever as consequências que podem advir de uma política mais liberal de preços agrícolas.

É inegável o relativo êxito da política econômica brasileira em resolver, sob condições normais, os problemas de equilíbrio interno e externo, representados primordialmente pelo controle da inflação e pela estabilização do balanço de pagamentos. No entanto, sob as fortes pressões resultantes da elevação dos preços do petróleo e das repetidas adversidades climáticas, torna-se difícil a manutenção de um adequado nível de atividade econômica.

A inviabilidade conjuntural de se dar continuidade à política financeira relativa à agricultura não provocaria maior celeuma com respeito ao modelo de desenvolvimento, se já não fosse tácito o consenso de que a natureza do problema agrícola brasileira transcende largamente os limites do circunstancial.

Na realidade, são dois os problemas colocados perante os artífices dos programas de desenvolvimento agrícola brasileiro: propiciar condições para uma contínua elevação da produção e da produtividade, e reformular a política financeira aplicada ao setor para se conseguir um desempenho conjuntural estável e ordenado. A compatibilização destes dois segmentos em um todo homogêneo é a tarefa que aguarda os postulantes de uma política agrícola racional e integrada com os demais setores da economia.

No texto a seguir, são descritas e analisadas as principais medidas que caracterizaram as mudanças na política de crédito, observadas em 1977, e que, estimuladas pelas perspectivas de mudanças políticas, serviram de ponto de partida para as especulações sobre os destinos da agropecuária nacional.

O superávit constatado no balanço de pagamentos em 1976 levou o Governo Federal a adotar medidas mais rigorosas de combate à inflação, consubstanciadas, particularmente, por um controle mais rígido da expansão dos meios de pagamento. Iniciou-se, então, uma fase de restrição aos financiamentos, em que o crédito rural foi dos mais atingidos.

Os efeitos de tais medidas foram mais sentidos, por serem elas bastante diversas daquelas adotadas no período imediatamente anterior, caracterizado por maior liberalidade monetária.

Como decorrência, enquanto o crescimento dos meios de pagamento se deu, em 1977, a taxa de 37,5% - equivalente, portanto, à observada em 1976 (37,2%) - e os empréstimos ao setor privado ampliaram-se de 50,7%, o saldo dos empréstimos à agropecuária apresentou incremento de 40,9%, quando no ano anterior havia se expandido em 51,3%.

Vale ainda notar que dos Cr\$211,9 bilhões de aplicações em crédito rural dos bancos oficiais e privados, em dezembro de 1977, 16,1% eram destinados ao custeio agrícola, contra 12,9% no ano anterior, enquanto os empréstimos para comercialização agrícola praticamente dobraram o saldo de suas contas. Com isto, os financiamentos para investimento tiveram sua participação relativa reduzida, representando fluxo líquido de recursos da ordem de Cr\$20,1 bilhões ao longo do ano.

Esta situação reflete, de um lado, a política de se atender prioritariamente as operações de custeio da produção, de forma a se tentar assegurar o volume de produção necessário ao abastecimento interno e às exportações e, de outro, os problemas de preços ocorridos na safra 1976/77, particularmente os de algodão e milho, que levaram a um grande aumento nas operações da espécie.

Paralelamente, procuraram as autoridades monetárias concentrar as aplicações no setor rural através do Banco do Brasil, cujo saldo dos empréstimos apresentou, naquele ano, um incremento de 48%, contra apenas 30% obtidos pelos bancos comerciais.

Simultaneamente a estas medidas, desenvolveu-se intensa celeuma sobre o crédito rural, onde argumentos como a má utilização de recursos pelos produtores rurais, os desvios nas aplicações para especulação no mercado aberto, o favorecimento do grande agricultor em detrimento do pequeno e o custo da manutenção das taxas privilegiadas de juros em relação às linhas de crédito destinadas a outros setores, foram bastante utilizados.

Embora tais argumentos sejam discutíveis, foram tomadas medidas limitantes do crédito rural. No início de 1977, o Conselho Monetário Nacional elevou as taxas de juros dos empréstimos rurais, tornando-as, inclusive, crescentes em função do valor pleiteado. Um ano mais tarde, em fevereiro de 1978, nova decisão do mesmo Conselho reduziu os percentuais financiáveis nas operações de custeio da produção. Isto fez com que o Banco do Brasil terminasse o primeiro semestre de 1978 com suas aplicações em crédito rural Cr\$6,0 bilhões abaixo do previsto no orçamento monetário, enquanto os empréstimos para indústria e comércio apresentavam um excesso de Cr\$ 2,0 bilhões. Esta redução aumenta de importância quando se considera seu reflexo sobre a elevação dos custos de produção, que passam a assumir extrema importância no momento em que se promove o combate à inflação.

De fato, o grande intervalo de tempo que media entre dois ciclos de produção consecutivos inviabiliza a manutenção de capital próprio do agricultor - face às elevadas taxas de inflação que se observam na economia brasileira - ou, pelo menos, torna o seu custo substancialmente elevado. As restrições impostas ao crédito rural elevam os custos financeiros do empreendimento agropecuário, sem assegurar que os preços de mercado compensarão estes acréscimos.

Aliás, o conflito entre as medidas de estímulo da produção (controles de preços dos insumos, subsídios e crédito abundante) e as de controle de preços de produtos agrícolas através de tabelamentos e restrições ao crédito tem sido a principal característica da política voltada para o setor agrícola em período recente.

Do ponto de vista do agricultor, as frequentes mudanças não são no volume alocado para

o setor, mas também nas condições em que os empréstimos são feitos, têm gerado grande dose de desinformação, afastando das instituições financeiras os pequenos e médios produtores, mais tímidos e menos relacionados.

De fato, o grande número de normativos e a frequência com que são baixados, a par da diversidade de linhas de crédito com tratamento específico para quase todos os itens, dificulta sobremaneira as relações banco-cliente. Não bastasse isto, a brusca redução no volume dos recursos repassados pelo Banco Central aos bancos comerciais deixou estes últimos com uma onerosa carteira de crédito rural até certo ponto ociosa, cuja readequação se torna difícil pela imprevisibilidade do comportamento futuro das autoridades monetárias, tendo em vista o alto custo de formação de pessoal mais especializado.

Seria, pois, de suma importância, que fossem definidos os objetivos da política de crédito rural, a curto prazo, assim como as medidas visando compensar o setor agrícola por eventual redução na assistência creditícia.

Deve-se esperar, para o futuro, a manutenção do racionamento dos recursos disponíveis para aplicação em crédito rural. Nesses casos, os recursos para investimento deverão ser os mais restringidos, atingindo, mais especificamente, a parcela destinada à aquisição de tratores e máquinas. Ainda, deve-se esperar que o Banco do Brasil aumente sua participação relativa no fornecimento de crédito rural à agricultura brasileira. Esta perspectiva se baseia no fato de que o orçamento monetário, segundo se informa, prevê um saldo para as aplicações do Banco do Brasil no setor, no final de dezembro de 1978, de Cr\$217.934 milhões, o que corresponde a uma expansão de 40,4% em relação à posição de dezembro passado. Como é de se esperar que esta instituição financeira expanda seus empréstimos rurais à proporção bastante superior à dos bancos comerciais, verifica-se que o índice de crescimento do crédito rural em 1978 deverá se situar em torno da taxa de inflação. Como nesta expansão se incluem as medidas de amparo aos produtores atingidos pelas adversidades climáticas, pode-se concluir que o fluxo de recursos para aplicação no setor deverá ser inferior, em termos reais, ao verificado no ano findo.

Por outro lado, face a essa situação, é de se esperar nova elevação nos custos financeiros, em virtude da menor participação dos recursos de crédito rural na cobertura dos custos de produção. Estes recursos terão que ser complementados com fundos obtidos às taxas de mercado ou através de capital próprio.

- Crédito Rural

- Maior Valor de Referência (MVR)

A partir de 5 de maio de 1978, o maior valor de referência foi atualizado em Cr\$1.150,70 (Decreto 81.624).

- Limites de adiantamento para custeio

Reduziu-se, a partir de 27/02/78, o percentual de crédito de custeio agrícola (em regra era de até 60%), exceção feita aos financiamentos de custeio para ampliação de área.

Os limites de adiantamento, calculados sobre o valor da produção esperada, são de

60%, 58%, 54% e 48%, para financiamentos que vão, respectivamente, até 200MVR, de 200MVR até 500MVR, de 500MVR até 1.000MVR e acima de 1.000MVR, devendo o mutuário desembolsar o restante do orçamento.

Esclarece a Circular nº 366 do BACEN, em vigor a partir de 27/02/78, que no cálculo do valor da produção esperada serão observados a produtividade média regional e o preço mínimo fixado pelo Governo Federal ou, na falta deste, o preço de mercado.

Assim, por exemplo, quando o montante da operação for igual ou inferior a 200MVR o valor máximo do crédito a ser concedido será apurado da seguinte forma: área a ser plantada x produtividade média regional x preço do produto x 0,60; acima de 200MVR, novo cálculo será feito utilizando-se o percentual subsequente, de conformidade com os valores acima indicados.

Os créditos de custeio amparados por programas especiais também estão sujeitos a esses limites.

As instituições financeiras aplicarão os mesmos princípios no cálculo do crédito de custeio pecuário.

- Trigo

Nos empréstimos para custeio de lavouras de trigo da safra 1978/79, o limite máximo de adiantamento será de 60% do valor da produção esperada, não se aplicando todavia reduções percentuais em função dos MVRs.

Estabelece a Circular 369 de 3/04/78 do Banco Central que no cálculo do valor da produção continua sendo considerado o aumento de produtividade, permitindo-se elevação a mais (20 sacos por hectare), na medida em que se intensifique a utilização de tecnologia.

Estendeu-se aos triticultores de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Mato Grosso, prejudicados pela frustração da safra 1977/78, a assistência financeira especial concedida ao Rio Grande do Sul.

As medidas de emergência baixadas pela Circular 360/77, extensivas a São Paulo pela Circular 368, de 2 de março de 1978, concedem prorrogação de prazo nos créditos de custeio, prorrogação da prestação relativa a investimento e financiamento especial de emergência.

- Programa Nacional do Alcool (PROALCOOL)

Vigente a partir de 21 de novembro de 1977, o Decreto 80.762 consolidou as normas referentes ao Programa Nacional do Alcool.

A assistência creditícia relacionada com o programa, especificamente para instalação, modernização e ampliação de destilarias, e para instalação de novas unidades produtoras e armazenadoras será prestada somente pelos bancos mencionados no Decreto; entretanto, para produção de matérias-primas os financiamentos serão concedidos pelo Sistema Nacional de Crédito Rural.

- Programa Nacional de Armazenagem (PROMAZEM)

A Circular 365 do Banco Central elevou de 8% para 10% a taxa de juros incidente nos

créditos de investimento para construção de armazéns e silos a nível de fazenda.

A mesma Circular, em vigor a partir de 23 de fevereiro de 1978, informa que os demais itens financiáveis continuam sujeitos às normas anteriormente estabelecidas para o programa.

- Programa de Desenvolvimento dos Cerrados (POLOCENTRO)

Realizar-se-ão sob novas taxas de juros e percentuais de financiamento as operações creditícias do programa, segundo determina a Circular 364 do Banco Central, vigente a contar de 23/02/78.

Os créditos de investimento, compreendendo também os destinados à preparação inicial dos cerrados (trabalho e insumos indicados pelos serviços de assistência técnica), obedece - rão taxas de juros de 10%, 12% e 14% ao ano, respectivamente para parcela do orçamento de até 2.000MVR, de mais de 2.000MVR a 5.000MVR e acima deste montante.

Os limites de financiamento são de 100%, 90% e 75% (segundo o valor global do orçamento), para valores respectivamente de até 2.000MVR, de mais de 2.000MVR até 5.000MVR e aci ma deste orçamento até 7.500MVR.

Nos empréstimos para patrulhas mecanizadas observar-se-ão os seguintes limites:

até 2.000MVR - 100%, juros de 10% a.a.;
2.001MVR até 5.000MVR - 100%, juros de 12% a.a.;
5.001MVR até 10.000MVR - 100%, juros de 14% a.a.;
10.001MVR até 15.000MVR - 90%, juros de 14% a.a.; e
acima de 15.000MVR - 75%, juros de 14% a.a..

Os créditos de custeio permanecem sujeitos às taxas de 13% e 15% a.a., fixadas em 1977 pela Circular 331 do Banco Central.

- Assistência financeira especial

Prorrogação dos financiamentos de custeio, prorrogação da prestação relativa a investimentos e concessão de crédito especial foram as medidas de emergência baixadas pelo Banco Central, para atendimento aos produtores cujas lavouras de algodão, arroz, milho e so ja da safra 1977/78 foram atingidas pelas adversidades climáticas nos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

A Circular 373, de 26/04/78, do BACEN regulamenta a assistência financeira especial, que exige laudo de vistoria comprovando frustração da cultura, além de recolhimento da receita oriunda das lavouras a uma conta vinculada, a fim de amortizar o débito de custeio e/ou investimento e concessão de crédito especial, devendo as prorrogações formalizarem-se após a cobertura do PROAGRO, quando se tratar de créditos amparados pelo programa (custeio e investimento).

A prorrogação de créditos de custeio será por até 2 anos, para resgate em duas parcelas, vencíveis nas safras 1978/79 e 1979/80, acrescentadas dos juros à taxa vigente na ocasião do pedido, exceto para parcelas destinadas à aquisição de fertilizantes químicos ou minerais, que continuam isentas de juros.

Com relação ao crédito de investimento, o vencimento do saldo do principal, da prestação que seria paga com os rendimentos das lavouras prejudicadas, efetuados os recolhimen-

tos das receitas obtidas e de eventual cobertura do PROAGRO, pode ser transferido para até um ano após o vencimento final do financiamento.

O crédito especial será liberado somente pelo agente que financiou o custeio da lavou ra frustrada, com o objetivo de atender aos gastos gerais dos produtores afetados e sem recursos para se manterem até a próxima safra.

Os agentes financeiros receberão dotações para refinanciamento nas condições especificadas na mencionada Circular, devendo apresentar as cartas-propostas para prorrogações e/ou crédito especial até 31 de outubro de 1978, sendo formalizados os pedidos pelos mutuários até 30 de setembro de 1978.

- Tributação

- Imposto de Circulação de Mercadoria (ICM)

As alíquotas do Imposto de Circulação de Mercadorias permanecem em 14% para operações internas e interestaduais e em 13% para as exportações. Entretanto, com a redução na base de cálculo de 21,428% nas operações interestaduais em que a mercadoria se destina à nova circulação (Convênio 44/76), a alíquota efetiva de ICM será de 11%.

As principais modificações introduzidas na sistemática do ICM, a partir dos dados do Prognóstico 77/78, são as seguintes:

a) o Decreto 10.346, de 19 de setembro de 1977, revogou os itens 2 e 5 do Artigo 52 do RICM que dava diferimento do imposto incidente nas saídas do feijão e arroz, acrescentando também ao artigo 75 o inciso IV, segundo o qual o ICM deve ser recolhido em nome do produtor. Com esta nova legislação, o recolhimento do ICM será feito pelo produtor, nas saídas de arroz e feijão sem destinatário certo e pelo adquirente quando os produtos mencionados forem destinados a estabelecimento de comerciante, de cooperativa ou de industrial;

b) o convênio 07/78 dispõe sobre o estorno de crédito fiscal de ICM, ou o pagamento do imposto diferido nas exportações de farelo e torta de soja. Os estados exigirão, nas saídas de farelo e torta de soja para o exterior, o estorno integral do crédito fiscal do ICM, ou o pagamento do imposto incidente em operações anteriores, sem direito a crédito fiscal. Será facultada aos contribuintes, como alternativa de cálculo, a aplicação do percentual de 9,6% sobre o valor FOB, constante das guias de exportação emitidas pela CACEX, para os embarques realizados a partir de 1º de maio de 1978. Quando as guias de exportação forem emitidas antes desta data, aplicar-se-á, nos embarques efetuados a partir daquela data ao amparo das referidas guias, o percentual de 5% sobre o valor FOB para os efeitos do ICM;

c) o Decreto 9.917 de 29 de junho de 1977 altera o regulamento do ICM dando nova redação aos incisos XXII e XXIII do Artigo 5º, tornando isentas as saídas internas e interestaduais de leite cru, pasteurizado, esterilizado ou reidratado, reconstituído a partir do leite em pó, inclusive em combinação com o leite natural, com destino ao consumidor final. As saídas interestaduais de leite, não envasado em embalagem destinada ao consumidor final, não estão abrangidas pela isenção, devendo o remetente recolher o ICM; e

d) nas saídas de carne destinada à salga, secagem ou desidratação não mais se aplicam as reduções de base de cálculo de 63% nas operações interestaduais e 67,7% nas operações internas previstas no artigo 358 do RICM, conforme a modificação introduzida pelo Decreto 17.760 de 22 de julho de 1978. Nas saídas do produto com esta finalidade, o imposto será

recolhido por guia especial que acompanhará a mercadoria e será entregue ao destinatário.

- Imposto Territorial Rural (ITR)

A revisão geral dos cadastros de imóveis rurais (Recadastramento/78) por determinação do Ministério da Agricultura foi regulamentada pela Instrução Especial nº 14/78 do INCRA, que também introduziu alterações na Instrução Especial nº 5/73 que versa sobre a sistemática do cálculo do Imposto Territorial Rural (ITR).

A aplicação dos índices de multa, juros de mora e correção monetária do ITR e demais tributos arrecadados pelo INCRA foi regulamentada pela Instrução Normativa nº 7/78 do INCRA.

- Imposto de importação

Continuam isentos do imposto de importação os fertilizantes e suas matérias-primas quando destinados à utilização na agropecuária.

A isenção concedida pela Resolução 3.160, de abril de 1978, do Conselho de Política Aduaneira, vigorará pelo prazo de até um ano.

Na importação de fertilizantes destinados exclusivamente à agricultura, a isenção do imposto de importação obedecerá ao procedimento determinado pelo Comunicado nº 13, de março de 1978 da CACEX.

- Inspeção, Fiscalização e Controle

- Defensivos

Foi constituída a Comissão de Defensivos Agrícolas, junto ao Ministério da Agricultura, órgão incumbido de analisar e licenciar o uso de defensivos utilizados na agricultura.

Integram essa Comissão (Portaria 610, de 29 de agosto de 1977, do Ministério da Agricultura) dois membros do Instituto Biológico da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, além de representantes de outros órgãos.

- Sementes e mudas

Estão em vigor, a partir de março deste ano, conforme a Lei nº 6.507, de dezembro de 1977, regulamentada pelo Decreto nº 81.771, de junho de 1978, novas disposições sobre a inspeção e fiscalização, pelo Ministério da Agricultura, da produção e do comércio de sementes e mudas produzidas e comercializadas no País, visando garantir a sua qualidade. A nova Lei de finiu como sementes e mudas todas as estruturas vegetais de qualquer espécie ou tipo, provenientes de reprodução sexuada ou assexuada e que objetivem a multiplicação de vegetais.

- Sêmem bovino

Para fins de registro genealógico de animais gerados pelo processo de inseminação artificial, a Portaria nº 19 de 1977, do Departamento Nacional de Produção Animal, baixou normas de controle do sêmem bovino.

- Morangueiros

Objetivando exterminar a bactéria Xanthomonas fragariae, que vem infestando as culturas de morangueiro, o Ministério da Agricultura, pela Portaria 296/78 interditou os municípios de Atibaia, Socorro e as áreas afetadas pelo patógeno, proibindo o trânsito e comércio de mudas e determinando a destruição das mudas e viveiros contaminados.

- Peste suína

Face à ocorrência da peste suína africana em algumas regiões do território brasileiro, foram adotadas medidas de emergência visando à sua erradicação (Decreto 81.796, de 15 de junho de 1978).

A adoção destas medidas está a cargo do Ministério da Agricultura, auxiliado por outros Ministérios, autoridades federais, estaduais e municipais. O Ministério da Agricultura contará, igualmente, com a colaboração das Forças Armadas e Auxiliares, incusive no sentido de impedir ou restringir o trânsito de pessoas, animais ou veículos nos locais em que sua presença dificulte o processo de erradicação da doença, podendo para tanto interditar áreas públicas ou privadas.

- Preços

- Cana, açúcar e álcool

Pela Resolução nº 02/78, o IAA aprovou, em 3 de maio de 1978, o plano da safra 1978/79,

Na Região Centro-Sul, o período oficial de moagem de canas, nas usinas, será de 1º de junho a 31 de dezembro de 1978.

Autorizou o IAA, a produção nacional, para esta safra, de 120 milhões de sacos (60kg líquidos) de açúcar centrifugado, sendo a parcela destinada à exportação prevista em 28 milhões de sacos.

Prevê-se, para São Paulo, uma safra de 53.196.000 sacos, dos quais 48.636.000 destinados ao mercado interno e 4.560.000 para exportação.

Estabelece o Ato nº 09/78, o preço oficial de faturamento do açúcar cristal, por saco de 60kg líquidos, na condição PVU (posto-veículo usina), que para as operações internas é de Cr\$272,55 por saco, já incluídos a contribuição de Cr\$18,00, para o IAA, e o valor do ICM, calculado na base de 14%; para as operações interestaduais o preço do produto é Cr\$263,28, que contém a mesma contribuição para o IAA, e ICM também de 14%, mas incidente na base de cálculo

com redução de 21,428% de acordo com convênio ICM nº 44/76.

O preço da tonelada de cana na esteira, para as usinas, será de Cr\$208,02, com a incidência do ICM diferida para o momento em que ocorrer a saída do produto resultante de sua moagem e industrialização.

A partir de 1º de junho de 1978 o IAA reajustou os preços de paridade e de comercialização do álcool de todos os tipos e do mel residual, pelo Ato nº 12/78.

Os açúcares de tipos brancos (cristal especial e refinado granulado), destinados à exportação, são objeto de reajuste de preços pelo Ato nº 13/78 do mesmo Instituto.

- Fertilizantes

Novos preços máximos para venda de fertilizantes ensacados ao consumidor final estão em vigor em todo território nacional desde 31 de maio de 1978.

Os preços aprovados pela Resolução nº 22-A do Conselho Interministerial de Preços com alteração introduzida na Resolução CIP nº 31, de 5 de junho de 1978, são válidos para pagamento em 30 de novembro de 1978, concedendo-se um desconto de 2% ao mês nas vendas com pagamento antecipado.

Estão liberados os preços dos adubos foliares e dos elementos simples não incluídos nas listas baixadas pelas citadas Resoluções, bem como os micronutrientes. Os referidos insumos estão também dispensados da apresentação de lista de preços para financiamento nos bancos.

- Florestamento

No período de junho de 1977 a junho deste ano, as principais decisões do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF) foram:

a) Portaria nº 351 DP, de 14 de setembro, que dispõe sobre convênios, contratos e ajustes que objetivam a execução de programas, projetos ou atividades relativas à política de desenvolvimento florestal, a serem realizados com contribuição financeira daquele Instituto. Ficam definidas, também, por essa Portaria, as condições para liberação dos recursos, bem como disposições sobre obras ou serviços de engenharia;

b) Portaria nº 491-P de 16 de dezembro de 1977, que cria comissão encarregada de traçar as diretrizes básicas para o estabelecimento de um Sistema Nacional de Avaliação dos Recursos Florestais do País (Inventário Florestal);

c) Portaria Normativa nº 3 DF de 27/10/77, que estabelece taxas a serem cobradas por ocasião de concessão de registros, licenças e inspeções realizadas por técnicos do Instituto para ressarcimento das despesas administrativas; e

d) Portaria Normativa nº 14/78-DR, que busca regularizar os projetos de florestamento e reflorestamento em andamento e dispõe sobre as condições para novos contratos, que poderão conseguir liberação integral do montante de recursos, correspondentes à fase de implantação, até 30 dias após a emissão do ofício de aprovação do respectivo projeto de florestamento ou reflorestamento.

- Previdência Rural

O Programa de Assistência ao Trabalhador Rural sofreu nova alteração em seu regulamento pelo Decreto 81.563/78, que incluiu entre os beneficiários do programa, o garimpeiro autônomo, trabalhador que exerça por conta própria e individualmente a garimpagem, fiação e cata.

A partir dessas modificações, quatro são as categorias de trabalhadores rurais beneficiários do PRO-RURAL e do seguro de acidentes do trabalho: o empregado rural, o produtor rural, o pescador e o garimpeiro.

- Eletrificação Rural

Objetivando acelerar o desenvolvimento agropecuário, foi instituído o Programa Nacional de Eletrificação Rural (Decreto 79.898, de 30 de junho de 1977).

O programa deverá assumir caráter de complementação entre a ação nacional desenvolvida pelas concessionárias de energia elétrica e o esforço realizado pelas cooperativas de eletrificação rural em regiões menos atendidas.

A distribuição de energia elétrica pelas cooperativas dependerá de prévia autorização do Ministério das Minas e Energia, sendo de uso privativo dos cooperados e proibido seu comércio.

A programação realizada pelas cooperativas terá assistência financeira prioritária, sendo criado para este fim o Fundo de Eletrificação Rural de Cooperativas, no Banco do Brasil.

Outra importante medida no setor da eletrificação rural foi a implantação do ELETROCAMPO, programa destinado a dar continuidade e ampliar a aplicação de recursos para financiamento de concessionárias de distribuição de energia elétrica e produtores rurais. Este programa visa, até 1982, proporcionar os benefícios da eletricidade a cerca de 100.000 propriedades agrícolas do Estado.

- Colonização

A Instrução Especial nº 6a do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, de dezembro de 1977, regulamenta a venda, mediante licitação, de terras da União ou do INCRA, para implantação de pequena e média empresa rural, em áreas individuais de até 3.000 hectares, podendo ser exigido do licitante projeto de aproveitamento agropecuário com indicação dos objetivos da exploração e etapas anuais de trabalho.

(IEA, 29/06/1978)

4

**IEA
PROJEÇÕES DE
OFERTA E
PROCURA**

4 - PROJEÇÕES DE OFERTA E PROCURA

A utilização de modelos econométricos para se estimar a oferta necessária de produtos agrícolas, no atendimento a uma demanda sempre crescente de matérias-primas e alimentos, é prática constante na atualidade. Análises quantitativas auxiliam na percepção dos mecanismos estruturais do mercado, estabelecendo "a priori" como as variações nos preços relativos e na renda podem influenciar as quantidades produzidas e a serem consumidas de produtos agrícolas.

O Instituto de Economia Agrícola procura, a cada prognóstico, fornecer através desses modelos, informações que possam servir de orientação aos produtores e às políticas para o setor agrícola no Estado de São Paulo.

Como as projeções ainda não utilizam variáveis de origem climática, componente bastante imprevisível nas ofertas agrícolas, procurou-se minorar tais efeitos, como nos anos anteriores, adotando-se três níveis de produtividade das culturas. Por outro lado, algumas alterações na relação da oferta, descritas a seguir, aperfeiçoaram os modelos anteriores.

Na oferta, as variáveis área plantada, preço dos produtos e tendência, dentro de um modelo defasado, foram as mais significativas. Na demanda desses produtos, tanto na zona rural, como na urbana, basicamente foram considerados os respectivos consumo per capita, a elasticidade-renda dos produtos e o crescimento populacional.

- Estimativas de Oferta 1978/79

Para estimar as ofertas dos principais produtos agropecuários, utilizou-se um modelo de ajustamento parcial, em que os preços esperados em um determinado ano deverão ser iguais aos preços do ano anterior, e que a resposta da produção, dada uma variação nos preços relativos, necessita de mais de um período para seu ajustamento total.

A variável dependente do modelo continuou sendo a área plantada, pois grande parte das variações na produção são devidas às variações na área. Além disso, a variável área não está sujeita a interferências de ordem climática, fato que poderia invalidar projeções de oferta que considerassem diretamente a produção como variável dependente.

O modelo basicamente pode ser descrito como uma função na qual a área plantada de um determinado produto em um determinado ano é dependente da área e do preço desse mesmo produto, no ano anterior, e de uma tendência introduzida com a intenção de medir as influências de variáveis não incluídas no modelo, tais como desenvolvimento tecnológico, decisões de política agrícola, etc.

As alterações introduzidas dizem respeito aos preços relativos utilizados, que foram corrigidos por um índice composto de produtos alternativos na produção.

Os coeficientes das relações de oferta foram estimados pelo método dos quadrados m^íni

mos, utilizando-se séries históricas levantadas pelo Instituto de Economia Agrícola.

Estimada a área, aos preços atuais, multiplica-se a mesma pelos respectivos rendimentos, correspondentes às estimativas pessimista, média e otimista. Os resultados encontram-se no quadro 16, observando-se:

a) aumentos de área plantada nas culturas do algodão, amendoim, arroz, batata, café; laranja, mamona, milho, soja e tomate;

b) diminuição nas áreas de banana, cana-de-açúcar, cebola, feijão e mandioca; e

c) aumentos na quantidade produzida, segundo a produtividade média de algodão, amendoim, arroz, café, mamona, milho, soja, ovos, carne bovina e leite.

- Estimativas de Procura e Intercâmbio Líquido

As projeções da demanda estão transcritas no quadro 17. Para obtenção da quantidade procurada, utilizou-se uma taxa anual de crescimento da população total do Estado de 3,26%, sendo a taxa da variação populacional urbana de 4% e rural de -2%.

No quadro 18, pode-se observar o intercâmbio líquido das diversas culturas onde aparecem déficits em arroz, batata, cebola, feijão, carne bovina, leite e amendoim. Os maiores excedentes couberam à laranja, banana, café, ovos, milho e soja.

- Comparação entre as Variações de Área Plantada Estimadas pelo Modelo e pela Avaliação Subjetiva

No quadro 19 pode-se observar, para alguns produtos, as variações de área entre as projeções econométricas, dadas pelo modelo, e as correspondentes previsões subjetivas. As previsões subjetivas realizadas pelo IEA são baseadas em informações colhidas junto aos técnicos da CATI, produtores, cooperativas, bancos, entidades de classe e comerciantes de insumos e produtores.

Os resultados divergentes encontrados para cana-de-açúcar, cebola, feijão e banana provavelmente podem ser explicados por mudanças, a curto prazo, nas tendências de produção. Com relação à mamona, embora o modelo utilizado tenha sugerido aumento de 160% na área plantada, tem que se reconhecer a limitação do referido modelo para o objetivo pretendido. Tendo em vista os preços relativos mais favoráveis para outros produtos, como amendoim, soja, milho e mesmo algodão, é de se esperar que na principal região produtora (Presidente Prudente) não ocorra expansão da cultura, razão porque se acredita mais numa estabilização de área para a mamona.

Com relação aos demais produtos (algodão, amendoim, arroz, batata, milho, soja, tomate, laranja e mandioca) observa-se uma relativa concordância entre as projeções do modelo e a previsão subjetiva.

(IEA, 17/07/1978)

QUADRO 16 . - Projeções de Oferta, Estado de São Paulo, Ano Agrícola 1978/79

Produto	Área 1977/78 ⁽¹⁾ (1.000ha)	Projeção área 1978/79 (1.000ha)	Rendimento estimado ⁽²⁾ (kg/ha)			Projeção de oferta 1978/79(1.000t)			Produção ⁽¹⁾ 1977/78 (1.000t)
			Baixo	Médio	Alto	Pessimista (S ₁)	Media (S ₂)	Otimista (S ₃)	
Algodão	345,1	349,0	1.057	1.360	1.612	369,0	475,0	563,0	364,7
Amendoim ⁽³⁾	173,6	209,0	1.281	1.403	1.470	268,0	293,0	307,0	243,7
Arroz (em casca)	340,5	402,0	752	1.074	1.354	302,0	432,0	544,0	256,2
Banana ⁽⁴⁾	40,3	37,0	15.765	17.384	21.876	583,0	643,0	809,0	881,6
Batata ⁽⁴⁾	28,7	29,0	12.393	13.607	14.634	359,0	395,0	424,0	420,0
Café	917,5	937,0	473	560	735	443,0	525,0	689,0	433,9
Cana-de-açúcar ⁽⁵⁾	1.150,5	1.056,0	41.927	48.090	53.758	44.275,0	50.783,0	56.768,0	59.400,0
Cebola ⁽⁶⁾	15,9	13,0	7.000	10.212	13.780	91,0	133,0	179,0	219,1
Feijão ⁽⁷⁾	445,9	372,0	454	523	583	169,0	195,0	217,0	236,0
Laranja	436,8	452,0	9.203	9.789	10.427	4.160,0	4.425,0	4.713,0	4.554,4
Mamona	21,0	55,0	1.111	1.209	1.404	61,0	66,0	77,0	22,9
Mandioca ⁽⁸⁾	53,5	34,0	11.468	12.889	13.963	390,0	438,0	475,0	747,0
Milho	971,8	1.228,0	1.802	2.021	2.222	2.213,0	2.482,0	2.729,0	1.751,4
Soja	557,6	667,0	1.360	1.660	1.942	907,0	1.107,0	1.295,0	758,4
Tomate ⁽⁹⁾	23,1	24,0	20.694	23.782	26.899	497,0	571,0	646,0	608,9
Carne bovina	-	-	-	-	-	-	469,0	-	465,4
Leite ⁽¹⁰⁾	-	-	-	-	-	-	1.752,0	-	1.711,6
Ovos ⁽¹¹⁾	-	-	-	-	-	-	588,0	-	572,0

(¹) Baseada na 4ª estimativa de safra, IEA-CATI.

(²) Rendimento estimado a partir da área colhida.

(³) Amendoim das águas e amendoim da seca.

(⁴) Incluída a produção de inverno em volume semelhante à de 1977/78.

(⁵) Cana para indústria e cana para forragem.

(⁶) Cebola de muda e cebola de soqueira.

(⁷) Feijão das águas e feijão da seca.

(⁸) Mandioca para indústria e mandioca para mesa.

(⁹) Tomate envarado e tomate rasteiro.

(¹⁰) Milhões de litros.

(¹¹) Milhões de dúzias.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 17 . - Projeções de Procura, Estado de São Paulo, Ano Agrícola 1978/79⁽¹⁾

Produto	Consumo per capita (kg/ano)		Procura (1.000t)		
	Urbano	Rural	Urbano	Rural	Total
Amendoim ⁽²⁾	-	-	-	-	304,0
Arroz beneficiado	46,40	73,60	944,5	197,0	1.142,0
Banana	18,11	13,00	368,6	34,8	403,0
Batata	24,95	14,60	507,9	39,1	547,0
Cafê	8,67	11,00	176,5	20,4	206,0
Cana-de-açúcar (indústria) ⁽³⁾	-	-	-	-	56.000,0
Cebola ⁽⁴⁾	6,88	-	140,0	-	140,0
Feijão	16,76	26,67	341,2	71,4	413,0
Laranja ("in natura")	49,72	16,00	1.012,1	42,8	1.055,0
Laranja (indústria) ⁽⁵⁾	-	-	-	-	3.200,0
Milho ⁽²⁾	-	-	-	-	894,0
Soja ⁽²⁾	-	-	-	-	487,0
Carne bovina	30,69	9,00	624,7	24,1	649,0
Frango	8,95	22,40	182,2	59,9	242,0
Leite ⁽⁶⁾	80,72	102,00	1.643,1	273,0	1.916,0
Ovos ⁽⁷⁾	19,22	17,10	391,2	45,8	437,0

⁽¹⁾ Populações urbana e rural, estimadas, respectivamente, em 20.356 mil e 2.676 mil habitantes.

⁽²⁾ Somente para o consumo de óleo no Estado (equivalente).

⁽³⁾ Apenas para produção de açúcar.

⁽⁴⁾ Somente consumo urbano.

⁽⁵⁾ 80 milhões de caixas.

⁽⁶⁾ As quantidades per capita em litros e as demais em milhões de litros.

⁽⁷⁾ As quantidades per capita em dúzias e as demais em milhões de dúzias.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 18 . - Projeções de Oferta, Procura e Intercâmbio Líquido, Estado de São Paulo, Ano Agrícola 1978/79

Produto	Procura (D) (1.000t)	Alternativa de oferta (1.000t)			Intercâmbio líquido (1.000t)		
		Pessimista (S ₁)	Média (S ₂)	Otimista (S ₃)	S ₁ - D	S ₂ - D	S ₃ - D
Amendoim (1)	304,0	268,0	293,0	307,0	- 36,0	- 11,0	3,0
Arroz (beneficiado)	1.142,0	205,0	294,0	370,0	-937,0	-848,0	-772,0
Banana	403,0	583,0	643,0	809,0	180,0	240,0	406,0
Batata	547,0	359,0	395,0	424,0	-188,0	-152,0	-123,0
Cafê	206,0	443,0	525,0	689,0	237,0	319,0	483,0
Cebola (2)	140,0	91,0	133,0	179,0	- 49,0	- 7,0	39,0
Feijão	413,0	169,0	195,0	217,0	-244,0	-218,0	-196,0
Laranja (3)	4.255,0	4.160,0	4.425,0	4.713,0	- 95,0	170,0	458,0
Milho (1)	894,0	2.213,0	2.482,0	2.729,0	1.319,0	1.588,0	1.835,0
Soja (1)	487,0	907,0	1.107,0	1.295,0	420,0	620,0	808,0
Carne bovina	649,0	-	469,0	-	-	-180,0	-
Leite (4)	1.916,0	-	1.752,0	-	-	-164,0	-
Ovos (5)	437,0	-	588,0	-	-	151,0	-

(1) Somente para o consumo de óleo no Estado (equivalente).

(2) Somente consumo urbano.

(3) Somado consumo industrial e consumo "in natura".

(4) Milhões de litros.

(5) Milhões de dúzias.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 19.-Variação Percentual da Área Plantada, no Ano Agrícola 1978/79, Estimada pelo Método dos Modelos e pela Avaliação Subjetiva, Estado de São Paulo

Produto	Variação percentual $\frac{1978/79}{1977/78}$	
	Modelo	Avaliação subjetiva
Algodão	1	0 a 5
Amendoim	20	5 a 10
Arroz	18	5 a 10
Banana	- 8	estável
Batata	- 1	5
Cana-de-açúcar	- 8	5
Cebola	- 6	10 a 15
Feijão	- 17	5 a 10
Mamona	162	estável
Mandioca	- 37	- 20
Milho	26	15 a 20
Soja	20	10
Tomate	4	5
Laranja	3,5	2

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

5

HA

**MERCADO DE
FATORES**

5 - MERCADOS DE FATORES

- Fertilizantes

- Panorama internacional

Ao analisar a evolução, para 1976/77, dos preços internacionais dos principais fertilizantes e matérias-primas básicas, FOB-região importadora, observam-se oscilações com tendência de estabilidade em torno de um ponto médio e visível tendência decrescente para o cloreto de potássio e ácido fosfórico e crescente para o sulfato de amônia (figuras 1 e 2).

Quanto às matérias-primas, o preço da amônia mostra uma flutuação relativamente pequena, porém é de se supor que venha a ocorrer uma redução em razão do crescimento das exportações da América do Norte. As recentes compras efetuadas pela China e Índia provocaram um ligeiro aumento no preço da uréia, porém, esta tendência de curto prazo poderá ser alterada na medida em que os planos de uma produção mundial adicional de 10 milhões de toneladas por ano, a partir de 1977/78, sejam efetivados. O mercado para sulfato de amônia está firme, sendo pouco provável que ocorra um aumento brusco no preço. As flutuações verificadas para fosfato diamônio estão diretamente associadas ao volume de pedidos de compras tanto do Brasil (onde houve um aumento de 50% em 1977) como da Itália. O preço do superfosfato triplo apresentou ligeira elevação com relação a 1976 e a preferência mundial se dirige para produtos que apresentem maior solubilidade em água, propiciando com isso ligeiro benefício para a produção da África do Norte. A evolução do preço para a fórmula 15-15-15 parece indicar que os preços dos fertilizantes compostos não estão variando nas mesmas proporções que os fertilizantes e matérias-primas.

A situação atual para os fertilizantes nitrogenados é de recuperação das baixas nas quantidades ofertadas em 1975/76. Naquela época, as exportações mundiais destes fertilizantes declinaram em 13%, embora o consumo mundial aumentasse em 12%. Isto provocou uma redução dos estoques acumulados em consequência da "corrida" de compras observada em 1974/75. Até certo ponto, o declínio nas exportações se deve também ao crescimento da auto-suficiência em produtos nitrogenados para alguns países.

A oferta mundial dos produtos fosfatados foi reduzida face ao crescimento da demanda que ocorreu nos EUA e na Europa (os dois juntos perfazem 68% do consumo mundial) e ao esgotamento de minas de rochas fosfáticas no Saara.

A ampliação da capacidade de produção das indústrias de fertilizantes, principalmente nos países em desenvolvimento, encontra-se próxima de seu limite, o que deverá atuar como fator de ajuste entre a produção e o consumo. De maneira geral, a capacidade mundial de pro-

dução de fertilizantes está ainda com perspectivas de desenvolver-se mais rapidamente que a demanda nos próximos anos, conforme recente revisão das projeções (quadro 20).

Nessas estimativas constata-se que os maiores saldos esperados são para os potássicos, os quais representam 12,2% do consumo estimado, seguidos dos fosfatados (9,0%), e dos nitrogenados (5,4%). Em termos globais (NPK) o saldo deve situar-se em torno de 8,0% do consumo, nível bastante satisfatório.

Nas estimativas da capacidade produtiva mundial de fertilizantes, até 1980-81, observa-se que as taxas de crescimento devem ser de 19,6% para potássio, 18,4% para nitrogênio e 13,4% para fósforo, tomando-se como base 1977/78. Por sua vez, as regiões em desenvolvimento deverão ampliar sua capacidade produtiva até 1980/81 em torno de 52,2% (o aumento mais substancial deverá ocorrer para o nitrogênio, 55,4%), as regiões de economia planejada crescerão em 9,2% e as desenvolvidas em 6,0% (quadro 21).

Caso se concretizem essas previsões, a relação da produção de NPK, que já era favorável aos nitrogenados em 1977/78 (1:0,31:0,37), passará, em 1980/81, para uma relação 1:0,27:0,37, com ligeira diminuição na participação do fósforo.

- Situação interna

No período de janeiro de 1977 a maio de 1978, os preços correntes dos fertilizantes, no mercado interno, apresentaram tendência crescente, embora em abril de 1977 tenha ocorrido um ligeiro decréscimo para quatro dos cinco principais fertilizantes selecionados para análise (figura 3).

O superfosfato triplo, comparativamente aos demais, é o que apresentou preços mais elevados, vindo a seguir a uréia, cloreto de potássio, sulfato de amônia e, por fim, o superfosfato simples.

No período em análise, o sulfato de amônia foi o que apresentou maior aumento no preço corrente, pois passou de Cr\$1.525,00/t para Cr\$2.460,00/t (61,3%), enquanto o cloreto de potássio subiu de Cr\$1.698,00/t para Cr\$2.490,00/t (46,6%), a uréia de Cr\$3.178,00/t para Cr\$4.330,00/t (36,3%), o superfosfato triplo de Cr\$3.670,00/t para Cr\$4.889,00/t (33,2%) e o superfosfato simples de Cr\$1.525,00/t para Cr\$1.903,00/t (24,8%).

Em termos de preço real, os maiores valores foram verificados em janeiro de 1977, para o superfosfato simples e triplo, e em agosto do mesmo ano, para uréia, sulfato de amônia e cloreto de potássio. Verifica-se uma tendência decrescente nos preços reais para superfosfato triplo, superfosfato simples e uréia, exceto no período de maio a agosto onde ocorreu uma ligeira oscilação ascendente, mais acentuada para a uréia. O sulfato de amônia e o cloreto de potássio, nos últimos 12 meses, apresentaram preços estabilizados. Nos 5 primeiros meses de 1978, os preços reais dos fertilizantes em análise apresentaram uma leve tendência decrescente (figura 4).

A evolução dos preços dos fertilizantes no Estado de São Paulo para o período 1967-78, pode ser visualizada no quadro 22 . Observa-se um aumento considerável, em 1977, em consequência da retirada do subsídio de 40%. O acréscimo ocorrido em relação aos preços subsidiados de 1976 foi cerca de 116,1% em termos correntes e 51,4% em termos reais. Assim, pode-se verificar uma situação desfavorável para os agricultores em 1977, relativamente ao ano anterior, porém ainda com uma certa vantagem em comparação com os preços reais até 1974.

Nos últimos 10 anos (1967-77), o Índice de preços correntes experimentou um aumento de 1.149,9%; este aumento é de 1.403,8%, quando se compara os primeiros 5 meses de 1978 com 1967. Por outro lado, o Índice de preço real mostrou-se decrescente até 1970, experimentando acréscimos a partir de 1971 e alcançando o nível máximo em 1974. Porém, graças ao subsídio de 40% ocorrido em 1975 e 1976, o Índice de preço real atingiu o valor mínimo para o período em 1976. Para os primeiros cinco meses de 1978, o Índice de preço real apresentou decréscimo de 3,2% em relação a 1977.

O Brasil vem experimentando altas consideráveis no consumo de fertilizantes. Como pode ser observado no quadro 23, em 1969 o consumo era de 626,75 mil toneladas passando, em 1977, para 3.149 mil toneladas. Acompanhando este crescimento, São Paulo vem participando com elevada parcela, sendo atualmente responsável por cerca de 28% do consumo nacional. Em 1977, o consumo cresceu em 27,8% e a previsão para 1978 está ao redor de 3,6 milhões de toneladas.

Através de dados estimados pela Associação Nacional para Difusão de Adubos (ANDA) nos primeiros quatro meses de 1978, a entrega de fertilizantes aos agricultores da Região Centro foi 8,9% superior à verificada em igual período de 1977.

A relação de consumo entre os nutrientes básicos (NPK) revela que o fósforo é o que teve maiores ganhos nos últimos nove anos (quadro 24), passando de 1,61 em 1969 (1,00:1,61:1,18) para 2,23 em 1977 (1,00:2,23:1,35).

A grande necessidade de fósforo nos solos brasileiros, acrescida ainda da incorporação de novas áreas carentes, por certo dará continuidade a predominância deste elemento na relação de consumo.

O Estado de São Paulo, no período 1969-77, apresentou um crescimento no consumo, por unidade de área cultivada, de 205,7%; a estimativa para 1977 é de 158,7kg/ha. Para 1978, é esperado um consumo da ordem de 181kg/ha. Adicionando à área cultivada a de pastagem artificial, os níveis de consumo caem para 74,5kg/ha em 1977, prevendo-se, para 1978, um consumo da ordem de 85kg/ha (quadro 25).

A análise da evolução dos preços fertilizantes/terra, em São Paulo, apresentada no quadro 26, objetiva avaliar as alternativas de emprego desse insumo moderno pelo agricultor, relativamente ao uso da terra. Observa-se que no período 1969-76 essa relação decresceu continuamente, exceto no ano de 1974, quando houve um aumento de mais de 10% em relação ao ano anterior. Isso pode ser explicado por um aumento no preço real da terra durante esse período, com exceção de 1974, quando os fertilizantes tiveram uma acentuada elevação no preço, em decorrência da crise do petróleo. Em 1977, houve também um aumento no índice, ocasionado principalmente pela elevação do preço de fertilizantes, face à retirada do subsídio que incidia nos preços desse insumo. Para os 5 primeiros meses de 1978, o índice decresceu em relação a 1977; contudo é de se esperar que aumente quando for considerado o preço médio de fertilizantes para todo o ano de 1978.

Perseguindo o mesmo objetivo da relação anterior, construiu-se a relação de preços trator/fertilizante, no período 1967-78 (quadro 27). Verifica-se que o índice decresceu ao longo do período 1967-74, havendo uma inversão da tendência em 1975, quando o índice, que em 1974 era 28, passou a 53, com um aumento de 89,2%. Já em 1977, o índice se fixou em 54, representando um decréscimo de 30,8% em relação ao ano anterior. Estima-se que para 1978 essa relação aumente e que os agricultores, com os mesmos recursos, possam comprar 46 toneladas de fertilizantes ou um trator.

Pelo quadro 28, que mostra as quantidades necessárias de diferentes produtos para adquirir 10 toneladas de fertilizantes, verifica-se que o índice máximo da relação se deu em

1974 para todos os produtos, indistintamente; apenas para o café, esse índice foi igual aos dos dois primeiros anos do período em análise (1967-78).

Dos 6 importantes produtos da agricultura paulista considerados, o milho, o café, o algodão e a cana-de-açúcar apresentaram em 1976 a melhor relação de preços dos últimos 12 anos.

Em 1977 todos os produtos apresentaram perda de poder aquisitivo, relativamente ao dispêndio com fertilizantes, quando se compara com os preços subsidiados de 1976. O algodão foi o produto que apresentou o maior aumento no índice, subindo de 38 para 74 (94,7%), enquanto que o café, milho, cana-de-açúcar, soja e arroz aumentaram de 91,7%, 84,1%, 48,4%, 40,6% e 39,6%, respectivamente. Em contrapartida, as informações preliminares para 1978 indicam ganho no poder aquisitivo, em relação ao ano anterior, para todos os produtos, exceto café. Estima-se, para arroz, milho, algodão, soja e cana-de-açúcar, decréscimos no índice de, respectivamente, 37,8%, 31,9%, 10,8%, 3,3% e 2,1%; isto pode ser explicado pela elevação dos preços desses produtos em decorrência, principalmente, da seca que atingiu o País no início desse ano. No que concerne ao café, embora o índice estimado para 1978 (38) seja maior que o de 1977 (23) e bem superior ao de 1976 (12), a relação de preços quando comparada aos dos anos de 1967 a 1975, apresenta-se favorável ao cafeicultor.

Em resumo, estima-se para 1978 uma melhoria nas relações de preço fertilizante-produto, exceto para o café, o que favorece a aquisição de fertilizantes. Contudo, a continuidade de tais relações dependerá, além dos preços dos produtos, das alterações que possam ser introduzidas na política de fertilizantes em especial ao tratamento a ser adotado pelo Governo com relação à crescente produção doméstica.

(IEA, 17/07/1978)

QUADRO 20 . - Estimativa da Produção e Consumo Mundial de Fertilizantes em Termos de Nutrientes, 1978/79

(em milhão de toneladas)

Item	Nitrogênio (N)	Fósforo (P ₂ O ₅)	Potássio (K ₂ O)	Total
Oferta	55,36	32,69	28,87	116,92
Consumo	52,54	29,96	25,73	108,23
Saldo	2,82	2,73	3,14	8,69

Fonte: World Agricultural Situation, Out/77.

QUADRO 21 . - Estimativas da Capacidade Produtiva Mundial de Fertilizantes, 1977/78 - 1980/81

(em milhão de toneladas)

Fertilizante período	Região			Total
	Desenvol- vida	Em desenvolvimento	De economia planejada	
Nitrogênio (N)				
1977/78	39,12	14,00	34,86	87,98
1978/79	40,33	18,69	37,13	96,15
1979/80	41,30	20,41	40,22	101,93
1980/81	41,63	21,75	40,77	104,15
Fósforo (P₂O₅)				
1977/78	17,00	4,98	4,97	26,95
1978/79	17,92	5,33	5,08	28,33
1979/80	18,02	6,83	5,41	30,26
1980/81	18,02	7,22	5,41	30,65
Potássio (K₂O)				
1977/78	18,09	0,43	13,60	32,12
1978/79	18,30	0,48	13,70	32,48
1979/80	18,53	0,48	14,75	33,76
1980/81	18,99	0,58	14,85	34,42

Fonte: World Agricultural Situation, Out/76.

QUADRO 22. - Evolução dos Preços de Fertilizantes⁽¹⁾, Estado de São Paulo, 1967-78

(preço médio ponderado em Cr\$/10t)

Ano	Preço corrente	Preço real ⁽²⁾	Índice ⁽³⁾	
			Corrente	Real
1967	1.834,00	17.710,00	100,0	100,0
1968	2.228,00	17.320,00	121,5	97,8
1969	2.603,00	16.757,00	141,9	94,6
1970	2.846,00	15.294,00	155,2	86,3
1971	3.552,00	15.849,00	193,7	89,5
1972	4.419,00	16.858,00	240,9	95,2
1973	5.472,00	18.132,00	298,4	102,4
1974	14.319,00	36.871,00	780,8	208,2
1975 ⁽⁴⁾	10.014,00	20.191,00	546,0	114,0
1976 ⁽⁴⁾	10.609,00	15.142,00	578,5	85,5
1977	22.923,00	22.923,00	1.249,9	129,4
1978 ⁽⁵⁾	27.581,00	22.188,00	1.503,9	125,3

⁽¹⁾ Preço à vista posto São Paulo.

⁽²⁾ Em cruzeiro de 1977, corrigido pelo Índice "2" da Fundação Getúlio Vargas.

⁽³⁾ Índice simples, 1967=100.

⁽⁴⁾ Sem subsídio o preço corrente, em 1975, seria de Cr\$16.689,00/10t e em 1976 de Cr\$17.682,00/10t.

⁽⁵⁾ Média dos cinco primeiros meses.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 23. - Consumo de Fertilizantes em Termos de Nutrientes, Brasil 1969-78

(em tonelada)

Ano	N	P ₂ O ₅	K ₂ O	Total	
				Volume	Variação anual (%) ⁽⁴⁾
1969	165.332	265.761	195.657	626.750	4,0
1970	275.936	295.938	306.693	978.567	56,1
1971	291.975	486.127	347.902	1.126.004	15,1
1972 ⁽¹⁾	363.082	721.824	361.636	1.446.542	28,5
1973	407.704	948.011	623.431	1.979.146	36,8
1974	335.774	902.504	538.304	1.776.582	-10,2
1975	379.072	989.398	507.268	1.875.738	5,6
1976 ⁽²⁾	481.542	1.285.369	697.963	2.464.874	31,4
1977 ⁽²⁾	688.403	1.533.501	927.165	3.149.096	27,8
1978 ⁽³⁾	786.979	1.753.091	1.059.930	3.600.000	14,3

⁽¹⁾ Considerou-se remanejamento de estoque ainda que aproximado.

⁽²⁾ Preliminar.

⁽³⁾ Previsão.

⁽⁴⁾ Variação do total em relação ao ano anterior.

Fonte: Dados básicos do Sindicato da Indústria de Adubos e Colas do Estado de São Paulo e Associação Nacional para Difusão de Adubos (ANDA).

QUADRO 24 . - Evolução das Relações entre os Nutrientes Básicos (N, P₂O₅, K₂O) na Formação do Consumo Brasileiro de Fertilizantes, 1969-78

Ano	N	P ₂ O ₅	K ₂ O
1969	1,00	1,61	1,18
1970	1,00	1,43	1,11
1971	1,00	1,66	1,19
1972	1,00	1,99	0,99
1973	1,00	2,32	1,53
1974	1,00	2,69	1,60
1975	1,00	2,61	1,34
1976	1,00	2,66	1,54
1977	1,00	2,23	1,35
1978 ⁽¹⁾	1,00	2,22	1,35

(¹) Previsão.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 25. - Evolução do Consumo por Hectare de Fertilizantes (N+P₂O₅+K₂O) no Estado de São Paulo, 1969-78

Ano	Em relação à área cultivada ⁽¹⁾ (kg/ha)	Índice ⁽²⁾	Em relação à área cultivada mais área de pastagem artificial (kg/ha)	Índice ⁽²⁾
1969	51,9	100,0	24,7	100,0
1970	69,1	133,1	30,7	124,3
1971	81,2	156,4	36,7	148,6
1972	93,6	180,3	39,8	161,1
1973	113,6	219,0	47,9	194,0
1974	110,9	213,7	48,0	194,3
1975	115,0	221,6	50,1	202,8
1976	129,4	249,3	60,5	244,9
1977	158,7	305,8	74,5	301,6
1978 ⁽³⁾	181,4	349,5	85,1	344,5

(¹) Área cultivada inclui as destinadas às culturas anuais, culturas perenes e terras em descanso.

(²) Índice simples, 1969=100.

(³) Previsão.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 26. - Unidades de Hectare de Terra ⁽¹⁾ Necessárias para Adquirir 10 Toneladas de Fertilizantes ⁽²⁾, Estado de São Paulo, 1969-78

Ano	Unidade	Índice ⁽³⁾
1969	3,7	100
1970	2,6	70
1971	2,3	62
1972	2,2	60
1973	1,7	46
1974	1,9	51
1975 ⁽⁴⁾	1,0	27
1976 ⁽⁴⁾	0,7	19
1977	1,0	27
1978 ⁽⁵⁾	0,9	24

⁽¹⁾ Refere-se à terra de primeira.

⁽²⁾ Preço médio ponderado, posto São Paulo.

⁽³⁾ Índice simples, 1969=100.

⁽⁴⁾ Considerando-se um subsídio de 40% nos preços médios de fertilizantes.

⁽⁵⁾ Média de preços de fertilizantes dos cinco primeiros meses.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 27 . - Toneladas de Fertilizantes⁽¹⁾ Necessárias para Adquirir um Trator Leve (44HP),

Estado de São Paulo, 1967-78

Ano	Fertilizante	Índice ⁽²⁾
1967	74	100
1968	73	99
1969	73	99
1970	67	91
1971	62	84
1972	56	76
1973	48	65
1974	21	28
1975 ⁽³⁾	39	53
1976 ⁽³⁾	58	78
1977	40	54
1978 ⁽⁴⁾	46	62

⁽¹⁾ Preço médio ponderado, posto São Paulo.

⁽²⁾ Índice simples, 1967=100.

⁽³⁾ Considerando subsídio de 40% nos preços médios de fertilizantes.

⁽⁴⁾ Média dos cinco primeiros meses.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 28 - Unidades de Produtos Agrícolas Necessários para Adquirir 10 Toneladas de Fertilizantes⁽¹⁾, Estado de São Paulo, 1967-78

Ano	Arroz em casca		Milho		Cafê beneficiado		Soja		Algodão em caroço		Cana-de-açúcar	
	sc.60kg	Índice (²)	sc.60kg	Índice (²)	sc.60kg	Índice (²)	sc.60kg	Índice (²)	15kg	Índice (²)	t	Índice (²)
1967	100	100	290	100	40	100	150	100	350	100	143	100
1968	100	100	360	124	40	100	130	87	320	91	146	102
1969	110	110	240	83	20	50	130	87	320	91	145	101
1970	130	130	250	86	20	50	110	73	300	86	142	99
1971	80	80	250	86	30	75	110	73	250	71	145	101
1972	90	90	260	90	20	50	120	80	260	74	151	106
1973	100	100	200	69	20	50	90	60	230	66	156	109
1974 ⁽³⁾	170	170	450	155	40	100	210	140	410	117	248	173
1975 ⁽³⁾	76	76	207	71	17	43	120	80	276	79	124	87
1976	106	106	183	63	5	12	96	64	133	38	92	64
1977	148	148	337	116	9	23	135	90	260	74	136	95
1978 ⁽⁴⁾	92	92	228	79	15	38	162	108	230	66	133	93

(¹) Preço médio ponderado, posto São Paulo.

(²) Índice simples, base 1967=100.

(³) Considerando um subsídio de 40% nos preços médios de fertilizantes.

(⁴) Média de preços de fertilizantes dos cinco primeiros meses.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

FIGURA 1. - Evolução dos Preços de Fertilizantes e Matérias-Primas em Algumas Regiões do Mundo, 1976/77.

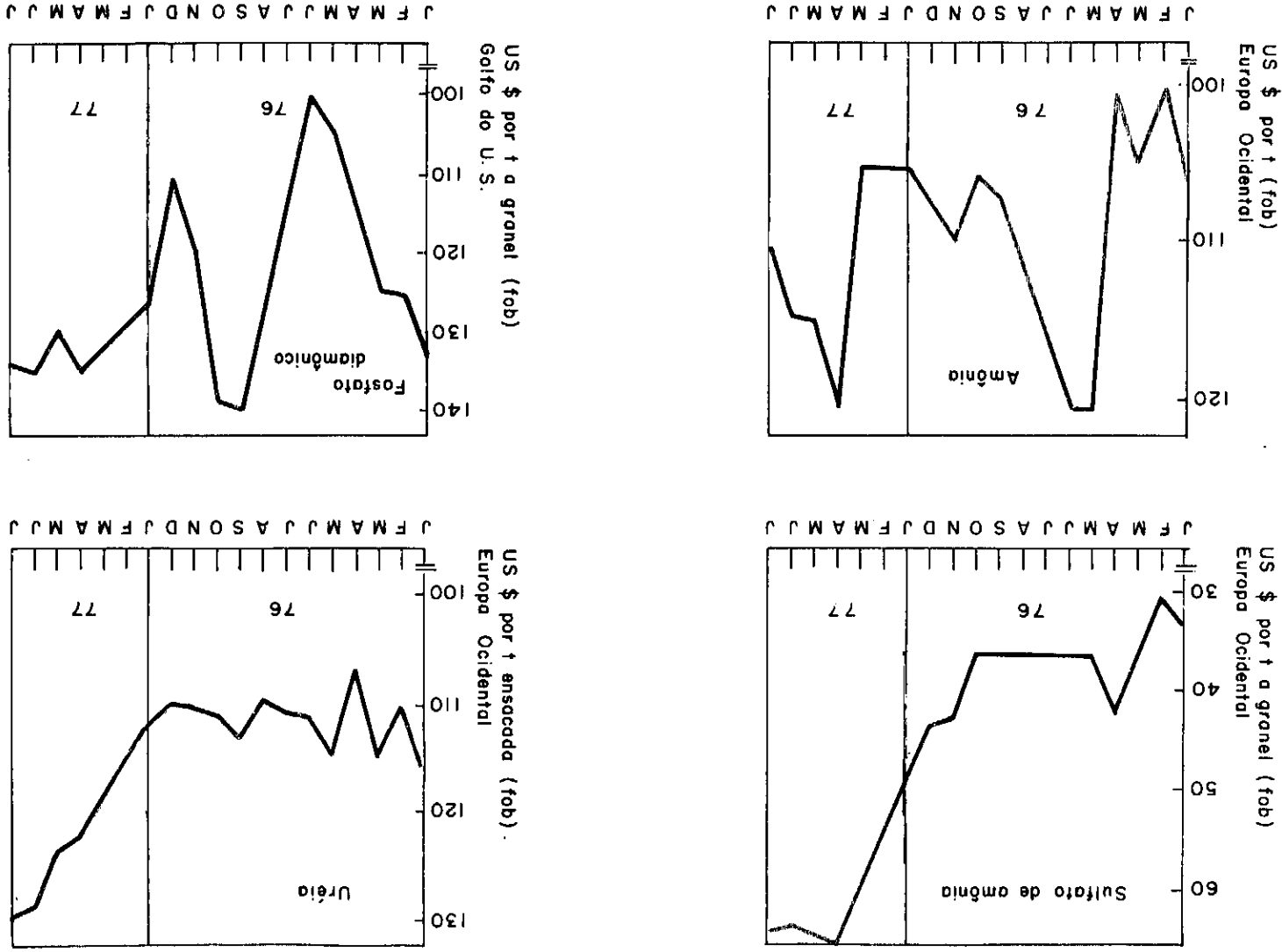
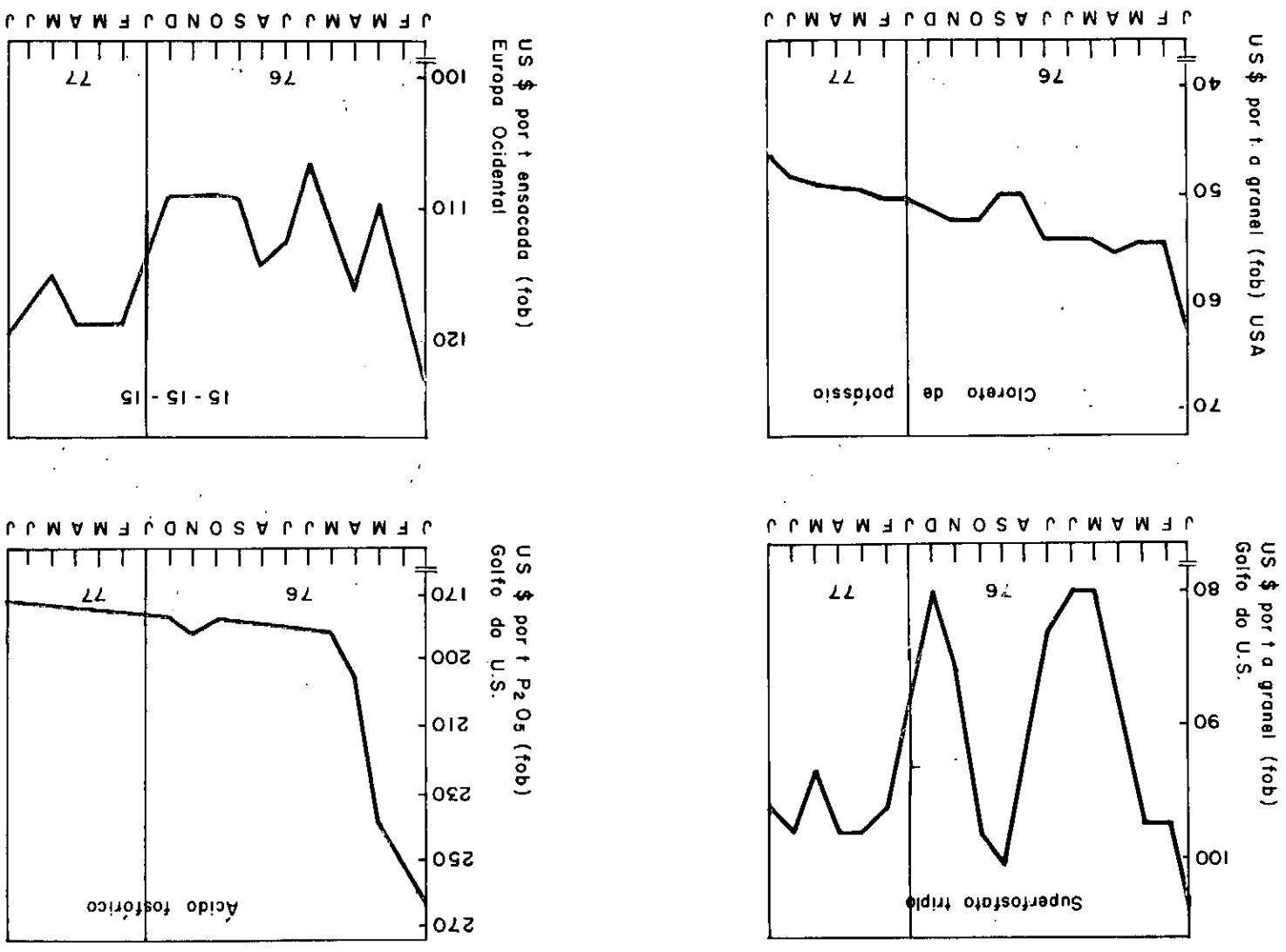


FIGURA 2. - Evolução dos Preços de Fertilizantes e Matérias-Primas em Algumas Regiões do Mundo, 1976/77.



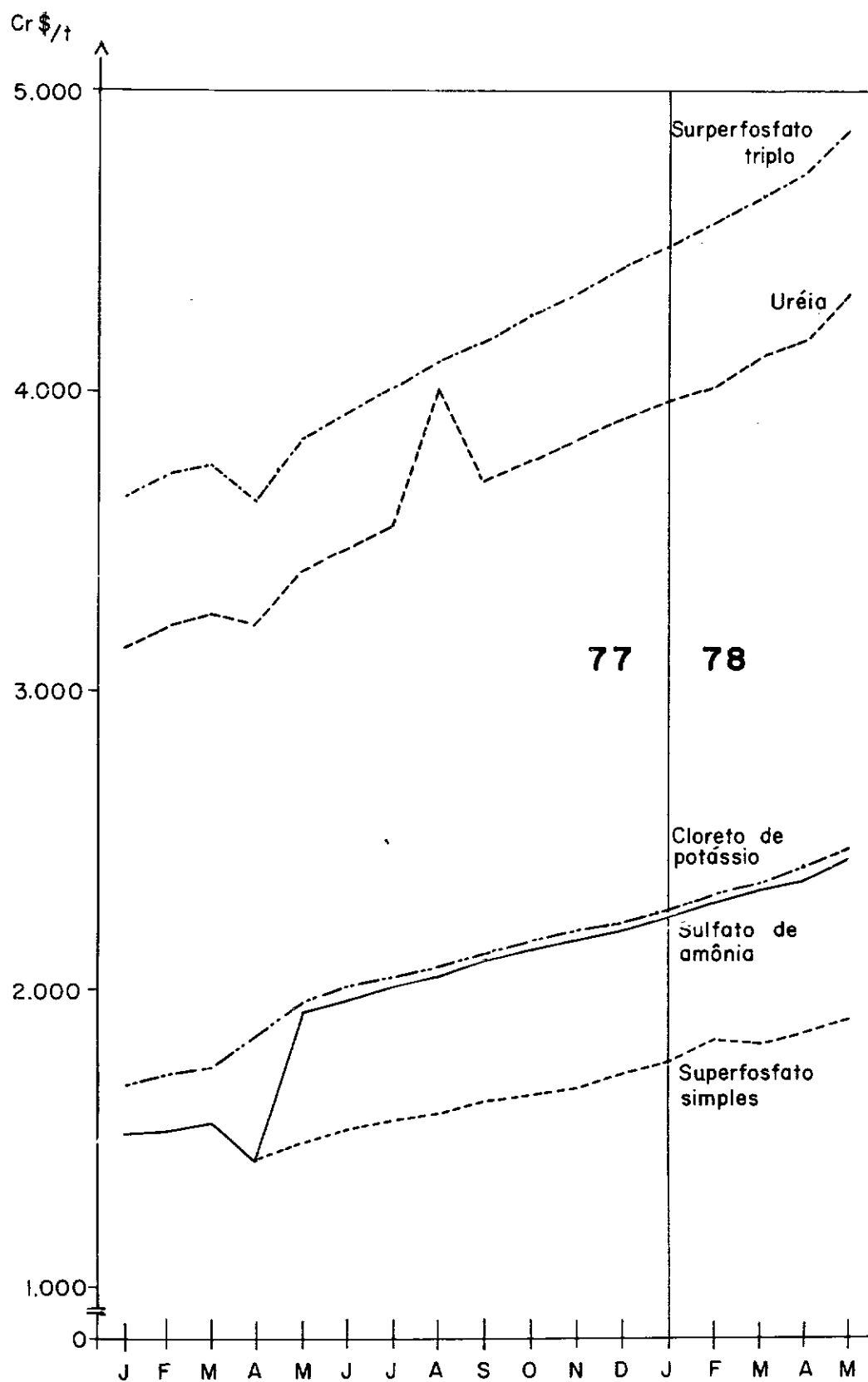


FIGURA 3. - Evolução dos Preços Correntes para os Principais Fertilizantes, no Mercado Interno, 1977/78.

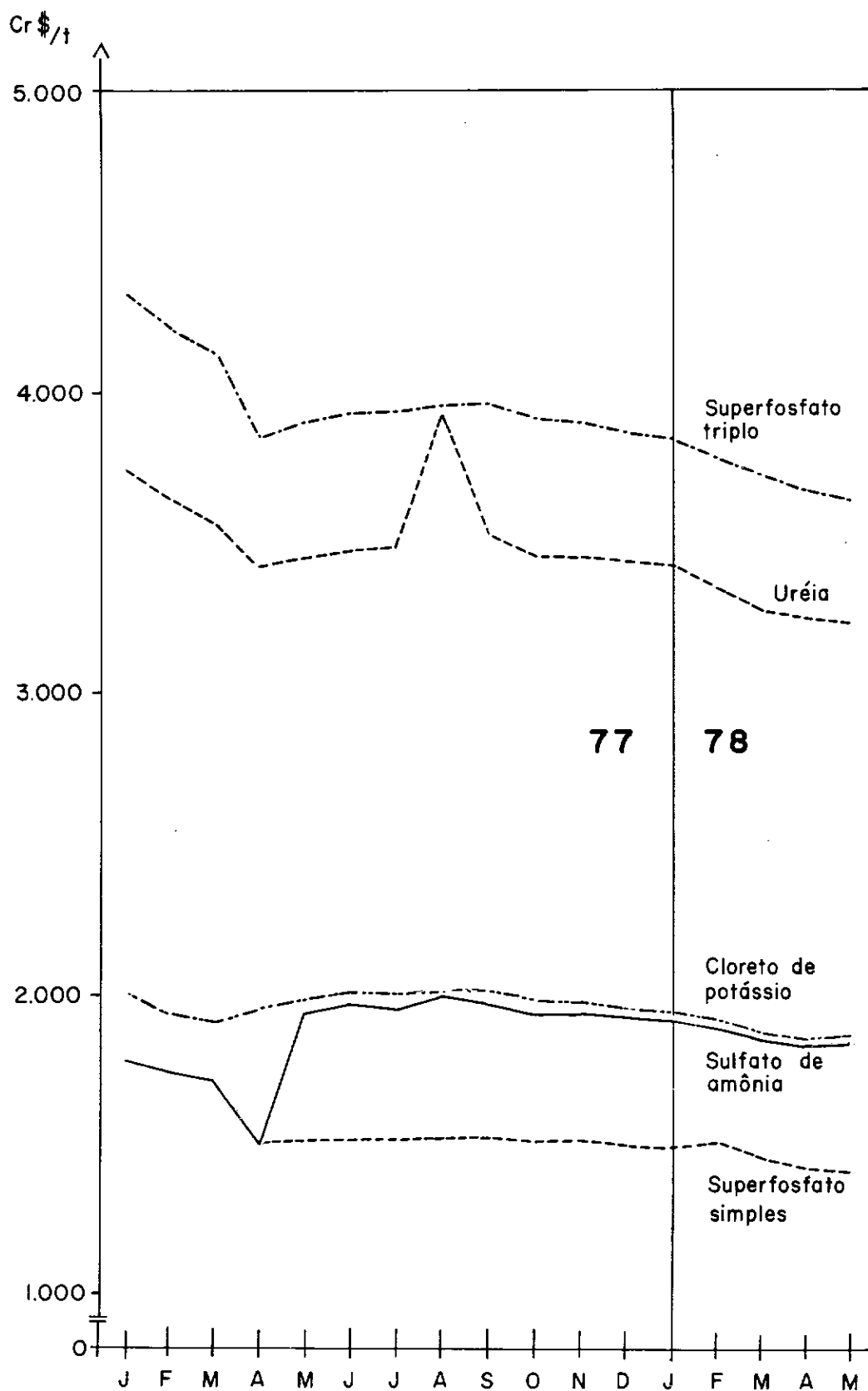


FIGURA 4. - Evolução dos Preços Reais para os Principais Fertilizantes, no Mercado Interno, 1977/78.

- Tratores

A produção brasileira de tratores de quatro rodas, em 1977, foi de 50.390 unidades, ocorrendo um decréscimo de 20,2% em relação ao ano anterior, quando se produziu 63.161 unidades (quadro 29). Este decréscimo pode ser explicado pela política restritiva de crédito.

Em 1978, a produção dos cinco primeiros meses atingiu 19.690 unidades que corresponde a um aumento de 8,23% quando comparada com igual período do ano de 1977, em que foram produzidas 18.193 unidades.

As vendas de tratores de quatro rodas (excluindo microtratores), em 1977, atingiram 47.895 mil unidades, observando-se um decréscimo de cerca de 19,3% em relação ao ano anterior.

Em 1978, as vendas para os cinco primeiros meses atingiram 15.867 unidades praticamente igual ao alcançado no mesmo período do ano anterior, quando as vendas totalizaram 15.953 unidades.

As exportações de tratores de quatro rodas, em 1977, foram de 4.370 unidades, e de 3.242 unidades, apenas nos cinco primeiros meses de 1978. Relativamente a igual período do ano anterior, houve o expressivo crescimento de 382%. Esse acréscimo nas exportações se afigura como principal responsável pela manutenção dos níveis de consumo desse fator de produção.

A produção de cultivadores motorizados e microtratores (quadro 29) atingiu o máximo em 1974, com uma produção de 5.659 unidades, e decresceu em 1975 e 1976. Em 1977, houve um aumento na produção, com 5.380 unidades, e para o ano de 1978, a produção acumulada até o mês de maio de cultivadores motorizados e microtratores atingiu 2.202 unidades. Em igual período do ano anterior essa produção foi de 2.247 unidades.

A produção de tratores de esteira, em 1977, foi de 2.867 unidades, 25,6% inferior à do ano anterior. Em 1978, a produção até maio atinge 1.242 unidades.

O preço real do trator de 44HP em 1977 sofreu um acréscimo de 5,2% em relação ao ano anterior. O índice de preço real que vinha declinando desde 1967, após apresentar o índice mínimo em 1974 (58,3), reverteu a tendência, sofrendo pequenos acréscimos desde então (quadro 30).

Portanto, em três anos consecutivos verificou-se um pequeno aumento nos preços reais de tratores, tomado como referência o de 44HP.

O preço corrente do trator de 44HP, em 1977, situou-se em Cr\$92.660,83, e nos cinco primeiros meses de 1978, em Cr\$126.616,40.

Para os tratores de roda de 61HP, em 1977, o preço corrente médio situou-se em Cr\$118.298,92, e para os cinco primeiros meses de 1978, em Cr\$152.090,40. Comparando as unidades de potência do trator de 61HP com o de 44HP, em 1977, o preço por HP do trator de 61HP é menor, o que vinha também ocorrendo até maio de 1978.

Para se inferir quanto ao ganho ou perda de poder aquisitivo do agricultor para compra de um trator, procedeu-se a análise da relação de preços produto/trator (quadro 31). Esta relação indica a quantidade de produto necessária para adquirir um trator leve de 44HP.

Foram escolhidos seis importantes produtos da agricultura paulista que apresentaram diversidade de comportamento nos seus preços durante o período analisado (arroz em casca, milho, café beneficiado, soja, algodão em caroço e cana-de-açúcar).

O arroz e o milho revelaram uma tendência semelhante, chegando a 1975 com a mais favorável relação de todo o período. Em 1976 houve uma inversão para ambos os produtos. No caso do arroz a mudança foi muito brusca, passando a exigência de 302 sacas, em 1975, para 617 em 1976. Para o milho a mudança foi de 818 para 1.064 sacas, em 1976, e 1.363 sacas, em 1977.

O café apresentou uma tendência positiva à aquisição de tratores, durante o período 1967-74, com exceção do ano de 1971. Em 1978 a quantidade exigida de café sofreu um aumento, sendo necessárias 67 sacas para adquirir um trator de 44HP.

A soja melhorou sua relação durante o período 1967-74. Em 1975 houve uma pequena elevação na quantidade necessária das sacas de soja. Em 1976 ocorreu um aumento brusco, e o valor atingido praticamente se repetiu nos anos seguintes.

O algodão em caroço durante o período 1967-74 apresentou uma relação positiva à compra do trator. A partir de 1975 a tendência se inverteu e passou a oscilar entre 1.050 e 1.090 sacas.

Quanto à cana-de-açúcar, houve uma melhora favorável na relação produto/trator no período compreendido entre 1967-75. A partir de então observa-se uma tendência crescente no índice, que é, portanto, desfavorável.

Uma análise conjunta dos índices para os produtos considerados, mostra, para os anos de 1977 e 1978, que o melhor preço relativo é para o café e o pior é para o arroz em casca.

Recentemente, foram modificadas as condições de financiamento para compra de tratores. Assim, ficou estabelecido que o financiamento de 100% do valor da máquina ocorrerá nas operações até 200 MVR (maior valor de referência). No caso de operações entre 200 e 500 MVR, o total financiado cai para 90%. Por outro lado quando se tratar de operação superior a 500 MVR, o valor financiado será de apenas 75%. Estas condições podem variar no caso de programas especiais.

(IEA, 17/07/1978)

QUADRO 29 . - Produção da Indústria Brasileira de Tratores, 1967-78

Ano	Cultivador motorizado ⁽¹⁾		Trator de esteira		Trator de 4 rodas		Total	Índice ⁽²⁾
	Produção	Índice ⁽²⁾	Produção	Índice ⁽²⁾	Produção	Índice ⁽²⁾		
1967	2.231	100	73	100	6.223	100	8.527	100
1968	2.613	117	106	145	9.818	158	12.537	147
1969	2.281	102	91	125	9.548	153	11.920	140
1970	2.474	111	185	253	14.048	226	16.707	196
1971	2.556	114	770	1.055	22.122	355	25.448	298
1972	3.773	169	1.282	1.756	29.142	468	34.197	401
1973	5.080	228	1.961	2.686	37.170	597	44.211	518
1974	5.659	254	2.415	2.308	43.810	704	51.884	608
1975	5.330	239	3.925	5.376	57.041	917	66.296	777
1976	4.684	210	3.850	5.274	63.161	1.015	71.695	841
1977	5.380	241	2.867	3.927	50.390	810	58.637	688
1978 ⁽³⁾	2.202	...	1.242	...	19.690	...	23.134	...

⁽¹⁾ Inclusive microtrator de 4 rodas.

⁽²⁾ Índice simples 1967=100.

⁽³⁾ Acumulado até maio de 1978.

Fonte: Associação Nacional de Fabricantes de Veículos Automotores (ANFAVEA).

QUADRO 30 . - Evolução do Preço de Tratores, Estado de São Paulo, 1967-78⁽¹⁾

Ano	Preço corrente (Cr\$)	Índice real (²)	Índice corrente (1967=100)	Índice real (4) (1967=100)
1967	13.564,00	130.977,37	100,0	100,0
1968	16.320,00	126.864,90	120,3	96,9
1969	19.102,00	122.969,12	140,8	93,9
1970	19.120,00	102.749,21	141,0	78,5
1971	21.900,00	97.719,85	161,5	74,6
1972	24.786,00	94.553,99	182,7	72,2
1973	26.439,00	87.610,20	194,9	66,9
1974	29.662,00	76.379,65	218,7	58,3
1975	39.280,00	79.200,78	289,6	60,5
1976	61.689,00	88.045,73	454,8	67,2
1977	92.660,83	92.660,83	683,1	70,7
1978	126.616,40	95.483,75	933,5	72,9

(¹) Tomou-se como referência a média anual de preços básicos (sem acessórios) do trator de 44 HP, posto fábrica, isento de ICM e IPI. São repassados ao comprador o valor de frete e seguro.

(²) Em cruzeiro de 1977, corrigido pelo Índice "2" da Fundação Getúlio Vargas. Usado o mês de maio em 1978.

(³) Média dos cinco primeiros meses.

(⁴) Índice simples, 1967=100.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 31 . - Unidades de Produto Agrícola Necessárias para Adquirir um Trator Leve (44HP), Estado de São Paulo, 1967-78

Ano	Arroz em casca		Milho		Cafê beneficiado		Soja		Algodão em caroço		Cana-de-açúcar	
	sc.60kg	Índice	sc.60kg	Índice	sc.60kg	Índice	sc.60kg	Índice	15kg	Índice	1.000kg	Índice
1967	727	100	2.147	100	334	100	1.105	100	2.608	100	1.059	100
1968	729	100	2.595	121	270	81	973	88	2.330	89	1.068	101
1969	834	115	1.717	80	187	56	928	84	2.337	90	1.061	100
1970	881	121	1.698	79	131	39	754	68	2.021	77	955	90
1971	524	72	1.531	71	162	48	684	62	1.537	59	894	84
1972	518	71	1.475	69	116	35	681	62	1.449	56	850	80
1973	499	69	979	45	91	27	456	41	1.125	43	750	71
1974	362	50	927	43	89	27	443	40	847	32	514	49
1975	302	41	818	38	67	20	473	43	1.091	42	488	46
1976	617	85	1.064	50	41	12	561	51	771	30	536	51
1977	598	82	1.363	63	37	11	545	49	1.053	40	552	52
1978 ⁽¹⁾	422	58	1.046	48	67	20	603	54	1.055	40	609	57

(¹) Média dos preços de produtos agrícolas, janeiro a maio.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

- Estrutura do emprego agrícola

Os últimos levantamentos do Instituto de Economia Agrícola continuam a detectar uma diminuição da população de trabalhadores residentes nos imóveis rurais, confirmando as tendências já observadas, quais sejam, declínio do número total de trabalhadores, aumento da participação relativa dos mensalistas e diminuição das formas tradicionais de parceria e arrendamento (quadro 32). O número total de trabalhadores residentes no ano agrícola 1976/77 situava-se na casa dos 866 mil, representando uma queda de 4% em relação ao ano 1975/76.

Tem-se, como expectativa, que essa diminuição dos trabalhadores residentes sofra uma certa desaceleração, uma vez que se tem conhecimento de vários proprietários que procuram fixar trabalhadores mensalistas oferecendo certas regalias (não subtraindo do salário, por exemplo, o preço da moradia, de produtos alimentares, etc.). Deve-se notar que esta é a única das categorias, relacionadas no quadro 32, que apresenta crescimento durante o período.

Por outro lado, deve-se ter presente que a diminuição do número de trabalhadores residentes não significa, necessariamente, um abandono da atividade agrícola. No caso, por exemplo, de muitos proprietários, arrendatários e administradores, as comodidades oferecidas pelo centro urbano mais próximo fazem com que estes prefiram residir na cidade e locomover-se para a fazenda. Somente um plano de desenvolvimento rural, compreendendo melhorias da infra-estrutura, tais como eletrificação, estradas, escolas, rede de comunicações, etc., será talvez capaz de fixar nos imóveis agrícolas maior quantidade de trabalhadores residentes, tanto proprietários como assalariados.

Outra evidência é a redução da taxa de decréscimo do número de trabalhadores residentes. Nos últimos dois anos, estas taxas foram de 4,0% e 4,3%, enquanto nos dois anos anteriores foram de 11,5% e 10,0%. Com base nos dados do quadro 33, observa-se que as maiores reduções, durante o período em análise, ocorreram em São Paulo (-36,6%), Vale do Paraíba (-36,5%) e Araçatuba (-36,1%).

Quanto à mão-de-obra temporária, observa-se um aumento da sua participação no total da força de trabalho agrícola.

Tem sido difícil avaliar o número exato de trabalhadores volantes utilizados na atividade agrícola do Estado. As estimativas sempre giram ao redor de um número médio de 300.000 pessoas, que, num momento ou outro do ano, se dedicam à atividade agrícola.

A partir de fevereiro de 1976, iniciou-se no Instituto de Economia Agrícola um levantamento que permite o acompanhamento mensal da utilização da mão-de-obra volante. Foi, assim, montada uma série de dezembro de 1975 a abril de 1978, que estima o número de dias-homens volantes utilizados em cada dia e em cada mês do ano. Por estes dados verifica-se que, em média, nestes últimos três anos, foram utilizados 61.059.200 dias-homens volantes por ano (quadro 34).

A repartição nos doze meses indica a participação dos volantes nas diversas atividades do ano agrícola, concentrando-se nos meses de dezembro a março. Este período corresponde à época dos tratos culturais, principalmente a capina, e algumas colheitas tais como as de algodão e amendoim.

No quadro 35 tem-se uma estimativa do número de pessoas que representa esse volume de dias-homens se trabalhassem 25 e 15 dias por mês (15 dias têm sido a média obtida nos levantamentos do IEA).

A participação percentual mensal de cada Divisão Regional Agrícola no total dos dias-

homens volantes do Estado é muito variada, observando-se maior participação das DIRAs de Ribeirão Preto, São José do Rio Preto e Campinas, e menor das de São Paulo e Vale do Paraíba (quadro 36).

Estes mesmos dados analisados por estrato de área indicam a maior utilização da mão-de-obra volante em propriedades de 50 a 500ha, correspondendo à cerca de 48% do total; 25% são utilizados nas propriedades de 3ha a 50ha.

- Salário

Nos últimos anos, os salários agrícolas têm apresentado um aumento real para todas as categorias de trabalhadores, destacando-se as dos volantes e administradores (quadro 37).

A análise do salário dos mensalistas tem apresentado algumas dificuldades, uma vez que são muito variadas as formas de pagamento, principalmente no que diz respeito aos descontos em folha. Contatos com empresários agrícolas parecem indicar que os descontos vêm, gradativamente, sendo feitos com menor frequência. Isto estaria resultando em um aumento da renda real para esta categoria.

Tomando-se apenas a remuneração do mensalista, no mês de abril, para os últimos cinco anos, observa-se que o salário desta categoria é o que menos progrediu (quadros 37 e 38). No entanto, se se confirmar que, além desse salário líquido, os mensalistas se beneficiam de casa, lenha e produtos alimentares, pode-se admitir que esse trabalhador é o melhor remunerado. Este fato poderia indicar que o êxodo desses assalariados vem sendo obstado pelos proprietários, que estariam aumentando a sua remuneração como forma de retenção dessa mão-de-obra. Levantamentos mais detalhados poderão confirmar tais fatos. Como evidência indireta tem-se os dados do quadro 32, que mostram um aumento relativo no número de mensalistas, entre os trabalhadores residentes.

Contudo, não se acredita que apenas o aumento da remuneração seja capaz de reter os trabalhadores. Serão necessárias outras medidas, principalmente as referentes à infra-estrutura do meio rural, para cobrir as necessidades mínimas da população.

A comparação entre o salário do diarista residente e o salário mínimo indica uma certa recuperação do primeiro, em 1977, após uma queda em 1975 (quadro 39).

A relação entre salário para colheita e preço de quatro produtos (algodão, amendoim, café e cana) indica a parcela deste preço suficiente para cobrir o salário da mão-de-obra empregada nesta operação (quadro 40). A série 1971-78 indica variações substanciais, nos casos de algodão e amendoim, e uma participação decrescente do salário nos casos de café e cana.

(IEA, 17/07/1978)

QUADRO 32 . - Estimativa do Total de Trabalhadores Agrícolas Residentes nos Imóveis, por Categoria, Média Móvel, Estado de São Paulo, 1971/72 a 1976/77

Categoria	1971/72		1972/73		1973/74		1974/75		1975/76		1976/77	
	1.000 pessoas.	%	1.000 pessoas	%	1.000 pessoas	%	1.000 pessoas	%	1.000 pessoas	%	1.000 pessoas	%
Proprietário	455,0	38	450,0	38	405,0	38	375,5	40	371,0	41	351,0	40
Administrador	29,5	03	32,0	03	26,5	02	23,0	02	26,0	03	28,6	03
Arrendatário	81,8	07	77,3	07	70,5	07	55,5	06	46,5	05	41,3	05
Parceiro	245,0	20	232,5	20	197,5	19	160,0	17	149,0	17	146,5	17
Colono	36,0	03	31,0	03	23,5	02	27,0	03	27,5	03	26,6	03
Mensalista	136,5	11	141,0	11	148,5	14	146,0	15	145,0	16	143,5	17
Diarista	136,0	11	136,0	11	122,0	11	101,5	11	92,5	10	86,0	10
Empreiteiro	51,5	04	48,0	04	40,0	04	28,0	03	20,5	02	17,4	2
Outros	38,0	03	34,5	03	31,0	03	26,0	03	24,5	03	25,5	3
Total	1.209,3	100	1.182,3	100	1.064,5	100	942,5	100	902,5	100	866,4	100

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 33 . - Estimativa do Total de Trabalhadores Residentes nos Imóveis, por DIRA, Média Móvel, no Estado de São Paulo, 1971/72 a 1976/77

DIRA	1971/72		1972/73		1973/74		1974/75		1975/76		1976/77	
	1.000 pessoas	%	1.000 pessoas	%	1.000 pessoas	%	1.000 pessoas	%	1.000 pessoas	%	1.000 pessoas	%
São Paulo	118,3	10	110,7	09	107,2	10	97,9	11	85,3	10	75,0	9
Vale do Paraíba	54,5	05	53,1	05	40,9	04	32,3	03	33,8	04	34,6	4
Sorocaba	163,0	13	168,1	14	145,7	14	135,5	14	136,5	15	132,0	15
Campinas	136,0	11	134,5	11	132,9	12	130,5	14	127,5	14	124,3	14
Ribeirão Preto	122,0	10	123,0	10	115,7	11	97,3	10	91,0	10	82,6	10
Bauru (1)	-	-	-	-	-	-	39,8	04	34,2	04	35,7	4
São José do Rio Preto	192,6	16	184,4	16	166,5	16	143,6	15	128,3	14	126,0	15
Araçatuba	93,2	08	84,6	07	62,1	06	52,0	06	62,0	07	59,6	7
Presidente Prudente	158,9	13	155,5	14	140,0	13	120,2	13	119,4	13	114,3	13
Marília (1)	-	-	-	-	-	-	93,6	10	84,4	09	82,3	9
Bauru + Marília	170,8	14	168,7	14	153,7	14	(133,3)	(14)	(118,6)	(13)	(118,0)	(13)
Estado	1.209,3	100	1.182,6	100	1.064,7	100	942,7	100	902,4	100	866,4	100

(1) As DIRAS de Bauru e Marília foram desmembradas a partir de 1974.

QUADRO 34. - Total de Dias-homens Volantes Utilizados por Mês, Estado de São Paulo, Média 1975-78⁽¹⁾

Mês	Volante (dH)	%
Jan.	7.322.232	0,12
Fev.	6.129.718	0,10
Mar.	5.190.051	0,09
Abr.	4.810.274	0,08
Mai.	4.282.241	0,07
Jun.	4.357.102	0,07
Jul.	4.402.192	0,07
Ago.	3.635.531	0,06
Set.	4.082.234	0,07
Out.	4.523.651	0,07
Nov.	4.691.038	0,08
Dez.	7.632.939	0,12
Total	61.059.203	100

(¹) Os dados correspondem à média mensal abrangendo os meses de dezembro de 1975 a abril de 1978.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 35. - Estimativa do Número Médio de Trabalhadores Volantes, por Trimestre, Caso Trabalhasssem 25 ou 15 Dias por Mês, Estado de São Paulo, 1975-78

Trimestre	Média trimestral do total de trabalhado res(1) (1.000 pessoas)	Média trimestral do total de trabalhado res(2) (1.000 pessoas)
Jan.- Mar.	249	414
Abr.- Jun.	179	299
Jul.- Set.	161	269
Out.- Dez.	224	374

(¹) Trabalhadores com 25 dias de trabalho.

(²) Trabalhadores com 15 dias de trabalho.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola

QUADRO 36. - Participação Percentual por DIRA no Total de Dias-homens Volantes, por Mês, Estado de São Paulo, Média 1975-78

DIRA	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Ju1.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
São Paulo	1	1	3	2	2	1	2	2	2	1	1	1
Vale do Paraíba	1	1	1	1	1	9	1	1	1	1	1	1
Sorocaba	7	7	7	8	7	6	9	10	8	9	10	11
Campinas	11	12	13	13	16	9	10	13	14	14	13	10
Ribeirão Preto	40	38	31	30	25	36	32	28	29	29	29	41
Bauru	5	6	7	7	7	8	9	6	8	9	7	6
São José do Rio Preto	11	13	14	16	20	18	16	16	16	16	17	9
Araçatuba	4	4	5	5	5	4	5	7	6	5	6	3
Presidente Prudente	11	9	7	8	9	9	6	7	7	7	7	10
Marília	9	9	12	10	8	9	10	10	9	9	9	8
Estado	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 37 . - Salários Agrícolas Correntes, Reais e Índices, Estado de São Paulo, 1972-78

Ano	Mês	Diarista residente			Volante			Administrador			Tratorista		
		Cr\$/dia (1)	Cr\$/dia (2)	Índice (3)	Cr\$/dia (1)	Cr\$/dia (2)	Índice (3)	Cr\$/mês (1)	Cr\$/mês (2)	Índice (3)	Cr\$/mês (1)	Cr\$/mês (2)	Índice (3)
1972	Mar.	7,46	37,90		8,92	45,40		379,90	1.933,59		259,29	1.319,71	
	Nov.	9,30	43,30		9,80	45,60		424,00	1.974,52		290,00	1.350,49	
	Média	8,38	40,60	100	9,36	45,50	100	401,95	1.954,05	100	274,65	1.335,10	100
1973	Mar.	9,90	43,90		10,30	45,60		506,40	2.246,26		321,10	1.424,32	
	Nov.	12,80	51,80		13,50	54,60		558,00	2.260,46		432,00	1.750,00	
	Média	11,35	47,85	118	11,90	50,10	110	532,20	2.253,36	115	376,55	1.587,16	119
1974	Mar.	13,40	48,50		16,30	59,00		625,00	2.265,98		429,00	1.555,36	
	Nov.	18,30	55,60		20,20	61,40		787,80	2.396,60		576,90	1.755,01	
	Média	15,85	52,05	128	18,25	60,20	132	706,40	2.331,29	119	502,95	1.655,19	124
1975	Abr.	17,80	48,90		22,10	60,80		854,70	2.352,27		592,90	1.631,75	
	Nov.	23,50	55,20		25,40	59,60		1.050,00	2.466,56		785,00	1.844,05	
	Média	20,65	52,05	128	23,75	60,20	132	952,35	2.409,41	123	688,95	1.737,90	130
1976	Abr.	24,50	48,81		30,50	60,70		1.200,00	2.390,96		795,50	1.585,01	
	Nov.	31,20	50,20		37,60	60,40		1.586,80	2.553,02		1.057,60	1.701,58	
	Média	27,85	49,51	122	34,05	80,55	133	1.393,40	2.471,99	127	926,55	1.643,30	123
1977	Abr.	37,60	50,90		49,30	66,80		1.921,20	2.605,35		1.241,50	1.683,60	
	Nov.	47,40	54,80		55,70	64,40		2.515,60	2.911,64		1.622,30	1.877,70	
	Média	42,50	52,85	130	52,50	65,60	144	2.218,40	2.758,49	141	1.431,90	1.780,65	133
1978	Abr.	52,40	52,40		66,10	66,10		2.885,65	2.885,65		1.793,40	1.793,40	

(1) Média do Estado em valores correntes.

(2) Média do Estado em valores reais de abril 1975 pelo Índice "2" da FGV.

(3) Índice simples das médias, calculado a partir dos valores reais 1972=100.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 38. - Salário Médio do Trabalhador Agrícola Mensalista, em Valores Correntes e Reais, Índice e Evolução em Relação ao Salário Mínimo, Estado de São Paulo, 1974-78

Ano	Mês	Preço corrente Cr\$/mês (a)	Preço real ⁽¹⁾ Cr\$/mês	Índice ⁽²⁾	Salário mínimo de abril mês (b)	Relação % (a/b)
1974	Mar.	329,00	1.192,81	100	312,00	105
1975	Abr.	455,00	1.252,24	105	376,80	121
1976	Abr.	616,00	1.227,36	103	532,80	116
1977	Abr.	935,00	1.267,96	106	768,00	122
1978	Abr.	1.412,00	1.412,50	118	1.106,40	128

⁽¹⁾ Valores reais de abril 1978.

⁽²⁾ Índice calculado a partir dos valores reais, 1974=100.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 39. - Evolução do Salário de Diarista Residente e Salário Mínimo, Estado de São Paulo, 1970-78

Ano	Salário do dia- rista residente (a)	Salário mínimo ⁽¹⁾ (b)	Relação % (a/b)
1970	154,05	174,27	88
1971	193,35	212,80	91
1972	252,40	254,40	99
1973	340,50	297,93	114
1974	475,50	355,20	134
1975	619,50	493,20	126
1976	835,50	689,60	121
1977	1.275,00	993,60	128
1978 ⁽²⁾	1.572,00	1.106,40	142

⁽¹⁾ Média anual ponderada.

⁽²⁾ Dados referentes a abril.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

Quadro 40. - Relação entre Salário de Colheita e Preço do Produto, para Algodão, Amendoim, Café e Cana, Estado de São Paulo, 1971-78

Ano	Algodão			Amendoim			Café beneficiado			Cana-de-açúcar		
	Salário (Cr\$/15kg)	Preço (Cr\$/15kg)	Relação %	Salário (Cr\$/sc.25kg)	Preço (Cr\$/sc.25kg)	Relação %	Salário ⁽¹⁾ (Cr\$/sc.60kg)	Preço (Cr\$/sc.60kg)	Relação %	Salário (Cr\$/t)	Preço (Cr\$/t)	Relação %
	(a)	(b)	(a/b)	(a)	(b)	(a/b)	(a)	(b)	(a/b)	(a)	(b)	(a/b)
1971	2,19	14,25	15,37	1,77	15,28	11,58	19,77	135,00	14,64	3,75	24,50	15,30
1972	3,26	17,10	19,06	2,27	15,30	14,84	23,68	213,80	11,08	4,50	29,17	15,43
1973	3,57	23,50	15,19	2,86	25,50	11,22	32,40	290,00	11,17	4,75	35,09	13,54
1974	5,60	35,00	16,00	4,70	29,00	16,21	45,28	332,64	13,61	7,59	57,67	13,16
1975	6,50	36,00	18,06	5,50	44,00	12,50	54,73	590,00	9,28	8,47	80,53	10,52
1976	10,10	80,00	12,63	8,60	51,00	16,86	147,16	1.948,00	7,55	13,00	115,08	11,29
1977	17,80	88,00	20,23	12,10	95,00	12,74	182,97	2.500,00	7,32	17,79	168,00	10,59
1978 ⁽²⁾	22,90	120,00	19,08	18,50	150,00	12,33

⁽¹⁾ Salário de colheita por saco de 110 litros de café, transformado em café beneficiado, estimando-se rendimento de 19kg de café beneficiado por saca de café em coco.

⁽²⁾ Dados preliminares.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

Em 1978, os preços reais da terra nua apresentaram pequenas variações de preço, negativas para a terra de primeira (-1,94%) e positivas para a terra de segunda (2,69%), terra para pastagens (2,91%), terra para reflorestamento (9,60%) e terra de campo (8,13%). Assim, poder-se-ia afirmar que estaria havendo uma estabilidade relativa no mercado de terras, a partir de 1977, com exceção das terras para reflorestamento e de campo.

Cumprir observar que o preço de terras vem sofrendo variações relativamente pequenas a partir de 1974, como pode ser observado no quadro 41. Entre 1969 e 1973 os preços reais de terra de primeira se elevaram 137,8%, enquanto no período 1974-77 se elevaram 9,7%. Verifica-se que houve um grande aumento nos preços entre os anos de 1973 e 1974, que poderia, em parte, ser explicado pelos altos preços alcançados pela maioria dos produtos agrícolas, principalmente os de exportação, e também por se constituir em forma segura de investimento, frente à expectativa de desempenho da economia brasileira após a crise do petróleo e as consequentes pressões inflacionárias que provavelmente adviriam. É importante observar que elevações bruscas de preços ocorreram para todos os tipos de terra, entre 1973 e 1974, e não apenas para as terras de primeira.

Ao longo do tempo, tem se verificado que a terra de primeira vale aproximadamente 40% mais que a terra de segunda (30,3% para o ano de 1978). Observa-se também que os preços de terra de primeira têm sido 100% a 154% maiores do que os de terra de reflorestamento e 140% a 220% maiores que os da terra de campo.

Quanto às terras para reflorestamento é importante assinalar que sua procura se deve principalmente aos incentivos fiscais.

Em fevereiro de 1978 as terras de primeira atingiram o valor médio de Cr\$29.783,00 por hectare (ou Cr\$72.074,90 por alqueire); as terras de segunda foram cotadas a Cr\$22.855,00 por hectare (Cr\$55.309,10 por alqueire); as terras para pastagens a Cr\$17.723,00 por hectare (Cr\$42.889,70 por alqueire), enquanto as terras para reflorestamento alcançaram Cr\$14.082,00 por hectare (Cr\$34.078,40 por alqueire) e as de campo Cr\$12.077,00 por hectare (ou Cr\$29.226,30 por alqueire).

Fatores tais como uso e qualidade da terra, e a facilidade de infra-estrutura levam a variações amplas em torno da média. Assim, as terras de primeira têm preços que vão de Cr\$7.438,00/ha na DIRA de Bauru até Cr\$123.967,00/ha na DIRA de São Paulo. Ainda que se considere uma mesma DIRA, os preços sofrem grandes variações, tornando-se praticamente impossível a quantificação de todos os efeitos envolvidos.

As terras com benfeitorias, em 1978, classificadas segundo o tamanho das propriedades, voltaram a apresentar valorização em termos reais. Observa-se no quadro 42 que os preços que mais se elevaram em 1978, relativamente ao ano anterior, foram os daquelas propriedades com área de 24,20ha a 72,60ha (10 a 30 alqueires), com aumento de 10,97%, seguidas das de área de 7,26ha a 24,20ha (3 a 10 alqueires) com 10,23% e das propriedades com área entre 72,60 e 242 hectares (30 a 100 alqueires), com elevação de 10,13% nos preços. Se se considerar o período que vai de 1970 a 1978, observam-se as seguintes situações:

a) propriedades com área inferior a 7,26ha (3 alqueires) tiveram uma valorização real de 260%;

b) propriedades com área entre 7,26ha e 24,20ha (3 a 10 alqueires) sofreram uma valorização de 350%;

- c) a valorização registrada nas propriedades com área de 24,20ha a 72,60ha (10 a 30 alqueires) foi de 323%;
- d) propriedades com área entre 72,60ha a 242ha (30 a 100 alqueires) atingiram uma valorização de 328%; e
- e) propriedades com área superior a 242ha (100 alqueires) valorizaram-se em 297%.

No entanto, como pode ser visto no quadro 42, as propriedades não sofreram ao longo do período uma taxa constante de crescimento do preço real, atingindo o auge em 1974 e declinando em 1975, para novamente atingir, nos anos seguintes, preços reais sucessivamente maiores, alcançando em 1978, um novo pico, superior inclusive àquele observado em 1974, com exceção das propriedades com áreas superiores a 242,00 hectares.

O preço dos arrendamentos de terras em dinheiro aumentaram de Cr\$759,83 por hectare, em 1976, para Cr\$986,00 no ano seguinte, em termos correntes, o que representa um decréscimo de 6,65% em termos reais (quadro 43). Se se considerar o período 1968-77, verifica-se que o aumento no valor real dos arrendamentos foi de 76,0%. Verifica-se também que ocorreu uma elevação brusca em 1973, relativamente ao ano anterior, muito embora o aumento não tenha sido tão elevado como o que ocorreu no mercado de terras em geral. De 1974 em diante pode-se perceber uma tendência declinante no valor de arrendamento de terras para lavouras, embora não se espere a volta aos níveis que vigoraram antes de 1973.

Considerando-se os arrendamentos em espécie, observa-se em 1977 um decréscimo no número de unidades pagas por hectare para o algodão, o arroz e o milho, enquanto para o amendoim há estabilização do valor. Por outro lado, enquanto para o algodão, amendoim e arroz verificam-se pequenas variações em torno da média ao longo do período, no caso do milho tem havido grande variação nos três últimos anos, exigindo 15 sacas de 60kg/ha, quando no ano anterior exigia 19 e em 1975 exigia 11,3 sacas de 60kg/ha.

Quanto ao aluguel de pasto tem se verificado, ao longo do período 1969-77, uma tendência crescente. Enquanto o valor real do aluguel mensal por hectare e do anual por hectare apresentam o máximo em 1976, o pico no caso do aluguel mensal por cabeça foi em 1975, como pode ser visto no quadro 44.

A relação de preços produtos agrícolas/preço de terra é vista no quadro 45, onde se observa que em 1978 os seguintes produtos melhoraram suas relações de troca relativamente ao ano anterior: milho, arroz e carne bovina.

Por outro lado, café, cana-de-açúcar, feijão, soja, laranja e batata pioraram suas relações de troca em 1978, relativamente ao ano anterior. O produto que se manteve praticamente constante foi o algodão, que nos dois últimos anos exigia cerca de 250 arrobas para compra de um hectare de terra de primeira, sem benfeitorias. O leite também se manteve aproximadamente constante nestes dois últimos anos.

Cumprе ressaltar que todos os produtos pioraram suas relações de troca em 1978, comparativamente ao ano de 1971, de uma forma bastante acentuada. Este fato se deve à grande elevação de preços ocorrida no mercado de terras, no período, principalmente a partir de 1974.

É importante observar que os valores calculados para cada ano, como aparecem no quadro 45 refletem dois movimentos distintos, ou seja, preços ascendentes no mercado de terras, de um modo geral, e também tendência variável conforme o produto considerado.

- Perspectivas

Não se esperam grandes aumentos dos preços da terra nua, para o Estado de São Paulo, em termos reais, podendo-se prever uma estabilização neste segmento de mercado ou, quando muito, uma pequena valorização, não superior a 10%.

Por outro lado, as terras com benfeitorias apresentam uma tendência crescente, embora se espere pequena taxa de crescimento do valor das propriedades, em termos reais.

Quanto ao valor de arrendamento de terras para lavouras, prevê-se uma pequena queda ou, quando muito, uma estabilização em valores reais.

Espera-se que haja uma estabilização no valor de arrendamento de terras para lavouras. Quanto ao aluguel de pasto, uma estabilização ou pequena elevação é esperada.

Em qualquer caso, pode-se afirmar que a valorização esperada no mercado de terras está associada à rentabilidade da atividade agrícola, à expectativa quanto ao desempenho da economia e à inexistência de investimentos alternativos com grau de risco comparável.

(IEA, 17/07/1978)

QUADRO 41 .- Valor da Terra Nua, por Tipo, Estado de São Paulo, 1969-78⁽¹⁾

Item	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978
Terra de primeira										
Cr\$/ha ⁽²⁾	700	1.098	1.546	2.000	3.300	7.600	10.270	15.020	22.080	29.783
Cr\$/ha ⁽³⁾	4.299	5.625	6.632	7.159	10.221	20.136	19.896	21.912	22.080	21.651
Índice ⁽⁴⁾	100,00	130,84	154,27	166,53	237,75	468,39	462,81	509,70	513,61	503,63
Terra de segunda										
Cr\$/ha ⁽²⁾	519	690	1.054	1.400	2.400	5.800	7.690	11.200	16.180	22.855
Cr\$/ha ⁽³⁾	3.188	3.535	4.521	5.011	7.434	15.367	14.898	16.339	16.180	16.615
Índice ⁽⁴⁾	100,00	110,88	141,81	157,18	233,19	482,03	467,31	512,52	507,53	521,17
Terra para pastagens										
Cr\$/ha ⁽²⁾	459	596	871	1.200	2.000	4.400	6.520	9.520	12.520	17.723
Cr\$/ha ⁽³⁾	2.819	3.053	3.736	4.295	6.195	11.658	12.631	13.888	12.520	12.884
Índice ⁽⁴⁾	100,00	108,30	132,53	152,36	219,76	413,55	448,07	492,66	444,13	457,04
Terra para reflorestamento										
Cr\$/ha ⁽²⁾	322	499	613	835	1.300	3.700	5.120	6.880	9.340	14.082
Cr\$/ha ⁽³⁾	1.978	2.300	2.630	2.989	4.027	9.803	9.919	10.037	9.340	10.237
Índice ⁽⁴⁾	100,00	116,28	132,96	151,11	203,59	495,60	501,47	507,43	472,19	517,54
Terra de campo										
Cr\$/ha ⁽²⁾	255	352	520	680	1.200	3.200	4.290	6.240	8.120	12.077
Cr\$/ha ⁽³⁾	1.566	1.803	2.231	2.434	3.717	8.478	8.311	9.103	8.120	8.780
Índice ⁽⁴⁾	100,00	115,13	142,46	155,43	237,36	541,38	530,72	581,29	518,52	560,66

⁽¹⁾ Informações coletadas em janeiro de cada ano, até 1974, e em fevereiro, de 1975 em diante.

⁽²⁾ Média do Estado, valores em cruzeiro correntes.

⁽³⁾ Média do Estado, valores em cruzeiro de fevereiro de 1977, deflacionados pelo Índice "2", de Conjuntura Econômica.

⁽⁴⁾ Índice simples, calculado a partir dos valores em cruzeiro de 1977. Base de comparação: 1969 = 100.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 42 .- Valor da Terra com Benfeitorias, Segundo o Tamanho das Propriedades, Estado de São Paulo, 1969-78⁽¹⁾

Item	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978
Inferior a 7,26ha										
Cr\$/ha ⁽²⁾	...	1.960	2.795	3.460	6.000	13.000	16.390	22.910	34.340	49.711
Cr\$/ha ⁽³⁾	...	10.042	11.990	12.385	18.585	34.444	31.752	33.422	34.340	36.138
Índice ⁽⁴⁾	...	100,00	119,40	123,33	185,07	343,00	316,19	332,82	341,96	359,87
De 7,26 a 24,20ha										
Cr\$/ha ⁽²⁾	942	1.385	2.073	2.600	4.500	10.500	11.720	17.820	26.080	39.545
Cr\$/ha ⁽³⁾	5.786	7.096	8.893	9.307	13.938	27.820	22.705	25.997	26.080	28.748
Índice ⁽⁵⁾	100,00	122,64	153,43	160,85	240,89	480,82	392,41	449,31	450,74	496,85
De 24,20 a 72,60ha										
Cr\$/ha ⁽²⁾	866	1.131	1.626	2.000	3.800	9.100	11.250	15.220	22.090	33.719
Cr\$/ha ⁽³⁾	5.319	5.794	6.975	7.159	11.770	24.111	21.794	22.204	22.090	24.513
Índice ⁽⁵⁾	100,00	108,93	131,13	134,59	221,28	453,30	409,74	417,45	415,30	460,86
De 72,60 a 242ha										
Cr\$/ha ⁽²⁾	718	967	1.401	1.800	3.300	7.800	9.830	13.180	19.230	29.132
Cr\$/ha ⁽³⁾	4.410	4.954	6.010	6.443	10.221	20.666	19.043	19.227	19.230	21.178
Índice ⁽⁵⁾	100,00	112,34	136,28	146,10	231,77	468,62	431,81	435,99	436,05	480,22
Superior a 242,00ha										
Cr\$/ha ⁽²⁾	624	891	1.234	1.620	2.700	7.000	8.430	11.410	17.210	24.917
Cr\$/ha ⁽³⁾	3.833	4.565	5.293	5.799	8.363	18.547	16.331	16.645	17.210	18.114
Índice ⁽⁵⁾	100,00	119,10	138,09	151,29	218,18	483,88	426,06	434,26	449,00	472,58

(¹) Informações coletadas em janeiro de cada ano até 1974. A partir de 1975 coletadas em fevereiro de cada ano.

(²) Média do Estado, valores em cruzeiro corrente.

(³) Média do Estado, valores em Cr\$ de fevereiro de 1977 pelo índice "2" de Conjuntura Econômica.

(⁴) Índice simples, calculado a partir dos valores em Cr\$ de 1977. Base de comparação: 1970 = 100.

(⁵) Índice simples, calculado a partir dos valores em Cr\$ de 1977. Base de comparação: 1969 = 100.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 43.- Arrendamento de Terras para Lavouras, Estado de São Paulo, 1968-77

Ano(¹)	Em dinheiro			Em espécie							
				Algodão		Amendoim		Arroz		Milho	
	Cr\$/ha(²)	Cr\$/ha(³)	Índice(⁴)	15kg/ha(⁵)	Índice(⁶)	25kg/ha(⁵)	Índice(⁶)	60kg/ha(⁵)	Índice(⁶)	60kg/ha(⁵)	Índice(⁶)
1968	70,25	560,37	100,00	19,0	100,00	17,8	100,00	7,4	100,00	12,0	100,00
1969	93,20	614,76	109,71	18,0	94,74	17,1	96,07	5,4	72,97	8,4	70,00
1970	104,85	584,77	104,35	18,6	97,89	14,5	81,46	7,7	104,05	10,6	88,33
1971	137,00	639,33	114,09	16,7	87,89	16,0	89,89	6,3	85,13	10,5	87,50
1972	180,00	724,22	129,24	16,3	85,79	16,0	89,89	7,1	95,94	8,9	74,17
1973	306,00	1.071,00	191,12	17,6	92,63	17,8	100,00	8,5	114,86	11,5	95,83
1974	397,00	1.043,46	186,21	17,0	89,47	16,0	89,89	9,0	121,62	11,0	91,67
1975	504,00	1.022,91	182,54	19,7	103,68	16,6	93,26	8,1	109,46	11,3	94,17
1976	759,83	1.056,22	188,49	18,0	94,74	16,0	89,89	10,0	135,13	19,0	158,33
1977	986,00	986,00	175,96	17,0	89,47	16,0	89,89	9,0	121,62	15,0	125,00

(¹) Informações coletadas em novembro de cada ano.

(²) Média do Estado, valores em cruzeiro corrente.

(³) Média do Estado, valores em Cr\$ de novembro de 1977 pelo Índice "2" de Conjuntura Econômica.

(⁴) Índice simples, calculado a partir dos valores em Cr\$ de 1977. Base de comparação: 1968 = 100.

(⁵) Média do Estado, ponderada pela produção em cada DIRA, com exceção de 1968.

(⁶) Índice simples. Base de comparação 1968 = 100.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 44 .- Aluguel de Pasto, Estado de São Paulo, 1969-77

Ano ⁽¹⁾	Aluguel mensal por hectare			Aluguel anual por hectare			Aluguel mensal por cabeça		
	Corrente ⁽²⁾	Real ⁽³⁾	Índice ⁽⁴⁾	Corrente ⁽²⁾	Real ⁽³⁾	Índice ⁽⁴⁾	Corrente ⁽²⁾	Real ⁽³⁾	Índice ⁽⁴⁾
1969	4,14	27,24	100,00	45,87	301,81	100,00	3,42	22,50	100,00
1970	5,41	35,60	130,69	59,11	388,93	128,87	4,42	29,08	129,24
1971	9,53	42,56	156,24	96,94	432,91	143,44	7,42	33,14	147,29
1972	11,95	45,91	168,54	114,80	441,02	146,12	9,64	37,03	164,58
1973	15,76	52,55	192,91	158,13	527,24	174,69	11,80	39,34	174,84
1974	25,23	64,22	235,76	277,21	705,57	233,78	17,55	44,67	198,53
1975	32,04	65,84	241,70	315,16	647,60	214,57	26,83	55,13	245,02
1976	53,00	77,40	284,14	488,10	712,84	236,19	32,98	48,17	214,09
1977	59,50	59,50	218,43	619,90	619,90	205,39	43,31	43,31	192,49

(¹) Informações coletadas em junho de cada ano.

(²) Média do Estado, valores em cruzeiro corrente, ponderada pela área de pastagem por DIRA.

(³) Média do Estado, valores em Cr\$ de junho de 1977, corrigido pelo Índice "2" de Conjuntura Econômica.

(⁴) Índice simples, calculado com base nos valores reais, 1969 = 100.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 45.- Unidades de Produto Agrícola Necessárias para Adquirir um Hectare de Terra, Estado de São Paulo, 1971-78⁽¹⁾

Produto	Unidade	Unidades necessárias para compra de um hectare							
		1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978 ⁽²⁾
Cafê	sc.60kg	11,45	9,35	11,38	22,85	17,41	7,71	8,83	15,68
Cana-de-açúcar	t	63,10	68,56	97,12	131,78	127,53	130,52	131,43	143,17
Milho	sc.60kg	108,11	119,05	122,22	237,50	213,96	258,97	324,71	246,14
Algodão	15kg	108,49	116,96	140,43	217,14	285,28	187,75	250,91	248,19
Laranja	cx.40kg	245,40	317,46	366,67	1.187,50	1.283,75	1.251,67	736,00	827,31
Arroz	sc.60kg	36,99	41,84	72,26	92,68	79,00	150,20	142,46	99,28
Batata	sc.60kg	70,40	63,69	48,53	115,15	137,48	117,34	119,35	130,63
Feijão	sc.60kg	26,63	26,99	16,84	52,41	57,06	33,91	44,16	59,57
Soja	sc.60kg	48,31	54,95	56,00	113,43	123,73	136,55	129,88	141,82
Carne bovina	15kg	20,26	22,56	15,00	41,20	34,32	68,00	63,23	57,17
Leite	1.000 l	2,23	2,58	1,90	4,68	3,00	5,12	4,64	4,63

⁽¹⁾ Para os produtos vegetais o valor da terra refere-se à terra nua, de primeira. tagem.

Para a pecuária refere-se à terra para pas

⁽²⁾ Dados provisórios.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

- Sementes

As vendas de sementes efetuadas pela Secretaria da Agricultura, na safra 1977/78 (quadro 46), apresentaram variações positivas para o arroz (34,4%), feijão de mesa (18,1%) e trigo (40,9%) e negativas, embora pouco significativas, para o algodão (-6,4%), amendoim (-4,9%), milho híbrido (-2,0%), milho variedade (-0,6%) e soja (-1,6%). Estas variações foram, no todo ou em parte, compensadas pelas vendas por firmas particulares, com exceção da semente de amendoim, cuja venda apresentou decréscimo total de 27%. Estas firmas (quadros 46 e 47) aumentaram suas vendas de soja (28,8%), milho híbrido (22,2%) e milho variedade (53,1%) e reduziram as de arroz (-21,2%).

As quedas dos preços de alguns produtos, na safra 1976/77, concorreram para seu menor cultivo no ano 1977/78, o que redundou em menor procura de suas sementes.

Para o amendoim, o decréscimo da venda foi devido à pequena disponibilidade de sementes, o que ocasionou o uso de sementes próprias, já que foi constatado um aumento na área do plantio das águas e da seca.

Para o milho híbrido houve um acréscimo nas vendas de sementes, pelas firmas particulares, o mesmo ocorrendo para o milho variedade. Na safra 1977/78, a Secretaria da Agricultura deteve menos de 30% do mercado de sementes melhoradas de milho, cabendo o restante à iniciativa privada.

Quanto ao feijão, o alto preço da semente melhorada e a pequena disponibilidade em poder da Secretaria da Agricultura propiciaram um aumento de suas vendas inferior à elevação da área plantada, e conseqüente aumento no uso de sementes próprias. No caso da soja, o aumento das vendas foi proporcionado exclusivamente pelas firmas particulares.

Das espécies relatadas apenas o arroz, o milho e o trigo apresentaram um crescimento de vendas significativo em relação à área plantada.

A disponibilidade de sementes produzidas em campos de cooperação, orientados para a safra 1978/79, é estimada em: algodão, 1.050.000 sacas de 30kg; amendoim, 520.000 caixas de 20kg; arroz, 160.000 sacas de 50kg; centeio, 500 sacas de 50kg; centrosema, 2.000 sacas de 1kg; capim coloniã, 80.000 sacas de 1kg; crotalária, 1.500 sacas de 50kg; dolichos, 500 sacas de 50kg; feijão, 40.000 sacas de 50kg; galáctea, 2.000 sacas de 1kg; guandu, 800 sacas de 50kg; mamona, 2.500 sacas de 30kg; mucuna, 2.200 sacas de 50kg; milho, 200.000 sacas de 50kg; quiabo, 4.000 sacas de 1kg; seringueira, 1.000 sacas de 1kg; soja, 170.000 sacas de 50kg; soja prene, 4.000 sacas de 1kg; trigo, 250.000 sacas de 50kg.

Para esta estimativa a Secretaria da Agricultura dispõe das seguintes quantidades de sementes genéticas e básicas para a produção nos campos de cooperação: algodão, 85.000 sacas de 30kg; amendoim, 13.000 caixas de 20kg; arroz, 22.000 sacas de 50kg; centeio, 50 sacas de 50kg; centrosema, 100 sacas de 1kg; coloniã, 500 sacas de 1kg; crotalária, 12 sacas de 50kg; dolichos, 40 sacas de 50kg; feijão, 7.000 sacas de 50kg; galáctea, 100 sacas de 1kg; guandu, 12 sacas de 50kg; mamona, 70 sacas de 30kg; mucuna, 95 sacas de 50kg; milho híbrido, 10.000 sacas de 40kg; milho doce, 500 sacas de 1kg; milho pipoca, 2.000 sacas de 1kg; milho variedade, 2.000 sacas de 50kg; quiabo, 200 sacas de 1kg; soja, 20.000 sacas de 50kg; soja perene, 200 sacas de 1kg; stylosantes, 20 sacas de 1kg; trigo, 15.000 sacas de 50kg.

(IEA, 17/07/1978)

QUADRO 46 . - Venda de Sementes para Plantio no Estado de São Paulo, Secretaria da Agricultura, Safras 1976/77 e 1977/78

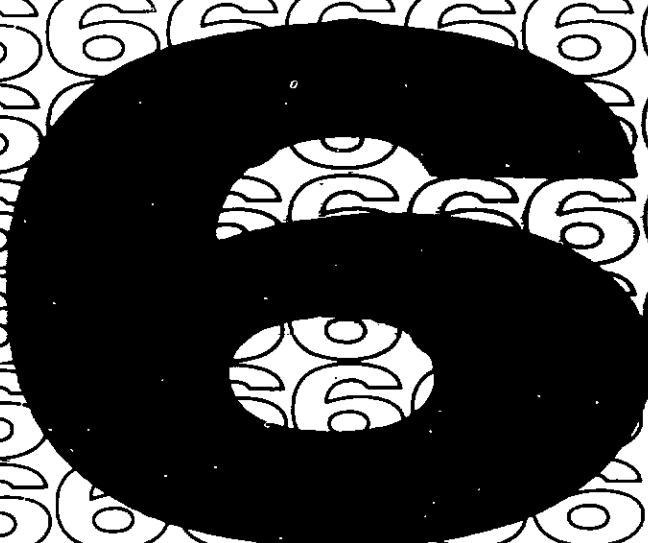
Semente	Unidade	1976/77 (a)	1977/78 (b)	Variação percentual (b/a)
Algodão	sc.30kg	463.665	434.139	- 6,4
Amendoim	cx.20kg	156.367	148.646	- 4,9
Arroz	sc.60kg	78.643	105.666	34,4
Feijão de mesa	sc.50kg	13.822	16.326	18,1
Milho híbrido	sc.50kg	141.020	112.246	- 2,0
Milho variedade	sc.50kg	10.592	9.981	- 0,6
Soja	sc.50kg	96.187	80.678	- 1,6
Trigo	sc.50kg	134.479	189.478	40,9

Fonte: Projeto de Sementes, PSM-CAS-CATI.

QUADRO 47 . - Venda de Sementes para Plantio no Estado de São Paulo, Firmas Particulares, Safras 1976/77 e 1977/78

Semente	Unidade	1976/77 (a)	1977/78 (b)	Variação percentual (b/a)
Amendoim	cx.20kg	70.832	17.031	-76,0
Arroz	sc.50kg	11.470	9.039	-21,2
Soja	sc.50kg	91.437	117.770	28,8
Milho híbrido	sc.50kg	227.345	227.986	22,2
Milho variedade	sc.50kg	15.167	23.221	53,1

Fonte: Projeto de Sementes, PSM -CAS-CATI.



FEA

**MERCADO DE
PRODUTOS**

6 - MERCADOS DE PRODUTOS

- Pecuária de Corte

- Panorama internacional

A produção mundial de carne bovina, que vinha apresentando tendência de aumento em 1977, teve seu ritmo comprometido, com uma produção de 46,6 milhões de toneladas, ou seja, praticamente a mesma observada em 1976, conforme estimativa divulgada pela FAO.

Os Estados Unidos, principal país produtor, teve seu rebanho bovino diminuído em 4% em relação a 1976, com os abates e a produção de carne reduzidos de 3,1% e 2,6%, respectivamente.

O rebanho bovino na Comunidade Econômica Européia (CEE), que vinha decrescendo desde 1975, praticamente se estabilizou em 1977, quando se estimou o número de cabeças em 76,8 milhões, tendo entretanto os abates e a produção de carne sofrido decréscimos de 3,5% e 3,8%, respectivamente (quadro 48). Com a melhoria na produção de alimentos para o gado, prevista para este ano, estima-se um incremento no rebanho bovino da CEE de 1,3% em relação a 1977.

Na Austrália a tendência de redução do rebanho bovino parece ter-se acentuado em 1977, devido a um aumento de 5,8% nos abates, o que resultou em incremento de 6,8% na oferta de carne em relação ao período anterior.

Na Argentina, os abates aumentaram 2,2% no ano passado, enquanto a produção total de carne bovina cresceu 4%.

Quanto ao comércio internacional de carne bovina, as exportações totais da Austrália, Nova Zelândia, Argentina e Uruguai (quadro 49) atingiram 1.610 mil toneladas em 1976, aumentando para 1.706 mil toneladas em 1977. O principal fator determinante desse aumento foi o crescimento das importações dos países exportadores de petróleo (Irã, Egito, Arábia Saudita, Coveite, Iraque e Líbia), juntamente com Europa Oriental e União Soviética.

Por outro lado, houve redução de 1.141 mil toneladas, em 1976, para 1.121 mil toneladas em 1977, quando se consideram as importações globais realizadas pelos Estados Unidos, CEE, Canadá e Japão, tradicionais países importadores (quadro 49).

Quanto aos preços no mercado internacional, os mesmos não tiveram um comportamento uniforme, tendo os países do Oriente Próximo e de economia centralizada adquirido o produto por preços superiores aos pagos pelos países tradicionalmente importadores, principalmente Estados Unidos.

Estima-se que o valor das exportações argentinas esteve em torno de US\$830/t em 1977 em comparação aos US\$705 e US\$765, respectivamente nos anos de 1976 e 1975. Considerando que no período de 1972-74 os preços médios estiveram em torno de US\$1.058/t, a maior cotação verificada em 1977 parece confirmar as expectativas de que se caminha para a recuperação dos preços mundiais do produto.

- Situação interna

O rebanho de corte no Estado de São Paulo vem sofrendo diminuições sucessivas nos últimos anos, resultando numa taxa geométrica de crescimento negativa (-1% a.a.) no período 1974-78 (quadro 50). Um dos fatores que influenciaram no decréscimo do rebanho foram os preços recebidos pelos produtores que, desestimulados com os retornos proporcionados pela atividade, optaram pelo abate cada vez maior de fêmeas, provocando um desequilíbrio na reposição de animais (quadro 51).

Pela análise dos quadros 52, 53 e 54, pode-se observar a desvalorização crescente no preço do boi gordo, boi magro e bezerro, iniciada no segundo semestre de 1974, e a tendência de recuperação a partir de 1977. Comparando-se os preços médios recebidos pelos pecuaristas, de janeiro a junho, no período 1974-77, verifica-se que a desvalorização acumulada foi maior para o bezerro (-60%), seguida pelo boi magro (-53%) e boi gordo (-35%), confirmando a assertiva de que, em situações críticas, a atividade de cria é a mais atingida.

Em relação ao ano passado, todavia, os preços médios recebidos pelos produtores apresentaram os seguintes índices de crescimento em valor real: 59% para bezerro, 39% para boi magro e 21% para boi gordo. Essas altas devem-se, principalmente, à escassez de animais no mercado, tanto para reposição de rebanhos como para abate.

O padrão da variação estacional do preço médio da arroba do boi gordo recebido pelos pecuaristas encontra-se na figura 5.

Segundo dados do Sindicato da Indústria do Frio do Estado de São Paulo, a porcentagem de fêmeas abatidas em relação ao total de abates, nos frigoríficos filiados, apresentou um crescente aumento no período 1975-77 e uma redução nos primeiros meses deste ano, em resposta à melhoria de preços que se vem observando (quadro 51).

Estimativas do IEA indicam que a produção de carne no Estado, em 1977, foi de 438.863 toneladas, 4% inferior à do ano anterior, devido em grande parte ao aumento no abate de fêmeas no passado. Para 1978 está previsto um aumento de aproximadamente 6% em relação ao ano anterior que poderia ser atribuído à maior entrada de animais provenientes de outros estados para engorda em São Paulo.

No tocante à formação dos estoques reguladores da Companhia Brasileira de Alimentos (COBAL), segundo fontes oficiais, em 1977 foram estocadas 208.974 toneladas do produto, sendo que São Paulo contribuiu com 47% desse volume. A distribuição dos estoques aos supermercados teve início em julho para o abastecimento das cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, num regime de coexistência com a carne fresca, vendida nos açougues, onde somente em meados de agosto teve sua venda definitivamente suspensa. A carne congelada, colocada no mercado até janeiro deste ano, não conseguiu pressionar para baixo os preços do boi gordo, obrigando assim o Governo a tomar medidas no sentido de refrear as altas observadas, como, por exemplo, a decisão tomada pelo Conselho Nacional de Abastecimento (CONAB), em setembro de 1977, no sentido de restringir o abate mensal de bovinos, nos frigoríficos sob inspeção federal, em 40% da média de abates realizados nos meses de março a maio daquele ano.

Além dessa medida, em fins de outubro, o Conselho Monetário Nacional (CMN) isentou do depósito prévio a importação de 120 mil toneladas de carne bovina resfriada ou congelada procedente da Argentina e Uruguai.

As importações nessas condições tiveram início em março de 1978, devendo se estender até dezembro e, segundo informações, até fins de junho já teriam entrado no País cerca de 40 mil toneladas ao preço médio de US\$790/t.

Quanto aos estoques, reguladores, a previsão da COBAL era adquirir, este ano, 225 mil toneladas; segundo fontes oficiais até fins de maio os contratos teriam alcançado o total de 193 mil toneladas. A estocagem teve início em março estendendo-se até junho. Os preços de contratação foram de Cr\$29,50/kg para traseiro e Cr\$17,90/kg para o dianteiro, ambos desossados. Para os traseiros com osso, os preços foram de Cr\$21,30/kg de boi e Cr\$19,10/kg de vaca. Quanto aos dianteiros com osso, os preços estipulados foram de Cr\$12,90/kg e Cr\$11,60/kg, respectivamente para boi e vaca. Convém salientar que através de acordo de cavalheiros firmado entre frigoríficos e Governo, a COBAL deverá pagar uma quantia extra de Cr\$2,10/kg aos frigoríficos na ocasião da distribuição do produto no mercado.

As exportações brasileiras de carne bovina, em 1977, segundo a CACEX, atingiram 99.425 toneladas, 52% a mais que em 1976. A quantidade exportada de carne bovina fresca, refrigerada ou congelada, foi de 31.246 toneladas, correspondendo a um aumento de 171% em relação ao ano anterior. Já o produto industrializado apresentou crescimento de apenas 6%, com as exportações atingindo 68.179 toneladas. As exportações do produto fresco, refrigerado ou congelado, alcançaram um valor de US\$39.561.000-FOB, correspondendo a um aumento de 147% sobre os valores de 1976; por outro lado, as do produto industrializado totalizaram US\$118.826.000 - FOB, ou seja, 5% mais que no ano anterior.

Para a carne congelada, os principais mercados consumidores do produto brasileiro, em 1977, foram Nigéria (10.843t), Itália (5.133t), Israel (4.035t), Alemanha Ocidental (3.147t), França (1.953t) e Países Baixos (1.818t). Para o produto industrializado, destacam-se como maiores consumidores Espanha (25.129t), Porto Rico (20.606t), Singapura (2.760t), Canadá (2.423t) e Alemanha Ocidental (1.094t).

- Perspectivas

As perspectivas para 1978 indicam uma possível redução na produção mundial de carne bovina. Enquanto que para os países de economia centralizada está prevista uma recuperação moderada na produção, o mesmo não deverá ocorrer nos países desenvolvidos, onde espera-se uma queda na produção.

Quanto ao comércio internacional, os países exportadores de petróleo deverão aumentar suas importações este ano, enquanto que os de economia planificada provavelmente diminuirão suas compras. Nos Estados Unidos, Canadá e Japão o volume de importações dependerá das cotas fixadas pelos respectivos governos em função de suas produções. Na CEE ainda não se espera um aumento nas importações de carne por parte dos países membros.

Os preços no mercado internacional tenderão a uma possível alta.

No mercado interno, o comportamento dos preços reais recebidos pelos produtores em fins de 1977 e início deste ano indicam uma tendência altista, com possível recuperação na rentabilidade do setor; fato que, a curto prazo, poderá gerar diminuição na oferta de animais para abate na expectativa de maiores altas. A nível de consumo poderão surgir problemas de abastecimento considerando-se que, além da possível retração na oferta, há expectativa de

aumento na demanda de carne bovina, influenciada pelo problema da "peste suína" que vem repercutindo negativamente a nível de consumidor da carne suína.

Pode ocorrer, entretanto, maior atuação do Governo no sentido de suprir o mercado e conter os custos a nível de varejo, como medida de política antiinflacionária. Entre outras medidas poderia ocorrer o aumento das importações de carne, uma vez que os preços no mercado externo, atualmente, são inferiores aos do interno, embora fosse mais aconselhável uma promoção junto à população no sentido de maior consumo de outras carnes produzidas internamente.

(IEA, 20/07/1978)

QUADRO 48. - Rebanho Bovino, Abates e Produção de Carne, 1976-77

País	Rebanho	Abate	Carne (1.000t)
	1.000 cabeças		
Argentina			
1976	58.174	13.724	2.906
1977	60.200	14.000	3.020
Austrália			
1976	33.434	11.247	1.871
1977	32.060	11.900	2.000
Canadá			
1976	15.154	5.350	1.139
1977	14.628	5.374	1.139
CEE			
1976	77.290	28.106	6.553
1977	76.872	27.125	6.285
Estados Unidos			
1976	127.976	48.004	12.012
1977	122.897	46.560	11.692
Nova Zelândia			
1976	9.777	3.902	628
1977	9.472	3.605	549
Uruguai			
1976	10.701	1.417	295
1977	10.241	1.100	230

Fonte: FAO.

QUADRO 49. - Comércio Internacional de Carne Bovina, 1976-77

(em 1.000t)

País	1976	1977
Exportação	1.610	1.706
Austrália	882	1.000
Nova Zelândia	242	255
Argentina	293	321
Uruguai	193	130
Importação	1.141	1.121
Canadá	102	66
Estados Unidos	644	655
Japão	139	135
CEE	256	265

Fonte: FAO.

QUADRO 50. - Evolução do Rebanho Bovino de Corte em São Paulo, 1974-78

(em 1.000 cabeças)

DIRA	1974	1975	1976	1977	1978 ⁽¹⁾
São Paulo	99	107	115	106	105
Vale do Paraíba	183	188	170	155	153
Sorocaba	548	584	600	576	562
Campinas	292	276	292	271	261
Ribeirão Preto	743	721	716	686	684
Bauru	466	473	504	512	523
São José do Rio Preto	1.440	1.407	1.231	1.249	1.230
Araçatuba	1.269	1.358	1.329	1.369	1.298
Presidente Prudente	1.360	1.393	1.406	1.417	1.312
Marília	643	714	712	622	636
Total do Estado	7.044	7.221	7.074	6.965	6.765

(¹) Estimativa até abril.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 51. - Abates de Bovinos, Estado de São Paulo, pelos Abatedouros Sindicalizados, 1972-78

(em 1.000 cabeças)

Ano	Total	Machos	Fêmeas	Fêmeas/total (%)
1972	1.495	1.432	64	4
1973	1.568	1.488	80	5
1974	1.404	1.328	77	5
1975	1.839	1.633	206	11
1976	2.281	1.707	574	25
1977	2.370	1.736	633	27
1977 ⁽¹⁾	1.074	785	289	27
1978 ⁽¹⁾	975	800	175	18

⁽¹⁾ Até abril.

Fonte: Sindicato da Indústria do Frio do Estado de São Paulo.

QUADRO 52. - Preço Médio do Boi Gordo em São Paulo, 1973-78

(em Cr\$/15kg)

Mês	1973		1974		1975		1976		1977		1978	
	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾
Jan.	53,45	189,30	91,44	278,38	115,80	262,14	132,31	229,68	160,70	189,70	267,30	229,75
Fev.	63,97	223,99	90,95	269,58	113,36	251,10	131,00	218,51	164,00	187,52	270,10	224,51
Mar.	62,80	216,82	94,31	267,35	110,23	240,29	136,48	219,36	167,70	184,25	275,30	221,53
Abr.	63,13	214,96	113,28	303,72	107,70	230,71	136,80	212,15	168,30	177,65	277,50	215,99
Mai.	63,85	215,04	111,59	289,15	108,90	228,52	134,00	200,76	169,80	173,00	279,10	210,50
Jun.	64,65	215,38	105,32	267,85	107,31	220,32	134,20	195,83	169,60	169,45	290,40	211,39
Jul.	66,75	220,60	110,79	278,33	106,56	214,16	135,90	191,09	179,80	176,00
Ago.	77,39	253,06	113,74	282,29	111,09	217,26	147,60	199,38	195,30	188,74
Set.	97,24	314,63	112,10	273,29	110,77	211,61	149,00	194,68	225,40	213,98
Out.	112,80	359,33	112,83	271,32	120,10	224,57	155,60	198,47	252,00	232,97
Nov.	116,23	366,48	114,48	271,07	134,51	245,94	160,90	201,49	266,00	239,63
Dez.	104,59	325,63	116,58	259,84	132,95	238,15	155,90	190,78	266,90	235,47

⁽¹⁾ Corrigido de acordo com o Índice "2" da FGV (ano base : 1977).

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 53. - Preço Médio do Boi Magro em São Paulo, 1973-78

(em Cr\$/cabeça)

Mês	1973		1974		1975		1976		1977		1978	
	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾
Jan.	671,40	2.377,80	934,62	2.845,30	1.239,84	2.806,68	1.248,75	2.167,78	1.246,50	1.471,52	2.306,50	1.982,50
Fev.	686,14	2.402,45	1.017,20	3.015,00	1.197,74	2.653,05	1.226,00	2.045,00	1.307,00	1.494,41	2.454,80	2.040,43
Mar.	696,88	2.405,99	1.206,25	3.419,55	1.155,91	2.519,75	1.273,83	2.047,40	1.388,00	1.524,95	2.663,00	2.142,89
Abr.	722,09	2.458,69	1.259,00	3.375,55	1.119,53	2.398,15	1.273,33	1.974,70	1.472,20	1.553,92	2.840,10	2.210,56
Mai.	723,32	2.436,03	1.326,11	3.436,22	1.146,93	2.406,80	1.310,77	1.963,77	1.485,70	1.513,87	2.891,20	2.180,58
Jun.	740,66	2.467,54	1.277,45	3.248,82	1.129,36	2.318,76	1.297,90	1.893,99	1.584,80	1.583,52	2.965,00	2.158,28
Jul.	777,99	2.571,11	1.281,06	3.218,28	1.108,81	2.228,44	1.282,60	1.803,52	1.643,40	1.608,26
Ago.	867,21	2.835,64	1.280,83	3.178,93	1.114,54	2.179,71	1.286,40	1.737,70	1.698,10	1.641,00
Set.	976,59	3.159,85	1.230,13	2.998,90	1.119,46	2.138,57	1.262,00	1.648,87	1.785,90	1.695,37
Out.	1.067,10	3.399,32	1.199,96	2.885,50	1.151,23	2.152,68	1.309,00	1.669,68	1.984,70	1.834,78
Nov.	1.156,09	3.645,22	1.163,41	2.754,75	1.237,89	2.263,36	1.286,00	1.610,43	2.102,90	1.894,46
Dez.	1.023,20	3.185,58	1.244,46	2.880,44	1.240,00	2.221,21	1.266,90	1.550,38	2.207,50	1.947,52

⁽¹⁾ Corrigido de acordo com o Índice "2" da FGV (ano base : 1977).

Fonte: IEA

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 54. - Preço Médio dos Bezerros em São Paulo, 1973-78

(em Cr\$/cabeça)

Mês	1973		1974		1975		1976		1977		1978	
	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾
Jan.	338,42	1.198,53	449,58	1.368,67	517,24	1.170,90	481,28	835,48	471,40	558,62	965,10	829,53
Fev.	360,80	1.263,31	467,02	1.384,26	493,93	1.099,08	494,00	824,00	518,50	592,85	1.062,60	883,23
Mar.	364,02	1.256,78	491,14	1.392,31	460,30	1.048,30	480,90	772,94	536,90	589,85	1.167,20	939,23
Abr.	348,20	1.185,60	558,08	1.496,29	463,66	1.032,97	482,42	748,15	565,70	597,10	1.248,70	971,90
Mai.	387,93	1.306,49	597,15	1.547,34	464,77	1.026,90	489,36	733,15	572,30	583,15	1.292,50	974,82
Jun.	395,33	1.317,06	573,32	1.458,07	451,69	996,19	485,20	708,04	578,40	578,00	1.347,50	980,87
Jul.	405,43	1.339,87	590,90	1.484,46	435,05	981,57	488,40	686,75	618,50	605,28
Ago.	444,98	1.455,01	571,90	1.419,42	423,59	947,15	484,30	654,20	656,70	634,62
Set.	503,26	1.628,35	555,67	1.354,65	406,21	950,21	497,40	649,88	741,20	703,62
Out.	511,20	1.628,46	554,70	1.333,87	433,49	888,00	474,90	605,75	832,60	769,70
Nov.	523,01	1.649,08	556,98	1.318,83	474,73	897,20	490,70	614,50	860,00	774,76
Dez.	465,23	1.448,42	517,04	1.196,82	471,23	866,81	483,90	592,17	885,50	781,22

⁽¹⁾ Corrigido de acordo com o Índice "2" da FGV (ano base : 1977).

Fonte: IEA.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

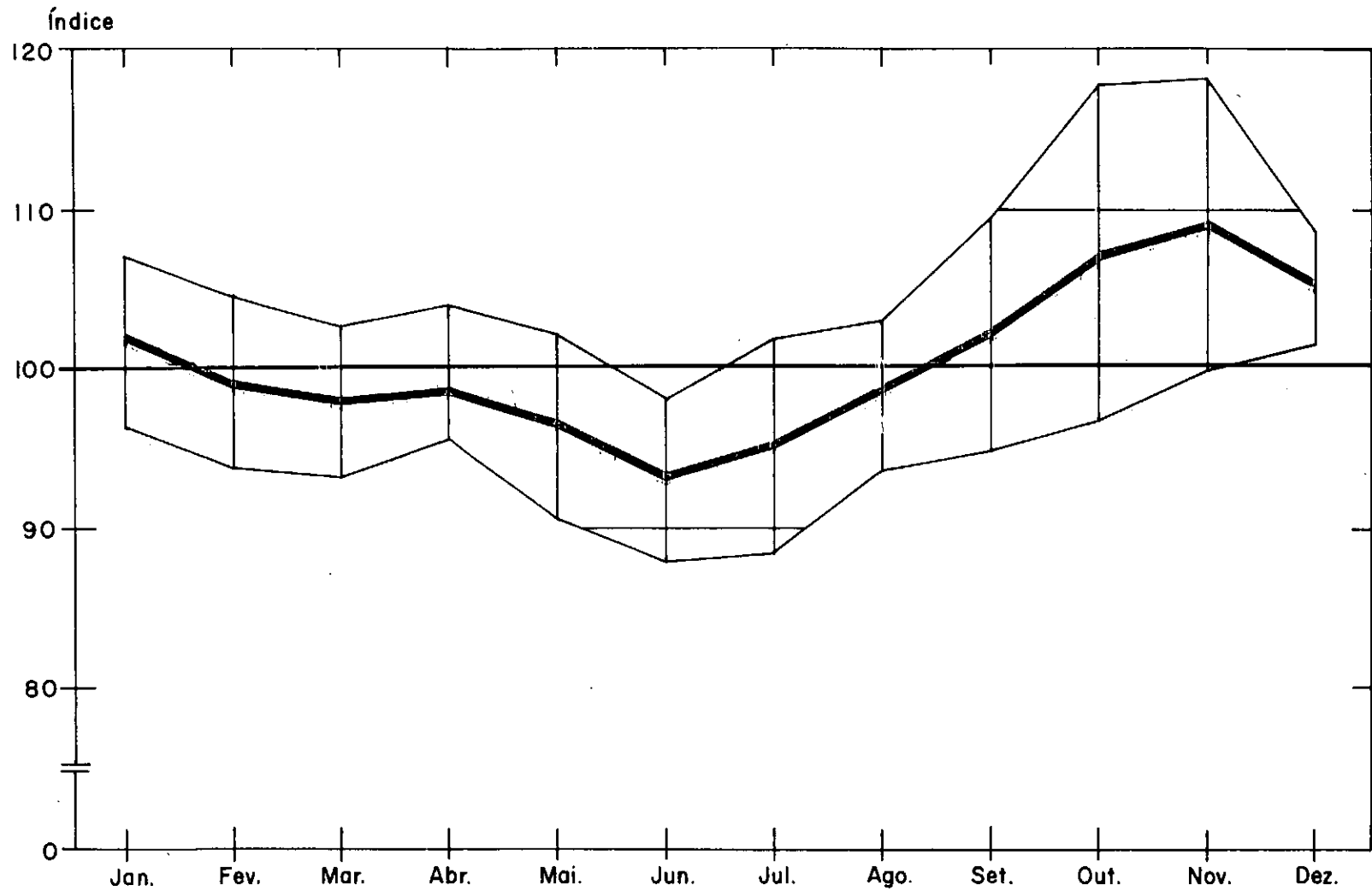


FIGURA 5. - Variação Estacional do Preço Médio Recebido pelos Produtores, Boi Gordo, Estado de São Paulo, 1971-77.

- Pecuária Leiteira

- Panorama internacional

A produção mundial de leite, em 1977, foi de 443,8 milhões de toneladas, 3% acima da produção do ano anterior, com o leite de vaca apresentando menor taxa de crescimento (1,2%), alcançando 398,7 milhões de toneladas. Taxa idêntica de incremento foi verificada nos países da Europa Ocidental, enquanto que maiores elevações foram observadas nos Estados Unidos, Europa Oriental, URSS e países subdesenvolvidos.

Frente ao contínuo crescimento da produção de leite e a acumulação de estoques de leite em pó, o Canadá, a Austrália e a Comunidade Econômica Européia (CEE) estabeleceram políticas de contenção da produção nos últimos anos.

Na Austrália, a produção caiu 8% em relação ao ano anterior em decorrência da política governamental de reduzir o número de vacas em produção, em adição aos dois anos de seca em importantes áreas de produção.

Nos países da Comunidade Econômica Européia, a política adotada foi a de compensar os produtores que estivessem dispostos a reduzir o número de vacas leiteiras, substituindo essa atividade pela pecuária de corte. Entretanto, devido aos preços favoráveis das forragens, expectativas de melhoria nos preços de leite e possíveis dificuldades na comercialização da carne bovina, verificou-se pouco interesse dos produtores, o que poderá impedir a consecução do objetivo de retrair a produção. As boas condições de pastagens e os baixos preços de concentrados nos países desenvolvidos também deverão se contrapor aos objetivos de redução da produção leiteira, fazendo com que a mesma permaneça nos mesmos níveis.

Os Estados Unidos continuam com seu programa de suporte de preços, tendo a produção totalizado 58,5 milhões de toneladas em 1977, 2% a mais do que em 1976, graças a um aumento na produtividade já que houve declínio no número de vacas leiteiras. A combinação do aumento na produção, demanda estabilizada e altos estoques de produtos lácteos no início de 1977 resultou em compras pelo USDA, sob o programa de suporte de preços, do equivalente a 2,8 milhões de toneladas de leite, a maior aquisição desde 1971.

De janeiro a março de 1978, a produção americana permaneceu nos mesmos níveis de 1977, ainda que o rebanho leiteiro continuasse em declínio. Com o aumento no preço de leite em abril poderá ser estimulada a alimentação animal com grãos e concentrados e, em decorrência, são esperados ganhos substanciais na produção por vaca.

Com a demanda de produtos lácteos crescendo menos que a produção em muitos países desenvolvidos, os estoques de laticínios têm permanecido altos, particularmente na CEE e nos EUA.

Nos últimos anos, as importações de leite e produtos lácteos efetuadas por países em desenvolvimento ultrapassaram 8 milhões de toneladas. A médio prazo, admite-se a possibilidade desses países absorverem os excedentes da Comunidade Econômica Européia e de outros países.

- Situação interna

A produção brasileira de leite em 1977 apresentou crescimento em torno de 5%, alcançando o volume de 10,2 bilhões de litros.

No Estado de São Paulo foram produzidos 1,58 bilhão de litros, 3% superior a de 1976, graças à recuperação do setor no segundo semestre.

Embora os reajustes de preços, realizados em março, maio e junho, representem um aumento acumulado de 52% em valores correntes, o preço médio anual recebido pelos produtores (Cr\$2,70/litro), em valor real, foi praticamente o mesmo que o verificado no ano anterior.

As chuvas no último trimestre favoreceram a produção de leite C em toda região Centro-Sul. A oferta de leite B, cujo mercado consumidor é ainda limitado, também apresentou crescimento no decorrer de 1977. Dessa forma, após difícil início de ano, com déficit no abastecimento e necessidade de importação de leite em pó (aproximadamente 48 mil toneladas), a oferta total de leite na Grande São Paulo, em 1977, conseguiu se situar praticamente no mesmo nível de 1976. Ressalte-se que a oferta de leite B foi responsável por 36% do suprimento anual e foi cerca de 22% superior à do ano anterior.

No primeiro semestre de 1978 observou-se maior produtividade das vacas leiteiras e, conseqüentemente, em algumas regiões a produção chegou a ser 35% superior à do mesmo período de 1977, já que a seca ocorrida em fevereiro e abril não foi prejudicial para todas as regiões do Estado de São Paulo.

Destaque-se que, em virtude do clima de confiança existente, o mercado de vacas leiteiras apresentou-se firme, com cotação em maio de 1978 cerca de 70% superior à de maio de 1977. Por outro lado, no mesmo período, os insumos apresentaram altas nominais de 24% a 62% para vacinas, 30% para sal comum e 10% para farelo de algodão.

A partir de 25 de abril do corrente ano, o preço recebido pelo produtor foi reajustado para Cr\$3,80/l quando destinado às capitais e regiões metropolitanas da região Centro-Sul e Cr\$3,70/l quando destinado ao consumo dos próprios municípios produtores e também para fins industriais.

O abastecimento da Grande São Paulo, no primeiro semestre de 1978, foi em média de 1.782 mil litros/dia, com desempenho bem superior ao de 1977 (1.485 mil litros/dia), mas mesmo assim não satisfazendo totalmente a demanda (quadro 55).

A redução na exigência do teor de gordura (2,5%) no leite C ofertado nas regiões metropolitanas e capitais do Centro-Sul e em algumas localidades do Estado de São Paulo provocou excedente de manteiga no mercado brasileiro. Em decorrência, foi autorizada a troca, através da COBAL, de 5.700t de manteiga brasileira por 8 mil toneladas de leite em pó do exterior, que deverão estar no País até 15 de agosto.

A partir de 19 de julho de 1978 (Portaria nº 40 de 29 de junho de 1978), nas bacias leiteiras do Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Goiás, Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Distrito Federal, os preços do litro de leite fixados a nível produtor, passaram a ser:

- Cr\$4,16 - na plataforma da usina regional quando destinado às capitais; e
- Cr\$4,05 - na plataforma da usina regional, quando destinado às demais localidades dos referidos estados, e também na plataforma das indústrias específicas de leite em pó e laticínios.

Na referida Portaria permanecem ainda, no varejo, as exigências quanto ao teor de gordura em função do destino do produto (2,5% para capitais e algumas cidades de São Paulo, e 3%, para as demais localidades).

- Perspectivas

A nível mundial, as previsões para 1978 sugerem outro recorde na produção de leite de vaca, sendo esperadas 404 milhões de toneladas, aproximadamente 2% acima do ano passado. Nos principais países produtores da Comunidade Económica Europeia e URSS, significantes incrementos deverão ser obtidos no decorrer do ano. Na CEE as pastagens e os baixos preços de concentrados deverão contrabalançar a redução no número do rebanho. A Austrália e Nova Zelândia de verão continuar com sua tendência de produção declinante.

Igualmente, a produção mundial de leite em pó desnatado deverá crescer 2%, a de queijo deverá aumentar 4%, esperando-se, por outro lado, que os estoques de manteiga sejam reduzidos, já que em 1977 permaneceram em elevação.

Mesmo que se repita a tendência de crescimento da produção brasileira de leite, verificada nos dois últimos anos, esta ainda não conseguirá atender amplamente a demanda do mercado a curto prazo, tanto para o produto "in natura" como para o industrializado.

A melhor condução da atividade e o clima favorável verificado nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo e São Paulo, propiciando boa quantidade de massa verde, têm feito com que a produção não decline na entressafra de 1978. E, no caso específico de São Paulo, segundo estimativas feitas pelo IEA, a produção deverá crescer cerca de 8% em relação a 1977, atingindo assim o recorde de produção verificado em 1971. Embora não se consiga ainda a auto-suficiência, espera-se que este aumento reduza as necessidades de importações. de leite em pó a níveis não superiores a 10.000t. A propósito ressalte-se que foram estocadas, até abril de 1978, cerca de 22.600t de leite em pó, que serão liberadas parceladamente até sentembro, o que deverá favorecer a política de atender ao consumo no período de escassez estacional, sem recorrer a excessivas importações do produto, como ocorreu em anos anteriores.

(IEA, 20/07/1978)

QUADRO 55. - Participação do Leite Tipo B na Distribuição Total na Grande São Paulo, 1975-78

(em 1.000 litros)

Mês	1975		1976		1977		1978	
	Leite B+C	Leite B	Leite B+C	Leite B	Leite B+C	Leite B	Leite B+C	Leite B
Jan.	45.965	8.456	54.495	8.389	47.285	13.688	51.280	15.544
Fev.	43.142	8.194	50.618	9.951	37.822	13.822	58.057	18.555
Mar.	48.759	9.264	53.167	12.013	43.703	16.214	55.670	16.603
Abr.	46.000	11.097	46.858	14.616	44.933	17.202	46.684	16.240
Mai.	46.733	13.068	46.491	15.529	49.943	19.032	53.776	16.956
Jun.	43.292	15.516	35.126	16.021	45.151	17.958	57.062	19.560
Jul.	49.667	9.332	44.700	16.506	48.758	19.604
Ago.	52.167	9.234	45.402	17.243	51.192	20.388
Set.	51.515	9.212	48.555	16.972	49.907	19.518
Out.	54.777	9.152	51.771	15.920	54.430	18.976
Nov.	53.720	8.426	51.900	14.348	52.740	16.418
Dez.	54.244	8.560	51.662	13.544	53.260	16.195
Total	589.981	119.511	580.745	171.052	579.157	209.015

Fonte: Superintendência Nacional de Abastecimento (SUNAB).

- Panorama internacional

Com acréscimo de 13% em relação à safra anterior, a produção mundial de mamona para 1977/78 é atualmente estimada em 760 mil toneladas, devido, principalmente, à recuperação nos dois principais países produtores, ou seja, Brasil e Índia, cujas colheitas são, respectivamente, maiores em 17% e 22%.

Um balanço preliminar da disponibilidade de óleo de mamona para 1977/78 mostra ligeira retração no consumo que deverá atingir 331 mil toneladas. Os estoques finais estimados para o período são de 95 mil toneladas, ligeiramente superiores aos do ano precedente (91 mil toneladas), todavia bem abaixo das 150 mil toneladas registradas em 1974/75.

A redução verificada na produção mundial da safra 1976/77 fez com que a comercialização se processasse a níveis de preços bastante elevados, chegando à média de US\$945/t-CIF Europa em 1977, tendo superado inclusive em alguns meses a casa dos US\$1.000/t (quadro 56). Atualmente os preços estão ao redor de US\$860/t-CIF Europa e a partir de julho espera-se uma relativa baixa nos preços com a entrada do produto do Brasil, Paraguai e Equador.

A redução nas três últimas safras brasileiras anteriores a 1977/78 tem provocado sucessivas elevações nos preços internacionais, despertando o interesse pela cultura em outros países, principalmente em regiões da África e Ásia e mesmo na própria Comunidade Econômica Européia, como é o caso da Itália.

A política da Comunidade Econômica Européia (CEE) de produzir mamona consta de plano quinquenal experimental em que será fixado preço suporte satisfatório, visando restabelecer a cultura na Itália após dez anos de recesso. A produção não deverá, contudo, ser suficiente para evitar importações anuais, atualmente da ordem de 60 mil toneladas de baga e 40 mil toneladas de óleo, mas seu objetivo será o de evitar flutuações irregulares na oferta por parte dos principais fornecedores de óleo (Brasil e Índia) e de baga (Tailândia, Equador, Sudão e Paquistão).

- Situação interna

Condições climáticas adversas reduziram a 266 mil toneladas a produção brasileira de mamona da safra 1977/78, inicialmente prevista em 350 mil toneladas. Mesmo assim a estimativa atual é 20% superior ao volume obtido na safra passada (quadro 57).

Os elevados preços internacionais que vigoraram durante 1977 refletiram no mercado interno, proporcionando elevada expansão na área cultivada no País. Na Bahia, principal estado produtor, incentivos governamentais e condições climáticas normais favoreceram a cultura. Em São Paulo, a despeito do acréscimo de 18% na área plantada, a longa estiagem provocou sérios prejuízos à cultura, resultando no menor rendimento dos últimos 5 anos, de forma que a produção foi a menor registrada até o momento (quadro 58).

Os preços correntes de junho/77 a maio/78 foram em média 47% superiores aos do mesmo período anterior. Em valores reais, entretanto, significam um acréscimo de apenas 3% (quadro 59).

As exportações brasileiras de óleo de mamona, inicialmente previstas em 110 mil toneladas, atingiram 100 mil toneladas em 1977 com uma redução de 29% em relação ao ano preceden-

te (quadro 60). Mesmo assim as altas cotações vigentes no mercado internacional propiciaram mais divisas, já que o preço médio de US\$873 observado em 1977 foi 60% superior ao verificado no ano anterior.

Ao início de 1978 os estoques brasileiros de óleo de mamona estavam ao redor de 33 mil toneladas, abaixo portanto do nível de 1977 (53 mil toneladas), que acrescidos da produção da ordem de 120 mil toneladas perfazem uma oferta global de cerca de 153 mil toneladas. Como o consumo interno mantém-se praticamente estável, ao nível de 40 mil toneladas, calcula-se que os excedentes exportáveis cheguem a 113 mil toneladas.

- Perspectivas

Mesmo com produção mundial superior à do ano passado, espera-se que os preços internacionais permaneçam em níveis relativamente elevados face aos pequenos estoques existentes. Internamente, as expectativas são de certa estabilidade nos preços ou mesmo ligeira baixa, o que não deveria ocorrer em condições normais, em virtude da grande produção obtida na safra de 1977/78, notadamente na Bahia.

No Brasil espera-se uma expansão de área, notadamente nos estados do Nordeste, embora em São Paulo deva ocorrer uma estabilidade na área de plantio, com possibilidades até de uma pequena redução. Segundo previsões não oficiais, a produção brasileira de mamona alcançará na safra 1978/79 a cifra de 300 mil toneladas, havendo mesmo fontes mais otimistas que admitem até 400 mil toneladas.

No Estado de São Paulo, os atuais preços recebidos pelos agricultores são inferiores aos verificados no ano anterior, mesmo com as exportações de óleo pelo Porto de Santos já atingindo cerca de 11 mil toneladas (+16%) no período janeiro-maio. Não se espera que na principal região produtora (Presidente Prudente) ocorra expansão da cultura, tendo em vista os preços relativos estarem mais favoráveis para amendoim, principalmente, além de soja, milho e, mesmo, para o algodão.

(IEA, 21/07/1978)

QUADRO 56. - Cotações de Óleo de Mamona, CIF Europa, 1971-78

(em US\$/t)

Mês	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978
Jan.	353	393	870	946	642	492	834	970
Fev.	338	358	1.070	959	635	534	860	982
Mar.	331	368	1.510	915	588	536	900	970
Abr.	310	389	1.150	865	610	533	1.055	870
Mai.	320	437	1.087	850	604	655	963	837 ⁽¹⁾
Jun.	337	490	947	...	589	730	950	...
Jul.	337	507	1.180	...	593	870	882	...
Ago.	333	455	1.197	...	599	859	954	...
Set.	329	547	1.030	675	589	832	1.000	...
Out.	351	770	1.060	679	541	832	1.013	...
Nov.	357	871	1.040	660	497	789	978	...
Dez.	375	856	990	640	487	818	950	...
Média anual	339	537	1.094	...	582	707	945	...

⁽¹⁾ Preliminar.

Fonte: Oil World Weekly.

QUADRO 57. - Produção Brasileira de Mamona em Baga e Principais Estados Produtores, 1974/75 a 1977/78 ⁽¹⁾

Estado	1974/75		1975/76		1976/77		1977/78 ⁽¹⁾	
	t	%	t	%	t	%	t	%
Bahia	148.000	38,4	106.880	43,9	120.700	54,9	156.600	58,8
São Paulo	37.500	9,7	27.000	11,1	25.000	11,4	22.900	8,6
Paraná	60.000	15,6	43.348	17,8	27.666	12,6	28.300	10,6
Ceará	30.600	7,9	30.600	12,5	18.000	8,2	22.800	8,6
Pernambuco	58.000	15,1	19.225	7,9	17.826	8,1	15.000	5,6
Mato Grosso	15.000	3,9	7.651	3,1	4.075	1,8	13.600	5,2
Outros	36.100	9,4	8.929	3,7	6.443	3,0	7.000	2,6
Brasil	385.200	100,0	243.633	100,0	219.710	100,0	266.200	100,0

⁽¹⁾ Ano agrícola.

⁽²⁾ Estimativas preliminares.

Fonte: Comissão de Financiamento da Produção/MA, Fundação IBGE e Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 58. - Área, Produção e Rendimento da Cultura de Mamona, Estado de São Paulo, 1970/71 a 1977/78

Ano	Área		Produção		Rendimento	
	1.000ha	Varição (%)	1.000t	Varição (%)	kg/ha	Varição (%)
1970/71	54,7	...	52,5	...	960	...
1971/72	56,5	3,3	66,0	25,7	1.168	21,7
1972/73	74,0	31,0	95,0	43,9	1.284	9,9
1973/74	127,6	72,4	155,0	63,2	1.215	-5,4
1974/75	33,9	-73,5	37,5	-75,9	1.106	-9,0
1975/76	22,0	-35,1	27,0	-28,0	1.227	10,9
1976/77	17,8	19,1	25,0	- 9,4	1.404	14,4
1977/78 ⁽¹⁾	21,0	+18,0	22,9	- 8,4	1.090	-22,4

(¹) Estimativa preliminar.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 59. - Preços Recebidos pelos Produtores de Mamona, Estado de São Paulo, 1974-78

(em Cr\$/kg)

Mês	1974		1975		1976		1977		1978	
	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾
Jan.	1,77	5,39	0,82	1,86	1,19	2,06	3,40	4,01	4,51	3,88
Fev.	1,63	4,83	0,82	1,82	1,40	2,33	3,21	3,67	4,74	3,94
Mar.	1,65	4,68	0,77	1,68	1,60	2,57	4,02	4,42	4,40	3,54
Abr.	1,53	4,10	0,76	1,63	1,70	2,64	4,48	4,73	4,33	3,37
Mai.	1,37	3,55	0,79	1,66	2,10	3,15	4,93	5,02	4,42	3,43
Jun.	1,14	2,90	0,89	1,83	2,60	3,79	4,88	4,88
Jul.	1,06	2,66	1,02	2,05	3,10	4,36	4,95	4,84
Ago.	0,91	2,26	1,54	3,01	3,30	4,46	4,67	4,51
Set.	0,85	2,07	1,37	2,62	3,20	4,18	5,00	4,75
Out.	0,83	2,00	1,31	2,56	2,87	3,66	5,15	4,76
Nov.	0,82	1,94	1,16	2,12	2,80	3,51	5,36	4,83
Dez.	0,85	1,97	1,19	2,13	3,05	3,73	5,23	4,61

(¹) Preços deflacionados pelo Índice "2" da Conjuntura Econômica em cruzeiro de 1977.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 60. - Exportação Brasileira de Óleo de Mamona, 1969/77

Ano	Quantidade		Valor FOB		Preço FOB	
	t	Variação (%)	US\$1.000	Variação (%)	US\$/t	Variação (%)
1969	184.288	...	45.153	...	245,01	...
1970	153.485	-16,7	38.232	-15,3	249,09	1,7
1971	134.945	-12,1	39.942	4,5	295,99	18,8
1972	127.182	-5,8	53.818	34,7	423,16	43,0
1973	131.683	3,5	122.807	128,2	932,60	120,4
1974	155.793	18,3	128.425	4,6	824,33	-11,6
1975	91.053	-41,6	51.872	-59,6	569,69	-30,9
1976	140.895	54,7	76.625	47,7	543,85	-4,5
1977	100.268	-28,8	87.497	14,2	872,63	60,4

Fonte: Carteira do Comércio Exterior (CACEX).

- Oleaginosas: Soja e Amendoim

- Panorama internacional

As estimativas da produção mundial das 10 principais oleaginosas, em 1977/78, somam 144,9 milhões de toneladas, o que representa acréscimo de 15% em relação ao ano anterior. Os estoques disponíveis nos maiores países produtores, ao início da safra 1977/78, eram de 9,1 milhões de toneladas, ou seja, 4,1 milhões de toneladas inferiores aos do período precedente. Entretanto, essa diminuição nos estoques foi largamente compensada pelo aumento na produção, resultando numa disponibilidade mundial de 154 milhões de toneladas, ou seja, 10,6% superior à de 1976/77 (quadro 61).

O aumento na produção mundial teve como causa principal o acréscimo de soja nos Estados Unidos, que atingiu 46,7 milhões de toneladas, em 1977/78, apresentando uma expansão de 33,4% em relação ao ano anterior.

O "carry over" de soja estimado naquele País ao início da temporada 1977/78 era de 2,8 milhões de toneladas, perfazendo uma oferta total de 49,5 milhões de toneladas.

Os Estados Unidos participaram com 60% da produção mundial de soja, a China com aproximadamente 17% e o Brasil com 14%, perfazendo juntos 91% do volume produzido em 1977/78.

Até a presente safra, o Brasil vinha se mantendo como segundo produtor mundial, entretanto, face às condições climáticas adversas verificadas em 1977/78, foi suplantado pela China, que teve sua série de produção revisada para mais, situando-se atualmente em 13 milhões de toneladas, contra as 10 milhões até então consideradas.

A produção mundial de amendoim em casca em 1977/78 deverá ser inferior à do ano passado, quando atingiu 16,0 milhões de toneladas, devendo alcançar, segundo estimativas disponíveis, cerca de 15,2 milhões de toneladas. O decréscimo deve-se às menores produções na China, Estados Unidos, Senegal e Argentina, embora tenham sido observados pequenos acréscimos nos demais países produtores.

A previsão sobre a produção mundial de farelos protéicos em 1977/78, realizada pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), é de 76,7 milhões de toneladas, 15% superior à de 1976/77. A produção de óleos e gorduras está prevista em 52,1 milhões de toneladas, cerca de 4,1 milhões de toneladas superior à de 1976/77.

Em 1977 o preço médio de soja foi US\$281/t CIF-Rotterdam, US\$50 superior à média do ano anterior. Nos cinco primeiros meses de 1978, os preços internacionais dessa oleaginosa apresentaram-se em elevação, contrariando as previsões de declínio, face ao aumento na produção mundial (quadro 62). O fortalecimento do mercado teve, como causa principal, a excelente demanda mundial por farelos protéicos e por óleos vegetais aliada à desvalorização do dólar em relação às moedas européias, elevando as exportações dos Estados Unidos. Também as quebras nas produções de soja no Brasil e de amendoim no Senegal, além da suspensão da captura de anchovas no Peru contribuíram para essa pressão altista.

Para 1978/79, o USDA estima a área de plantio de soja naquele País em 25,8 milhões de hectares, acusando um acréscimo de 7,9% em relação a 1977/78. Entretanto, a participação dos produtores estadunidenses no programa "set aside" para grãos forrageiros levará possivelmente a uma expansão maior que a prevista para a soja.

A previsão da produção estadunidense de soja, em 1978/79, está entre 42,0 e 52,0 milhões de toneladas, dependendo das condições climáticas, as quais influirão na produtividade da cultura que, na safra passada, alcançou o recorde de 1.990kg/ha.

O atraso no plantio da soja nos Estados Unidos, devido ao excesso de chuvas, vem contribuindo para a manutenção dos preços a termo, relativos à safra 1978/79, apesar dos estoques estadunidenses de soja em 1º de setembro de 1978 estarem previstos em 4,6 milhões de toneladas, comparados com 2,8 milhões em igual período de 1977.

A previsão das exportações estadunidenses de soja em grão, farelo e óleo em 1977/78 são as seguintes em 1.000 toneladas e comparadas com as do ano anterior: grão, 17.000 (+15,3%); farelo, 5.080 (+22,8%); óleo, 885 (+26,0%).

- Situação interna

A produção brasileira de soja, em 1977/78, foi estimada pela Comissão de Financiamento da Produção (CFP) entre 8,95 milhões a 9,25 milhões de toneladas, acusando decréscimo de 26,8% em relação a 1976/77.

O Estado do Rio Grande do Sul, primeiro produtor, responde por 45% da produção nacional, seguido do Paraná com 34%, São Paulo com 8% e os demais estados com 13% (quadro 63).

O decréscimo na produção foi resultado da estiagem no sul do País aliada à má qualidade das sementes utilizadas no plantio e ao florescimento precoce, resultando numa diminuição de 30% nos índices de produtividade em relação à safra anterior, que atingiu 1.738kg/ha.

As exportações de soja em grão, em 1977, atingiram 2,6 milhões de toneladas, observando-se um decréscimo de 28,9% em relação a 1976 (quadro 64). Já as de farelo superaram as exportações de 1976 em 979,8 milhões de toneladas, o que representa um acréscimo de aproximadamente 22,4% (quadro 65). O óleo atingiu 487,2 mil toneladas exportadas em 1977, apresentando uma elevação de 7,6% quando comparado com 1976 (quadro 66).

Em decorrência do menor volume da safra brasileira de soja e a fim de garantir o abastecimento do mercado interno, o Governo Federal decidiu suspender as exportações de óleo de soja a partir de 03/03/78 e, posteriormente, as de soja em grão. Para as exportações de farelo de soja foi fixada a cota de 3,8 milhões de toneladas.

Considerando-se o programa mínimo combinado com a CACEX, o setor industrial deverá esmagar cerca de 7,5 milhões de toneladas de soja, de modo que a produção de óleo deverá ser da ordem de 1,5 milhão de toneladas, das quais 1 milhão será comercializado internamente, restando 500 mil toneladas para exportação. A produção de farelo deverá atingir 5,6 milhões de toneladas, sendo 1,4 milhão destinado ao mercado interno, podendo os restantes 4,2 milhões serem exportados.

As exportações acumuladas de soja e derivados de janeiro a abril de 1978 foram as seguintes, em comparação com o ano anterior: grão, 247.661 toneladas (+27,6%) a um preço médio de US\$239,11/t FOB (-15,3%); farelo, 1.611.959 toneladas (+54,3%) a US\$183,71/t (-20,4%) e óleo, 163.886 toneladas (+224,6%) a US\$534,81/t (-7,5%).

Os preços médios recebidos pelos produtores paulistas, em 1977, apresentaram decréscimo a partir de maio (quadro 67), quando estavam em Cr\$207,50, atingindo Cr\$133,20/sc. de 60kg. em julho e, a partir de então, esboçaram ligeira reação resultando na média anual de Cr\$165,67/sc. de 60kg, considerada uma das melhores já atingidas.

A tendência de alta estendeu-se até maio de 1978 chegando a Cr\$210,90/sc. de 60kg.

Em 1977, a evolução de preços foi atípica, não obedecendo ao padrão de variação estacional, que indica queda das cotações no primeiro trimestre seguida de estabilidade em abril/maio com posterior elevação até agosto e, finalmente, estabilizando-se nos últimos meses do ano (figura 6).

Segundo levantamento realizado pelo IEA/CATI, em abril de 1978, a área cultivada com soja no Estado de São Paulo foi de 557,6 mil hectares, representando um acréscimo da ordem de 24,1% em relação à anterior. A produção, porém, está estimada em apenas 758,4 mil toneladas, cerca de 1,3% menor que a de 1976/77, com um rendimento de 1.360kg/ha, bastante inferior ao do ano passado, (1.709kg/ha).

A produção brasileira de amendoim em casca, em 1977/78, está estimada em 366 mil toneladas, contra as 323,6 mil de 1976/77. No Estado de São Paulo, principal produtor, verificou-se uma expansão na área de plantio de, aproximadamente, 20% em relação a 1976/77, refletindo os bons preços alcançados durante a comercialização da safra.

Até maio de 1978, os preços recebidos pelos produtores paulistas variaram de Cr\$124,00 a Cr\$146,00/sc. de 25 kg de amendoim em casca, superando em 50% a média do mesmo período do ano anterior. Considerando-se o padrão da variação estacional dos preços, estes deverão elevar-se no segundo semestre do ano (figura 7).

As exportações acumuladas de amendoim em grão, farelo e óleo, no período de janeiro a abril de 1978, foram as seguintes, em toneladas, e comparadas com o ano anterior: grão 7.600 (-9,5%); óleo, 44.178 (+30,8%) e farelo, 38.409 (+18,6%).

- Perspectivas

A elevação verificada nas cotações no mercado internacional de soja, no primeiro semestre de 1978, deverá propiciar uma expansão na área de plantio para o próximo ano agrícola. Para o Estado de São Paulo está prevista expansão da ordem de 10%, contida, em parte, pela competição de outras culturas.

Quanto ao amendoim, espera-se um ligeiro aumento de área, ao redor de 5%, dada a insuficiência e alto preço das sementes, que vêm se tornando fatores limitantes para esta atividade. Essa afirmativa encontra apoio nas elevadas cotações internacionais do óleo de amendoim, e que representam estímulo à expansão da cultura.

(IEA, 21/07/1978)

QUADRO 61. - Disponibilidade Mundial das 10 Principais Oleaginosas, 1973/74 a 1977/78⁽¹⁾

(em 1.000 toneladas)

Item	1973/74	1974/75	1975/76	1976/77	1977/78
Estoque	5.064	10.059	11.010	13.261	9.063
Produção mundial	130.350	124.945	134.050	125.935	144.875
Oferta total	135.414	135.004	145.060	139.196	153.938

⁽¹⁾ Dados retificados.

Fonte: Oil World Weekly.

QUADRO 62. - Cotações Internacionais da Soja (USA nº 2), 1974-78

(em US\$/t-CIF-Rotterdam)

Mês	1974	1975	1976	1977	1978
Jan.	261	256	189	287	240
Fev.	271	231	192	293	239
Mar.	265	226	190	325	270
Abr.	235	229	190	390	290
Mai.	229	208	210	371	290
Jun.	228	207	244	332	...
Jul.	276	224	264	252	...
Ago.	320	243	248	230	...
Set.	303	227	261	205	...
Out.	335	211	254	209	...
Nov.	312	193	259	236	...
Dez.	288	185	269	240	...
Média anual	277	220	231	281	...

Fonte: Oil World Weekly.

QUADRO 63 . - Produção Brasileira e Principais Estados Produtores de Soja, 1973/74 a 1977/78

Estado	Produção 1973/74		Produção 1974/75		Produção 1975/76		Produção 1976/77		Produção 1977/78 ⁽¹⁾	
	t	%	t	%	t	%	t	%	t	%
Rio Grande do Sul	3.800,0	51,5	4.600,5	46,9	5.038,0	45,8	5.616,5	45,2	4.104,8	45,1
Paraná	2.500,0	33,9	3.624,9	37,0	4.330,9	39,3	4.700,0	37,8	3.100,0	34,1
São Paulo	522,0	7,1	678,0	6,9	765,0	7,0	780,0	6,2	758,4	8,3
Santa Catarina	200,0	2,8	467,2	4,8	435,0	3,9	446,4	3,5	425,0	4,7
Outros	350,0	4,7	433,7	4,4	440,3	4,0	945,0	7,6	711,8	7,8
Total	7.372,0	100,0	9.804,3	100,0	11.009,2	100,0	12.428,9	100,0	9.100,0	100,0

(¹) Dados preliminares.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola-SP, DERAL-PR, UNEAGRI-RS, Ministério da Agricultura-CFP, FIBGE.

QUADRO 64. - Exportação Brasileira de Soja em Grão, 1973-77

Ano	Volume (1.000t)	Valor-FOB (US\$1.000)	Preço médio (US\$/t)
1973	1.786,1	495.153	276,67
1974	2.730,4	585.271	214,35
1975	3.333,3	684.901	205,47
1976	3.639,5	788.538	216,66
1977	2.586,9	708.179	273,76

Fonte: Carteira do Comércio Exterior (CACEX).

QUADRO 65. - Exportação Brasileira de Farelo de Soja, 1973-77

Ano	Volume (1.000t)	Valor-FOB (US\$1.000)	Preço médio (US\$/t)
1973	1.581,5	422.635	267,24
1974	2.030,9	303.044	149,22
1975	3.133,6	464.874	148,64
1976	4.373,9	795.004	181,76
1977	5.353,7	1.149.714	214,75

Fonte: Carteira do Comércio Exterior (CACEX).

QUADRO 66. - Exportação Brasileira de Óleo de Soja, 1973-77

Ano	Volume (1.000t)	Valor-FOB (US\$1.000)	Preço médio (US\$/t)
1973	61.408,0	23.808	387,70
1974	2.277,0	1.890	830,00
1975	267.683,0	152.441	569,48
1976	452.886,0	174.642	385,62
1977	487.227,9	274.168	562,71

Fonte: Carteira do Comércio Exterior (CACEX).

QUADRO 67. - Preços Médios da Soja Recebidos pelos Produtores Paulistas, 1974-78

(em Cr\$/sc.60kg)

Mês	1974		1975		1976		1977		1978	
	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾
Jan.	70,05	213,26	89,33	202,22	84,32	146,38	154,30	182,15	175,50	150,85
Fev.	72,83	215,87	78,52	173,93	82,10	136,94	158,80	181,57	179,00	148,78
Mar.	59,45	168,53	70,63	153,97	80,10	128,74	182,00	199,96	193,90	156,03
Abr.	62,50	167,57	71,85	153,91	80,70	125,15	202,20	213,42	209,80	163,30
Mai.	57,89	150,01	74,28	155,87	84,00	125,85	207,50	211,43	210,90	159,06
Jun.	54,49	138,58	74,13	152,20	104,40	152,35	194,80	194,64
Jul.	59,01	148,24	75,85	152,44	114,30	160,72	133,20	130,35
Ago.	76,38	189,57	83,45	163,20	116,79	157,76	145,10	140,22
Set.	77,17	188,13	86,63	165,49	132,30	172,86	140,20	133,09
Out.	79,75	191,77	86,60	161,93	146,90	187,38	146,80	135,71
Nov.	88,68	209,98	84,41	154,34	152,60	191,10	156,90	141,35
Dez.	88,02	203,73	83,51	149,59	149,90	183,44	166,30	146,72

(1) Preços deflacionados pelo índice "2" de Conjuntura Econômica (Base: 1977 = 100).

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

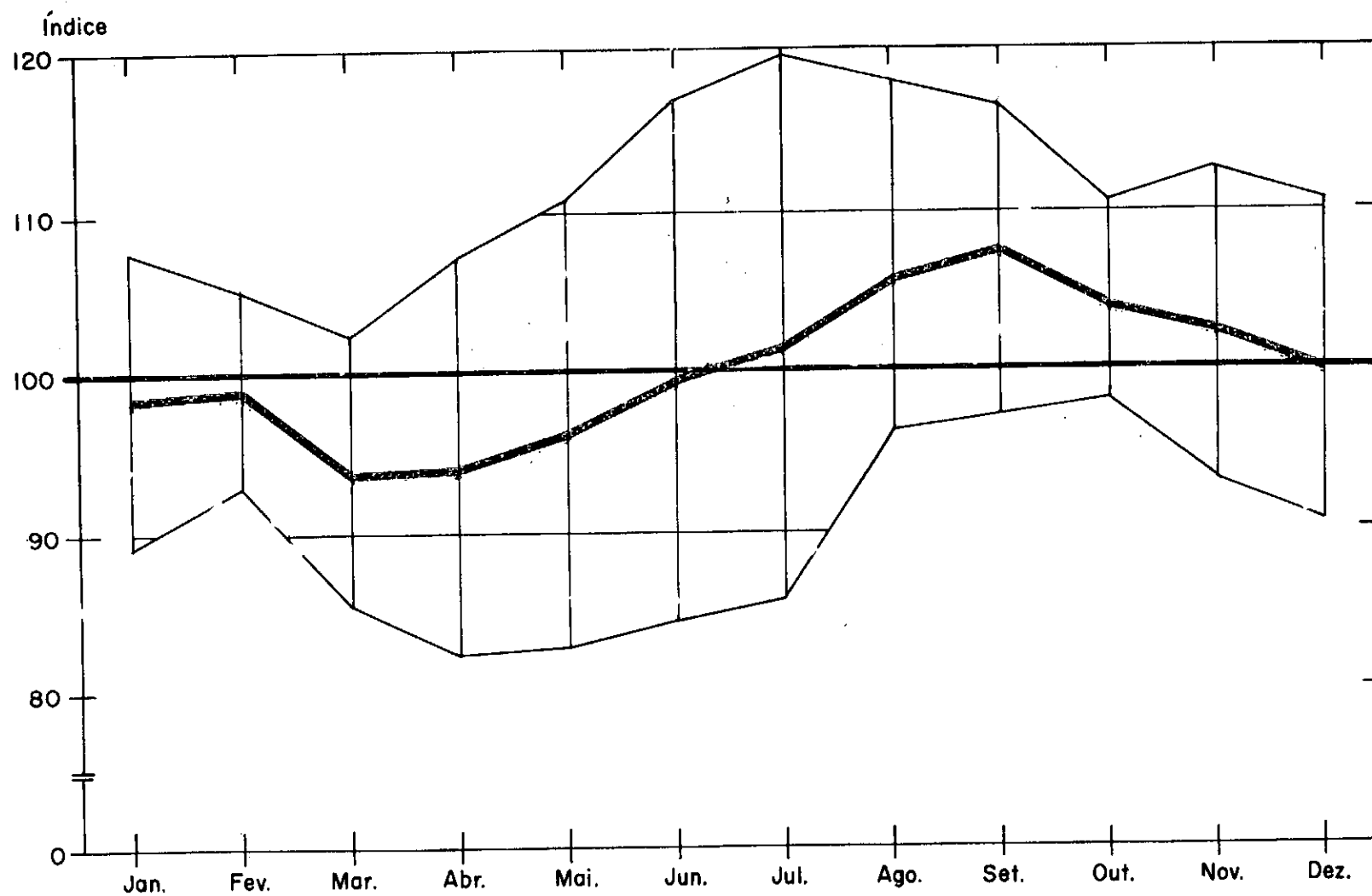


FIGURA 6 . - Variação Estacional do Preço Médio Recebido pelos Agricultores, Soja, Estado de São Paulo, 1971-77.

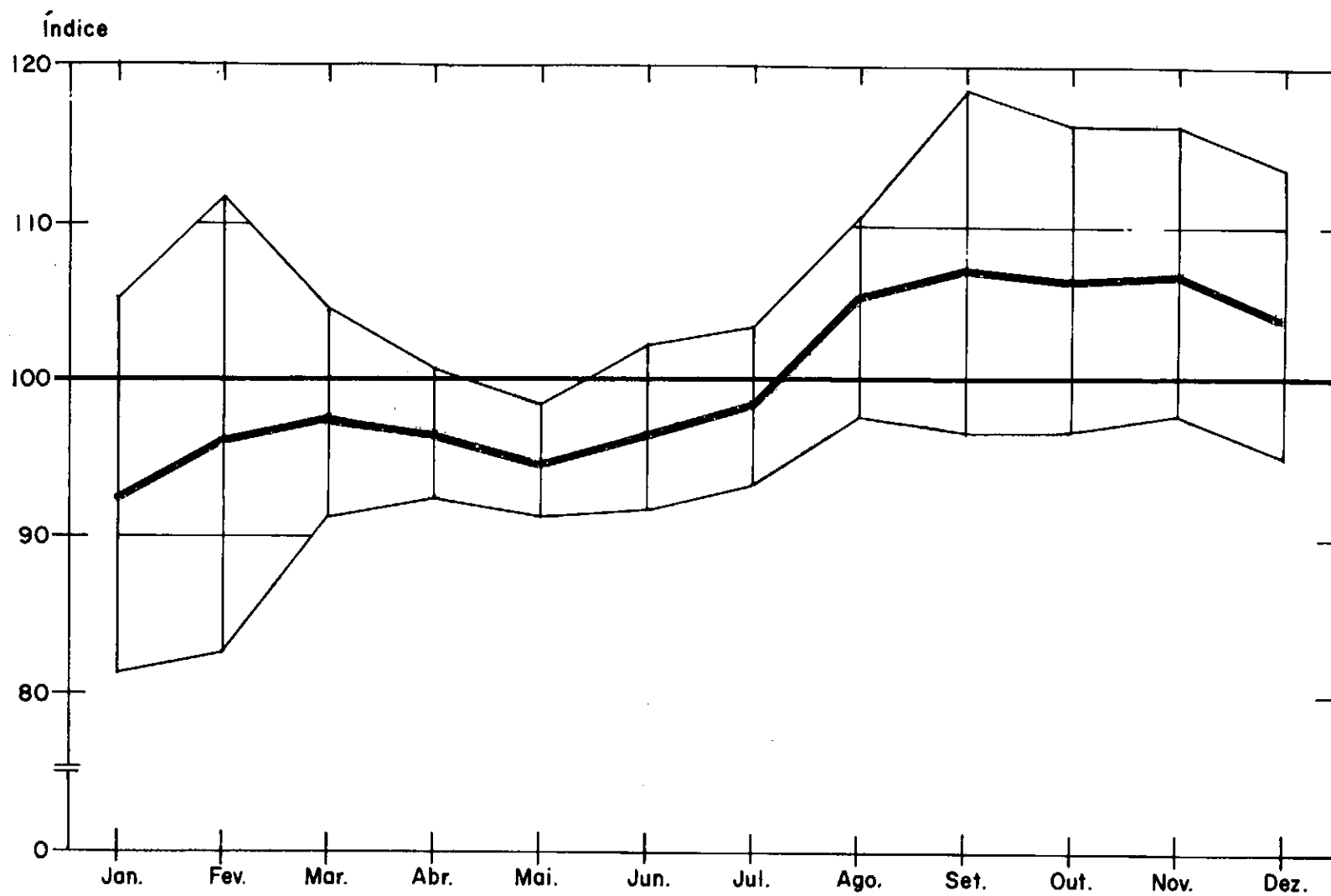


FIGURA 7 . - Variação Estacional. do Preço Médio Recebido pelos Agricultores, Amendoim em Casca, Estado de São Paulo, 1971-77.

- Arroz

- Panorama internacional

A produção mundial de arroz, em 1977/78, está estimada pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) em 362,2 milhões de toneladas, novo recorde, correspondendo a um acréscimo de 3,8% em relação à anterior. Este resultado reflete o aumento de produção, principalmente na Índia, Bangladesh, Japão e Coreia, em função das condições climáticas favoráveis.

Na Índia espera-se um total de 74,3 milhões de toneladas, 10 milhões a mais que em 1976. Já em Bangladesh a estimativa é de 18,8 milhões de toneladas, superior em mais de 1 milhão à de 1976/77. No Japão, com o volume esperado de 16,3 milhões de toneladas, a diferença chega a mais de 1,5 milhão em relação à safra anterior, devendo proporcionar um estoque de 4,5 milhões de toneladas.

A China, embora tenha tido dificuldades com estiagem em algumas regiões, deverá concluir sua safra com 126,5 milhões de toneladas contra 125,5 milhões em 1976/77, mantendo-se como o principal produtor.

Outros países, como Indonésia, Tailândia, Filipinas, Laos, Camboja e Vietnã, tiveram suas produções reduzidas devido aos prejuízos causados pela seca prolongada.

A Indonésia é importante produtor, mas também grande consumidor, e neste ano provavelmente terá dificuldades para garantir o abastecimento interno. Já em fevereiro p.p., aquele país iniciava importações de seus fornecedores tradicionais, Paquistão, Birmânia, Tailândia, China Continental e Coreia do Norte, efetuando ainda aquisições do Japão, Filipinas e Coreia do Sul.

A Tailândia, principal exportadora do mundo, está controlando suas vendas desde agosto de 1977 e, mesmo com duas safras anuais, não vê possibilidade de exportar mais que 1,8 milhão de toneladas contra 2,5 milhões em 1977.

Nas circunstâncias atuais, o comércio internacional, já bastante restrito, deverá se retrair ainda mais, pois, de acordo com informações recentes, o total transacionado em 1978 deverá situar-se ao redor de 9,3 milhões de toneladas, quando no ano passado chegou a 10,0 milhões de toneladas.

Assim, apesar da produção ter aumentado, o comércio vem se retraindo. O que talvez explique tal situação é o fato de que os países que normalmente participam do mercado como exportadores estão, este ano, primeiramente garantindo o abastecimento interno e os estoques, para depois cogitarem de promover vendas.

Em 1977, o arroz com 15% quebrado teve média de preço de US\$250/t com extremos de US\$230 e US\$280/t FOB-Bangkok. Já o arroz com 5% quebrado apresentou uma variação de US\$260 a US\$320/t. Em 1978, as cotações mantiveram-se em ascensão até abril e, a partir daí, estabilizaram-se. O arroz com 15% quebrado esteve numa faixa de US\$360 a US\$400/t, enquanto o com 5% manteve-se entre US\$370 e US\$413 FOB-Bangkok. A esse nível de preços e com o recesso da Tailândia, a China vê boa oportunidade de entrar no mercado e obter bons resultados.

- Situação interna

Se as condições de comércio não foram propícias à expansão da área em 1977/78, com reflexos diretos na produção, os efeitos da estiagem contribuíram ainda mais nesse sentido. Em fevereiro último, a FIBGE estimou a safra brasileira em 8 milhões de toneladas, 9% inferior à do ano anterior. Esse resultado reflete o baixo rendimento médio que foi de cerca de 1.360kg/ha, já que os 5.865 mil hectares plantados não alcançaram 1% de diferença em relação à temporada passada.

Em maio último, a Comissão de Financiamento da Produção (CFP) estimava a produção total em 7,5 milhões de toneladas. Esse valor, acrescido do estoque oficial de cerca de 1,2 milhão de toneladas, compõe um total de 8,7 milhões, suficientes para as necessidades internas estimadas entre 8,0 e 8,3 milhões de toneladas.

Em vista da atual situação, o Brasil, que esporadicamente exportava arroz, em março p.p. já suspendia essa operação. Segundo a CACEX, no primeiro trimestre deste ano, o total de arroz exportado chegara a 62,4 mil toneladas, enquanto no decorrer de 1977 atingira o recorde de 408 mil toneladas.

No Estado de São Paulo, a orizicultura, basicamente assentada na exploração de sequeiro, também sentiu os problemas da baixa precipitação, e os prejuízos, embora não cheguem aos níveis inicialmente previstos, são consideráveis.

De acordo com o 4º levantamento realizado pelo Instituto de Economia Agrícola/CATI, em abril p.p., apesar da retração de apenas 2% na área cultivada em 1977/78, o volume a ser colhido está ao redor de 256,2 mil toneladas (-28,8%), em função da produtividade média de 752kg/ha (-38,0%), considerada bastante baixa mesmo para esse tipo de exploração (quadro 68).

Evidentemente, a produção normalmente obtida não chega a atender as necessidades internas do Estado, embora a ocorrência desses imprevistos afetem tanto o mercado como o produtor paulista.

Estas ocorrências resultaram em uma oferta praticamente igual à demanda e, como decorrência, a comercialização tem sido feita a preços melhores que nos últimos dois anos (quadro 69). Este comportamento está de acordo com o padrão de variação estacional de preços. Mencione-se que, mesmo com as entradas de outros estados, que geralmente contribuem para complementar a produção, o mercado teve oportunidade de reagir.

A retirada do tabelamento em outubro p.p. e a conseqüente inclusão do produto na lista CIP/SUNAB bloqueou um pouco a evolução normal do preço que poderia ocorrer. Entretanto, a participação dos estabelecimentos sob controle da lista CIP/SUNAB no comércio varejista, ou seja, os supermercados, corresponde apenas a 52,0% das vendas. Assim, os demais tipos de estabelecimento varejista, respondendo pela outra parte, tinham possibilidades de aquisição a preços talvez mais elevados, permitindo melhor remuneração ao produtor. Tal situação se favorecia um setor, prejudicava outro, no caso os supermercados, que se encontravam em dificuldades para repor os estoques principalmente de arroz de qualidade superior.

De maneira geral, entretanto, o que se observou principalmente nos últimos cinco meses foi uma reativação geral do comércio, que poderia persistir sem prejudicar o consumidor. Todavia, o novo tabelamento em vigor desde o dia 19 de junho passado, estabelecendo o preço de Cr\$10,00/kg para o arroz longo, tipos 1 e 2, poderá interromper essa melhoria observada nas condições gerais de comercialização.

- Perspectivas

Considerando os níveis de preços alcançados nos últimos seis meses, o estoque oficial disponível, a possibilidade de colocação no mercado e a nova tabela em vigor, estima-se uma evolução da área de arroz do Estado entre 5% e 10%.

(IEA, 21/07/1978)

QUADRO 68. - Área Plantada, Produção e Rendimento, Arroz em Casca, Estado de São Paulo,
1973/74 a 1977/78

Ano agrícola	Área (1.000ha)	Produção (1.000t)	Rendimento (kg/ha)
1973/74	464,7	582,0	1.252
1974/75	523,7	510,0	974
1975/76	620,0	840,0	1.354
1976/77	347,0	360,0	1.037
1977/78 ⁽¹⁾	340,5	256,2	752

⁽¹⁾ Dados preliminares.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 69. - Preço Médios Mensais Recebidos pelos Produtores de Arroz em Casca, Estado de São Paulo, 1974 a 1978

(em Cr\$/sc.60kg)

Mês	1974		1975		1976		1977		1978	
	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾
Jan.	62,24	189,48	140,38	317,79	132,23	229,55	117,80	139,06	200,30	172,16
Fev.	59,64	176,77	137,33	304,19	119,40	199,16	115,10	131,60	222,00	184,53
Mar.	62,31	176,64	115,36	251,47	101,20	162,66	109,20	119,98	252,10	202,86
Abr.	77,96	209,02	117,80	252,34	96,20	149,19	125,80	132,78	264,80	206,10
Mai.	86,90	225,18	124,93	262,96	95,40	142,93	143,00	145,71	268,00	202,13
Jun.	85,31	216,96	127,69	262,16	96,40	140,67	149,70	149,58
Jul.	82,30	206,75	130,60	262,48	97,70	137,38	153,50	150,22
Ago.	83,61	207,51	137,38	268,67	100,80	136,16	155,60	150,37
Set.	94,67	230,79	145,79	278,51	104,30	136,27	163,40	155,12
Out.	104,35	250,93	150,61	281,62	108,40	138,27	169,10	156,33
Nov.	113,84	269,55	144,11	263,49	109,90	137,62	186,00	167,56
Dez.	124,64	288,49	138,86	248,74	114,00	139,51	197,90	174,59

⁽¹⁾ Preços deflacionados pelo Índice "2" de Conjuntura Econômica, em cruzeiro de 1977.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

- Trigo

- Panorama internacional

Tanto as previsões da Food and Agricultural Organization (FAO) como as do Conselho Internacional do Trigo (IWC) estimam a produção mundial do cereal, em 1978, em 405 milhões de toneladas, 5,0% superior ao volume obtido em 1977 (quadro 70). Os Estados Unidos, maior país exportador, vem adotando uma série de medidas visando elevar as cotações internacionais do trigo, tais como:

a) redução da área de plantio, através do programa "set aside", que já resultou em uma diminuição de 13% no plantio de trigo de inverno, comparativamente a 1977;

b) empréstimos aos produtores "long term reserve" para que os mesmos não coloquem o produto no mercado (em junho, o volume em posse dos agricultores era de cerca de 9,4 milhões de toneladas); e

c) aquisição, pelo Governo, de 6 milhões de toneladas, diretamente dos produtores ou do mercado local, para compor os estoques de reserva.

O quadro 71 mostra balanços de oferta e demanda de trigo nos Estados Unidos e projeções para 1978/79 sob perspectivas de clima, uma favorável e outra desfavorável.

É interessante notar que, caso se confirme a perspectiva desfavorável, acompanhada de redução na área plantada, os estoques finais seriam sensivelmente reduzidos (32% inferiores aos de 1977/78) e ainda assim manter-se-iam em níveis elevados. As exportações por sua vez se elevariam em cerca de 18% e a utilização do trigo na alimentação animal sofreria um decréscimo em torno de 66%, devendo implicar maior utilização de milho e outros grãos forrageiros.

Outro fator que poderá contribuir para a elevação das cotações internacionais do produto é a participação da China como importadora; nos últimos anos suas aquisições têm crescido a taxas superiores às da população, enquanto o consumo de arroz tem decrescido.

Por outro lado, segundo previsões da FAO, deverá haver aumento de produção nas principais regiões produtoras. Na Comunidade Econômica Européia (CEE), o clima está favorecendo o desenvolvimento da cultura de primavera e as estimativas iniciais são de expansão de cerca de 9% na área cultivada, com perspectivas de que neste ano a CEE se torne exportadora do produto.

Para a União Soviética, as estimativas são de uma produção entre 98 milhões a 105 milhões de toneladas (97 milhões em 1977). Na Argentina e Austrália deverão também registrar-se acréscimos de produção.

As cotações internacionais do produto, apesar dos elevados estoques estadunidenses, estão se recuperando, embora estejam ainda abaixo dos níveis vigentes no primeiro semestre de 1976. A cotação média de junho/78 foi de US\$117,76, contra US\$84,44/t FOB-Chicago, no mesmo mês do ano passado. A curto prazo, verifica-se uma tendência levemente altista.

- Situação interna

A triticultura nacional vem experimentando sucessivas frustrações a partir de 1975, em consequência de adversidades climáticas.

A geada de 1975, granizo, temperatura e umidade elevadas em 1976 e a estiagem em 1977 foram as principais causas do insucesso da cultura nesses anos. Por outro lado, a falta de política objetiva para o setor tem gerado um clima de incerteza entre os agricultores.

A fixação dos preços de aquisição não tem sido feita com antecedência suficiente a permitir tempo hábil para a tomada de decisão.

Para 1978, somente ao final de março, é que foi fixado o preço em Cr\$238,20/sc. 60kg. Além de coincidir com a época tecnicamente indicada para o plantio, esse valor era inferior às pretensões dos triticultores, que reivindicavam um preço de Cr\$295,00/saca. Diante da perspectiva de grandes reduções na área, em abril, o preço foi reajustado para Cr\$249,00, ainda assim considerado insatisfatório.

A produção paulista de trigo, embora represente apenas cerca de 5% da nacional, vem, a nível estadual, adquirindo importância nos últimos anos, notadamente na região de Assis, em que se concentra cerca de 90% da produção, em seqüência à cultura da soja, e onde, apesar das frustrações das três últimas safras, verifica-se ainda expansão da área de plantio (quadro 72).

A permanência dos triticultores nesta atividade pode ser explicada pela relativa ausência de risco, uma vez que os mesmos gozam de dois tipos de seguros, opcionais e alternativos: o PROAGRO e o da COSESP. O primeiro cobre até 80% do valor do financiamento de custeio, enquanto que o segundo cobre os prejuízos na produção, até o limite de Cr\$3.800,00/ha, conforme a tecnologia empregada e o estágio da plantação na ocasião do sinistro. O financiamento para custeio é calculado com base no preço de aquisição do produto e na produtividade de 20sc./ha, que pode ser elevada em função do desempenho do agricultor em anos anteriores. Além disso, eventualmente, os triticultores são contemplados por créditos de emergência, como ocorreu no início deste ano, quando todos os agricultores que obtiveram produtividade inferior a 30 sc./ha fizeram jus a um crédito suplementar de Cr\$450,00/ha de trigo cultivado em 1977, além de um prazo para ressarcimento de até dois anos, com o que tiveram prorrogados para 1979 os vencimentos das dívidas de investimento. Tal situação leva a crer que a permanência do agricultor nesta atividade parece estar sendo possível graças aos recursos do crédito rural e não devido aos resultados da produção.

- Perspectivas

Em 1978, a estimativa é de uma redução de 9% na área cultivada, em relação à do ano passado, com uma produção prevista de 220.750 toneladas.

Esse baixo percentual de redução de área, além dos fatores já expostos, pode também ser atribuído ao prolongado período de estiagem que fez com que a semeadura do trigo ocorresse de maneira bastante irregular, sendo realizada em duas etapas: antes e depois das chuvas de maio. Assim, analisando-se as condições de desenvolvimento da cultura no momento, mesmo sob ótica otimista, chega-se à conclusão de que dificilmente a produção paulista confirmará as previsões iniciais acima citadas.

Com o prolongamento do período de estiagem, cerca de 60% da área prevista para a região foram semeados "no pó" em abril, enquanto que os 40% restantes foram semeados no período posterior às chuvas. Do primeiro plantio, calcula-se que aproximadamente 30% tenham sido perdidos e replantados na segunda etapa.

Aplicando-se esses percentuais sobre a área estimada para a região de Assis (145.700ha) configura-se a seguinte situação:

a) na área remanescente da primeira etapa de plantio (cerca de 61 mil hectares), o desenvolvimento da cultura vem sendo irregular, apresentando espigamento precoce, e seu rendimento médio não deverá ultrapassar 500kg/ha. Portanto a produção nessa área deverá ser de aproximadamente 30 mil toneladas;

b) na área semeada após as chuvas, inclusive a replantada, que soma aproximadamente 83 mil hectares, a cultura está se desenvolvendo satisfatoriamente, com bom perfilhamento, e, assim, se as condições climáticas continuarem favoráveis, o rendimento poderá atingir 1.500kg/ha, o que daria uma produção da ordem de 125 mil toneladas; e

c) utilizando-se o mesmo critério na região de Sorocaba obter-se-ia uma produção final de cerca de 17 mil toneladas.

Assim, dificilmente a safra paulista de 1978 ultrapassará 175 mil toneladas, contra a perspectiva de 221 mil em abril, embora seja ainda 50% maior que a frustrada produção anterior.

Com relação às importações brasileiras para 1979, é difícil fazer uma previsão quanto ao volume necessário para suprir o deficit, uma vez que o mesmo está na dependência dos resultados da produção gaúcha e paranaense. No entanto, as necessidades para 1979 certamente serão maiores que as do corrente ano, em face da já constatada redução na área cultivada com trigo no Rio Grande do Sul. Acrescente-se ainda, como agravante, a tendência de altas nas cotações internacionais do produto com possibilidades de se acentuarem ainda mais, caso se confirme a perspectiva desfavorável já mencionada (quadro 71). Dessa forma, o dispêndio com importação de trigo em 1979 deverá ser superior ao de 1978, estimando-se um volume de 4 milhões de toneladas num valor aproximado de US\$500 milhões.

(IEA, 21/07/1978)

QUADRO 70. - Produção Mundial de Trigo por Regiões, 1976-78

(em milhão de toneladas)

Região	1976	1977	1978 ⁽¹⁾	Varição 1978/77 (%)
Extremo Oriente	82	80	84	5
Oriente Próximo	32	29	32	10
África	8	6	8	33
América Latina	19	12	16	33
América do Norte	82	75	68	- 9
Europa e Rússia	183	174	186	7
Oceania	12	10	11	10
Total Mundial	418	386	405	5

(¹) Estimativa.

Fonte: FAO.

QUADRO 71. - Perfil e Projeção do Trigo nos Estados Unidos, 1967/77 a 1978/79

(em milhão de toneladas)

Item	1976/77	1977/78	1978/79 ⁽¹⁾	
			Favorável	Desfavorável
Oferta				
Estoque inicial em 19/06	18,1	30,2	32,8	32,8
Produção	58,3	55,1	52,2	43,8
Importação	<u>0,1</u>	<u>0,1</u>	<u>0,1</u>	<u>0,1</u>
Oferta total	76,4	85,4	85,1	76,7
Demanda				
Alimentação humana	15,0	15,1	15,3	15,2
Sementes	2,4	2,2	2,0	2,1
Alimentação animal	2,9	5,4	4,1	1,4
Exportação	<u>25,8</u>	<u>29,9</u>	<u>27,2</u>	<u>35,4</u>
Demanda total	46,1	52,6	48,6	54,1
Estoque final	30,4	32,8	36,5	22,6

(¹) Condições de clima.

Fonte: USDA.

QUADRO 72. - Área, Produção e Rendimento de Trigo, Estado de São Paulo, 1973/74 a 1977/78

DIRA	Área (ha)					Produção (t)					Rendimento (kg/ha)			
	1973/74	1974/75	1975/76	1976/77	1977/78 ⁽¹⁾	1973/74	1974/75	1975/76	1976/77	1977/78 ⁽¹⁾	1973/74	1974/75	1975/76	1976/77
São Paulo	150	150	250	250	270	160	160	250	200	270	1.067	1.067	1.000	800
V.Paraíba	30	30	30	130	30	30	30	30	135	30	1.000	1.000	1.000	1.038
Sorocaba	2.280	10.200	13.400	14.600	16.300	2.650	10.030	15.900	15.815	23.120	1.162	983	1.187	1.083
Campinas	140	250	400	1.070	200	190	60	560	425	240	1.357	280	1.400	397
Rib.Preto	-	80	270	150	60	-	80	280	245	90	-	1.000	1.037	1.633
Bauru	-	380	300	350	-	-	200	370	15	-	-	526	1.233	43
S.J.R.Preto	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Araçatuba	-	50	50	50	-	-	30	50	-	-	-	600	1.000	-
P.Prudente	9.750	6.800	9.000	8.600	6.300	12.440	2.700	10.260	2.785	6.500	1.276	397	1.140	324
Marília	97.450	102.660	157.500	159.000	145.700	137.630	49.600	133.300	67.760	190.500	1.412	483	846	426
Total	109.800	120.600	181.200	184.200	168.860	153.100	62.890	161.000	87.380	220.750	1.390	521	888	474

(¹) Previsão - Levantamento de abril.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

- Milho

- Panorama internacional

Embora no momento as cotações internacionais do produto estejam em elevação, acredita-se que, a médio prazo, não deverão ocorrer grandes alterações, pois o movimento altista parece estar refletindo apenas a redução na área a ser cultivada com milho nos Estados Unidos em 1978/79, devido ao programa "set-aside". Também as condições climáticas desfavoráveis (excesso de chuvas) estão prejudicando o plantio de milho em favor da soja, cujo período de semeadura pode ser um pouco mais prolongado.

Tal movimento reflete ainda as perspectivas de elevação da demanda mundial, para o ano comercial 1977/78, de países como Japão, Coreia do Sul, Formosa e Brasil.

Por outro lado, entre os fatores que deverão impor resistência aos movimentos de alta no período comercial 1978/79, destacam-se:

a) os estoques estadunidenses, que se encontram ainda em níveis elevados, com previsão para situar-se a 30 de outubro de 1978 em 30,6 milhões de toneladas contra 22,4 milhões de toneladas em 1º de outubro de 1977;

b) a projeção para a safra soviética de grãos forrageiros, no período 1978/79, que é de 217 milhões de toneladas, implicando um incremento de cerca de 18% relativamente ao ano precedente;

c) perspectivas de expansão da área cultivada em milho nos países da Comunidade Econômica Europeia (CEE), notadamente na França;

d) posição razoável dos estoques franceses em maio de 1978: 1,7 milhão de toneladas contra 1,2 milhão de toneladas em igual período do ano passado; e

e) estoques de milho argentino elevados, com excedente exportável de 5,0 milhões de toneladas gerados em 1977/78.

A tendência no mercado internacional é de elevação gradativa de preços até maio de 1979, conforme indica o mercado futuro da Bolsa de Chicago (quadro 73).

- Situação interna

Conforme dados da FIBGE publicados em maio p.p., a produção nacional de milho, safra 1977/78, está estimada em 14,2 milhões de toneladas, contra as 16,5 milhões preliminarmente estimadas e 19,1 milhões de toneladas obtidas em 1976/77.

A grande quantidade do produto ofertada em 1977, função da produção recorde e dos estoques oficiais, contribuiu sobremaneira para os baixos preços vigentes durante a comercialização da safra 1976/77. Por outro lado, a gravosidade do produto, que só permitiu a exportação de 1,4 milhão de toneladas (quadro 74) graças à concessão de subsídio de 20% "ad-valorem", e o fato de o preço mínimo para a safra de 1977/78 ter sido considerado insatisfatório desestimularam os agricultores, provocando uma redução de 5% na área de plantio.

Posteriormente, a Região Centro-Sul do País, principal produtora, foi atingida por prolongada estiagem (dezembro/77 a fevereiro/78) trazendo severos prejuízos à lavoura, tanto quantitativa como qualitativamente. Nestas circunstâncias, com o consumo interno estimado para 1978 em cerca de 18,0 milhões de toneladas, configurou-se um déficit, a nível nacional, ao redor de 3,8 milhões de toneladas, exigindo a intervenção do Governo na comercialização

com vistas a impedir o agravamento da situação.

Para evitar a paralização das indústrias e não obstar o crescimento da avicultura e suinocultura foi acionada uma série de mecanismos com vistas à contenção dos preços. O primeiro deles foi a liberação de 600 mil toneladas do produto em posse da Comissão de Financiamento da Produção (CFP) às indústrias de ração, criadores e suas cooperativas, em quatro etapas durante o período de maio a agosto, a preços inferiores aos de mercado. As quotas foram estabelecidas de forma a atender apenas parte das necessidades da demanda, para não prejudicar os interesses dos agricultores.

A finalidade da distribuição era atender às necessidades dos vários setores, até o mês de agosto, quando o mercado passaria a ser abastecido com o produto importado. Entretanto, embora tenha solucionado o problema de abastecimento, o programa não foi suficiente para conter os preços, que se apresentavam em elevação desde março, início da safra, chegando a atingir em maio/junho níveis de até Cr\$150,00/sc.60kg, em alguns centros de convergência do produto.

Dois fatos contribuíram decisivamente para que o mercado permanecesse aquecido: a liberação do produto para os criadores e suas cooperativas foi feita em uma única etapa, em junho, e as quotas destinadas às indústrias representaram apenas 20% de suas necessidades imediatas, devendo o restante ser adquirido no mercado.

Diante da resistência encontrada para se estabilizar os preços do produto, em meados de junho o Governo optou pelo tabelamento em Cr\$130,00/sc.60kg, através de portaria da SUNAB.

Em decorrência dessa medida, embora seja ainda prematura qualquer previsão quanto aos seus efeitos, o que se verifica, no momento, é uma paralização no mercado, pois os comerciantes se recusam a entregar o produto nas capitais a esse preço. Com isso, as indústrias de ração estão se ressentindo da falta do produto, embora acredite-se que seus estoques sejam suficientes para que continuem em operação pelo menos por um período de quarenta dias, quando os estoques oficiais deverão estar recompostos com o produto importado.

No início de julho começou o recebimento do produto dos Estados Unidos, que está sendo desembarcado principalmente nos portos de Paranaguá e Santos. Inicialmente foi autorizada a importação de 1,0 milhão de toneladas, através da COBEC, montante que poderá ser alterado conforme as necessidades. Há rumores de que se chegue a 2,0 milhões de toneladas.

Em São Paulo, relativamente a 1976/77, houve um decréscimo de 14,3% na área cultivada em 1977/78 que, juntamente com os efeitos da estiagem, resultou numa redução de 30,5% na produção (quadro 75). Pela grandeza de seu rebanho avícola e por concentrar a maior parte das indústrias de ração, o Estado se caracteriza por ser tradicional importador de milho de outras regiões do País, fazendo com que as irregularidades provocadas pela escassez assumissem maiores proporções comparativamente a outros estados.

- Perspectivas

Foi totalmente irregular o comportamento dos preços recebidos pelos agricultores nos primeiros cinco meses de 1978, contrariando o padrão médio de variação estacional (figura 8). De janeiro a maio/78, os preços estiveram em ascensão, de 24% em valor corrente e de 13% em valor real. De maio de 1977 a maio de 1978, em termos correntes, houve acréscimo de 52%, enquanto em valores reais o aumento foi de 35%, invertendo-se o quadro de redução real de 17% observado em igual período na safra anterior (quadro 76).

Não há dúvida de que os preços vigentes até o momento deverão se constituir em estímulo

lo para a expansão da área a ser cultivada no Estado em 1978/79, principalmente considerando que as culturas principais concorrentes do milho não apresentaram um desempenho econômico satisfatório em 1977/78, como é o caso de algodão, arroz e, de maneira pouco menos significativa, a soja na região de Ribeirão Preto. Essa situação parece continuar válida - mesmo após o tabelamento do milho a nível de atacado, que veio reduzir a margem de comercialização do agricultor que ainda detinha a posse do produto - porque há redobrada esperança da fixação de preços mínimos a níveis bastante satisfatórios.

Todavia, caso, esses preços mínimos não sejam satisfatórios, não está afastada a possibilidade de que a área a ser plantada no próximo ano seja insuficiente para atender a demanda crescente de milho, levando, assim, o País a recorrer a novas importações de um dos produtos de maior tradição na agricultura brasileira.

(IEA, 24/07/1978)

QUADRO 73. - Mercado a Termo de Milho, Fechamento na Bolsa de Chicago - Junho de 1978

(em US\$/t)

Dia	Jun/78	Set/78	Dez/78	Mar/79	Mai/79	Jul/79
01	106,00	106,40	106,20	110,00	111,20	111,60
02	104,40	104,40	105,20	108,00	109,20	109,80
Média semanal	105,20	105,40	105,70	109,00	110,20	110,70
13	102,80	103,60	105,20	107,60	108,40	87,10
14	102,80	111,60	104,80	107,20	108,40	108,50
15	101,60	107,00	107,40	105,20	106,40	106,60
Média semanal	102,40	107,40	105,80	106,66	107,73	100,73
19	102,80	102,80	103,20	106,00	107,50	107,50
20	103,20	103,60	104,00	106,80	108,20	108,50
21	102,90	103,10	103,20	106,00	107,79	108,00
22	103,60	104,00	104,80	107,60	109,10	109,30
Média semanal	103,12	103,37	103,80	106,60	108,12	108,32
26	-	102,80	103,60	106,70	108,30	108,70
27	101,50	102,00	103,20	106,00	107,60	108,00
28	98,80	99,60	101,20	106,00	106,00	101,80
29	98,00	99,60	101,20	104,40	106,00	106,80
30	99,20	100,40	102,00	105,20	106,60	107,00
Média semanal	99,37	100,88	102,24	105,66	106,90	106,46
Média mensal	102,52	104,26	104,38	106,98	108,24	106,55

Fonte: Reuters.

QUADRO 74. - Exportação de Milho pelo Brasil, 1969-77

Ano	Valor FOB (US\$1.000)	Quantidade (t)	Valor médio (US\$/t)
1969	33.038	651.419	50,72
1970	80.594	1.470.619	54,80
1971	75.431	1.279.696	58,94
1972	9.630	172.073	55,96
1973	3.146	41.010	76,71
1974	138.348	1.102.885	125,44
1975	150.867	1.147.941	131,42
1976	164.678	1.371.733	120,05
1977	135.668	1.420.037	95,54

Fonte: Carteira do Comércio Exterior.

QUADRO 75. - Área, Produção e Rendimento da Cultura de Milho por Regiões do Estado de São Paulo, 1974/75 a 1977/78

DIRA	Área (ha)				Produção (kg)				Rendimento (kg/ha)			
	1974/75	1975/76	1976/77	1977/78 ⁽¹⁾	1974/75	1975/76	1976/77	1977/78 ⁽¹⁾	1974/75	1975/76	1976/77	1977/78 ⁽¹⁾
São Paulo	54.000	36.000	27.200	19.200	54.000	60.000	48.000	31.500	1.000	1.667	1.765	1.641
V. Paraíba	18.700	18.000	16.000	21.000	30.000	30.000	27.000	31.500	1.604	1.667	1.688	1.500
Sorocaba	210.800	267.000	193.000	200.000	366.000	498.000	348.000	273.900	1.736	1.865	1.803	1.369
Campinas	106.400	115.000	106.300	101.500	210.000	246.000	228.000	222.000	1.974	2.139	2.145	2.187
R.Preto	244.800	278.000	242.000	197.500	564.000	744.000	696.000	456.000	2.304	2.676	2.876	2.309
Baurū	52.900	56.000	56.300	44.000	90.000	108.000	108.000	63.000	1.701	1.929	1.918	1.432
S.J.R.Preto	169.300	190.000	213.500	148.500	324.000	420.000	498.000	255.000	1.914	2.210	2.333	1.717
Araçatuba	77.200	106.000	113.300	79.500	162.000	210.000	252.000	164.000	2.098	1.981	2.224	2.064
P.Prudente	68.000	89.000	62.800	69.000	108.000	174.000	114.000	114.900	1.588	1.955	1.815	1.665
Marília	103.900	115.000	103.600	91.600	192.000	234.000	201.000	139.500	1.848	2.035	1.940	1.523
Total	1.106.000	1.270.000	1.134.000	971.800	2.100.000	2.724.000	2.520.000	1.751.400	1.899	2.145	2.222	1.802

⁽¹⁾ Estimativa.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 76. - Preços Médios Mensais de Milho Recebidos pelos Agricultores, Estado de São Paulo, 1974-78

(em Cr\$/sc.60kg)

Mês	1974		1975		1976		1977		1978	
	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾
Jan.	31,38	95,53	47,24	106,94	63,38	110,03	65,80	77,68	98,60	84,75
Fev.	30,94	91,71	47,43	105,06	63,37	105,70	65,60	75,01	101,80	84,62
Mar.	31,62	89,64	45,23	98,60	59,00	94,83	61,70	67,79	105,60	84,98
Abr.	32,39	86,84	41,71	89,35	52,50	81,42	60,60	63,96	117,50	91,45
Mai.	33,14	85,87	39,60	83,10	50,50	75,66	62,30	63,48	128,30	96,76
Jun.	29,68	75,48	39,56	81,22	51,90	75,74	62,30	62,25
Jul.	27,97	70,27	41,86	84,13	56,50	79,45	62,50	61,16
Ago.	30,06	74,61	48,98	95,79	61,00	82,40	62,00	59,92
Set.	31,76	77,43	52,91	101,08	61,20	79,97	63,60	60,38
Out.	32,47	78,08	54,47	101,85	62,70	79,98	77,10	71,78
Nov.	39,04	92,44	57,51	105,15	64,14	80,32	86,80	78,20
Dez.	43,72	101,19	60,56	108,48	65,30	79,91	93,00	82,05

(¹) Preços deflacionados pelo Índice "2" de Conjuntura Econômica (em cruzeiro de 1977).

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

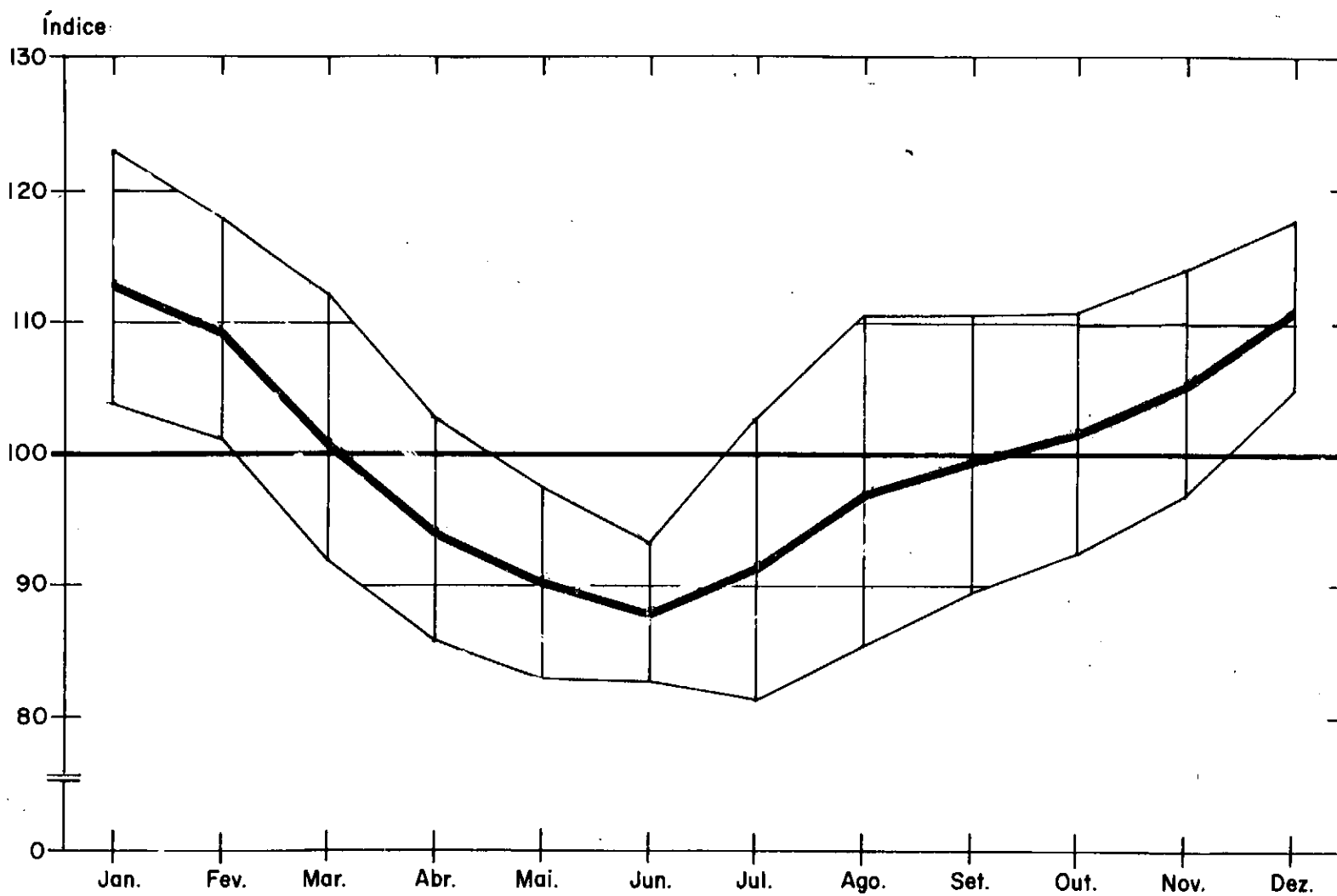


FIGURA 8. - Variação Estacional do Preço Médio Recebido pelos Agricultores, Milho, Estado de São Paulo, 1971-77.

- Café

- Panorama internacional

A produção mundial de café em 1977/78 (ano de comercialização) foi de 68,6 milhões de sacas. Descontada desse volume a parcela correspondente ao consumo interno dos países produtores, resultou em uma produção exportável de 51 milhões de sacas, volume esse 15% superior ao verificado em 1976/77. Em 1976/77, as estimativas indicaram uma produção exportável de 44,3 milhões de sacas (quadro 77), com um total de 2,5 milhões de sacas provenientes do Brasil.

As exportações mundiais em 1977 (46,5 milhões de sacas) foram 20% inferiores às de 1976, quando atingiram 58,5 milhões (quadro 78). Assim, observa-se que o impacto causado pelos preços elevados, ocasionando uma retração nas compras, foi mais acentuado no segundo ano após a ocorrência das geadas no Brasil.

De maneira geral, os principais exportadores mantiveram as suas participações relativas no mercado internacional. Destacam-se o Brasil e a Colômbia que detiveram, respectivamente, cerca de 22,0% e 11,0% do total exportado em 1977.

O início do ano de comercialização 1977/78 caracterizou-se pelo fato de apresentar um suprimento total (87,7 milhões de sacas) dos mais baixos dos últimos anos (quadro 79). Com base nas estatísticas do quadro 77 observa-se, para os anos 1977/78 e 1976/77, um total médio exportável de 47,5 milhões de sacas, inferior portanto à média dos anos anteriores. Apesar disso, os preços internacionais declinaram a partir de abril de 1977. Com efeito, os preços, que entraram em nova fase de elevação em fins de 1976 e início de 1977, alcançando níveis máximos (quadro 80) da ordem de US\$3,15/libra-peso em abril (média composta de preços indicativos da OIC), baixaram para US\$2,43/libra-peso em junho, atingindo US\$1,86 em dezembro do ano sob análise. Essa tendência declinante continuou em amplitudes de variação ao redor dos US\$1,52 a US\$1,66/libra-peso durante o segundo trimestre de 1978. Basicamente, este quadro se deveu às volumosas compras efetuadas pelos países importadores até abril de 1977, quando, então, procuravam se precaver contra a possível escassez do produto, à semelhança do ocorrido em 1976/77. Essas compras tiveram como consequência a elevação considerável do preço do café no mercado internacional, refletindo diretamente nos preços ao nível do consumidor, dos países importadores, o que acarretou uma ponderável queda no consumo.

Como consequência, no presente ano de comercialização 1977/78, os importadores passaram a comprar menores quantidades e a operar com estoques desusadamente reduzidos. Isto se observa tanto no mercado europeu como no americano, pois os estoques considerados normais nos EUA, que eram de 3,0 milhões a 4,0 milhões de sacas, para um consumo anual aproximadamente de 20,0 milhões de sacas, reduziram-se significativamente em 1978. Na Europa, para um consumo em torno de 30,0 milhões de sacas, os estoques normais se situavam em torno de 3,5 milhões de sacas anuais e estão também em níveis bem mais baixos em 1978. Tal fato se deve a uma série de fatores, como retração no consumo interno dos países importadores, preocupação dos importadores com o comportamento futuro dos preços, que no passado oscilaram violentamente, e a expectativa de maior oferta.

A posição mundial do produto pode ser analisada a partir dos dados do quadro 79. No início do ano de comercialização de 1977/78, o "carry over" era da ordem de 19,1 milhões de sacas, que acrescidas a uma produção mundial de 68,6 milhões de sacas resultaram

num suprimento total de 87,7 milhões. As exportações líquidas e a distribuição interna foram estimadas em, respectivamente, 52,0 e 16,2 milhões de sacas. Dessa forma, o "carry over" final se situará em 19,4 milhões, praticamente nos mesmos níveis do inicial. Tem-se verificado, nos últimos 12 anos, uma acentuada queda nos níveis de "carry over", que após atingir seu máximo em 1965/66, com 83,0 milhões de sacas, declinou significativamente, passando de 61,0 milhões em 1969/70 para 19,0 milhões em 1977/78. Níveis inferiores a este somente se verificaram há mais de 20 anos.

Como resultado do comportamento dos preços observados nos últimos anos, a produção de diversos países vem crescendo de modo contínuo. As estatísticas de produção de alguns importantes países produtores, como a Colômbia e outros menores mas que, no conjunto, representam um volume de produção significativo, como El Salvador, México, Guatemala, Equador, Camarões, Zaire, Indonésia, etc, confirmam tal observação. A produção exportável, logicamente, segue esta tendência, excetuando-se o caso do Brasil, Costa do Marfim e Uganda, grandes produtores que nos últimos anos, por motivos diversos, mostraram reduções de produção. Entretanto, é provável que poderão a curto e médio prazos voltar a participar do mercado em condições normais.

Para o ano de comercialização 1978/79 a produção mundial de café é estimada em 74,6 milhões de sacas beneficiadas segundo dados divulgados pelo Departamento de Agricultura (USDA), cabendo ao Brasil a produção de 20,0 milhões, ou seja, 26,8% daquela previsão. Esta produção mundial representa, em relação ao ano anterior, um acréscimo de 6,0 milhões de sacas ou o equivalente a 9%. Entretanto, de acordo com a 2ª estimativa de safras do IBC, a produção do Brasil será de 18,9 milhões.

Ainda segundo o USDA, os países que mais se destacam na produção de café são, na América do Sul, o Brasil com 20,0 milhões de sacas e a Colômbia com 10,0 milhões de sacas; na América do Norte, o México com 4 milhões de sacas; na América Central, El Salvador com 2,7 milhões e Guatemala com 2,5 milhões; na África, a Costa do Marfim com 5,0 milhões e Uganda com 2,6 milhões e na Ásia, a Indonésia com 2,3 milhões de sacas.

- Situação interna

Segundo dados do IBC, a população cafeeira situa-se em torno de 3.094,0 milhões de covas, assim distribuídas: Minas Gerais, com 866,4 milhões de covas representando 28% da população; São Paulo, com 858,7 milhões (28%), Paraná, com 780,7 milhões (25%); Espírito Santo, com 337,0 milhões (11%) e os outros estados com 251,6 milhões de covas (8%). O parque cafeeiro, da ordem de 3,0 bilhões de covas, de acordo com alguns observadores seria suficiente para atender as necessidades de consumo e exportação do País. Esse número resulta dos Planos de Renovação e Revigoração de Cafezais (PRRC) acionados a partir de 1969/70 e que originaram a chamada "nova cafeicultura", dotada de melhor tecnologia e deslocada das áreas mais sujeitas às geadas.

Uma primeira aproximação dos dados do PRRC, para o período 1969-77, evidencia o atendimento de mais de 160 mil cafeicultores, com aplicações nos diferentes programas do montante nominal estimado pelo IBC em Cr\$14,3 bilhões. A maior parte desses recursos destinou-se ao plantio e aquisição de fertilizantes e defensivos.

Minas Gerais foi o Estado que mais se beneficiou com o PRRC, sendo contemplado com um plantio de 566,7 milhões de pés, o que representa 36,5% do total plantado no período, enquanto São Paulo plantou 393,7 milhões de pés ou 25,3% do total (quadro 81). Na safra

1976/77, Minas Gerais plantou 45,1% do total de pés previsto para o plano anual.

De acordo com dados preliminares disponíveis, até maio do corrente, o PRRC de 1977/78, que objetivava inicialmente o plantio de 150,0 milhões de pés, ultrapassou aquela meta, tendo alcançado 195,2 milhões de pés, sendo que só em São Paulo foram plantados 53,3 milhões, ou seja, 27,0% do total. O Paraná teria efetivado o plantio de 64,5 milhões (33,0%), Minas Gerais 5,2 milhões (3,0%) e outros estados 72,2 milhões de pés (37,0%).

Com relação aos Programas de Formação de Mudanças de 1976/77, foram investidos, no País, Cr\$158,0 milhões nominais para produção de 450,1 milhões de unidades. O Programa de Recepta e Decote foi pouco utilizado e os Programas para Aplicação de Fertilizantes, Defensivos e Equipamentos absorveram recursos no montante de Cr\$1.670 milhões em 1976/77, o que supera em 27% o volume aplicado no ano anterior.

Analisando-se a situação presente verifica-se que a relação entre plantios novos e o total de covas existente é de 51% para o Brasil. Em São Paulo esse percentual é de 41%, ultrapassado por Minas Gerais (77%) e pelo Paraná (48%). Isto significa que para se atingir a meta desejada (em torno de 28 milhões de sacas beneficiadas) seria necessária uma produtividade de 9 sacas por 1.000 pés, o que não é difícil de ser alcançado.

A média brasileira da densidade de cafeeiros por unidade de área é de 1.130 covas/ha. Entretanto, ao se desagregar a população cafeeira entre plantios novos e velhos, verifica-se que a média brasileira para os cafezais velhos é de 1.059 pés/ha e, para os novos plantios, de 1.300 pés/ha, com variação de 20,0%. Todavia, em São Paulo, tanto as lavouras velhas como as novas mantêm a mesma densidade, ou seja, 1.000 pés/ha, enquanto Minas Gerais apresenta 1.399 pés/ha no caso de cafezais velhos e 1.620 pés/ha no de novos. Com relação à variedade, a preferência é pelo Mundo Novo seguido pelo Catuaí. A introdução de cultivares do Robusta, resistentes à ferrugem, ainda é incipiente.

A produção da safra 1977/78, segundo o IBC, é de 18,9 milhões de sacas beneficiadas, 17,4% superior à do período anterior, apesar dos percalços enfrentados pela cultura devido à forte seca que atingiu as regiões paulista e paranaense no início de 1978. São Paulo apresenta uma estimativa de 7,2 milhões de sacas para uma população de 858,0 milhões de pés e o Paraná de 4,8 milhões de sacas para 781,0 milhões de pés (quadro 82). A renda de benefício foi visivelmente afetada pela seca (16kg a 18kg), já que normalmente no Estado de São Paulo ela se situa entre 18kg e 20kg, podendo atingir excepcionalmente até 22kg beneficiados por 40kg em coco.

O Estado de Minas Gerais, que foi pouco afetado pela seca, deverá produzir 4,5 milhões de sacas para 866,0 milhões de pés. A produção do Espírito Santo, em contraste com as demais regiões, deverá aumentar, atingindo 1,9 milhão de sacas. Com relação aos demais estados que possuem café, a previsão é que sejam colhidas 0,5 milhão de sacas.

As exportações brasileiras em 1977 foram de 10 milhões de sacas, 12,5% superior em relação ao ano anterior, tendo alcançado o valor de US\$2,6 bilhões. Este montante é sem precedentes, pois já em 1976 havia sido registrado um recorde de exportações, representado por US\$2,4 bilhões, correspondentes a 15,6 milhões de sacas, ao preço médio de US\$153,70/saca. Em 1977, o preço médio de venda foi de US\$259,20/saca, valor este que reflete tardiamente o máximo dos efeitos da geada de 1975 sobre o comportamento de preços.

Até 30 de junho do corrente ano foram exportadas 5,5 milhões de sacas no valor aproximado de US\$1,1 bilhão, e as expectativas são de que até o final do ano sejam atingidas 12,0 milhões de sacas.

Com relação a preços, tem-se que, em janeiro de 1977, a cotação média a nível de produtor foi de Cr\$2.045,40 por saca beneficiada, passando a Cr\$2.153,00 em fevereiro e a

Cr\$3.401,30 no mês seguinte, atingindo o valor máximo em abril de Cr\$3.763,80. Em seguida so freu um decréscimo gradativo até junho de 1978, quando chegou a Cr\$1.960,56 (quadro 83).

Como consequência da elevação dos preços internos em 1977, os preços no varejo passaram de Cr\$59,40/kg em abril, para Cr\$64,80/kg a vigorar até julho para a Região Centro-Sul e Cr\$66,40/kg para o Norte e Nordeste. Houve queda no consumo, segundo as estatísticas disponíveis, pois em 1970 foram consumidas quase 9,0 milhões de sacas e apenas 6,4 milhões de sacas em 1976; o consumo per capita passou de 4,5kg para 3,1kg, no período, com redução portanto de 31%.

Com relação aos custos operacionais de produção (Capítulo 2), o Instituto de Economia Agrícola apresenta a estimativa atualizada de 1977/78 para o Sistema Manual Típico, com quatro níveis de produtividade: Cr\$2.128,09 por saca beneficiada para o nível de produtividade de cinco sacas; para produtividade de dez sacas o montante é de Cr\$1.458,27 por saca e aos níveis de quinze e vinte sacas, os valores atingem Cr\$1.141,37 e Cr\$912,37, respectivamente. Para a safra 1978/79, no mesmo Sistema Manual Típico e para quatro níveis de produtividade, as estimativas são de Cr\$2.969,81 por saca beneficiada, ao nível de cinco sacas; Cr\$1.027,16 para o nível de dez sacas; Cr\$1.424,43 para quinze sacas; e Cr\$1.165,86 por saca para o nível de vinte sacas beneficiadas. Ressalve-se que tais valores referem-se a custos operacionais, não levando em consideração itens de custo fixo, razão pela qual os montantes poderão ser maiores, dentro do conceito clássico de custos fixos e variáveis.

No ano de comercialização 1977/78 houve acirrada discussão quanto aos preços mínimos de exportação, preços de garantia, quotas de contribuição e várias normas de comercialização particularmente em decorrência das flutuações dos preços internacionais. Através da Resolução nº 22/77 (20/05/77), o preço de registro para exportação alcançou US\$3,20/libra-peso e a partir de dezembro de 1977 sofreu sucessivas reduções até se situar em US\$1,50 em julho último através da Resolução nº 32/78 (30/06/78). Essa variação também se deu com a quota de contribuição, que alcançou US\$220/saca (Resolução nº 32/77 de 07/10/77), chegando a US\$70/saca na Resolução nº 32/78 (20/06/78).

Outro aspecto a se destacar é que, pela Resolução nº 30/77 (12/08/77), o IBC comprava café exclusivamente de produtores e suas cooperativas a Cr\$2.000,00/saca. A Resolução nº 34/77 (07/10/77) elevou o preço de compra para tipo 6 em Cr\$2.500,00, a vigorar a partir de 1º de janeiro de 1978. Através da Resolução nº 10/78 (31/03/78), o IBC passou a adquirir o produto a Cr\$2.500,00 por saca, também dos industriais e comerciantes, o que anteriormente era vedado pela Resolução 30/77.

A partir da Resolução nº 11/78 (07/04/78), o IBC passou a comprar cafés inferiores ao tipo 6 até o tipo 7, da variedade Arábica e do Robusta do tipo 6 para melhor, ao preço de Cr\$2.000,00/saca, a vigorar de 10 de abril a 30 de junho de 1978; estes tipos não vinham sendo comprados pelo IBC desde abril de 1977 (Resolução 14/77). A Resolução 21/78, de 05/05/78, prorrogou o prazo da Resolução nº 11/78 para até 30 de junho de 1979. Finalmente, há que se destacar a resolução especial baixada pelo IBC (Resolução nº 12/78 de 07/04/78) que estabeleceu o término, em 1º de maio de 1978, do Programa de Suprimento ao Mercado Interno Vinculado à Exportação, que obrigava o exportador a comprovar a venda interna de uma saca às indústrias de torrefação para cada duas exportadas, programa este que começou a vigorar a partir da Resolução nº 21/77 (20/05/77).

A Resolução nº 21/78, de 05/05/78, elevou o preço de garantia de Cr\$1.250,00 para Cr\$2.500,00/saca, vigorando a partir de 1º de julho de 1978 até 30 de junho de 1979.

Já as bases para financiamento à comercialização passaram de 80% para 50% do preço de garantia, o que resultou numa elevação de Cr\$1.000,00 para Cr\$1.250,00/saca.

A variação estacional de preços do café em coco (figura 9) no período 1971-77 indica tendência dos preços médios recebidos pelos cafeicultores de se situarem acima da média no período imediatamente anterior à colheita e nos meses de agosto e setembro, início do ano de comercialização. Deve-se destacar, entretanto, a influência anormal dos preços observados a partir de 1975, o que acentua as amplitudes de variações nos períodos citados.

- Perspectivas

As produções dos principais países exportadores indicam níveis crescentes ano a ano. Em 1977/78 foram obtidas 68,4 milhões de sacas, enquanto em 1978/79 estima-se a produção em 74,6 milhões, 9,0% superior à do período anterior. Somando-se a esta o "carry over" previsto de 19,0 milhões de sacas, o suprimento total para o próximo período será de aproximadamente 93,6 milhões de sacas, suficiente para atender a demanda dos importadores e o consumo interno dos países exportadores. De acordo com essas estimativas deverá haver maiores disponibilidades para o ano de 1978/79, uma vez que o consumo de café apresentou certa redução em consequência dos preços vigorantes nos dois últimos anos.

A dificuldade de obtenção de dados estatísticos mais exatos dos países produtores, bem como sobre a real situação dos países consumidores, aliada às características peculiares do mercado do produto, podem, entretanto, propiciar inferências pouco rigorosas sobre o comportamento do mercado a curto prazo.

Segundo informações da Organização Internacional do Café (OIC), a posição estatística atual caracteriza-se por apresentar níveis de estoques baixos, em consequência das geadas ocorridas no Brasil em 1975, que foram responsáveis pela redução de mais de 20,0 milhões de sacas nos estoques mundiais. Ainda segundo a mesma fonte, as reservas nos países produtores são da ordem de 10,0 a 13,0 milhões de sacas, já subtraídos os estoques operacionais, que giram em torno de 12,0 milhões de sacas. Metade dessas reservas estaria no Brasil e outra metade nos demais países produtores.

As estimativas são de que a produção exportável em 1978/79 estaria entre 55,0 milhões e 60,0 milhões de sacas, com o Brasil respondendo por um volume que se situaria entre 15,0 milhões a 18,0 milhões e os demais países entre 40,0 milhões e 42,0 milhões de sacas. Sendo a demanda mundial da ordem de 52,0 milhões, haveria um excedente entre 3,0 milhões e 8,0 milhões de sacas, e, portanto, as reservas seriam elevadas para um nível entre 13,0 milhões e 21,0 milhões de sacas.

De outro lado, as estimativas do USDA prevêem oferta de café em "condições favoráveis" para 1978, com preços declinantes, partindo do raciocínio de que os países produtores possuíam suprimentos de aproximadamente 54,0 milhões de sacas até 31/03/78, devido aos baixos níveis de exportação de outubro de 1977 a março de 1978, período no qual a maioria dos produtores efetua suas colheitas. Isto representa um ano de demanda mundial aos níveis de consumo atual. Essa análise decorre do fato de que, de abril a junho de 1977, os estoques baixaram pouco e as exportações sofreram reduções de cerca de 5,0 milhões de sacas. Durante junho a setembro os estoques aumentaram em 2,0 milhões de sacas porque o Brasil exportou pouco. No trimestre final do ano, o suprimento mundial atingiria 53,0 milhões de sacas, dado o pequeno volume de café exportado pelo Brasil e o fato de que neste período se processam as colheitas na maioria dos países produtores.

As informações disponíveis, portanto, conquanto divergentes em termos de interpretação dos dados, indicam a situação de disponibilidades suficientes para não ensejar altera-

ções significativas nos preços externos.

Quanto à situação interna, tomando-se os dados disponíveis de estoque em fins de junho de 1978, estimados em aproximadamente 5,0 milhões a 6,0 milhões de sacas em mãos de particulares e 1,0 milhão a 1,6 milhão com o Governo, e acrescentando-se a produção esperada de 18,0 milhões a 18,9 milhões de sacas da safra 1977/78 obtêm-se uma disponibilidade de 24,0 milhões a 26,5 milhões de sacas para o período de 01/07/78 a 30/06/79. Admitindo-se que 10,0 milhões a 12,0 milhões de sacas sejam exportadas, e o consumo interno seja de 7,0 milhões a 7,5 milhões, obter-se-ia um remanescente em junho de 1979 de apenas 4,5 milhões a 9,0 milhões de sacas (quadro 84).

A se configurar esse quadro, a safra 1978/79 terá que superar 20,0 milhões de sacas para que se possa, ao menos, dispor de um mínimo de café em estoque, que permita afastar a eventualidade de um novo período de escassez acentuada, sujeita a agravamento em decorrência de fatores climáticos desfavoráveis.

(IEA, 24/07/1978)

QUADRO 77. - Produção Mundial Exportável de Café, Média 1968/69 a 1972/73 e 1973/74 a 1978/79

(em 1.000sc.60kg)

Região e país	Média	1973/74	1974/75	1975/76	1976/77	1977/78	1978/79 (1)
	1968/69 a 1972/73						
América do Sul							
Brasil	9.920	6.370	19.500	15.000	2.500	10.000	12.000
Colômbia	6.644	6.250	7.400	7.100	7.400	8.300	8.550
América do Norte e Central							
México	1.710	1.690	2.156	2.660	2.500	2.250	2.500
El Salvador	2.099	2.203	3.130	2.150	2.725	1.820	2.515
Guatemala	1.688	1.925	2.255	1.859	2.184	1.950	2.200
África							
Costa do Marfim	4.244	3.219	4.432	5.020	4.940	3.250	4.917
Uganda	3.150	3.078	2.978	2.778	2.670	2.578	2.578
Ásia							
Indonésia	1.484	1.795	1.700	1.965	1.920	2.053	2.000
Outros	15.474	17.144	18.882	16.840	17.450	18.799	19.080
Total Mundial	46.413	43.674	62.433	55.372	44.289	51.000	56.340

(1) Preliminar.

Fonte: Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA).

QUADRO 78. - Exportações Mundiais e Principais Países Exportadores, 1971-77

(em milhão de sc.60kg)

Região e país	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977 ⁽¹⁾
América do Sul							
Brasil	18,4	19,2	19,8	13,3	14,6	15,6	10,2
Colômbia	6,6	6,5	6,8	6,9	8,2	6,3	5,3
América do Norte e Central							
México	1,6	1,7	2,3	2,0	2,4	2,8	1,8
El Salvador	1,7	2,1	2,5	2,6	3,1	2,7	3,0
Guatemala	1,7	1,9	1,9	2,2	2,2	2,1	2,1
África							
OAMCAF ⁽²⁾	5,5	6,0	6,5	7,4	7,2	8,8	6,3
Uganda	2,7	3,3	3,6	3,1	2,9	2,6	2,2
Ásia							
Indonésia	1,1	1,4	1,6	1,8	2,2	2,1	2,1
Outros	14,2	15,8	17,6	15,5	15,0	15,5	13,5
Total mundial	53,5	57,9	62,6	54,8	57,8	58,5	46,5
Total mundial menos Brasil	35,1	38,7	42,8	41,5	43,2	42,9	36,3

⁽¹⁾ Preliminar.

⁽²⁾ Benin, Camarões, Congo, Gabão, Costa do Marfim, Madagascar, Togo e República Centro-Africana.

Nota: Por um lapso, no Prognóstico 1977/78 os dados correspondentes ao México foram atribuídos a El Salvador e vice-versa, o mesmo ocorrendo entre Indonésia e Guatemala.

Fonte: Organização Internacional do Café (OIC).

QUADRO 79. - Suprimento e Distribuição Mundial de Café Verde, 1969/70 a 1977/78
(em 1.000sc.60kg)

Ano de comercialização (1)	"Carry-over" inicial (2)	Produção	Suprimento total	Exportação líquida (3)	Distribuição interna	"Carry-over" final
1969/70	66.085	66.362	132.447	53.500	18.284	60.663
1970/71	60.663	58.291	118.954	52.712	18.137	48.105
1971/72	48.105	71.834	119.939	57.934	18.751	43.254
1972/73	43.254	76.485	119.739	59.588	19.319	40.832
1973/74	40.832	62.544	103.376	57.411	18.752	27.213
1974/75	27.213	80.432	107.645	56.630	19.198	31.817
1975/76	31.817	72.501	104.318	56.522	19.103	28.693
1976/77 (4)	28.693	60.500	89.193	52.114	18.000	19.078
1977/78 (5)	19.078	68.575	87.653	52.000	16.212	19.441

(1) Outubro a setembro na maioria dos países.

(2) Existente nos países produtores.

(3) Para consumo e utilização nos países importadores. Os estoques nos países importadores são estimados em média em 7,5 milhões de sacas.

(4) Preliminar e sujeito à revisão.

(5) Estimativa.

Fonte: Anuário Estatístico do Café - Bureau Pan Americano de Café até 1975/76 e OIC. Os dados de 1976/77 e 1977/78 são uma estimativa preliminar do IEA com base em diversas informações disponíveis.

QUADRO 80. - Médias Mensais dos Preços Indicativos para Café, da Organização Internacional de Café (OIC), 1976-78

(em centavo de dólar por libra-peso) ⁽¹⁾

Ano e mês	Suaves	Outros	Arábica não	Robusta	Média
	colombianos	suaves	despolpados		composta
1976					
Mai.	156,11	135,46	149,35	121,64	128,55
1977					
Jan.	221,35	218,96	247,26	216,26	217,61
Fev.	246,57	245,48	261,21	246,37	245,93
Mar.	313,04	304,17	359,09	306,09	305,13
Abr.	320,78	317,68	369,00	312,24	314,96
Mai.	291,71	285,26	329,81	269,56	277,41
Jun.	268,73	262,09	320,00	224,02	243,06
Jul.	228,74	221,52	316,84	196,49	209,00
Ago.	204,96	199,40	315,00	203,33	201,36
Set.	193,10	190,05	315,00	201,50	195,78
Out.	181,60	171,02	315,00	173,93	172,48
Nov.	204,45	197,55	318,16	166,71	182,13
Dez.	207,51	202,82	230,14	168,57	185,70
1978					
Jan.	206,59	206,16	216,90	177,13	191,65
Fev.	199,18	197,59	201,56	174,56	186,08
Mar.	185,61	175,10	166,04	157,64	166,37
Abr.	193,85	178,57	169,90	144,80	161,69
Mai.	192,18	169,61	157,92	136,09	152,85
Jun.	192,67	168,50	177,73	151,14	159,82

⁽¹⁾ Uma saca de 60 quilos equivale a 132,271 libras-peso.

Fonte: Organização Internacional do Café (OIC) e Complete Coffee Coverage.

QUADRO 81. - Plantio Realizado, Plano de Renovação e Revigoração dos Cafezais, 1969-76, 1976/77 e 1977/78

Estado	Média 1969-76		1976/77		1977/78 ⁽¹⁾		Total	
	Milhão de pés	%	Milhão de pés	%	Milhão de pés	%	Milhão de pés	%
Paraná	281,6	26,0	96,9	20,6	64,5	33,0	378,5	24,3
São Paulo	284,5	26,3	109,2	23,2	53,3	27,0	393,7	25,3
Minas Gerais	354,5	32,7	212,2	45,1	5,2	3,0	566,7	36,5
Outros	162,8	15,0	52,4	11,1	72,2	37,0	215,2	13,9
Total	1.083,4	100,0	470,7	100,0	195,2	100,0	1.554,1	100,0

(¹) Estimativa parcial.

Fonte: Instituto Brasileiro do Café (IBC).

QUADRO 82. - Estimativas Finais da Produção Brasileira de Café por Estado, 1961/62 a 1978/79

(em milhão de sc.60kg)

Ano safra	Paraná	São Paulo	Minas Gerais	Espírito Santo	Outros	Total
1961/62	21,4	11,3	4,0	1,9	1,0	39,6
1962/63	18,0	5,2	2,5	2,4	0,8	28,9
1963/64	9,5	0,1	1,6	1,3	0,7	13,2
1964/65	3,6	1,8	1,2	1,1	0,6	8,3
1965/66	20,4	11,2	2,9	1,9	0,6	37,0
1966/67	7,7	6,2	2,8	1,6	0,5	18,8
1967/68	12,9	8,5	2,0	0,7	0,4	24,5
1968/69	8,3	4,6	1,9	1,6	0,6	17,0
1969/70	12,3	6,1	1,3	0,5	0,4	20,6
1970/71	1,6	4,4	3,0	1,6	0,4	11,0
1971/72	12,8	9,8	1,3	0,4	0,3	24,6
1972/73	9,7	9,4	3,7	1,2	0,5	24,5
1973/74	4,1	7,0	2,0	0,8	0,4	14,3
1974/75	11,5	9,8	4,9	1,4	0,5	28,1
1975/76	11,7	7,0	2,0	1,0	0,5	22,2
1976/77	0,0	1,9	2,3	1,5	0,3	6,0
1977/78	1,8	7,6	4,9	1,2	0,6	16,1
1978/79 ⁽¹⁾	4,8	7,2	4,5	1,9	0,5	18,9

⁽¹⁾ 2a. Estimativa do IBC.

Fonte: IBC/DEC. - Anuário Estatístico do Café.

QUADRO 83. - Preços Médios Recebidos pelos Agricultores, Café, Estado de São Paulo, 1972-78

(em Cr\$/sc.60kg)

Mês	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978
Jan.	139,10	228,10	301,40	337,40	768,40	2.045,40	2.097,80
Fev.	141,20	238,30	312,80	339,40	891,40	2.153,00	1.968,60
Mar.	144,10	245,30	367,30	333,10	919,20	3.401,30	1.896,20
Abr.	149,40	249,20	379,10	327,50	1.057,70	3.763,80	1.867,90
Mai.	157,40	248,90	368,60	335,10	1.418,20	3.013,90	1.815,70
Jun.	163,40	256,20	353,00	376,00	1.423,80	2.574,90	1.960,56
JuI.	182,50	278,80	340,50	383,60	1.412,40	2.158,50	...
Àgo.	222,10	287,00	322,90	632,50	1.368,70	1.908,40	...
Set.	222,00	286,30	314,30	638,10	1.446,50	1.801,20	...
Out.	213,60	287,70	307,10	640,40	1.492,20	1.741,20	...
Nov.	216,60	291,40	308,70	635,80	1.651,60	2.075,50	...
Dez.	218,60	289,40	315,90	649,40	1.792,30	2.089,00	...

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 84. - Situação Estatística do Café no Brasil, 1978/79 (1)

(em milhão de sc.60kg)

Item	Hipótese	
	A	B
1-Remanescente em mãos de particulares em 30/06/78	6,0	5,0
2-Estoque oficial em 30/06/78	1,6	1,0
3- Remanescente total em 30/06/78	7,6	6,0
4-Safra 1978/79	18,9	18,9
5-Disponibilidade total para o período 01/07/78 a 30/06/79	26,5	24,0
6-Exportação até 30/06/79	10,0	12,0
7-Consumo interno até 30/06/79	7,0	7,5
8-Demanda total	17,5	19,5
9-Remanescente em 30/06/79	9,0	4,5

(1) Estimativa.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

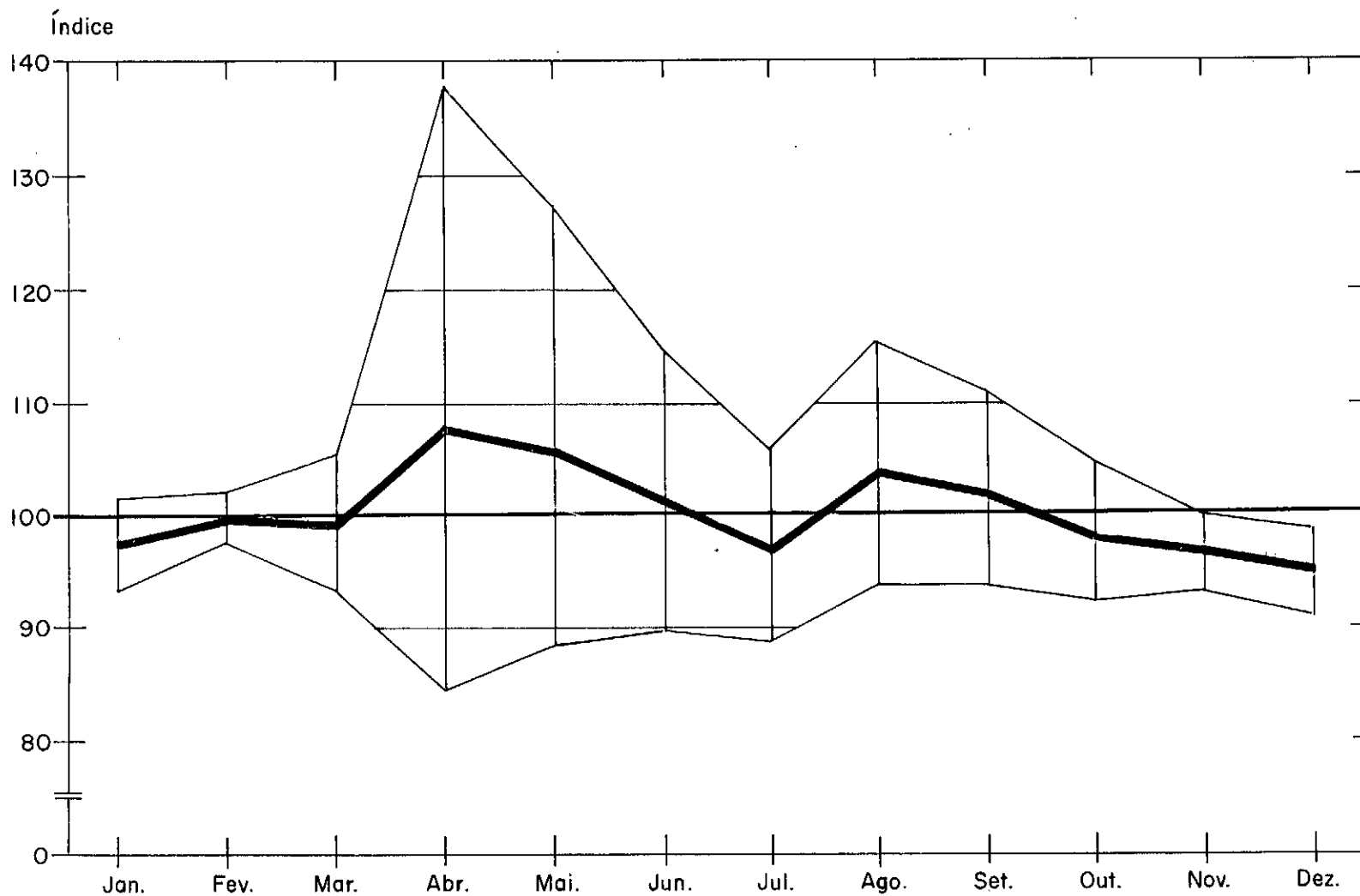


FIGURA 9 . - Variação Estacional do Preço Médio Recebido pelos Agricultores, Café em Coco, Estado de São Paulo, 1971-77.

- Algodão

- Panorama internacional

A produção mundial de algodão em 1977/78 deverá atingir o nível recorde de 65,2 milhões de fardos, 7,0 milhões a mais que a obtida no ano anterior. Este grande aumento deve-se à expansão da área e também à melhoria de produtividade decorrente das ótimas condições de cultivo. O principal incremento verificou-se nos Estados Unidos, seguidos por Rússia, México, Índia e Paquistão.

Em 1977/78, a produção deverá superar o consumo em 4,2 milhões de fardos, resultando portanto em estoques bem superiores aos 19,6 milhões da safra 1976/77, já que a demanda permanece estável na casa dos 61,0 milhões de fardos (quadro 85).

O consumo mundial de algodão vem atravessando período de recessão, enfrentado pelo setor têxtil em geral. Japão e Europa Ocidental são as regiões que apresentam maiores problemas em virtude da forte concorrência por parte de fibras artificiais e ainda pela importação de têxteis de preço baixo, o que tem restringido o consumo de algodão nas fiações.

Nos países socialistas e em desenvolvimento espera-se que ocorra aumento no consumo de algodão.

É provável, entretanto, que o comércio mundial ultrapasse os 17,4 milhões de fardos transacionados em 1976/77, com incrementos acentuados nas exportações dos Estados Unidos, México, Turquia, Paquistão, Irã, Sudão, Nicarágua e Paraguai. Os embarques estadunidenses durante a corrente temporada já eram, até final de maio, 8,2% superiores aos do mesmo período do ano anterior.

Os preços de algodão em pluma, desde dezembro de 1977, vêm apresentando elevações gradativas tendo em vista o intenso comércio mundial, contrariando inclusive as previsões iniciais de quedas acentuadas nas cotações em virtude dos elevados suprimentos. Naquela data, o tipo "5" Sul-Brasileiro, CIF-Liverpool, estava cotado a US\$0,57/libra-peso e, no momento, atinge US\$0,85/libra-peso.

Assim sendo, não se espera que haja diminuição de área tão acentuada nos principais países produtores como inicialmente fora previsto, podendo ocorrer inclusive acréscimo em alguns deles. Dados recentes indicam para os Estados Unidos queda na área cultivada ao redor de 6%, principalmente na região Sudeste, onde normalmente o rendimento é mais baixo, e acréscimo na região Oeste, onde a produtividade é mais alta, caso da Califórnia e Arizona.

Para o México e Síria espera-se diminuição entre 6% e 6,5% e de 13% para o Egito.

Especificamente para o Brasil deverá ocorrer, no máximo, acréscimo da ordem de 5% na área em relação à safra passada.

- Situação interna

A seca que assolou a Região Centro-Sul do Brasil prejudicou a safra 1977/78, conforme observa-se pelo menor rendimento já obtido no Estado de São Paulo, de 1.057kg/ha, comparado ao de 1.612kg/ha obtido no ano anterior (quadro 86). Para os outros estados produtores, caso do Paraná e Mato Grosso, também houve diminuição, cabendo acréscimo apenas para Goiás e Minas Gerais. Na Região Meridional, como um todo, as últimas estimativas indicam redução de 9% na produção (quadro 87).

Mesmo com os prejuízos causados pela estiagem ao desenvolvimento da cultura, a fibra do algodão na presente safra apresenta qualidade regular, com predominância de tipos médios (quadro 88).

A economia algodoeira no Sul do País e, naturalmente, em São Paulo, nos últimos anos estabilizou-se a um nível baixo ou, pelo menos, inferior ao que seria possível e mesmo desejável. Atualmente a área cultivada representa pouco mais da metade daquela de 10 anos atrás, significando perda de posição para outras explorações. Não ocorreram, entretanto, perdas de ordem física, já que o rendimento e a própria qualidade do produto vêm se mantendo em níveis razoáveis.

Fazendo-se abstração dos motivos de ordem geral e externa, tais como concorrência das fibras artificiais, pode-se considerar no plano interno como fator principal a má comercialização do produto que, por sua vez, resulta de várias causas, tais como política monetária e cambial, política de exportação e deficiências estruturais na economia do setor.

Da interação destes fatores constata-se que o algodão em caroço enfrenta não só o valor irreal do dólar em relação ao cruzeiro (comum aos produtos agrícolas de exportação), como também os estímulos dados à exportação de fios e tecidos, que nem sempre resultam em benefício direto ao produtor. Esta concessão de estímulos permite à indústria interna, que na maioria das vezes é também exportadora de fibra, pagar preços superiores aos vigentes no mercado mundial para o algodão em pluma. Isto favorece apenas parcialmente o produtor por atingir somente a parte da produção utilizada para industrialização. Esta situação é, até certo ponto, conveniente à indústria que sempre encontra a matéria-prima à sua disposição no mercado, já que o produtor não possui outra alternativa de colocação no mercado.

Fios e tecidos de algodão, em 1977, tiveram os impostos reduzidos (isenção e benefícios fiscais) da ordem de 40,3% e 57,3%, respectivamente, porém, somente os fios tiveram maiores índices de exportação, já que os tecidos apresentaram tendência decrescente no período 1974-76. No concernente às confecções, a participação de meias e roupas de malha vem apresentando contínua redução. Mesmo tendo ocorrido desaceleração no ritmo de expansão de exportação do algodão em pluma, este obteve um melhor desempenho que os têxteis no período 1973-77, apesar de ter sido beneficiado apenas recentemente com subsídio líquido de 15% (subsídio de 28% menos 13% de ICM). A partir de junho de 1978 o subsídio de 28% foi extinto.

A lenta recuperação na atividade têxtil mundial tem afetado sobremaneira os itens deste ramo, sendo ainda agravada por medidas protecionistas de importação.

Os preços recebidos pelos agricultores paulistas pelo algodão em caroço foram, em 1977, mais baixos no segundo semestre (quadro 89), comportamento este inverso ao do ano anterior e ao padrão de variação estacional (figura 10). A partir de 1978 verificou-se ligeira recuperação de preços, mais pelos efeitos da seca do que por uma demanda maior, pois são grandes os estoques remanescentes do ano 1976/77. Embora as exportações de pluma tenham aumentado em 1977 (quadro 90), o consumo industrial permanece relativamente estável há vários anos.

Um aspecto favorável à cotonicultura paulista é o aumento gradativo de plantio da variedade IAC - 17, que apresenta, comprovadamente, rendimento 30% superior em relação às até então utilizadas. Determinadas regiões do Estado, caso de Araçatuba, Marília e Presidente Prudente, vêm utilizando exclusivamente aquela variedade, enquanto que, nas demais regiões, sua participação percentual é ainda pouco notada, embora despertando grande interesse, fato que se verifica inclusive em outros estados, como no Paraná.

- Perspectivas

É fato notório que o setor agrícola do Centro-Sul do País está passando por grandes dificuldades, provocadas em boa parte, mas não exclusivamente, pelas adversidades climáticas.

Em realidade o setor, quase anulado com o impulso da soja, tem no momento poucas opções atraentes. O interesse pelo algodão dependerá do comportamento dos preços de outros produtos até a época de plantio e, obviamente, do nível dos futuros preços mínimos.

É provável que arroz, milho e feijão, este em escala menor devido aos riscos envolvidos, consigam captar boa parcela dos investimentos dos agricultores. Não se pode, entretanto, esquecer que a atual safra algodoeira não foi completamente adversa em relação à produção e que, no quadro geral da agricultura, ela se situa relativamente bem, apesar dos riscos de piorar, caso permaneçam as dificuldades na exportação, pois os excedentes exportáveis no momento continuam interferindo nas perspectivas para o próximo ano.

Cabe ainda lembrar que, não obstante o ganho de 15% em relação à safra 1976/77, a área de plantio da última safra foi ainda muito pequena, podendo aumentar bastante. Contudo, prevê-se que para o Estado de São Paulo esta área deverá permanecer estável com possibilidades de pequenas alterações para mais (até 5%): Caso perdurem as condições climáticas desfavoráveis atualmente observadas nos Estados Unidos é possível que esta previsão seja superada.

(IEA, 24/07/1978)

QUADRO 85. - Situação Mundial do Algodão, 1972/73 a 1977/78

(em milhão de fardos) ⁽¹⁾

Ano agrícola ⁽²⁾	Estoque em 1º de ago.	Produção	Consumo
1972/73	21,6	63,2	60,5
1973/74	24,2	63,5	62,2
1974/75	25,5	64,5	69,0
1975/76	30,8	54,6	62,8
1976/77 ⁽³⁾	22,6	58,2	61,5
1977/78 ⁽⁴⁾	19,6	65,2	61,0

⁽¹⁾ Fardo de 478 libras de peso líquido (216,5kg).

⁽²⁾ De 1º de agosto a 31 de julho.

⁽³⁾ Dados preliminares.

⁽⁴⁾ Estimativas.

Fonte: Comitê Consultivo Internacional de Algodão.

QUADRO 86. - Área Plantada, Produção e Rendimento da Cultura do Algodão, Estado de São Paulo, 1972/73 a 1977/78

Ano agrícola	Área (1.000ha)	Produção ⁽¹⁾ (1.000t)	Rendimento (kg/ha)
1972/73	430,0	621,0	1.444
1973/74	395,6	519,6	1.313
1974/75	368,0	489,6	1.330
1975/76	223,3	332,4	1.489
1976/77	300,1	483,8	1.612
1977/78	345,1	364,7	1.057

⁽¹⁾ Algodão em caroço.

⁽²⁾ Dados preliminares.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 87. - Produção de Algodão em Pluma da Região Meridional do País, 1972/73 a 1977/78

(em 1.000 toneladas)

Ano agrícola	São Paulo	Paraná	Goiás	Minas Gerais	Mato Grosso	Total
1972/73	247	136	48	22	3	456
1973/74	207	116	21	21	3	368
1974/75	190	126	16	27	4	363
1975/76	118	91	13	14	4	240
1976/77 ⁽¹⁾	169	108	21	30	29	357
1977/78 ⁽²⁾	139	98	25	38	25	325

⁽¹⁾ Dados preliminares.

⁽²⁾ Estimativas.

Fonte: Bolsa de Mercadorias de São Paulo e Serviços do Acordo de Classificação.

QUADRO 88. - Distribuição, por Tipo, do Algodão em Pluma Classificado no Estado de São Paulo, 1972/73 a 1977/78

(em porcentagem)

Tipo	1972/73	1973/74	1974/75	1975/76	1976/77	1977/78 ⁽¹⁾
Fino (atê 5, inclus.)	23,0	10,1	36,1	9,5	14,0	8,2
Médio (5/6,6 e 6/7)	65,1	59,5	61,9	73,5	72,6	85,0
Inferior (7 a inf. a 9)	11,9	30,4	2,0	17,0	13,3	6,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

⁽¹⁾ Dados preliminares (atê 19/06/78).

Fonte: Bolsa de Mercadorias de São Paulo.

QUADRO 89. - Preços Médios de Algodão em Caroço, Recebidos pelos Agricultores, Estado de São Paulo, 1974-78

(em Cr\$/arroba)

Mês	1974		1975		1976		1977		1978	
	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾
Jan.	30,23	68,43	47,07	81,71	111,20	131,27	88,60	76,15
Fev.	39,45	116,93	30,76	68,13	54,30	90,57	106,80	122,11	95,20	79,13
Mar.	38,92	110,33	32,08	69,93	61,20	98,36	97,80	107,45	105,80	85,14
Abr.	41,76	111,96	33,33	71,40	66,90	103,75	100,80	106,40	120,30	93,63
Mai.	43,51	112,74	34,46	72,31	78,10	117,01	97,70	99,55	121,20	91,41
Jun.	40,39	102,72	34,72	71,28	83,20	121,41	87,50	87,43
Jul.	34,36	86,31	35,29	70,92	92,90	130,63	83,50	81,71
Ago.	32,07	79,60	37,62	73,57	104,00	140,48	82,00	79,24
Set.	32,06	78,16	39,05	74,60	113,30	148,03	82,10	77,94
Out.	30,21	72,64	40,63	75,97	120,80	154,08	82,90	76,64
Nov.	30,68	72,64	41,55	75,97	120,80	151,27	82,50	74,32
Dez.	30,53	70,66	44,51	79,73	113,30	138,65	85,00	74,99

(1) Preços deflacionados pelo Índice "2" de Conjuntura Econômica em cruzeiro de 1977.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 90 . - Exportações Brasileiras de Algodão em Pluma, 1966-77

Ano	Valor (US\$1.000 FOB)	Quantidade (t)	Preço médio (US\$/t)
1966	111.004	235.867	470,62
1967	90.844	189.442	479,53
1968	130.817	247.551	528,44
1969	196.008	439.380	446,10
1970	154.337	342.833	450,18
1971	137.140	226.809	604,65
1972	188.682	284.201	663,90
1973	218.068	282.867	770,92
1974	90.934	83.160	1.093,48
1975	97.794	107.202	912,24
1976	6.957	5.579	1.247,00
1977	40.894	34.732	1.177,42

Fonte: Carteira do Comércio Exterior (CACEX).

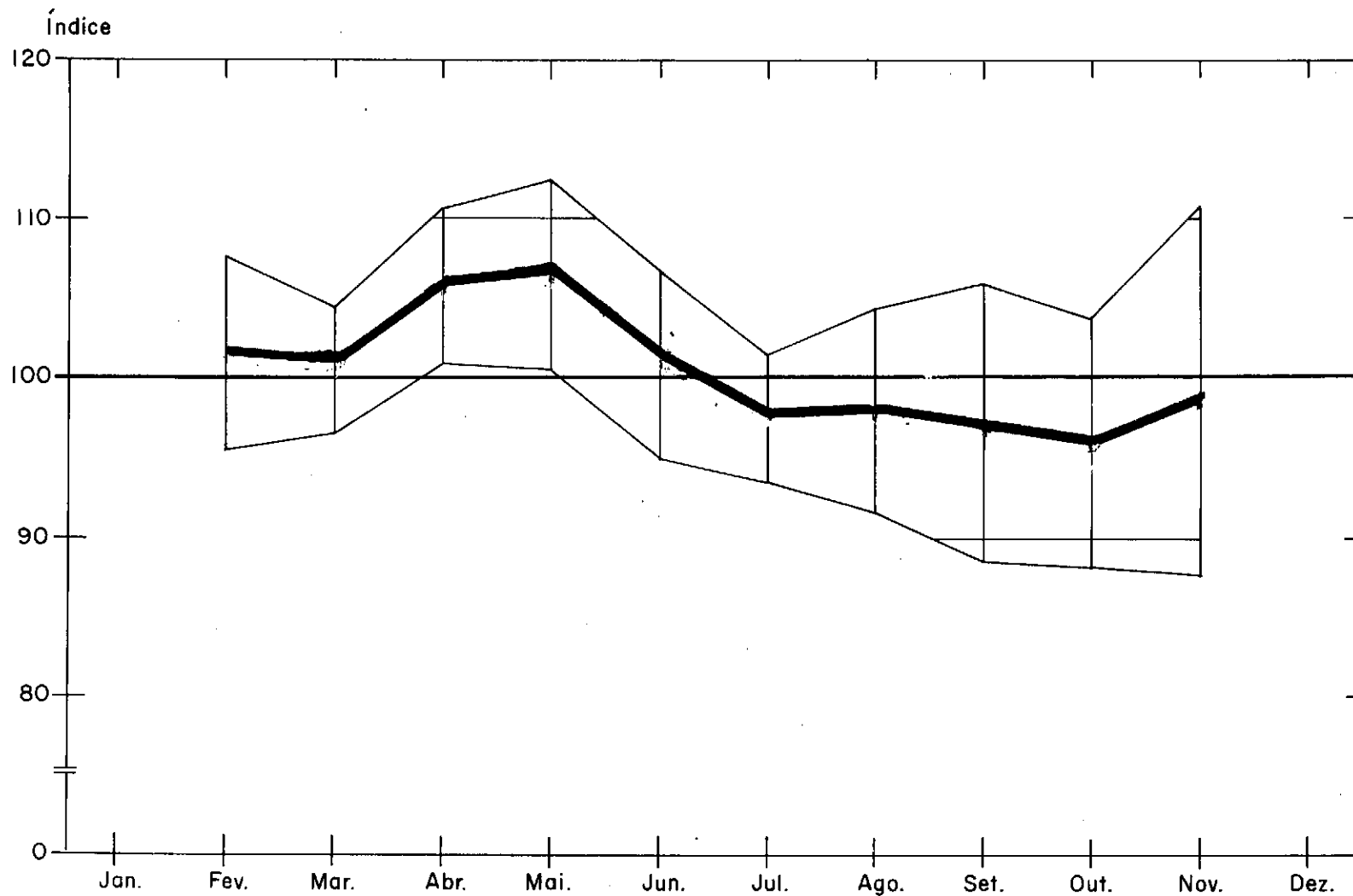


FIGURA 10. - Variação Estacional do Preço Médio Recebido pelos Agricultores, Algodão em Carvão, Estado de São Paulo, 1971-77.

- Suínos

- Panorama internacional

A produção mundial de carnes em geral, em 1977, foi estimada em 123 milhões de toneladas, correspondendo a um aumento de 2% em relação ao ano anterior. Esse aumento deveu-se principalmente ao incremento da produção de carne suína, estimada em 44,3 milhões de toneladas, 5% superior à de 1976.

As maiores porcentagens de aumento na produção da carne suína registraram-se nos países de economia planificada, principalmente União Soviética, cujo crescimento, da ordem de 11%, contribuiu decisivamente para a recuperação do setor, abalado com as crises de escassez de grão e forrageiras desde 1975.

Também nos Estados Unidos e Comunidade Econômica Européia (CEE), grandes produtores e consumidores mundiais, houve crescimento na produção de carne suína da ordem de 4% e 3%, respectivamente (quadro 91).

Quanto ao Japão, principal importador mundial, teve sua produção acrescida em 6,5% em relação à de 1976.

O crescimento mundial da produção de carne suína teve, como principal estímulo, a grande procura pelo produto, principalmente nos países desenvolvidos. No Japão, particularmente, a demanda pela carne suína foi favorecida não apenas pela melhoria nas condições econômicas do País, como também pela situação difícil da oferta de pescado.

Quanto ao comércio internacional em 1977, pode-se considerar relativamente fraco em comparação aos anos anteriores. O Japão reduziu suas compras devido ao aumento da produção interna. Os Estados Unidos e a CEE, apesar de terem comercializado quantidades razoáveis do produto, não chegaram a afetar o mercado internacional. De maneira geral, os preços internacionais da carne suína pouco mudaram em relação a 1976, sendo que se mantiveram a níveis mais baixos que os preços dos mercados internos dos países consumidores, especialmente os do Hemisfério Norte.

- Situação interna

Contrariando as expectativas de um incremento na produção paulista de carne suína em 1977, as estimativas indicam uma queda de 4% em relação ao ano anterior. Previsões feitas em abril de 1977 indicavam que a produção de carne suína, para o ano, seria de 72,8 mil toneladas, enquanto que, no final do período, levantamentos do IEA apontavam uma produção de 68,9 mil toneladas. Essa queda poderia ter sido reflexo das crises que afetaram o setor em anos anteriores, provocando desestímulo da produção e diminuição do rebanho paulista de 8% em relação a 1976, apesar da disponibilidade de insumos a preços vantajosos e das altas cotações dos suínos no mercado em 1977.

Quanto aos preços recebidos pelos produtores (quadro 92), pode-se observar uma recuperação em valor real desde o início do ano, estendendo-se por todo o período, ao contrário do acontecido nos anos de 1975 e 1976, quando os preços reais desfavoreceram os suinocultores.

O comportamento dos índices estacionais de suíno gordo no período 1971-77, até maio, acompanhou o padrão e a seguir apresentou variação inteiramente diversa, com altas até agosto. Segundo o padrão de variação estacional, os preços deveriam manter-se em igualdade ou

abaixo da média anual a partir de meados de julho (figura 11).

A elevação de preços a nível de produtor foi acompanhada pelos preços da carne suína no varejo em São Paulo, como se observa no quadro 93, comprovando a diminuição na oferta do produto.

Segundo dados do GEIPOA-SP, os abates dos frigoríficos sob inspeção federal, em 1977, totalizaram 774.212 cabeças, correspondendo a um decréscimo de 13% em relação ao ano anterior, queda essa motivada pela escassez de animais no mercado.

Além do estímulo de preço, a suinocultura passou a contar com o apoio governamental no sentido de incentivar uma atividade racional que alcançaria altos níveis de produtividade. Através da agilização de estudos com vista à implantação de tipificação de carcaças, fixação de preços-suportes para o animal vivo e estoques reguladores, o Governo pretendia maior competitividade entre a suinocultura e pecuária bovina no mercado interno e maior agressividade do produto frente ao mercado internacional, cada vez mais exigente em qualidade.

Este ano a atividade teve um início favorável, com preços a nível de produtor seguindo a tendência altista do ano anterior, além da expectativa de ativação do Plano Nacional de Apoio à Suinocultura. Contudo, em fins de abril foi confirmado no Município de Paracambi, Estado do Rio de Janeiro, o primeiro foco de peste suína africana ou mal de Montgomery, doença endêmica em muitos países da África e em alguns da Europa Ocidental.

Apesar da atuação imediata da Secretaria da Agricultura do Rio de Janeiro e do Ministério da Agricultura, no sentido de se evitar a disseminação da doença, após constatada laboratorialmente, outros focos secundários foram confirmados no mesmo Estado e, em meados de maio, a doença foi constatada em outros estados.

Em São Paulo, bem como em outros estados, foram traçadas diretrizes de combate à doença, desde o procedimento a ser adotado nas propriedades-focos, até o trânsito intra e interestadual de suínos vivos, carnes e produtos derivados.

Até início de julho haviam sido confirmados, por exames de laboratório, 16 focos no Estado de São Paulo (Leme, Roséira, Ourinhos, Araras, Ribeirão Preto, Bananal, Pirassununga, Tupi Paulista, Vera Cruz Paulista, Avaré, Araraquara, Serra Negra, Itapira, Irapuru, Flora Rica e Jundiá), com um total de 3.395 suínos sacrificados, e outros 5 focos suspeitos aguardando confirmação de laboratório.

A situação crítica tem gerado problemas de queda de consumo da carne suína e dificuldade de aquisição de animais para abate nos frigoríficos com inspeção federal no Estado, uma vez que até o momento está proibido o trânsito interestadual e a grande maioria dos suínos abatidos em São Paulo são provenientes do Paraná. Com isso registrou-se em junho uma alta nos preços da carne de porco no Estado, enquanto que no Sul do País, principalmente Paraná, os preços de animais para abate vêm sofrendo decréscimos acentuados. Também a comercialização de animais para reprodução e cria está paralizada, o que vem causando grandes problemas aos que se dedicam a essas atividades.

No momento estão sendo estudadas medidas por parte do Governo no sentido de amparar o setor, desde a remuneração dos produtores que tiveram seus animais sacrificados, até a ampliação do parque frigorífico para maior capacidade de abate, credenciamento de matadouros municipais que tenham condições mínimas para atender as exigências da inspeção federal, participação da COBAL na formação de estoques de carne suína e uma campanha esclarecedora a nível de consumidor, a fim de evitar uma queda maior na demanda por produtos de origem suína.

- Perspectivas

No mercado internacional, as previsões indicam um aumento na produção de carne suína, principalmente na Europa Oriental e União Soviética. Está previsto também um aumento no consumo desta carne em detrimento da bovina. As importações dos grandes consumidores mundiais deverão ser menores este ano, devido ao aumento nas produções internas.

No mercado interno, com a situação crítica que atinge no momento a suinocultura, seria temerário apontar perspectivas de preços, produção ou comercialização até que esteja totalmente definido o grau de alastramento da peste africana.

Com todas as medidas recém-adotadas pelo Governo, espera-se, se não uma erradicação, pelo menos um controle na disseminação da doença.

(IEA, 25/07/1978)

QUADRO 91. - Rebanho, Abates e Produção de Carne Suína nos Principais Países Produtores e Consumidores, 1976-77

País	Ano	Rebanho (1.000 cab.)	Abate (1.000 cab.)	Produção de carne (1.000t)
Canadá	1976	5.826	8.617	512
	1977	6.244	9.220	548
Dinamarca	1976	7.585	10.656	735
	1977	7.897	10.950	754
Comunidade Econômica Européia (CEE)	1976	68.554	103.820	8.572
	1977	70.126	107.885	8.845
Estados Unidos	1976	49.602	73.784	5.631
	1977	55.085	77.450	5.863
Japão	1976	8.132	14.279	1.056
	1977	8.860	15.203	1.125
Reino Unido	1976	7.947	13.364	852
	1977	7.673	13.994	893
União Soviética	1976	57.900	...	3.570
	1977	63.000	...	3.960

Fonte: FAO.

QUADRO 92. - Preços Médios do Suíno Gordo Recebidos pelos Produtores, Estado de São Paulo, 1974-78

(em Cr\$/15kg)

Mês	1974		1975		1976		1977		1978	
	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾
Jan.	75,08	228,57	103,01	233,19	92,21	168,75	147,90	176,96	256,60	193,91
Fev.	77,91	230,93	103,30	228,82	101,00	168,47	154,20	176,31	237,80	197,66
Mar.	89,62	254,06	102,82	224,14	110,38	177,41	172,00	188,97	244,50	196,75
Abr.	114,63	307,34	102,86	220,34	119,26	184,95	189,50	200,02	245,05	190,73
Mai.	115,14	298,35	103,58	217,36	125,79	188,46	202,30	206,14	245,50	185,16
Jun.	117,20	298,06	103,02	211,52	121,60	177,45	216,50	216,32	225,25	163,96
Jul.	114,64	288,00	104,26	209,54	119,10	167,47	237,20	232,13
Ago.	112,51	279,24	96,53	188,78	118,70	160,34	237,40	229,42
Set.	110,25	268,78	103,29	197,32	122,40	159,92	222,30	211,03
Out.	105,95	254,78	102,25	191,20	126,60	161,48	220,55	203,89
Nov.	105,79	250,49	109,45	200,12	136,20	170,56	223,60	201,44
Dez.	106,78	247,15	98,78	176,95	139,40	170,59	228,15	201,28

⁽¹⁾ Preços corrigidos pelo Índice "2" da FGV em cruzeiro de 1977.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 93. - Preço Médio da Carne de Porco no Varejo, Cidade de São Paulo, 1974-78

(em Cr\$/kg)

Mês	1974		1975		1976		1977		1978	
	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾
Jan.	14,96	45,54	16,59	37,56	18,21	31,61	28,19	33,28	41,18	35,40
Fev.	14,86	44,05	17,12	37,92	18,56	30,96	28,98	33,14	41,05	34,12
Mar.	15,02	42,58	16,92	36,95	19,28	30,99	30,76	33,80	41,47	33,37
Abr.	15,32	41,07	16,77	35,92	20,57	31,90	31,90	33,67	41,03	31,94
Mai.	15,58	40,37	17,49	36,70	20,59	30,85	32,07	32,68	42,39	31,97
Jun.	15,42	39,22	17,27	35,46	20,63	30,10	33,02	33,00	43,35	31,55
Jul.	14,37	36,10	17,10	34,37	20,93	29,43	34,61	33,87
Ago.	15,47	38,39	17,05	33,34	20,64	27,88	34,22	33,07
Set.	15,33	37,37	17,04	32,55	21,42	27,99	34,80	33,04
Out.	15,20	36,55	17,22	32,20	23,19	29,58	36,26	33,52
Nov.	15,75	37,29	17,56	32,11	24,90	31,18	38,17	34,39
Dez.	16,38	37,91	18,45	33,05	26,09	31,93	39,50	34,85

(¹) Preços corrigidos pelo Índice "2" da FGV, em cruzeiro de 1977.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

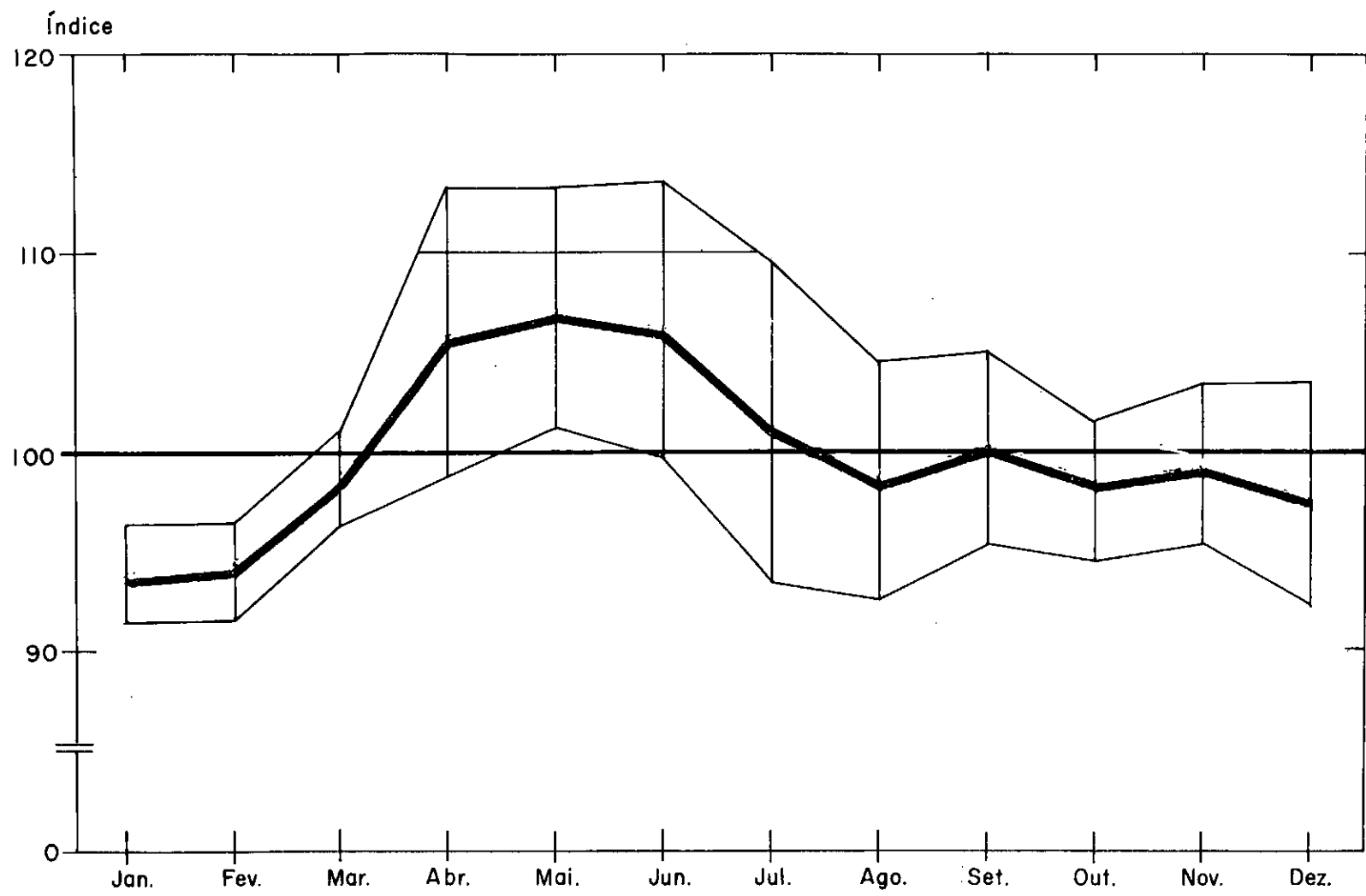


FIGURA 11. - Variação Estacional do Preço Médio Recebido pelos Produtores, Suíno Gordo, Estado de São Paulo, 1971-77.

- Pescado

- Panorama internacional

A produção mundial de pescado em 1976, segundo a FAO, retomou o ritmo crescente interrompido em 1975, atingindo o total de 73.467 mil toneladas, superando as capturas de 1975 e 1974, respectivamente, em cerca de 5% e 4,5% (quadro 94). Entretanto, em 1977, admite-se que a produção foi menor que a alcançada em 1976, devido ao estabelecimento de mar territorial de 200 milhas por vários países, diminuindo, assim, as áreas tradicionais de pesca para várias nações, entre elas o Japão, que tendo atingido em 1976, 10.620 mil toneladas, colocou-se em primeiro lugar na produção mundial. Em 1977, as capturas também diminuíram na África do Sul, cuja redução deve ter atingido 15%, e no Peru, onde a pesca da anchoveta foi interrompida em maio, contribuindo para que a farinha de peixe experimentasse acentuada queda nesse ano.

A demanda de muitos produtos pesqueiros continuou crescendo em 1977, ainda que em muitos mercados os preços continuassem em elevação.

Os preços de camarão no mercado dos Estados Unidos, ao nível de atacado, foram decrescentes em 1977, apesar de, a nível de varejo, terem experimentado uma elevação. As importações de camarão pelos Estados Unidos atingiram em 1977 perto de 103,3 mil toneladas, com pequeno decréscimo em relação ao ano anterior, cerca de 1%; o valor dessas importações somou US\$491.529 mil, com aumento sobre o ano anterior de cerca de 6%, mostrando uma elevação nos preços unitários. O Brasil exportou para esse mercado em 1977 perto de 1.603 toneladas no valor de US\$7.170 mil, com crescimento ao redor de 79% em quantidade e 64% em valor, verificando-se portanto que os preços unitários do produto brasileiro sofreram queda de cerca de 8% quando comparados aos de 1976.

As exportações de lagosta do Brasil para o mercado estadunidense, em 1977, atingiram 2.536 toneladas no valor de US\$27.882 mil, contra 2.257 toneladas e US\$25.867 mil em 1976, ou seja, acréscimos ao redor de 12% e 8%, respectivamente para quantidade e valor, enquanto o preço médio unitário caiu cerca de 4%.

Os Estados Unidos importaram do Brasil, em 1977, aproximadamente 15.871 toneladas de pescado comestível no valor de US\$52.753 mil, suplantando as cifras de 1976 em cerca de 27% e 24%, respectivamente, permanecendo como nosso principal comprador de produtos pesqueiros, tendo absorvido, em 1977, 66% das exportações brasileiras.

- Situação interna

As capturas brasileiras de pescado, segundo a FAO, atingiram em 1976, 950 mil toneladas, contra 836 mil toneladas estimadas para 1975, significando um acréscimo de 14%. Para 1977, estas estimativas, ainda preliminares, indicam que a produção de pescado no Brasil teria atingido cerca de 950 mil toneladas.

Durante 1977, as exportações brasileiras de pescado apresentaram evolução positiva, tanto na quantidade exportada quanto no valor, superando as de 1976 em 75% e 37%, respectivamente. Entretanto, o aumento no valor das exportações deveu-se principalmente à elevação na quantidade, pois os preços unitários apresentaram quedas ao redor de 2,4% para a lagosta, 11,0% para camarão e 12,8% para os outros produtos (quadro 95).

Até maio de 1978, as exportações de pescado já alcançavam 11.698 toneladas, no valor

de US\$39.567 mil, com acréscimos em relação a igual período do ano anterior de 18% na quantidade e de 59% no valor. O camarão, nesse período, apresentou aumento da ordem de 35% e 76%, respectivamente, em valor e quantidade, enquanto que o preço médio por tonelada decresceu 23%. Para a lagosta, os números indicam crescimento de 155% em valor e de 159% em quantidade, enquanto o preço médio por tonelada decresceu cerca de 2%. O preço médio por tonelada do total exportado até maio de 1978 situou-se em US\$3.382,37 contra US\$2.517,66 em igual período de 1977, mostrando uma evolução ao redor de 34%, devido aos acréscimos verificados no preço médio da tonelada dos outros produtos (quadro 95).

As exportações de pescado através do Porto de Santos, em 1977, somaram 2.748,5 toneladas, com aumento em relação ao ano anterior de 89%, tendo as exportações de camarão crescido cerca de 55% e as de outros produtos, 163%. Até maio de 1978, as exportações de pescado pelo Porto de Santos já atingiam um total de 1.595,5 toneladas, significando acréscimo de 19% em relação a igual período do ano anterior, tendo as exportações de camarão participado com 82% desse total (quadro 96).

O pescado desembarcado no litoral do Estado de São Paulo durante 1977 totalizou 54.318 toneladas, com um incremento de 9,7% sobre o ano anterior. Dentre as principais espécies desembarcadas, as que haviam apresentado queda na captura durante 1976 voltaram a crescer em 1977, particularmente a sardinha cujo aumento foi de 56% e o camarão rosa (12%). As espécies que tiveram capturas menores em 1977, foram: pescada foguete (-15,8%), cação (-7,7%) e corvina (-6,2%). No primeiro trimestre de 1978, os desembarques no litoral paulista totalizaram 11.080 toneladas, contra 12.024 toneladas em igual período do ano anterior (-7,9%), sendo que os de sardinha apresentaram queda de 41%, enquanto que os de camarão 7 barbas cresceram 67% (quadro 97).

A comercialização do pescado "in natura" que se processa no Entrepósito Terminal da CEAGESP, em São Paulo, alcançou 62.728 toneladas em 1977, significando um acréscimo em relação ao ano anterior de 9,7% (quadro 98). A sardinha participou com 38% do total comercializado, tendo aumentado suas vendas em cerca de 29%. A participação dos moluscos e crustáceos no total comercializado foi de 6,2%; a dos cações, de 5,8%; a de pescadas, 14,8%; a de pescados diversos, de 29,2%; por sua vez, o pescado de água doce participou com 6%.

No primeiro semestre de 1978, a comercialização do pescado no entreposto da CEAGESP alcançou 32.918 toneladas contra 30.208 toneladas em igual período do ano anterior, ou seja, um aumento de 9%.

As principais espécies de pescado comercializadas no entreposto da CEAGESP, em São Paulo, apresentaram preços médios reais decrescentes em 1977, em relação ao ano anterior, com exceção da manjuba, namorado, tainha e pintado (quadro 99). No primeiro semestre de 1978 esses preços continuaram decrescentes, em valores reais, quando comparados a 1977.

Através dos padrões estacionais de preços no atacado (figuras 12, 13 e 14), pode-se visualizar o comportamento da oferta e demanda de três das principais espécies de pescado comercializadas no entreposto da CEAGESP, em São Paulo. Para a sardinha observam-se dois pontos de alta: em março, devido ao aumento no consumo (Semana Santa) e em julho, dado às capturas mais baixas. No caso do camarão rosa, verifica-se um pico em dezembro, por ocasião das festas de fim-de-ano; a partir de então, os preços começam a declinar, mas permanecendo com valores acima da média até meados de abril, logo após a Semana Santa. O preço da pescada apresenta um pico de alta em abril devido à grande procura durante a quaresma e Semana Santa; decresce em julho, quando a captura e o consumo diminuem; outra elevação é sentida em novembro, porém menos acentuada.

Um aspecto que deve merecer atenção especial do Governo, no sentido de dinamizar a

oferta do pescado, refere-se à sua preservação desde a captura até a chegada ao consumo final, evitando-se o desperdício de quantidades elevadas de produto. Observa-se, principalmente, a falta de estrutura adequada nos entrepostos e terminais pesqueiros e, também, na rede de distribuição que vai do terminal até os equipamentos de comercialização nos mercados consumidores.

A estrutura inadequada existente na produção, distribuição e comercialização gera, também, outros pontos de estrangulamento no setor, tais como:

a) estrutura de preços imperfeita, com reflexos negativos na remuneração do produtor (pescador);

b) falta de intercâmbio comercial entre diferentes regiões produtoras e entre essas e centros exclusivamente consumidores, prejudicando a oferta de maior variedade de espécies de pescado; e

c) excessivo número de intermediários atuando no processo, com conseqüências negativas nos preços e qualidade do produto entregue ao consumo.

Outra alternativa para aumentar a oferta do pescado no País é a aqüicultura, tanto intensiva como extensiva, esta última com o aproveitamento das extensas áreas represadas pelas empresas hidroelétricas. A piscicultura, exercida a nível de empresas do tipo "fish farm", existentes em outros países, alcança níveis elevados de produtividade e deveria ser incentivada no País.

A poluição dos mares e dos mananciais interiores deve também merecer maior atenção e fiscalização por parte do poder público, de forma a evitar acidentes ecológicos, como o recentemente ocorrido no sul do País, pois tais acidentes, mesmo que passageiros, influem tanto pelo lado da demanda como da oferta de pescado, com reflexos negativos e causando prejuízos elevados na atividade pesqueira.

- Perspectivas

A produção brasileira de pescado tem crescido nos últimos anos, sendo que as estimativas existentes colocam o Brasil como o 18º produtor mundial.

Entretanto, no futuro, essa evolução vai depender muito da conquista de novas áreas de produção e da atuação sobre espécies subexploradas ou inexploradas, já que o potencial de captura de muitas das principais espécies existentes encontra-se no limite máximo, o que tem levado inclusive o Governo, através da administração pesqueira, a adotar medidas de proteção, como no caso da lagosta, do camarão rosa e, recentemente, da sardinha, cuja pesca foi suspensa por quarenta dias a partir do final de 1977.

A captura de espécies subexploradas, caso dos atuns e espécies afins, carece de tecnologia mais desenvolvida e ainda não disponível no País, exigindo sua aquisição no exterior.

(IEA, 24/07/1978)

QUADRO 94. - Capturas Mundiais, por Países, de Peixes, Crustáceos, Moluscos, e Outros Animais e Plantas Aquáticas (Exceto Focas e Baleias), 1972-76

(em 1.000t)

País	1972	1973	1974	1975 ⁽¹⁾	1976
Japão	10.272	10.748	10.805	10.524	10.620
URSS	7.757	8.619	9.236	9.936	10.134
República Popular da China	6.880 ⁽²⁾	6.880 ⁽²⁾	6.880 ⁽²⁾	6.880 ⁽²⁾	6.880 ⁽²⁾
Peru	4.725	2.328	4.145	3.447	4.343
Noruega	3.186	2.987	2.645	2.550	3.435
Estados Unidos	2.695	2.719	2.744	2.743	3.004
República da Coreia	1.341	1.684	2.023	2.133	2.407
Índia	1.637	1.958	2.255	2.328	2.400
Dinamarca	1.443	1.465	1.835	1.767	1.912
Tailândia	1.679	1.679	1.516	1.553	1.640
Espanha	1.536	1.578	1.510	1.523	1.483 ⁽²⁾
Indonésia	1.270	1.265	1.336	1.382	1.448
Filipinas	1.128	1.251	1.298	1.366	1.430
Chile	818	691	1.158	929	1.264
Canadá	1.169	1.157	1.037	1.029	1.136
Vietnã do Sul	978 ⁽²⁾	1.014 ⁽²⁾	1.014 ⁽²⁾	1.014 ⁽²⁾	1.014 ⁽²⁾
Islândia	726	902	945	995	986
Brasil	602	704	765	836 ⁽²⁾	950 ⁽²⁾
França	797	823	808	806	806
Coreia do Norte	800 ⁽²⁾	800 ⁽²⁾	800 ⁽²⁾	800 ⁽²⁾	800 ⁽²⁾
Polônia	544	580	679	801	750
Bangladesh	640 ⁽²⁾	640 ⁽²⁾	640 ⁽²⁾	640 ⁽²⁾	640 ⁽²⁾
República da África do Sul	664	710	648	636	638
Namíbia	527 ⁽²⁾	710 ⁽²⁾	840 ⁽²⁾	761 ⁽²⁾	574 ⁽²⁾
México	459	479	442	499	572
Inglaterra	539	557	534	497	520
Malásia	359	445	526	474	517
Escócia	530	562	538	468	514
Burma	453	463	434	485	502
Nigéria	446	466	473	478	495
República Federal da Alemanha	419	478	526	442	454
Itália	430	399	431	417	420
Senegal	294	316	357	363	361
Ilhas Faeroe	208	246	247	286	342
Portugal	452	482	436	375	339
Holanda	348	344	326	351	284
Argentina	238	302	296	229	282
Outros países	7.132	7.377	7.172	7.150	7.171
Total	66.121	66.808	70.300	69.893	73.467

⁽¹⁾ Revisado.

⁽²⁾ Dados estimados pela FAO.

Fonte: U.S. Department of Commerce - NOAA - Fisheries of the United States, 1977 - Current Fishery Statistics nº 7.500.

QUADRO 95 . - Exportações Brasileiras de Pescado: Quantidade, Valor e Participação Relativa de Alguns Produtos no Total Anual,
1972-78

Ano	Camarão				Lagosta				Peixe congelado				Outros				Total	
	1.000t	%	US\$ milhão	%	1.000t	%	US\$ milhão	%	1.000t	%	US\$ milhão	%	1.000t	%	US\$ milhão	%	1.000t	US\$ milhão
1972	6,7	36	18,0	46	2,6	14	16,3	41	7,8	41	3,5	9	1,7	9	1,7	4	18,8	39,5
1973	2,6	21	8,0	25	2,6	21	18,0	57	7,0	55	4,8	15	0,4	3	1,0	3	12,6	31,8
1974	2,4	17	8,6	19	3,1	23	27,4	60	7,3	55	7,1	16	0,9	5	2,7	5	13,7	45,8
1975	1,6	11	6,2	15	2,5	17	21,5	52	9,7	65	10,2	25	1,0	7	3,3	8	14,9	41,4
1976	1,8	13	11,4	22	2,4	17	26,3	50	(²)		(²)		9,6	70	14,8	28	13,8	53,0
1977	3,1	13	17,5	24	2,8	12	30,5	42	(²)		(²)		18,3	76	24,6	34	24,2	72,6
1978(¹)	2,2	19	9,8	25	1,7	15	19,2	48	(²)		(²)		7,8	67	10,6	27	11,7	39,6

(¹) Até maio.

(²) Englobado em outros.

Fonte: Superintendência do Desenvolvimento da Pesca (SUDEPE) e Carteira do Comércio Exterior do Banco do Brasil (CACEX).

QUADRO 96 . - Exportação de Pescado pelo Porto de Santos, Estado de São Paulo, 1976-78

(em tonelada)

Mês	1976				1977			1978		
	Camarão	Vieira	Outros	Total	Camarão	Outros	Total	Camarão	Outros	Total
Jan.	2,5	34,2	38,0	74,7	6,4	22,0	28,4	466,1	4,2	470,3
Fev.	28,2	1,2	-	29,4	88,0	85,5	173,5	188,0	56,0	244,0
Mar.	15,5	3,3	38,5	57,8	135,5	346,1	481,6	169,0	47,3	216,3
Abr.	87,4	-	15,9	103,3	103,3	164,0	267,3	42,2	32,6	74,8
Mai.	49,3	-	-	49,3	236,8	153,2	390,0	450,1	140,0	590,1
Jun.	100,2	-	-	100,2	151,1	71,0	222,1
Jul.	173,9	5,4	5,0	184,3	219,2	72,9	292,1
Ago.	84,7	35,0	-	169,7	176,0	106,0	282,0
Set.	127,8	26,1	30,0	183,9	150,2	91,7	241,9
Out.	147,4	9,9	53,1	210,4	33,4	36,5	69,9
Nov.	113,5	-	52,0	165,5	79,5	12,0	91,5
Dez.	60,3	-	64,5	124,8	151,8	55,9	207,7
Total	990,7	165,6	297,0	1.453,3	1.531,7	1.216,8	2.748,5	1.315,4	280,1	1.595,5

Fonte: DIPDA - Ministério da Agricultura, SIF - Porto de Santos.

QUADRO 97 . - Pescado Desembarcado nos Entrepostos e Indústrias Pesqueiras do Estado de São Paulo, 1973-78
(em tonelada)

Produto	1973	1974	1975	1976	1977	1978 ⁽¹⁾
Anjo	220	283	351	191	156	36
Atuns e afins	423	938	1.017	905	917	136
Bagre	351	305	304	269	269	99
Betara	211	169	141	89	106	46
Caçoões	1.199	1.411	1.489	1.335	1.232	333
Camarão legítimo	284	153	256	280	314	52
Camarão 7 barbas	6.049	5.489	4.744	5.756	6.512	2.370
Camarão rosa	1.509	1.746	1.548	1.495	1.669	315
Castanha	1.572	1.214	1.115	1.200	702	28
Cavalinha	54	487	22	917	651	68
Corvina	3.970	3.258	4.305	3.727	3.498	1.006
Goete	1.051	1.129	1.443	1.369	1.048	512
Linguado	195	203	204	114	75	26
Lula	89	137	163	153	102	52
Manjuba	633	667	1.342	2.947	2.290	983
Mistura	3.038	3.316	3.367	3.780	3.145	886
Pescada branca	112	84	109	60	59	20
Pescada cambucu	281	213	275	169	149	47
Pescada foguete	6.426	7.391	5.912	5.221	4.398	753
Sardinha	16.670	9.637	18.307	15.847	24.733	2.487
Tortinha	208	345	314	320	152	14
Vieira	1.872	1.730	3.135	879	8	1
Viola	202	245	288	174	148	60
Outras espécies	3.065	2.695	2.534	2.340	2.085	744
Total	49.684	43.250	52.685	49.536	54.318	11.080

(¹) Até março.

Fonte: Instituto de Pesca da Secretaria da Agricultura.

QUADRO 98. - Quantidade de Pescado Comercializado no Entreposto Terminal de São Paulo, da
CEAGESP, 1972-78

(em tonelada)

Produto	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978 ⁽¹⁾
Sardinha	22.105	22.780	25.475	23.123	18.392	23.794	12.208
Moluscos e crustáceos							
Camarão rosa	858	678	815	903	794	874	415
Camarão médio	797	458	671	991	859	1.035	538
Camarão 7 barbas	766	688	1.285	942	1.290	1.020	597
Outros	<u>1.345</u>	<u>1.158</u>	<u>1.051</u>	<u>1.110</u>	<u>926</u>	<u>975</u>	<u>529</u>
Subtotal	3.766	2.982	3.822	3.946	3.369	3.904	2.079
Pescadas							
Pescada grande	841	1.814	834	614	621	833	655
Pescada média	2.750	2.472	3.347	3.911	3.199	2.512	997
Pescada pequena	2.260	2.730	3.295	2.681	2.585	3.317	1.112
Goete	709	797	951	1.187	2.000	2.089	1.278
Outros	<u>325</u>	<u>309</u>	<u>397</u>	<u>514</u>	<u>723</u>	<u>500</u>	<u>247</u>
Subtotal	6.885	8.122	8.824	8.907	9.128	9.251	4.289
Cações diversos							
Cação	1.339	1.437	1.501	1.695	1.884	2.024	976
Anjo	343	224	273	369	502	623	142
Outros	<u>1.046</u>	<u>725</u>	<u>849</u>	<u>1.017</u>	<u>864</u>	<u>1.011</u>	<u>586</u>
Subtotal	2.728	2.386	2.623	3.081	3.250	3.658	1.704
Pescado de água salgada							
Cavalinha	892	704	1.390	1.073	1.237	2.509	3.099
Corvina	2.895	2.891	2.986	4.652	4.824	4.599	1.715
Namorado	296	272	347	387	219	182	75
Tainha	1.272	338	885	789	1.074	1.000	556
Manjuba	372	452	276	566	1.092	937	446
Mistura	2.525	2.519	3.466	3.532	3.451	2.382	1.776
Outros	<u>4.061</u>	<u>4.613</u>	<u>6.039</u>	<u>6.339</u>	<u>7.374</u>	<u>6.721</u>	<u>2.966</u>
Subtotal	12.313	11.779	15.389	17.338	19.271	18.330	10.633
Pescado de água doce							
Corimbatã	152	210	511	753	1.012	1.165	466
Pintado	59	141	169	219	214	377	190
Traíra	585	1.042	1.130	892	753	798	537
Outros	<u>542</u>	<u>1.001</u>	<u>1.047</u>	<u>1.269</u>	<u>1.277</u>	<u>1.451</u>	<u>812</u>
Subtotal	1.338	2.394	2.857	3.133	3.256	3.791	2.005
Total	49.135	50.443	58.990	59.528	57.166	62.728	32.918

(¹) Até junho.

Fonte: Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais do Estado de São Paulo (CEAGESP).

QUADRO 99. - Preço Médio Ponderado dos Principais Produtos Pesqueiros Comercializados no Entrepasto Terminal de São Paulo da CEAGESP 1974-78

(em Cr\$/kg)

Produto	1974		1975		1976		1977		1978 ⁽¹⁾	
	Corrente	Real ⁽²⁾	Corrente	Real ⁽²⁾	Corrente	Real ⁽²⁾	Corrente	Real	Corrente	Real ⁽²⁾
Água salgada										
Sardinha	1,15	2,99	1,46	2,96	2,85	4,12	3,02	3,02	3,26	2,58
Camarão rosa	37,58	97,64	43,35	87,85	73,36	105,97	99,42	99,42	123,54	97,92
médio	20,63	53,60	18,61	37,71	28,70	41,46	37,66	37,66	36,84	29,20
7 barbas	4,45	11,56	6,38	12,93	9,98	14,42	14,14	14,14	17,63	13,97
Pescada grande	6,77	17,59	9,54	19,33	13,36	19,30	17,20	17,20	22,26	17,64
médica	5,28	13,72	7,39	14,98	9,75	14,08	13,25	13,25	16,55	13,12
pequena	3,51	9,12	4,77	9,67	6,89	9,95	8,34	8,34	11,30	8,96
Goete	2,75	7,14	3,45	6,99	5,39	7,79	6,74	6,74	8,33	6,60
Cação	5,34	13,87	6,23	12,63	9,82	14,19	10,74	10,74	14,01	11,10
Anjo	2,60	6,76	3,31	6,71	6,40	9,25	9,04	9,04	9,71	7,70
Cavalinha	1,19	3,09	1,59	3,22	2,92	4,22	3,17	3,17	3,21	2,54
Coryina	2,71	7,04	3,11	6,30	4,29	6,20	5,84	5,84	8,96	7,10
Manjuba	4,02	10,44	5,31	10,76	6,28	9,07	10,77	10,77	14,10	11,18
Mistura	1,58	4,11	1,84	3,73	2,61	3,77	3,43	3,43	3,63	2,88
Namorado	11,76	30,55	14,62	29,63	20,04	28,95	30,54	30,54	36,67	29,07
Tainha	5,62	14,60	7,11	14,41	9,53	13,77	15,47	15,47	18,01	14,28
Água doce										
Corimbata	3,25	8,44	3,55	7,19	5,31	7,67	6,57	6,57	11,25	8,92
Pintado	11,33	29,44	12,93	26,20	17,67	25,53	25,64	25,64	28,83	22,85
Traíra	3,51	9,12	4,31	8,73	6,90	9,97	9,69	9,69	11,93	9,46

⁽¹⁾ Média de janeiro a junho.

⁽²⁾ Preços deflacionados pelo Índice "2" de Conjuntura Econômica, em cruzeiro de 1977.

Fonte: Companhia de Entrepastos e Armazéns Gerais do Estado de São Paulo (CEAGESP).

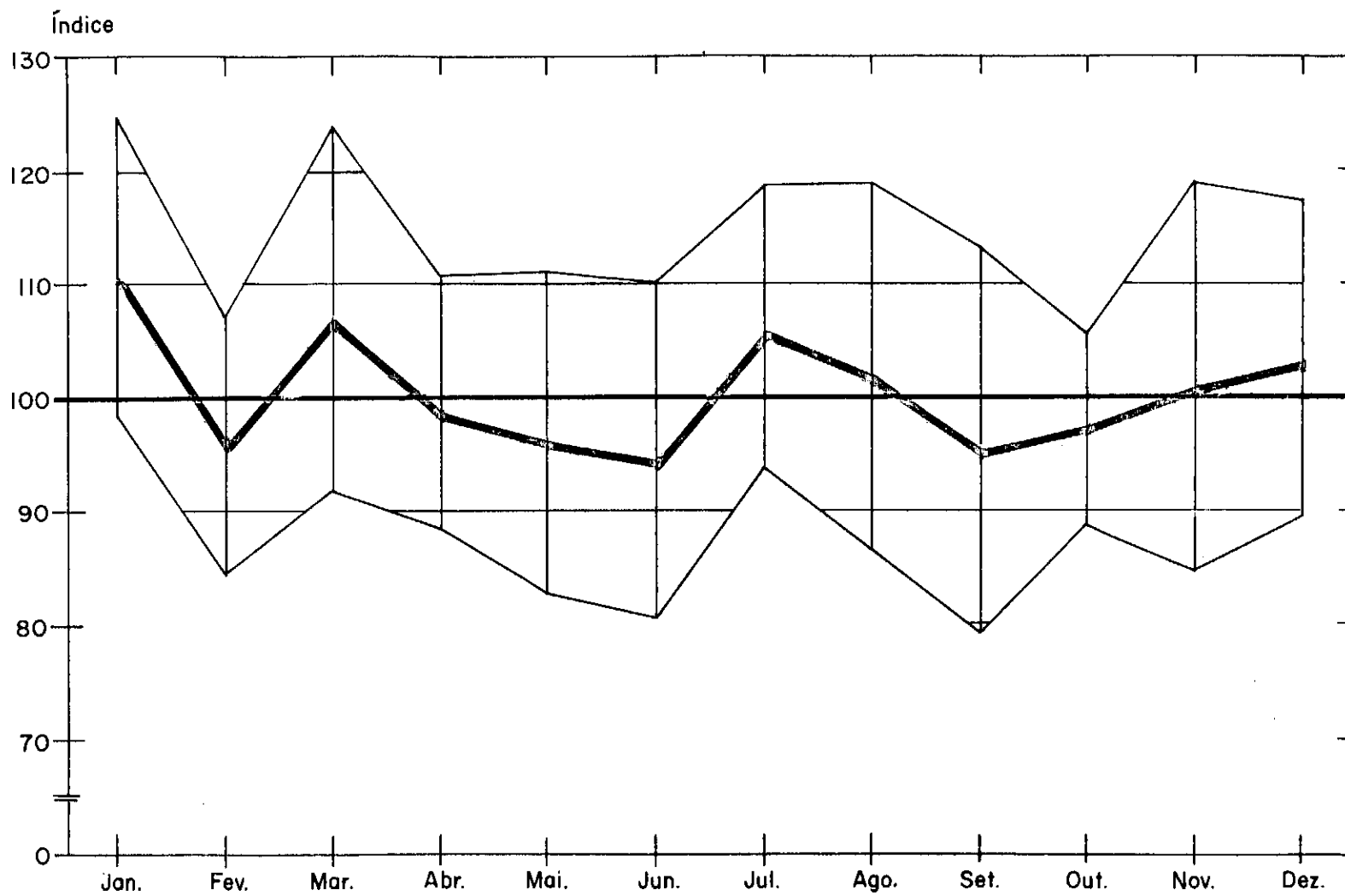


FIGURA 12. - Variação Estacional do Preço no Atacado de Sardinha, Estado de São Paulo, 1971-77.

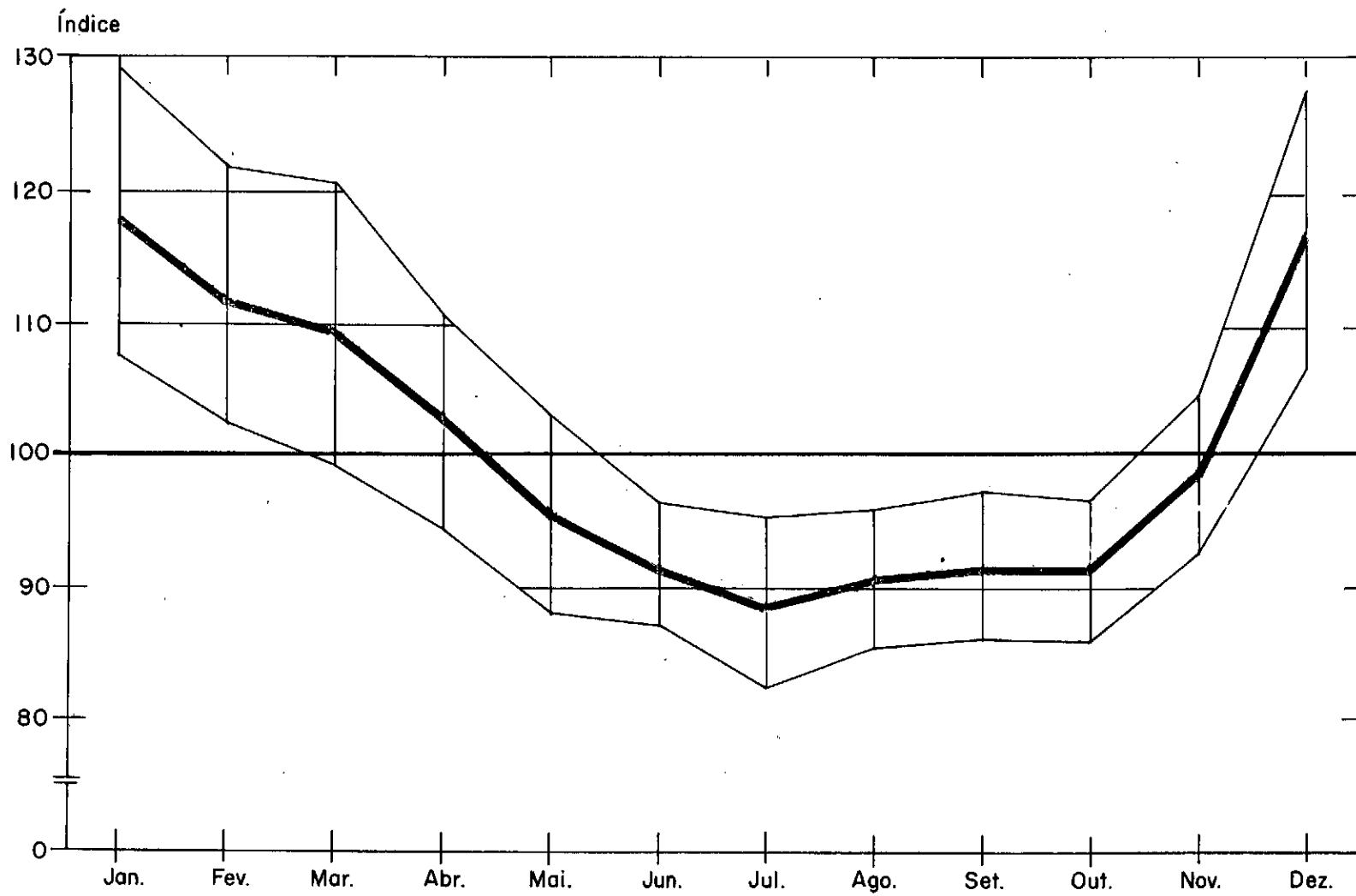


FIGURA 13. - Variação Estacional do Preço Médio no Atacado, Camarão Rosa, Estado de São Paulo, 1971-77.

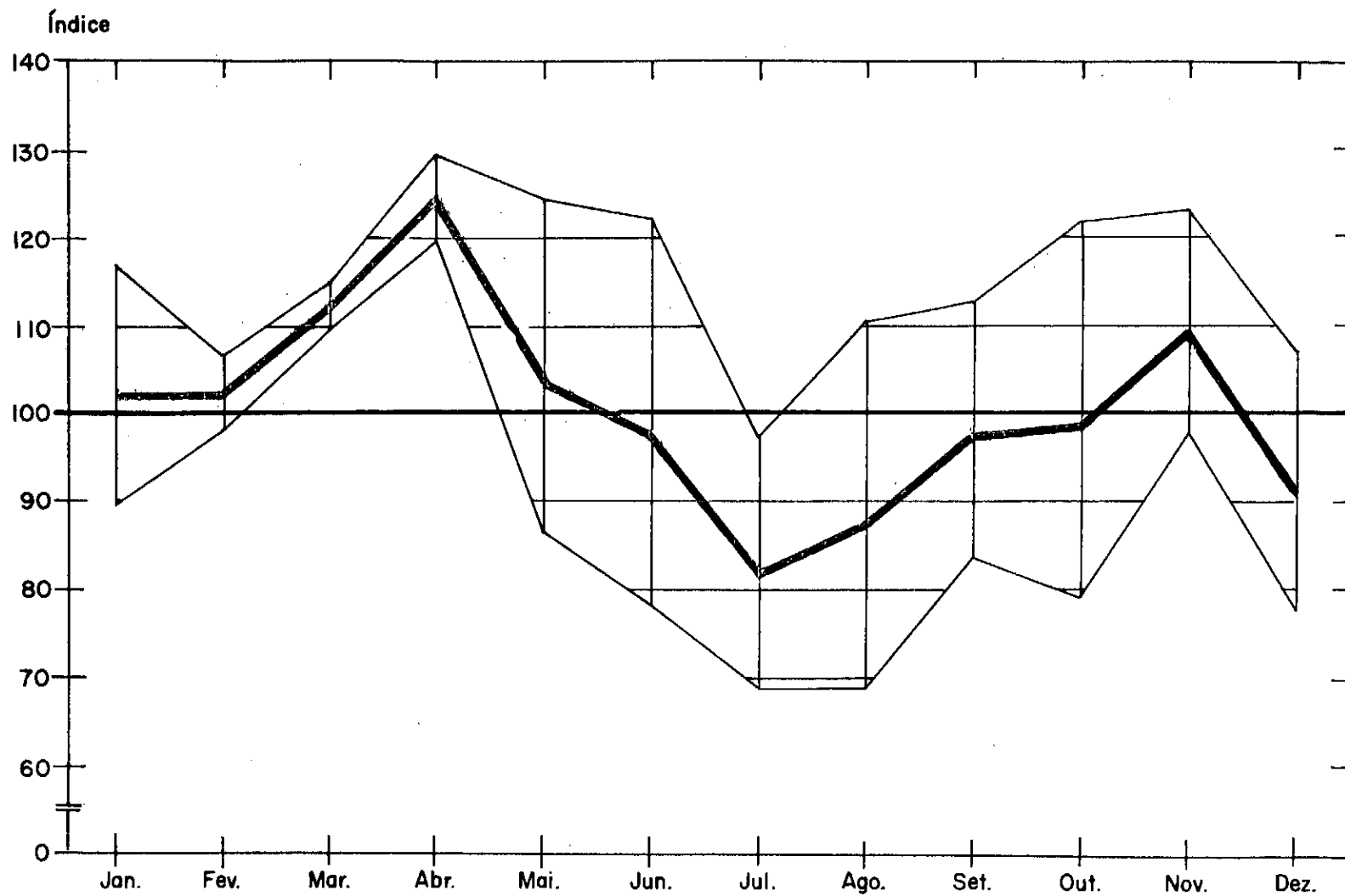


FIGURA 14. - Variação Estacional do Preço no Atacado de Pescada Média, Estado de São Paulo, 1971-77.

- Cana-de-açúcar

- Panorama internacional

Com o acentuado crescimento da produção mundial de açúcar nestes últimos anos, as cotações deste produto no mercado internacional vêm-se apresentando em declínio desde 1975, já que o consumo aparente, apesar de estar em ascensão, não acompanhou a evolução da produção. Assim, ao término da atual temporada (1977/78), os estoques mundiais poderão situar-se acima de 30 milhões de toneladas (quadro 100).

No início de outubro de 1977, os países exportadores e importadores celebraram novo Acordo Internacional do Açúcar, a vigorar por um período de 5 anos a partir de 1º de janeiro de 1978, visando à estabilização do mercado. Inicialmente, em razão da cotação (quadro 101) encontrar-se bastante abaixo do mínimo fixado pelo Acordo, US\$0,11/libra-peso, ou seja, US\$242,77/t, decidiu-se reduzir em 15% as quantidades a serem comercializadas neste primeiro ano, pretendendo-se com isto a elevação do preço a níveis do mínimo previsto no citado Acordo.

Porém, até o momento, os resultados alcançados não têm sido satisfatórios, pois os preços permaneceram aquém do esperado, não se vislumbrando, ainda, quaisquer perspectivas de mudanças na atual situação, bastante grave para os países exportadores.

- Situação interna

Conforme o novo Plano de Safra para 1978/79, aprovado pelo Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA), a produção brasileira de açúcar, autorizada para 1978/79 (quadro 102), é de 120 milhões de sacas de 60kg (7,2 milhões de toneladas), aproximadamente 11,1% menor que a autorizada no Plano de Safra anterior (8,1 milhões de toneladas).

Tal redução na produção de açúcar foi consequência direta dos baixos preços em vigor no mercado mundial do produto.

Apesar do início oficial da atual safra ter sido marcado para 1º de junho de 1978, para as usinas da Região Centro-Sul, e 1º de setembro para as da Região Norte-Nordeste, as usinas de São Paulo foram autorizadas a antecipar o início de moagem para 1º de maio.

O quadro 103 mostra a evolução da produção brasileira e paulista de açúcar e álcool, enquanto o quadro 102 mostra a previsão da produção global, consumo e previsão de exportação de açúcar e também a previsão de produção de álcool, para a safra em curso.

Em 1978/79 terá continuidade a ênfase dada à produção de álcool, devido a sua utilização como combustível, prevendo-se que a produção brasileira atinja 2.539 milhões de litros, contra 1.597 milhões previstos no plano anterior. O Estado de São Paulo deverá participar com 66% da produção global, contra 76% em 1977/78.

Ressalte-se que, para esta safra, a produção de álcool direto, em equivalente saca de açúcar, é de 34.808 mil sacas, portanto com um incremento de 132% na produção em relação à safra anterior.

As exportações brasileiras de açúcar em 1977 voltaram a crescer, atingindo 2,4 milhões de toneladas (quadro 104). Como consequência do atual excesso na produção mundial de açúcar e dos elevados estoques existentes, o preço médio FOB do açúcar exportado pelo Brasil foi de US\$189,30/t, bastante inferior ao obtido em 1976 (-27,9%) e nos anos imediatamente anterior

res. Isto gerou situação de gravosidade para o IAA (responsável pela exportação brasileira), já que os preços alcançados no mercado internacional são inferiores ao preço de aquisição junto aos produtores nacionais.

No Estado de São Paulo, a área plantada com cana-de-açúcar no ano agrícola 1977/78, em contínua ascensão nestes últimos anos, apresenta acréscimo de 6,8% quando comparada a 1976/77 e de 26,3% em relação à média dos últimos cinco anos (quadro 105). Assim, esta cultura passou a figurar, neste ano agrícola, em primeiro lugar quanto à área ocupada, superando a cultura do milho. Para a atual safra, espera-se um rendimento por área inferior ao do ano anterior; a produção deverá crescer somente 2,9%, ou seja, 1.610 toneladas.

O preço da cana a ser pago ao fornecedor na corrente safra foi fixado em Cr\$208,02/t, com um acréscimo de 30,6% em relação ao preço anterior, Cr\$159,28/t.

- Perspectivas

Face aos altos estoques existentes no mercado mundial e às previsões de que a safra 1978/79 não deverá apresentar significativa variação, é difícil prever-se mudança no comportamento atual deste mercado a curto prazo. A tendência de baixa de preços ainda persiste, ainda mais quando se sabe que o Congresso dos Estados Unidos, até o momento, não aprovou o novo programa para o açúcar, o qual deverá ratificar a participação desse País no novo Acordo Internacional. Há pressões por parte dos industriais do setor para que o preço-suporte do produto seja elevado para US\$0,17/libra-peso, superior ao que está vigorando, que é de US\$0,135/libra-peso.

As exportações brasileiras no corrente ano não deverão alcançar o mesmo volume de 1977. Porém, com o estímulo que se vem dando à produção de álcool carburante, a área de cana-de-açúcar poderá crescer na próxima safra, já que a capacidade de produção de álcool está crescendo com os aumentos de destilarias anexas e instalações de novas unidades autônomas.

(IEA, 24/07/78)

QUADRO 100. - Produção Mundial, Estoque e Consumo Aparente de Açúcar, 1975/76 a 1977/78⁽¹⁾

(em 1.000t)

Item	1975/76 ⁽²⁾	1976/77 ⁽²⁾	1977/78 ⁽³⁾
Estoque inicial	17.683	20.578	26.295
Produção	<u>82.853</u>	<u>88.580</u>	<u>93.045</u>
Oferta global	100.536	109.158	119.340
Consumo aparente	<u>79.958</u>	<u>82.963</u>	<u>86.800</u>
Estoque final	20.578	26.295	32.540

⁽¹⁾ Ano Açucareiro Internacional: 1/09 a 31/08.

⁽²⁾ Série revisada.

⁽³⁾ Estimativa.

Fonte: Elaborado pelo Instituto de Economia Agrícola, a partir de dados do F.O. Lichit's, USDA e outros.

QUADRO 101. - Cotações de Açúcar Demerara no Mercado Internacional, 1970-78

(em US\$/t)

Mês	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978
Jan.	67,53	104,17	174,34	207,45	334,57	845,46	309,41	184,06	193,55
Fev.	69,52	106,37	180,74	198,18	465,43	749,90	297,93	189,57	187,15
Mar.	74,59	103,50	185,38	193,54	465,66	582,62	326,40	198,18	171,31 ⁽¹⁾
Abr.	78,79	100,63	156,25	198,40	476,69	527,45	310,07	221,57	168,17 ⁽¹⁾
Mai.	79,67	96,22	146,32	206,34	521,49	383,34	320,88	197,52	161,77 ⁽¹⁾
Jun.	81,43	91,59	139,70	207,01	518,84	301,24	286,68	173,68	158,68 ⁽¹⁾
Jul.	84,30	92,03	122,70	210,10	552,39	368,68	291,53	153,09	...
Ago.	84,08	93,79	138,15	197,96	675,97	410,70	221,13	167,94	...
Set.	85,41	88,06	156,03	197,30	753,66	342,07	179,42	161,33	...
Out.	86,73	92,91	163,53	209,88	871,72	310,51	177,21	156,48	...
Nov.	90,26	93,57	160,66	223,78	238,95	297,27	173,90	156,03	...
Dez.	90,70	127,56	201,93	261,52	991,09	291,09	166,62	178,55	...
Média anual	81,21	99,31	160,44	208,55	654,57	449,54	254,01	179,00	...

⁽¹⁾ Preliminar.

Fonte: International Sugar Organization.

QUADRO 102.- Plano de Produção de Açúcar e Alcool da Safra 1978/79⁽¹⁾

Região e estado	Produção de açúcar			Produção de álcool ⁽²⁾ (1.000 l)
	Global (sc.60kg)	Consumo (sc.60kg)	Exportação (sc.60kg)	
Norte-Nordeste	46.000	23.000	23.000	452.940
Pará	90	90	-	5.000
Maranhão	271	271	-	3.600
Piauí	63	63	-	1.000
Ceará	759	352	407	15.000
Rio Grande do Norte	1.401	1.401	-	21.000
Paraíba	2.593	2.393	200	52.300
Pernambuco	21.234	8.904	12.330	208.700
Alagoas	17.331	7.268	10.063	138.100
Sergipe	1.469	1.469	-	5.440
Bahia	789	789	-	2.800
Centro-Sul	74.000	69.000	5.000	2.086.250
Minas Gerais	6.472	6.472	-	91.200
Espírito Santo	684	684	-	9.000
Rio de Janeiro	8.982	8.982	-	186.750
São Paulo	53.196	48.636	4.560	1.673.950
Paraná	3.233	3.233	-	85.400
Santa Catarina	500	60	440	7.500
Rio Grande do Sul	200	200	-	-
Mato Grosso	200	200	-	20.450
Goiás	533	533	-	12.000
Brasil	120.000	92.000	28.000	2.539.190

⁽¹⁾ Previsão.

⁽²⁾ Inclui álcool direto e residual.

Fonte: Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA).

QUADRO 103. - Produção Brasileira e Paulista de Açúcar e Alcool, 1970/71 a 1977/78⁽¹⁾

Safrá	Brasil		São Paulo			
	Açúcar (t)	Alcool (T.000 l)	Açúcar (t)	Participação no Brasil (%)	Alcool (1.000 l)	Participação no Brasil (%)
1970/71	5.119.661	637.238	2.436.365	48	436.713	69
1971/72	5.386.419	613.068	2.596.749	48	453.101	74
1972/73	5.932.460	680.972	2.836.141	48	500.104	73
1973/74	6.682.912	665.979	3.510.667	53	455.091	68
1974/75	6.720.577	624.985	3.466.269	52	408.100	65
1975/76	5.887.596	555.627	2.869.333	49	362.286	65
1976/77	7.208.214	643.158	3.563.614	49	428.945	67
1977/78	8.307.512	1.447.406 ⁽²⁾	4.098.744	49	1.095.158	76

⁽¹⁾ Todos os tipos de açúcar e álcool.

⁽²⁾ Preliminar.

Fonte: Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA).

QUADRO 104. - Exportação Brasileira de Açúcar 1971-78⁽¹⁾

Ano	Quantidade	Valor FOB (US\$1.000)	Preço médio (US\$/t)
1971	1.261.223	152.851	121,19
1972	2.534.911	403.548	159,20
1973	2.819.953	558.686	198,12
1974	2.356.731	1.321.932	560,92
1975	1.748.766	1.099.773	628,89
1976	1.167.333	306.539	262,59
1977	2.443.786	462.618	189,30
1978 ⁽²⁾	820.708	151.282	184,33

⁽¹⁾ Demerara, cultural e refinado.

⁽²⁾ Até maio.

Fonte: Carteira do Comércio Exterior (CACEX).

QUADRO 105. - Área Plantada, Produção e Rendimento da Cana-de-Açúcar para Indústria, Estado de São Paulo, 1971/72 a 1977/78

Ano Agrícola	Área (1.000ha)	Produção (1.000t)	Rendimento ⁽¹⁾ (kg/ha)
1971/72	759,0	42.300	55.731
1972/73	740,0	40.000	54.054
1973/74	790,0	34.000	43.038
1974/75	802,0	35.600	44.389
1975/76	932,0	47.500	64.103
1976/77	1.011,0	55.300	66.339
1977/78 ⁽²⁾	1.079,6	56.910	65.595

⁽¹⁾ Rendimento a partir da área colhida.

⁽²⁾ Preliminar.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

- Hortaliças

- Panorama internacional

Segundo a FAO, a produção mundial de tomate em 1961-65 era de 26 milhões de toneladas aproximadamente, atingindo em 1977 cerca de 45 milhões de toneladas, o que representou incremento de 6% em comparação com o ano precedente. Em termos de área cultivada, verificou-se um acréscimo de 4,6%, acompanhado de uma elevação de 1,4% no rendimento médio.

Os aumentos na área (quadro 106) foram mais sensíveis em Portugal (80%), Estados Unidos (18,6%), Espanha (7,3%) e Itália (6,1%), países tradicionalmente produtores e exportadores de derivados de tomate. Todavia, entre os novos exportadores verificou-se incremento de área no Brasil (8,5%), Argentina (3,4%) e Turquia (2,4%).

Segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), as geadas que ocorreram nos primeiros meses de 1978 poderão provocar redução na produção hortícola desse País, em menor grau, porém, que em 1977, quando forte geada exigiu a importação de quantidades substanciais de vegetais frescos do México, sendo o tomate responsável por metade dessas importações. Além disso, na primavera e verão o aumento da área plantada possibilitou uma produção na Califórnia, estado responsável por 85% da produção do País, de 6,7 milhões de toneladas de tomate, 8% abaixo do recorde de 1975.

Face à menor intensidade da geada e à maior disponibilidade de derivados, em janeiro de 1978, o preço médio do tomate de inverno foi menor que o recorde de janeiro de 1977.

O mercado internacional de derivados de tomate, principalmente o extrato (30-32ºBrix), apresentou em 1974 um pique de preços na ordem de US\$800,00 a US\$1.000,00/t FOB-Santos, declinando para US\$550,00 a US\$600,00/t em 1976 e estabilizando-se em US\$570,00 a US\$600,00/t em 1977.

- Situação interna

Uma retrospectiva mostra que o comportamento climático de 1977 pode ser considerado bom para a produção de tomate, principalmente quando comparado com os dois anos anteriores.

Para a cultura rasteira, em janeiro de 1977, no Comitê de Agroindústria de São Paulo, estabeleceram-se os preços para a safra de Cr\$0,84/kg de tomate entregue à fábrica no período de junho a setembro e de Cr\$0,92/kg para volumes colhidos antes de junho e depois de outubro. Este acréscimo de 10% sobre o preço de compra representa um prêmio para o produto precoce ou tardio.

Em fevereiro e maio, a ocorrência de estiagem prejudicou a semeadura de tomate para indústria, principalmente das lavouras não irrigadas, resultando em pequena oferta do produto precoce, havendo inclusive a necessidade de importação de cerca de 15.000 toneladas de concentrado, em regime de "draw-back", originárias de Portugal, Argentina, México e Chile, pois o mercado encontrava-se sem estoques após duas safras de sucessivos revezes.

Esse fato repercutiu na comercialização de tomate "in natura", com elevação das cotações, conquanto a produção precoce (ponteiros) de tomate para processamento fosse nesses meses (março-abril) dirigida para o consumo direto, contribuindo para atenuar a alta de preços.

Em junho foi solicitado um reajuste de preços, não aceito pelas indústrias, que resolveram atribuir novo prêmio de 10% sobre os valores combinados, não mais como estímulo por época de entrega, mas pela qualidade do produto. Nestas condições, grande número de tomati-

cultores beneficiaram-se devido à classificação específica utilizada para a referida safra. Segundo estimativas do Instituto de Economia Agrícola, a produção de tomate rasteiro em São Paulo foi de 300 mil toneladas em 1977 (quadro 107), bem abaixo portanto daquela oferecida pelas indústrias (500 mil toneladas). Neste ano, as exportações efetivas de extrato de tomate pelo Porto de Santos totalizaram 3.077 toneladas, significando um decréscimo de 28% em confronto com 1976.

Após 1976, com a melhora da cotação internacional houve possibilidade de colocação do produto no exterior, permitindo a abertura de novos mercados, concentrando-se as exportações brasileiras para os países que compõem o bloco da OPEP, área de difícil penetração, tanto em face da forte concorrência com os exportadores europeus, como pelo diferencial de frete. O Brasil, além de enfrentar a concorrência de tradicionais produtores como Portugal, Itália, Espanha e Grécia, compete agora também com Argentina, Marrocos, México, Turquia, Formosa, Hungria e Bulgária.

Quanto ao tomate de mesa, o mercado apresentou-se sem problemas no período de junho a setembro. A partir de outubro, entretanto, as cotações no atacado passaram a elevar-se, contrariando inclusive as tendências do padrão estacional de preços (figura 15). Isso se deveu ao envio de grandes parcelas de tomate para atender o abastecimento do Rio de Janeiro, prejudicado pela menor oferta de produto originário do Espírito Santo, cuja safra encerrou-se mais cedo.

O preço médio ponderado em valor real, a nível atacadista, para o tomate envarado, em 1977, foi de Cr\$94,30/cx., contra os Cr\$117,18/cx. de 1976 (quadro 108). No que se refere ao volume total comercializado na CEAGESP, observou-se um incremento de 15,2%.

Para a safra 1978/79, foi estabelecido, através de acordo, os seguintes preços para o tomate industrial: Cr\$1,12/kg de produto na roça, entregue até 30 de setembro; Cr\$1,18/kg a partir de outubro, mais os 10% de prêmio por qualidade. Considerando-se a hipótese de que 80% do tomate fossem entregues até setembro e que 50% desse volume fossem premiados por qualidade, chegar-se-ia ao preço médio ponderado de aproximadamente Cr\$1,19/kg, ou seja, um aumento aproximado de 35% sobre aquele praticado na safra anterior.

A estiagem, durante março e abril, nas regiões produtoras de tomate rasteiro prejudicou a cultura, principalmente a de sequeiro. Após as chuvas, ainda em maio, foi plantada a área programada no início do ano, porém com maiores riscos devido ao atraso.

Para o tomate de mesa ocorreram modificações no comportamento dos preços, provavelmente em virtude de os agricultores se orientarem pelo padrão de outros anos, visando colocar o produto no mercado em maio, pois vinha ocorrendo baixa nos preços em janeiro/fevereiro e grandes elevações a partir de março/abril. Com isto houve alta em fevereiro, queda a partir de março e novamente elevação em maio. Em julho a região sul do Estado, incluindo os municípios de Apiaí, Guapiara e Ribeirão Branco, encontra-se em final de safra, quando então a região de Campinas, envolvendo os municípios de Indaiatuba, Elias Fausto, Sumaré e Monte-Mór, começa a participar do mercado com maior intensidade. No quadro 109 observa-se a participação destes municípios no abastecimento da Capital nos últimos anos.

Durante o primeiro semestre de 1978 o tomate apresentou uma cotação real média de Cr\$89,91/cx. a nível de atacado, quando no mesmo período do ano precedente o valor correspondente foi de Cr\$73,32/cx..

Até maio do corrente ano foram embarcadas pelo Porto de Santos 2.626 toneladas de extrato de tomate, acusando um acréscimo de 292% em relação ao mesmo período de 1977, dado que reflete a situação relativamente normal da última safra, completada no primeiro semestre de 1977 pela entrada de extrato em regime de "draw-back".

O volume das 11 principais hortaliças comercializadas na CEAGESP (exceto o tomate)

alcançou em 1977 o total de 572,9 mil toneladas, significando um incremento de 9% em relação a 1976 (quadro 110).

Individualmente, constatou-se aumentos superiores a 10% nas entradas de abobrinha, alface, berinjela, pepino, pimentão e vagem e redução da mesma ordem para chuchu e couve-flor.

Quanto às cotações, das 11 hortaliças analisadas 7 apresentaram preços médios reais mais baixos que em 1976, quais sejam, abobrinha, alface lisa, berinjela, cenoura, pepino, pimentão e vagem. Destaque deve ser dado ao pimentão, berinjela e cenoura, cujos valores reais diminuíram por dois anos consecutivos.

No 1º semestre de 1978 registrou-se elevação nos preços médios reais de abobrinha, alface, chuchu, couve-flor, mandioquinha, pepino e vagem.

Uma análise mais geral e de longo prazo sugere que o abastecimento de hortaliças encontra-se conturbado, com alterações bruscas, às vezes inesperadas em termos de padrões históricos, face possivelmente às intervenções governamentais, especialmente após o setor ter em contrado maior destaque junto ao consumidor. Poder-se-ia até mesmo arriscar a ilação de que são casualmente o horticultor tem auferido lucros em suas atividades.

Acredita-se, ainda, que devido ao curto ciclo de produção o agricultor tem várias opções de plantio na mesma área em diferentes épocas do ano. Isto, entretanto, nem sempre vem ocorrendo em vista da deficiência nas informações de mercado.

- Perspectivas

As atuais cotações internacionais do tomate, em torno de US\$650,00/t, permitem aos tradicionais exportadores sua habitual participação no mercado. Contudo, a um preço inferior a US\$600,00/t, os elevados custos obtidos por Portugal e Itália parecem impossibilitar essa participação, favorecendo Argentina e Brasil, desde que mantida a atual política de incentivos às exportações, em vista da escala de produção da indústria brasileira.

Ao início de julho ocorreu uma nova reunião do Comitê de Agroindústria, onde os tomaticultores reivindicaram aumento do preço do produto na roça alegando queda de produtividade, elevação nos custos de irrigação face à estiagem e alta nos preços dos insumos como consequência da inflação. Pelo levantamento feito pelo IEA/CATI, em Araçatuba, Presidente Prudente, Lins, Presidente Wenceslau, Catanduva, Bebedouro e Taquaritinga, espera-se uma acentuada queda de produtividade para o tomate de sequeiro que sofreu replantios em maio. Também o tomate irrigado apresentou rendimento 14% mais baixo quando comparado ao nível utilizado nas estimativas de custo de produção. A exemplo do ano anterior, a indústria não aceitou de pronto absorver essa elevação de custo da matéria-prima, a não ser que a CIP venha a permitir seu repasse ao consumidor.

A persistir o preço estabelecido não deverá ocorrer estímulo para ampliação de área, anulando por conseguinte os incentivos governamentais oferecidos à indústria, especialmente na exportação, que não são repassados aos agricultores.

Quanto as demais hortaliças, ressalta-se a necessidade de maior atenção ao setor, não só para atendimento ao mercado interno, mas também tendo em conta a potencialidade do mercado externo. A esse respeito, destaque-se as exportações de pimentão, berinjela e gengibre entre outras, proporcionando novas oportunidades para pequenos e médios produtores.

As perspectivas para o tomate de mesa são de moderado aumento na área plantada. Com o início das atividades, em abril deste ano, do Mercado do Produtor em Guapiara, os tomaticultores esperam uma modificação na economia da região, devido à maior segurança na comercialização.

(IEA, 26/07/1978)

QUADRO 106. - Área Plantada, Produção e Produtividade de Tomate nos Principais Países Produtores e Exportadores, 1973-77

País	Área (1.000ha)					Produção (1.000t)					Rendimento (t/ha)				
	1973	1974	1975	1976	1977 ⁽¹⁾	1973	1974	1975	1976	1977 ⁽¹⁾	1973	1974	1975	1976	1977 ⁽¹⁾
Argentina	37	33	27	29	30	646	610	486	533	550	17,4	18,3	18,3	18,2	18,3
Brasil	42	53	47	47	51	953	1.144	1.075	1.141	1.291	22,4	21,6	22,9	24,2	25,3
Espanha	73	82	81	68	73	2.029	2.399	2.488	2.078	2.179	27,8	29,2	30,6	30,5	29,8
Estados Unidos	176	187	206	177	210	6.270	7.274	8.666	6.857	8.160	35,7	38,9	42,0	38,8	38,8
Grécia	35	39	42	32	32	1.189	1.635	1.627	1.500	1.560	34,2	41,9	38,7	46,9	48,7
Itália	110	117	113	99	105	3.310	3.637	3.512	2.985	3.120	30,1	31,1	31,0	30,1	29,7
México	50	71	59	50	50	900	1.167	1.056	913	964	18,0	16,3	17,8	18,3	19,3
Portugal	26	24	25	15	27	924	768	840	631	790	35,5	31,9	33,6	42,3	29,2
Turquia	78	80	82	84	86	2.050	2.150	2.300	2.750	2.800	26,3	26,9	28,0	32,7	32,5

⁽¹⁾ Estimativa.

Fonte: Anuário Estatístico da FAO e IBGE.

QUADRO 107. - Produção e Industrialização de Tomate, Estado de São Paulo, 1968-77

(em 1.000t)

Ano	Produção			Volume processado	Volume comercializado CEAGESP
	Total	Cultura envarada	Cultura rasteira		
1968	419	275	144	170	181
1969	381	223	198	180	171
1970	440	286	154	210	224
1971	478	268	210	225	225
1972	488	322	166	190	225
1973	526	392	134	170	251
1974	610	330	280	340	254
1975	546	311	235	250	250
1976	547	297	250	265	229
1977	614	314	300	320	263

Fonte: Instituto de Economia Agrícola e Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais do Estado de São Paulo (CEAGESP).

QUADRO 108. - Preços Médios Anuais de Hortaliças a Nível de Atacado, São Paulo, 1973-78

Produto	Unidade	Corrente						Real (2)					
		1973	1974	1975	1976	1977	1978(1)	1973	1974	1975	1976	1977	1978(1)
Abobrinha	cx.	17,90	27,02	28,97	49,47	62,02	82,91	59,46	70,20	58,71	71,46	62,02	67,15
Alface lisa	engr.	51,40	78,46	97,22	181,82	203,37	248,59	170,74	203,85	197,01	262,65	203,37	210,33
Berinjela	cx.	8,33	22,00	17,85	31,32	31,18	36,24	27,67	57,16	36,17	45,24	31,18	29,35
Cenoura	cx.	25,52	36,90	40,30	64,00	80,08	81,45	81,77	95,87	81,67	92,45	80,08	65,97
Chuchu	cx.	12,20	18,93	20,25	27,73	43,95	62,55	40,53	49,18	41,04	40,06	43,95	50,66
Couve-flor	dz.	10,40	15,08	22,45	27,72	41,27	53,93	34,55	39,18	45,49	40,04	41,27	43,68
Mandioquinha	cx.	36,97	35,07	79,95	69,04	100,07	145,78	122,81	91,12	162,02	99,53	100,07	118,07
Pepino	cx.	18,49	29,07	33,47	50,48	61,10	84,07	61,42	75,53	67,83	72,92	61,10	68,09
Pimentão	cx.	23,21	34,98	46,46	57,50	70,33	76,60	77,10	90,88	94,15	83,06	70,33	62,04
Repolho liso	sc.	15,54	18,01	22,52	26,47	74,15	48,99	51,62	46,69	45,64	38,24	74,15	39,68
Tomate	cx.	27,07	36,37	42,60	81,12	94,30	111,01	89,92	94,49	86,33	117,18	94,30	89,91
Vagem	cx.	32,00	49,00	53,00	91,00	108,00	140,99	106,30	127,31	107,40	131,45	108,00	114,19

(1) Média do 1º semestre.

(2) Em cruzeiro de 1977.

Fonte: Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais do Estado de São Paulo (CEAGESP).

QUADRO 109. - Principais Municípios Abastecedores de Tomate Envarado na CEAGESP, 1973-77

(em 1.000cx.25,5kg)

Localidade	1973	1974	1975	1976	1977
Elias Fausto	801	943	914	591	828
Apiaí	705	615	634	787	770
Ibiúna	636	583	655	568	764
Capão Bonito	467	392	413	319	340
Guapiara	625	442	400	408	370
Indaiatuba	629	660	676	531	659
Ribeirão Branco	512	423	494	580	643
Monte-Mor	438	452	488	324	437
Sumaré	434	549	408	489	653
Campinas	305	314	318	201	222
Itu	193	240	229	192	242
Itapetininga	223	214	180	113	129
Itapeva	239	94	120	171	268
Salto	155	121	85	78	129
Itupeva	156	240	269	152	241
Mogiguacu	157	202	310	351	497
Capivari	160	271	331	190	211
Conchal	124	134	178	276	332
Porto Feliz	112	151	125	118	109
Mogimirim	-	130	235	179	188
Tatuí	-	125	170	136	164
Estado do Rio de Janeiro	-	-	-	221	119
Soma	7.071	7.295	7.632	6.624	8.315
Outras	2.656	2.562	2.056	2.263	1.898
Total	9.727	9.857	9.688	8.887	10.213

Fonte: Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais do Estado de São Paulo (CEAGESP).

QUADRO 110. - Comercialização de Hortalças, no Entrepasto Terminal do Jaguarê da CEAGESP,
1973-77

(em 1.000t)

Produto	1973	1974	1975	1976	1977
Abobrinha	18,0	17,6	21,1	16,1	19,9
Alface	26,1	23,7	24,6	26,4	30,9
Berinjela	14,7	10,0	13,2	12,4	14,1
Brócolos	12,1	13,9	13,8	13,3	14,1
Cenoura	36,0	37,7	41,3	43,2	47,2
Chuchu	28,1	27,6	33,4	37,9	32,5
Couve-flor	14,6	14,2	12,1	16,4	13,0
Mandioquinha	9,3	12,0	6,8	11,6	11,4
Pepino	22,2	20,6	23,5	22,9	26,0
Pimentão	15,7	15,1	15,9	14,6	19,5
Repolho	60,5	58,5	57,9	61,4	59,0
Tomate	251,0	254,0	249,9	228,8	263,5
Vagem	20,5	17,8	20,4	19,3	21,8
Total	528,9	522,6	533,6	524,3	572,9

Fonte: Companhia de Entrepastos e Armazéns Gerais do Estado de São Paulo (CEAGESP).

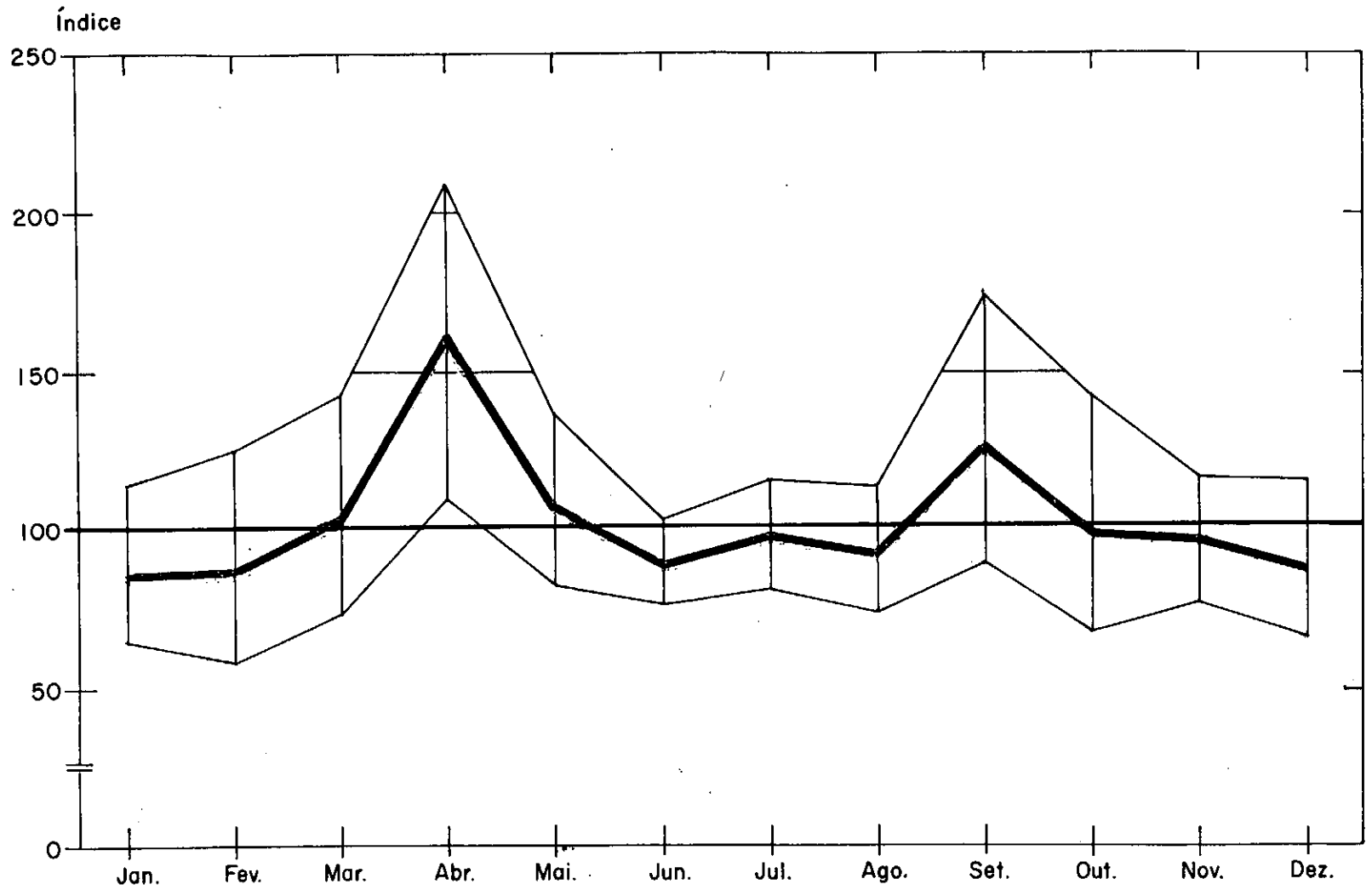


FIGURA 15. - Variação Estacional do Preço Médio no Atacado, Tomate, Estado de São Paulo, 1971-77.

- Batata

- Panorama internacional

A produção mundial de batata nos últimos anos encontra-se praticamente estabilizada em torno de 290 milhões de toneladas, participando o Brasil com 1,8 milhão de toneladas. O comércio internacional, entretanto, encontra-se em expansão, envolvendo principalmente países da faixa de clima temperado do globo. As cifras totais atingem 4,4 milhões de toneladas no valor de US\$1,3 bilhão dos quais o Brasil participa com apenas 23 mil toneladas (0,5%), correspondendo em valor a US\$7,0 milhões.

- Situação interna

Apesar da oscilação ao longo dos anos, a produção brasileira de batata cresceu, na década de 70, em média 80 mil toneladas por ano. A evolução da produção difere bastante quanto ao sistema de cultivo e região produtora.

A safra de inverno vem sendo bastante difundida no Estado de Minas Gerais. Esta modalidade de cultura depende de uma tecnologia mais aprimorada, propiciando, via de regra, melhores retornos, pois as condições de mercado são favoráveis nessa época.

Em São Paulo, a safra de inverno, que vinha aumentando há vários anos, sofreu uma redução em 1977, mais acentuada nas regiões de Ribeirão Preto e Vale do Paraíba, mas compensada parcialmente por aumento nas regiões de Sorocaba e Bauru.

O mercado paulistano foi suprido, em sua maior parte, por produto do próprio Estado originário das regiões Bragantina, Alta Paulista, Vale do Paraíba, Sudeste de São Paulo e pelos remanescentes da safra do Paraná. O produto obtido na safra de inverno foi ofertado de meados de agosto até início de dezembro.

A produção das águas, na presente década, tende a se deslocar do Estado de Minas Gerais e São Paulo para o Estado do Paraná (quadro 111).

No Estado de São Paulo, a região de Campinas é a que mais sofreu diminuição no produto das águas e, em escala menor, a região de Sorocaba (quadro 112).

Durante o último período da safra das águas (dezembro de 1977 a abril-maio de 1978) o abastecimento do mercado paulistano foi realizado em escala crescente com produto oriundo do Sul de Minas Gerais (60% a 65% do total das ofertas) e de forma decrescente pelas remessas do Paraná (45% a 20%) provenientes das regiões de Contenda, Castro e Palmeiras. Por outro lado, as remessas do próprio Estado de São Paulo provieram das regiões de Itapetininga, Bragantina e Média Mojiânia.

A nível nacional, a cultura da seca, que responde pela maior parte do aumento da produção brasileira, tem sua área de plantio em expansão no Paraná e em São Paulo (principalmente em Bragança Paulista) e com tendência de retração em Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Por ocasião da última safra da seca (maio a julho de 1977) o mercado paulista foi suprido principalmente por volumes crescentes oriundos tanto do Paraná (regiões de Guarapuava, Castro, Ponta Grossa e Contenda) como do próprio Estado de São Paulo (regiões de Itapetininga e Bragantina) e, de forma menos expressiva, por Minas Gerais e Santa Catarina (2% e 5%).

A evolução dos preços e o abastecimento do produto da seca em curso apresentaram-se atípicos em decorrência da estiagem ocorrida no Sul do País, que diminuiu severamente as ofer-

tas provenientes do Paraná.

Os preços em geral foram considerados satisfatórios pelos produtores. O padrão de variação estacional pode ser observado na figura 16.

- Perspectivas

O suprimento de sementes importadas na última temporada foi regular. Contudo, registrou-se grande procura de sementes nacionais para o plantio de inverno. A elevada procura de sementes de origem nacional parece indicar um aumento de plantio nas regiões do Vale do Paraíba e Ribeirão Preto, de molde, talvez, a recuperar as posições que vinham mantendo em anos anteriores. Também na região de Alfenas (MG) ocorra aumento de plantio, que deverá entrar em produção na mesma época (agosto a novembro). Mesmo considerando que no inverno pode-se retardar mais a colheita, espera-se uma redução de preço em relação ao ano passado.

(IEA, 26/07/1978)

QUADRO 111. - Área de Batata nos Principais Estados do Centro-Sul, 1974-78

(em 1.000ha)

Estado	1974	1975	1976	1977	1978
1ª safra(ãguas)					
Paraná	33,0	30,7	37,3	42,0	40,4
Rio Grande do Sul	37,6	38,5	37,2	38,0	37,7
São Paulo	17,0	17,0	13,3	12,3	13,1
Minas Gerais	26,0	18,6	14,3	14,4	15,9
Santa Catarina	12,4	17,7	13,6	12,4	11,6
2ª safra					
São Paulo	8,4	7,9	8,4	9,3	10,1
Paraná	7,5	11,4	14,2	17,6	23,0
Rio Grande do Sul	25,4	22,4	26,0	23,0	24,5
Minas Gerais	8,0	12,9	14,6	11,5	...
Santa Catarina	6,0	6,3	4,5	3,5	4,2

Fontes: Ministério da Agricultura e Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 112. - Área de Batata das Águas, Seca, Inverno, Estado de São Paulo, 1973/74 a 1977/78

(em 1.000ha)

DIRA	Águas					Seca					Inverno				
	1973/74	1974/75	1975/76	1976/77	1977/78	1973/74	1974/75	1975/76	1976/77	1977/78	1973/74	1974/75	1975/76	1976/77	1977/78
São Paulo	3,1	3,5	2,6	3,0	3,3	0,7	2,1	2,0	2,3	2,2	2,5	1,9	2,4	0,8	...
V. Paraíba	0,5	0,6	0,6	0,5	0,4	-	0,2	0,3	0,1	0,1	1,0	1,3	1,2	0,5	...
Sorocaba	6,1	5,5	4,5	5,2	5,3	3,7	3,3	3,6	3,8	4,5	0,7	2,1	2,2	2,2	...
Campinas	7,0	6,6	5,5	3,4	3,7	2,4	1,5	1,7	1,7	1,9	2,3	1,1	1,2	1,3	...
R. Preto	-	-	-	-	-	0,6	0,5	0,3	0,9	0,9	1,4	0,5	0,5	0,2	...
Bauru	-	0,2	0,1	0,2	0,2	0,1	-	-	-	-	-	-	-	0,1	...
S. J. R. Preto	0,1	0,3	-	-	-	0,1	0,1	0,1	-	-	-	-	-	-	...
Araçatuba	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	...
P. Prudente	-	0,1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	...
Marília	0,1	0,3	-	0,2	0,1	0,7	0,2	0,3	0,4	0,4	0,4	0,4	0,4	0,2	...
Estado	17,0	17,0	13,3	12,3	13,0	8,4	7,9	8,4	9,3	10,1	8,2	7,4	8,1	5,3	...

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

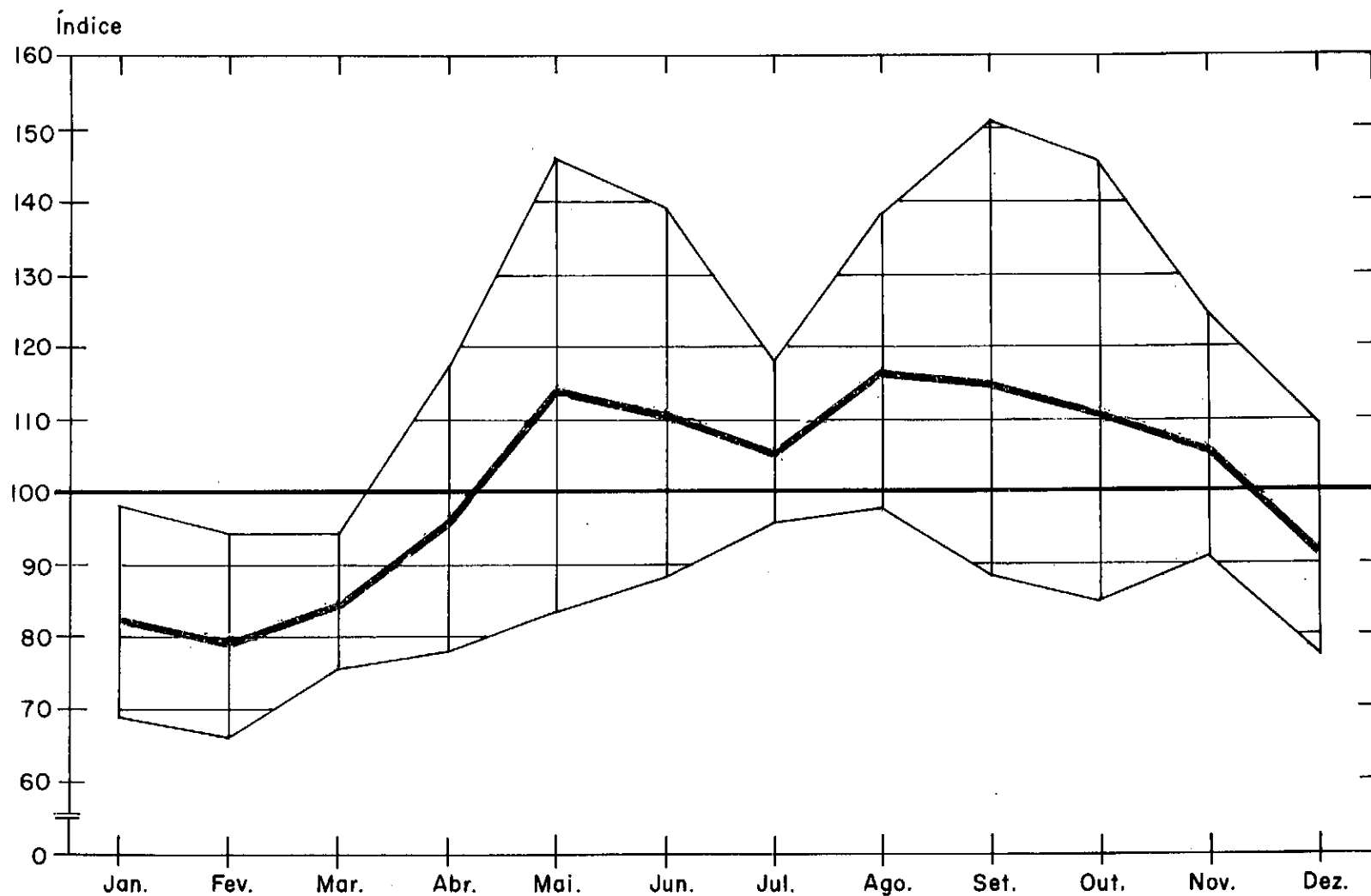


FIGURA 16. - Variação Estacional do Preço Médio Recebido pelos Agricultores, Batata, Estado de São Paulo, 1971-77.

- Mandioca

- Panorama internacional

Na presente década apenas dois derivados da mandioca tiveram expressão no comércio internacional: fécula e produtos para ração. O volume das exportações da Tailândia, comumente usado como indicador dos negócios internacionais, acusou nesse período para ambos os produtos uma tendência ascendente. Em 1976, o volume comercializado nesse País de produtos de mandioca para ração atingiu 4,2 milhões de toneladas e um valor de US\$330 milhões; e a fécula atingiu as cifras de 259,6 mil toneladas e US\$39 milhões.

O mercado e os preços internacionais da fécula, no presente ano agrícola, foram pressionados pela oferta de fécula de batata, da área socialista, e pelo excesso de produto da Tailândia, enquanto os produtos de mandioca para ração sofreram a concorrência da maior oferta de milho.

A participação brasileira no mercado externo de produtos de mandioca para ração limitou-se a exportações de raspa no início da década e eventuais vendas de excedentes de farinha industrial no ano agrícola 1974/75. O custo interno desses produtos não vem favorecendo a exportação brasileira até o presente.

Quanto à fécula, a participação brasileira no mercado externo que vinha se mantendo em ascensão reduziu-se no presente ano a níveis insignificantes, em decorrência da situação desfavorável do mercado externo e do alto preço pago internamente nos últimos anos.

- Situação interna

Em São Paulo, desde 1963, a tendência geral da cultura é decrescente, podendo a recuperação observada de 1965 a 1968 ser considerada como cíclica.

Nos últimos 2 ou 3 anos, a evolução da cultura destinada à industrialização apresentou uma aparente inversão na tendência decrescente mantida desde o início da presente década, enquanto que aquela voltada para o consumo direto caracteriza-se por uma contínua tendência decrescente (quadro 113).

A produtividade da cultura destinada ao consumo direto não esboça qualquer alteração ponderável, ao passo que a da destinada à industrialização vem progressivamente galgando nos níveis, denotando incorporação de progresso tecnológico.

Tradicionalmente, a cultura que em geral vinha sendo realizada em período de 18 a 20 meses, abrangendo 2 anos agrícolas, mais recentemente vem sendo feita em um ano agrícola, como também ocorre nos demais estados da Federação.

No Estado de São Paulo a produção concentra-se nas DIRAs de Marília e Campinas, que somam 60% da área plantada e 70% da produção. No período 1973-78 registrou-se queda sensível da área cultivada nas DIRAs de São José do Rio Preto e Sorocaba, enquanto crescia a participação das DIRAs de Ribeirão Preto, Marília e Campinas (quadro 114).

O mercado de raízes, tal como o de derivados, atravessou um período bastante desfavorável, fato que se estende a toda a Região Centro-Sul.

Os preços da raiz elevaram-se no Estado de São Paulo a partir de agosto de 1975, atingindo valores relativamente altos no ano de 1976. No segundo semestre de 1977 os preços voltaram a declinar e no início de 1978 situavam-se aos níveis do início de 1975.

No ano agrícola que ora se encerra, em São Paulo, os preços de farinha de mesa a nível de atacado acompanharam a evolução dos preços da matéria-prima. Há, contudo, problemas com o fluxo da comercialização a julgar pela situação frouxa do mercado e pelos problemas financeiros do setor, quer ao nível da produção, quer do atacado.

Para o mercado de fécula, os preços apresentaram a mesma tendência de baixa verificada com a matéria-prima. Isto, em parte, reflete o excesso de oferta do produto que se encontra estocado nos estados sulinos sem perspectiva de comercialização ao se iniciar a nova safra.

Ao final do ano agrícola, com a baixa dos preços, surgiu nova perspectiva para colocação de raiz dissecada no mercado interno de rações, dado o deficiente suprimento de milho. Nesse sentido foram realizados contratos entre industriais de raspa e de ração para entregas mensais, sendo que em julho, quando se iniciará o acordo, deverão ser produzidas cerca de 6 mil toneladas de raspa moída no Estado.

- Perspectivas

A utilização da raspa, em 1978, para a fabricação de rações (no máximo 200 mil toneladas), em face do deficit no suprimento de milho, pode ser encarada como boa possibilidade, a curto prazo, para a solução dos aspectos financeiros do setor.

Será ponderável o efeito de tal atividade na decisão do quanto plantar, já que a possibilidade quase certa da não comercialização de grande parte da produção, que ficaria perdida na terra, vinha influenciando negativamente os produtores.

Estendida a solução para outras regiões do País, que estão no mesmo impasse, poderá ainda, de certa forma, ser evitada uma grande retração da produção dos próximos anos.

Não se esperam grandes alterações no panorama geral de situação de mercado e preços dos demais produtos de mandioca, além de uma certa melhora no setor financeiro.

Dada a ocorrência de fortes geadas no sul do País, onde a decisão da área a ser plantada é tomada em maio-junho, mesmo que haja novo incentivo ao plantio, este deverá ser modesto, devendo-se esperar diminuição da área e novo ciclo de alta de preços da mandioca e seus produtos em fins de 1979 e 1980.

(IEA, 27/07/78)

QUADRO 113. - Área Plantada, Produção e Rendimento da Área Colhida, Mandioca, Estado de São Paulo, 1972/73 a 1977/78

Ano	Produção (1.000t)	Área plantada (1.000ha)	Rendimento da área colhida (t/ha)
1972/73	1.220,0	105,0	18,5
1973/74	1.000,0	87,2	18,3
1974/75	720,0	58,8	18,4
1975/76	610,0	46,8	20,7
1976/77	710,0	51,7	21,7
1977/78 ⁽¹⁾	747,0	53,4	21,1

⁽¹⁾ Levantamento de abril de 1978.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 114. - Evolução Regional da Cultura da Mandioca em São Paulo, 1973/74 a 1977/78

DIRA	Percentual plantado					Percentual colhido				
	1973/74	1974/75	1975/76	1976/77	1977/78	1973/74	1974/75	1975/76	1976/77	1977/78
São Paulo	5,3	8,2	11,0	6,0	5,2	5,0	7,6	8,2	3,5	3,3
Vale do Paraíba	3,1	4,1	4,5	4,4	4,1	3,5	4,2	4,1	3,5	3,3
Sorocaba	4,6	3,7	3,0	1,7	1,9	5,0	3,5	3,0	1,5	1,9
Campinas	21,4	25,5	31,4	29,6	29,0	24,0	34,0	45,1	44,5	42,2
Ribeirão Preto	6,4	7,7	7,3	7,8	8,6	7,0	6,5	6,1	6,5	9,0
Bauru	3,7	3,2	3,4	3,6	3,4	3,5	3,1	2,4	1,8	2,7
São José do Rio Preto	11,2	10,7	10,0	6,6	9,7	10,0	7,4	6,6	4,3	6,7
Araçatuba	3,0	4,3	4,3	3,2	3,4	3,5	4,2	4,4	2,8	2,7
Presidente Prudente	7,2	6,6	3,4	5,2	3,9	5,5	3,8	2,1	2,4	1,7
Marília	34,2	26,0	21,8	31,9	30,8	33,0	25,7	18,0	29,2	27,3

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

- Feijão

- Panorama internacional

Em fevereiro último, a FAO estimou em 13.430 mil toneladas a produção mundial de feijão para 1977/78, mostrando acréscimo de 7,0% em relação ao ano passado. Basicamente, o aumento da produção foi consequência da expansão da área de 23.833 mil hectares para 25.136 mil hectares, pois a produtividade manteve-se ao redor de 500kg/ha.

Índia, China, Brasil e México continuam sendo os principais responsáveis por essa produção, contribuindo com parcela equivalente a 63,6% do total. A Índia, participando com 2.700 mil toneladas, supera, por pequena margem, a China e o Brasil.

Considerando-se, porém, a área explorada, a diferença fica bastante evidente, uma vez que a Índia cultiva cerca de 9.000 mil hectares, enquanto China e Brasil atingem 2.600 mil e 4.400 mil, respectivamente.

Embora esses países figurem como os principais produtores, o rendimento alcançado não tem evoluído, situando-se em níveis inferiores aos da Turquia, Canadá e Estados Unidos, que normalmente alcançam 1.500kg/ha.

Se por um lado o volume mundial é relativamente significativo, o comércio internacional quase não chega a ser acionado, em função do grande consumo interno dos países produtores. O Brasil, nos últimos anos, tem mantido a posição de comprador, principalmente do feijão preto, sem possibilidade de participar como exportador, a não ser eventualmente no caso do feijão de cores, que é largamente disseminado nas lavouras nacionais.

- Situação interna

A FIBGE divulgou como resultado oficial da safra brasileira de 1976/77 os seguintes valores: área, 4.530 mil hectares; produção, 2.282 mil toneladas; produtividade, 505kg/ha.

Esse volume, ainda que considerado expressivo, não foi suficiente para influir negativamente nos níveis de preços, até então bastante atrativos.

Este fato constituiu-se no principal estímulo à safra 1977/78. Embora em fevereiro p.p. a FIBGE não tivesse dados que possibilitassem estimar com maior segurança a produção nacional, os valores divulgados pela mesma são da ordem de 1.215 mil toneladas para a safra das águas e 910 mil para a da seca, totalizando 2.125 mil toneladas. A Comissão de Financiamento da Produção (CFP), dispondo de informes finais da safra das águas (1.300 mil toneladas) e de dados parciais da safra da seca encerrada, anunciou em maio último que a produção brasileira seria de cerca de 2.400 mil toneladas.

No Estado de São Paulo, as previsões iniciais de expansão da área se confirmaram, com aumento da ordem de 55,5% (244,9 mil hectares), para o plantio das águas, em resposta ao mercado que em meados de julho de 1977 apresentava-se bastante favorável e com boas perspectivas para o ano. Embora o desempenho da lavoura fosse o melhor possível, as chuvas de dezembro, coincidindo com o auge da colheita, dificultaram muito a operação e contribuíram para que o produto de modo geral se caracterizasse como apenas regular. O volume atingiu 120,9 mil toneladas, o que representa um acréscimo de 48,2% (quadro 115).

Em função desse aumento de volume e baixa qualidade do produto houve declínio dos preços (quadro 116). A situação era difícil e a CFP, através do Banco do Brasil, começou a in-

tervir no mercado, já que o preço mínimo (Cr\$276,00 para feijão tipo 3) era uma opção melhor para o lavrador. A CFP conseguiu comprar, nos diversos estados em que atuou, um volume equiva-
lente a 404 mil sacas de 60kg, das quais 62 mil de feijão preto.

As condições em que se processou a comercialização de feijão das águas (baixo preço com a conseqüente necessidade de intervenção da CFP) repercutiu negativamente no plantio da seca. Assim, embora este plantio corresponda à época em que a lavoura paulista encontra melhores con-
dições para a cultura, os 200 mil hectares cultivados em 1978 correspondem a uma expansão de
área de apenas 4,5%. Se os retornos conseguidos com a primeira safra foram aquêm das expectati-
vas, refletindo no plantio da seca, a escassez de chuva por quase todo este segundo ciclo afetou também as lavouras, resultando em menor produção. Ao pequeno acréscimo na área corresponde um decréscimo de 3,8% na produção, estimada preliminarmente em 115,4 mil toneladas.

Apesar dessas informações serem referentes ao mês de abril, por ocasião do quarto le-
vantamento realizado pelo IEA/CATI, os resultados atualmente conhecidos são de maior redução
daquelas estimativas e face a esse panorama houve reação nos preços do produto que vêm se man-
tendo mesmo com a entrada no mercado do feijão novo.

O padrão de variação estacional do feijão pode ser visualizado através da figura 17.

- Perspectivas

É evidente que fatores aleatórios (clima e doenças), passíveis de ocorrer durante o
ciclo extremamente vulnerável do feijão, podem alterar ou mesmo comprometer os resultados da
safra. Entretanto, existem outros fatores que afetam a evolução da cultura, tais como preço
mínimo, preço de mercado e os resultados da safra anterior.

O preço mínimo, normalmente fixado em julho, teria efeitos mais diretos se divulgado
anteriormente, quando o produtor tem condições de decisão mais racional. Na época em que é di-
vulgado, muitas áreas já foram semeadas e realmente deixa de ter participação maior na decisão
do plantio. Entretanto, como na última safra das águas muitos produtores venderam o produto na
base do preço mínimo pode-se prever sua possível influência negativa caso fique aquêm das ex-
pectativas.

Considerando os preços atuais e renda obtida nas duas safras (água e seca), a situação
poderá se alterar. As dificuldades enfrentadas no cultivo das águas prejudicaram sobremaneira
os produtores, e muitos deles ficaram ainda mais comprometidos com os efeitos da estiagem no
segundo plantio. Face a isso, há agricultores com compromissos a saldar e enfraquecidos finan-
ceiramente. Por outro lado, as poucas lavouras conduzidas tecnicamente, mas que respondem por
parcela considerável da produção, chegaram a propiciar retornos consideráveis. Baseado nisso
e nos preços atuais pode-se admitir, na futura safra, a mesma área de plantio.

Quanto ao resultado das safras, realmente, nem a qualidade nem a quantidade foram con-
sideradas satisfatórias.

Considerando-se, também, que a área explorada no plantio das águas do ano passado apre-
sentou um aumento bastante acentuado, as alterações para a próxima temporada não deverão ser
muito marcantes. Levando-se em conta essas considerações, pode-se admitir uma provável expan-
são da área em torno de 5% a 10%.

(IEA, 27/07/78)

QUADRO 115. - Área Plantada, Produção e Rendimento da Cultura do Feijão, Estado de São Paulo, 1973/74 a 1977/78

Ano agrícola	Safrá das águas			Safrá da seca		
	Área (1.000ha)	Produção (1.000t)	Rendimento (kg/ha)	Área (1.000ha)	Produção (1.000t)	Rendimento (kg/ha)
1973/74	158,6	62,4	393	131,0	69,0	527
1974/75	130,0	52,2	402	101,2	57,0	563
1975/76	104,0	46,7	449	135,7	93,0	685
1976/77	157,5	81,6	518	192,0	120,0	625
1977/78 ⁽¹⁾	244,9	120,9	494	201,0	115,4	574

⁽¹⁾ Dados preliminares.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 116. - Preços Médios Mensais de Feijão Recebidos pelos Produtores, Estado de São Paulo, 1974-78

(em Cr\$/sc.60kg)

Mês	1974		1975		1976		1977		1978	
	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾
Jan.	116,56	354,85	139,38	315,52	250,54	434,93	491,90	580,70	252,20	216,60
Fev.	107,12	317,51	123,39	273,32	292,70	488,23	448,20	512,47	262,00	217,77
Mar.	107,70	305,31	127,77	278,52	365,40	587,30	520,40	571,75	356,40	286,47
Abr.	115,36	309,30	140,35	300,64	416,90	646,54	623,40	658,00	408,10	317,64
Mai.	203,66	527,72	206,86	434,09	517,80	775,76	655,20	667,62	598,30	451,24
Jun.	198,50	504,83	216,46	444,43	476,50	695,34	576,60	576,13
Jul.	173,37	435,54	244,93	492,25	490,50	689,71	527,30	516,03
Ago.	163,39	405,52	358,42	700,96	555,90	750,92	499,40	482,61
Set.	172,39	420,26	332,90	635,96	572,50	748,00	486,50	461,84
Out.	173,42	417,02	372,01	695,62	749,90	956,53	408,40	377,55
Nov.	168,19	398,24	265,13	484,76	711,00	890,37	294,00	264,86
Dez.	177,67	411,24	197,71	354,16	564,70	691,06	279,10	246,23

(¹) Preços deflacionados pelo Índice "2" de Conjuntura Econômica, em cruzeiro de 1977.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

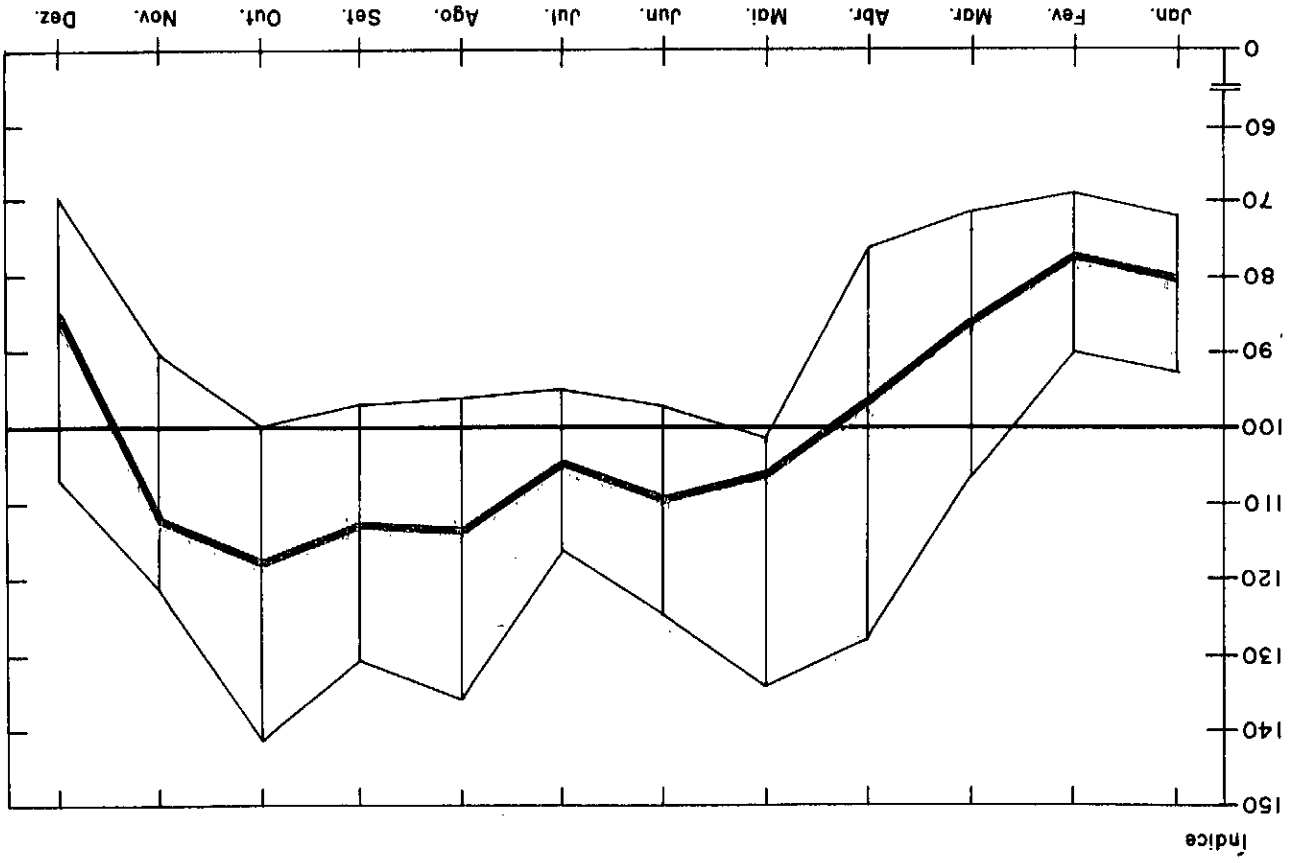


FIGURA 17. - Variação Estacional do Preço Médio Recebido pelos Agricultores, Feijão, Estado de São Paulo, 1971-77.

- Avicultura

- Panorama internacional

A produção mundial de carne de aves em 1977, segundo estimativas da FAO, foi de 24,3 milhões de toneladas, com participação de 17% no total de carnes produzidas.

Embora as estimativas divulgadas pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) indiquem uma produção mundial, em 1977, 7% superior à de 1976, os 16,3 milhões de toneladas de carne de aves obtidos no ano passado, nos 38 principais países produtores, representam apenas 3% de aumento sobre a produção de 1976 (15,8 milhões de toneladas).

Segundo previsões do USDA, em 1978 a produção mundial de carne de aves continuará se expandindo, embora em ritmo mais lento, devendo registrar-se incremento da ordem de 4%. Nos Estados Unidos a oferta será de 5,7 milhões de toneladas, significando um aumento ao redor de 5%; no Canadá, deverá alcançar 476 mil toneladas, com incremento de 1%. O Japão continuará expandindo sua produção, devendo produzir em 1978 perto de 920 mil toneladas (aumento aproximado de 5%), pois esse país procura aumentar a oferta interna de carne de aves para compensar a recente queda nas capturas de pescado decorrente da perda de áreas tradicionais de pesca, pelo estabelecimento do limite de mar territorial de 200 milhas por parte de alguns países, dentre eles Estados Unidos e Rússia. O Japão, além de incrementar a produção interna, tem aumentado também as suas importações.

Nos países da Comunidade Econômica Européia (CEE) são previstos incrementos na produção ao redor de 2%, devendo atingir 3,5 milhões de toneladas, enquanto que os países da Europa Oriental repetiriam a taxa positiva alcançada no ano anterior (7%). A Rússia deverá ampliar sua produção atingindo cerca de 1,6 milhão de toneladas. Na América do Sul prevê-se aumento ao redor de 6%, com destaque ao Brasil cuja previsão de aumento é de 10%.

Os países do Oriente Médio continuam sendo os principais importadores de carne de aves. Entretanto, suas importações deverão evoluir menos, pois seus esforços para aumentar a produção interna estão apresentando bons resultados.

Os preços de carne de aves no mercado internacional vêm diminuindo face às grandes disponibilidades exportáveis, situando-se no momento abaixo dos preços internos de alguns países, os quais precisam assim subsidiar suas exportações a fim de se manter no comércio internacional.

Segundo a FAO, em 1977 a produção mundial de ovos atingiu 24,3 milhões de toneladas, significando um incremento ao redor de 2% sobre a de 1976. Para 1978, o aumento esperado pelo USDA é também de 2%.

O comércio internacional de produtos avícolas deverá continuar em elevação durante 1978, devido ainda às grandes importações dos países do Extremo e Médio Oriente. Os Estados Unidos deverão aumentar mais sua participação no comércio externo, juntamente com os países da CEE e Europa Oriental, tradicionais participantes no mercado.

As exportações brasileiras de frango congelado atingiram em 1977 perto de 33 mil toneladas. A escassez de navios no início do ano e a falta de infra-estrutura portuária nos países importadores impediram que a meta inicialmente estabelecida (40 a 50 mil toneladas) fosse atingida. Entretanto, as exportações de 1977 superaram as de 1976 em cerca de 67%.

- Situação interna

A produção brasileira de carne de aves, em 1977, totalizou 632 mil toneladas, com um incremento ao redor de 14% em relação a de 1976. A produção de São Paulo atingiu aproximadamente 286 mil toneladas, 45% da produção nacional, tendo crescido 4% em relação a 1976.

Segundo a União Brasileira de Avicultura, a produção nacional de matrizes para corte atingiu, em 1977, cerca de 6,3 milhões de cabeças, com crescimento de 6% sobre o ano de 1976. A produção do Estado de São Paulo, no mesmo período, totalizou 2,6 milhões de cabeças, com acréscimo de 1,6% sobre o ano anterior, mantendo uma participação na produção nacional de cerca de 42%.

Nos primeiros quatro meses de 1978, o alojamento de matrizes de corte no Estado atingiu 871.483 cabeças, 6% de aumento sobre o mesmo período do ano anterior, embora com menor participação sobre o total do País, ou seja, de 40% contra aproximadamente 45% no mesmo período de 1976.

Durante 1977 a avicultura paulista continuou sentindo os reflexos negativos das medidas governamentais adotadas em 1976, como o controle de preços dos produtos avícolas ao nível do varejo e a retração ocorrida no crédito, que perdura até hoje.

A atividade de postura foi a mais atingida, pois requer maiores investimentos e, sendo seu ciclo produtivo mais longo que o da atividade de corte, necessita também de mais capital de giro.

Entretanto, o balanço geral de avicultura durante o ano mostrou-se favorável quanto à relação de preços insumo/produto e ganhos de produtividade, sendo que no caso da atividade de corte, essa expansão está muito ligada ao aumento das exportações.

A atividade de corte experimentou um período de oferta de aves relativamente elevada e preços baixos nos primeiros meses de 1977. No segundo semestre essa situação melhorou, com os preços elevando-se até o final do ano, quando alcançaram níveis considerados bons pelos avicultores. A relativa escassez da carne bovina veio aumentar a demanda por carne de aves. As cotações poderiam ter alcançado níveis mais elevados, não fosse o cuidado dos avicultores em evitar um possível controle oficial. O preço médio recebido pelo produtor de frango, em julho de 1977, caiu cerca de 5,5% em valores reais, em relação a janeiro, enquanto que, em dezembro, apresentou aumento ao redor de 8% sobre janeiro e de 14% quando comparado com julho, mostrando que no segundo semestre houve uma reação, ensejando possivelmente ao avicultor um retorno positivo. Entretanto, comparando-se o preço médio real de 1977 (Cr\$9,11/kg) com o de 1975 e 1976, notam-se quedas ao redor de 14% e 8% (quadro 117).

No primeiro semestre de 1978, o preço médio do frango, em valor real, caiu cerca de 13% em junho, quando comparado a janeiro, sendo que o preço médio do semestre situou-se em Cr\$9,24/kg, em valores reais, contra Cr\$8,79/kg no mesmo período do ano anterior, significando acréscimo de cerca de 5%.

Por sua vez, o preço médio pago pelo pinto de um dia para corte, em 1977, foi em valores reais 1% maior que o de 1975, enquanto que, em relação a 1974 e 1976, registraram-se quedas ao redor de 14% e 2%, respectivamente, sendo o preço médio real pago em junho de 1978 pelo avicultor 7,6% maior que o de janeiro (quadro 118).

As rações para corte apresentaram, em 1977, preços médios de venda decrescentes em valor real, quando comparados a 1974, 1975 e 1976, ao redor de 7%, 9% e 7% para a ração de corte inicial, e de 3%, 10% e 7% para a ração de corte final, respectivamente. No primeiro semestre de 1978, face aos elevados preços do milho, os preços das rações sofreram aumentos consideráveis, sendo que em junho o preço da ração de corte inicial foi cerca de 8% superior ao de janeiro, enquanto que a ração para corte final apresentou acréscimo ao redor de 9%, ambos

em valores reais (quadro 119 e 120).

Embora a relação de preços frango/ração tenha melhorado a partir do último trimestre de 1977, voltou a se deteriorar no segundo trimestre de 1978, quando o preço do milho elevou bastante os custos com alimentação de aves (quadro 121).

Na atividade de postura, a produção de matrizes, em 1977, segundo a União Brasileira de Avicultura, atingiu 613.884 cabeças (471.504 de ovos brancos e 142.380 de ovos vermelhos) contra 619.844 cabeças em 1976. No Estado de São Paulo, o alojamento de matrizes de postura, em 1977, foi de 463.294 cabeças (373.950 de ovos brancos e 89.344 ovos vermelhos), com um acréscimo de 3% sobre 1976 devido ao aumento de 23% nas matrizes de ovos vermelhos que compensou a queda de 0,6% nas matrizes de ovos brancos.

Após os revezes de 1976, a atividade de postura começou o ano de 1977 sob conjuntura ainda adversa. Mas, ao término do período de férias escolares e início da quaresma, a demanda por ovos cresceu, suplantando a oferta já pouco ratraída, o que propiciou aos avicultores retornos mais compensadores.

Apesar da reação nos preços dos ovos, até o final do ano o preço médio recebido pelo produtor, em 1977, foi em valores reais menor que os verificados em anos anteriores: 14%, 3% e 6% comparados, respectivamente, com os de 1974, 1975 e 1976. No primeiro semestre de 1978, a escassez de ovos no mercado se acentuou refletindo em elevação dos preços, tendo o preço médio recebido pelo produtor, em valor corrente, se elevado cerca de 26% em junho relativamente a janeiro, significando, em termos reais, acréscimo de 6,5% (quadro 122).

No período de 1971-77 os preços dos ovos estiveram dentro dos padrões estacionais, que apresentam índices de preços acima da média de março a agosto, permanecendo nos demais meses abaixo da média anual com pontos de máximo e mínimo nos meses de abril e outubro, respectivamente (figura 18).

Entretanto, essa situação ainda não pode ser considerada estimulante para os avicultores, pois a escassez e os altos preços alcançados pelo milho nos últimos meses elevaram, também, o preço da ração para poedeiras, que em junho apresentava aumento aproximado de 14%, em valores reais, com relação aos preços vigentes em janeiro (quadro 123). Conseqüentemente, a relação de preços ovo/ração também se deteriorou no decorrer do primeiro semestre de 1978 em cerca de 6% (quadro 124).

O preço médio das linhagens de pinto de um dia para postura apresentou, em 1977, aumento de 34% em valores correntes e queda de 7% em valores reais, quando comparado a 1976 (quadro 125).

Quanto às matérias-primas para rações, o abastecimento esteve normal em 1977, com acréscimos nos preços médios reais do farelo de amendoim, farinha de carne e farinha de sangue, quando comparados a 1976. A relativa escassez de milho no final do ano ocasionou uma elevação nos preços a partir do início de 1978, sendo que o preço médio do primeiro semestre deste ano atingiu Cr\$2,08/kg, cerca de Cr\$125,00/sc. 60kg (quadro 126).

- Perspectivas

A atividade de corte deverá ter, no segundo semestre do corrente ano, comportamento de preços idêntico ao ano anterior, ou seja, estes deverão se elevar segundo o padrão estacional estimulando a produção (figura 19). Fatores como a queda na oferta da carne suína e problemas no abastecimento de carne bovina devem estimular o consumo de carne de aves, de forma a compensar os possíveis aumentos nos custos de produção.

Para a atividade de postura, os preços elevados dos insumos neste ano, a escassez do

crédito, bem como o risco que envolve a atividade podem provocar uma estabilização na produção em 1978. Um eventual aumento na produção de ovos, se ocorrer, realizar-se-á em função exclusivamente dos ganhos de produtividade pelo manejo mais eficiente.

As exportações de frango congelado, em 1978, devem crescer pouco ou permanecer nos mesmos níveis do ano anterior, dado que os preços no mercado internacional sofreram queda e os altos custos de produção na avicultura brasileira não oferecem vantagens comparativas no mercado, frente aos países tradicionais que, em razão dos preços baixos, estão aumentando seus subsídios às exportações.

(IEA, 27/07/1978)

QUADRO 117. - Preço Médio de Frango Recebido pelo Produtor, São Paulo, 1974-78

(em Cr\$/kg)

Mês	1974		1975		1976		1977		1978	
	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾
Jan.	5,47	16,65	4,65	10,53	6,87	11,93	7,72	9,11	11,12	9,56
Fev.	5,66	16,78	4,37	9,68	6,63	11,06	7,03	8,04	11,58	9,63
Mar.	4,01	11,37	4,77	10,40	7,15	11,49	7,93	8,71	12,23	9,84
Abr.	4,46	11,96	4,26	9,13	7,06	10,95	8,98	9,48	11,69	9,10
Mai.	3,71	9,61	4,85	10,18	6,13	9,18	8,50	8,66	11,90	8,97
Jun.	3,85	9,79	4,85	9,96	6,06	8,84	8,73	8,72	11,47	8,35
Jul.	3,79	9,52	4,77	9,59	5,94	8,35	8,80	8,61
Ago.	4,28	10,62	5,03	9,84	6,68	9,02	8,90	8,60
Set.	4,48	10,92	5,71	10,91	7,14	9,33	10,18	9,66
Out.	4,37	10,51	6,22	11,63	7,61	9,71	10,65	9,85
Nov.	4,10	9,71	6,74	12,32	7,45	9,33	10,77	9,70
Dez.	4,51	10,44	6,48	11,61	7,52	9,20	11,14	9,83
Média anual	4,39	11,41	5,23	10,60	6,85	9,90	9,11	9,11

(¹) Preço deflacionado pelo Índice "2" de Conjuntura Econômica, em cruzeiro de 1977.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 118. - Preço Médio de Pinto de um Dia para Corte, São Paulo, 1974-78

(em Cr\$/unidade)

Mês	1974		1975		1976		1977		1978	
	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾
Jan.	1,04	3,17	1,33	3,01	1,64	2,85	2,55	3,01	3,22	2,77
Fev.	1,40	4,15	1,38	3,06	1,65	2,75	2,55	2,92	3,25	2,70
Mar.	1,33	3,77	1,35	2,94	1,68	2,70	2,61	2,87	3,25	2,62
Abr.	1,18	3,16	1,35	2,89	2,00	3,10	2,64	2,79	3,68	2,86
Mai.	1,24	3,21	1,37	2,87	2,05	3,07	2,90	2,95	4,10	3,09
Jun.	1,25	3,18	1,39	2,85	2,05	2,99	2,93	2,93	4,10	2,98
Jul.	1,23	3,09	1,40	2,81	2,11	2,97	3,00	2,94
Ago.	1,29	3,20	1,40	2,74	2,15	2,90	3,00	2,90
Set.	1,45	3,53	1,45	2,77	2,19	2,86	3,15	2,99
Out.	1,45	3,49	1,53	2,86	2,32	2,95	3,15	2,91
Nov.	1,45	3,43	1,55	2,83	2,37	2,97	3,20	2,88
Dez.	1,37	3,17	1,55	2,78	2,55	3,12	3,20	2,82
Média anual	1,31	3,40	1,42	2,88	2,06	2,98	2,91	2,91

⁽¹⁾ Preço deflacionado pelo Índice "2" de Conjuntura Econômica, em cruzeiro de 1977.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 119. - Preço Médio de Ração para Corte Inicial, Mercado de São Paulo, 1974-78

(em Cr\$/kg)

Mês	1974		1975		1976		1977		1978	
	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾
Jan.	1,01	3,07	1,21	2,74	1,58	2,74	2,49	2,94	2,73	2,35
Fev.	1,03	3,05	1,32	2,92	1,62	2,70	2,49	2,85	2,82	2,34
Mar.	1,03	2,92	1,30	2,83	1,77	2,84	2,62	2,88	2,82	2,27
Abr.	1,03	2,76	1,37	2,93	1,78	2,76	2,64	2,79	3,29	2,56
Mai.	1,03	2,67	1,40	2,94	1,78	2,67	2,64	2,69	3,51	2,65
Jun.	1,03	2,62	1,38	2,83	1,80	2,63	2,64	2,64	3,51	2,55
Jul.	1,01	2,54	1,36	2,73	1,93	2,71	2,58	2,52
Ago.	1,10	2,73	1,46	2,86	2,23	3,01	2,58	2,49
Set.	1,30	3,17	1,53	2,92	2,22	2,90	2,72	2,58
Out.	1,08	2,60	1,56	2,92	2,27	2,90	2,70	2,50
Nov.	1,05	2,49	1,57	2,87	2,28	2,86	2,68	2,41
Dez.	1,20	2,78	1,54	2,76	2,29	2,80	2,68	2,36
Média anual	1,08	2,81	1,42	2,88	1,96	2,83	2,62	2,62

⁽¹⁾ Preço deflacionado pelo índice "2" de Conjuntura Econômica, em cruzeiro de 1977.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 120. - Preço Médio de Ração para Corte Final, Mercado de São Paulo, 1974-78

(em Cr\$/kg)

Mês	1974		1975		1976		1977		1978	
	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾
Jan.	0,95	2,89	1,24	2,81	1,53	2,66	2,38	2,81	2,62	2,25
Fev.	0,97	2,88	1,34	2,97	1,56	2,60	2,38	2,72	2,67	2,22
Mar.	0,97	2,75	1,30	2,83	1,71	2,75	2,52	2,77	2,67	2,15
Abr.	0,97	2,60	1,38	2,96	1,71	2,65	2,54	2,68	3,18	2,48
Mai.	0,97	2,51	1,34	2,81	1,71	2,56	2,55	2,60	3,38	2,55
Jun.	0,97	2,47	1,20	2,46	1,74	2,54	2,53	2,53	3,37	2,45
Jul.	0,93	2,34	1,29	2,59	1,86	2,62	2,47	2,42
Ago.	1,02	2,53	1,40	2,74	2,17	2,93	2,47	2,39
Set.	1,17	2,85	1,48	2,83	1,96	2,56	2,62	2,49
Out.	1,01	2,43	1,51	2,82	2,18	2,78	2,61	2,41
Nov.	0,99	2,34	1,57	2,87	2,22	2,78	2,59	2,33
Dez.	1,13	2,62	1,50	2,69	2,23	2,73	2,59	2,28
Média anual	1,00	2,60	1,38	2,80	1,88	2,72	2,52	2,52

(¹) Preço deflacionado pelo Índice "2" de Conjuntura Econômica, em cruzeiro de 1977.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 121. - Relação de Preço Frango/Ração, Estado de São Paulo, 1973-78⁽¹⁾

Mês	1973	1974	1975	1976	1977	1978
Jan.	3,70	5,64	3,78	4,43	3,19	4,18
Fev.	3,77	5,72	3,29	4,20	2,90	4,26
Mar.	3,81	4,05	3,67	4,13	3,11	4,50
Abr.	3,81	4,51	3,09	4,08	3,49	3,63
Mai.	3,61	3,75	3,57	3,54	3,29	3,48
Jun.	3,72	3,89	3,85	3,44	3,40	3,35
Jul.	4,12	3,91	3,64	3,16	3,51	...
Ago.	4,79	4,08	3,54	3,05	3,55	...
Set.	5,09	3,70	3,81	3,48	3,83	...
Out.	5,02	4,24	4,07	3,44	4,03	...
Nov.	5,03	4,06	4,29	3,33	4,11	...
Dez.	5,20	3,92	4,29	3,34	4,25	...
Média	4,35	4,26	3,76	3,61	3,57	...

⁽¹⁾ Quantidade em quilograma que se pode adquirir de ração para frango (1/3 corte inicial e 2/3 corte final), com um quilograma de frango vivo.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 122. - Preço Médio Recebido pelo Produtor de Ovos, Estado de São Paulo, 1974-78 (1)

(em Cr\$/dz.)

Mês	1974		1975		1976		1977		1978	
	Corrente	Real(2)	Corrente	Real(2)	Corrente	Real(2)	Corrente	Real(2)	Corrente	Real(2)
Jan.	2,77	8,43	2,92	6,61	3,57	6,20	4,74	5,60	7,47	6,42
Fev.	3,07	9,10	2,52	5,58	3,64	6,07	5,20	5,95	7,84	6,52
Mar.	3,09	8,76	3,17	6,91	4,76	7,65	6,21	6,82	8,24	6,63
Abr.	3,43	9,20	3,39	7,26	5,12	7,94	6,43	6,79	8,80	6,85
Mai.	3,28	8,50	3,50	7,34	4,73	7,09	6,70	6,83	9,09	6,85
Jun.	2,96	7,53	3,66	7,51	4,95	7,22	6,87	6,86	9,40	6,84
Jul.	3,18	7,99	3,56	7,15	5,17	7,27	7,25	7,09
Ago.	3,06	7,59	3,34	6,53	5,61	7,58	6,87	6,64
Set.	2,74	6,68	3,06	5,85	5,27	6,89	6,55	6,22
Out.	2,44	5,87	3,16	5,91	5,08	6,48	6,45	5,96
Nov.	2,43	5,75	3,61	6,60	4,84	6,06	7,15	6,44
Dez.	2,40	5,56	3,79	6,79	4,59	5,62	7,50	6,62
Média anual	2,90	7,53	3,31	6,71	4,78	6,90	6,49	6,49

(1) Ponderado segundo os tipos.

(2) Preço deflacionado pelo Índice "2" de Conjuntura Econômica, em cruzeiro de 1977.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 123. - Preços Médios de Rações para Poedeiras, Mercado de São Paulo, 1974-78

(em Cr\$/kg)

Mês	1974		1975		1976		1977		1978	
	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾
Jan.	0,95	2,89	1,27	2,87	1,35	2,34	2,06	2,43	2,19	1,88
Fev.	0,99	2,93	1,29	2,86	1,38	2,30	2,06	2,36	2,23	1,85
Mar.	0,99	2,81	1,13	2,46	1,51	2,43	2,13	2,34	2,23	1,79
Abr.	0,99	2,65	1,20	2,57	1,51	2,34	2,14	2,26	2,76	2,15
Mai.	0,99	2,57	1,20	2,52	1,52	2,28	2,14	2,18	2,94	2,22
Jun.	0,99	2,52	1,19	2,44	1,53	2,23	2,14	2,14	2,94	2,14
Jul.	0,97	2,44	1,16	2,33	1,61	2,26	2,08	2,04
Ago.	1,02	2,53	1,23	2,41	1,84	2,49	2,08	2,01
Set.	1,07	2,61	1,29	2,46	1,87	2,44	2,18	2,09
Out.	0,91	2,19	1,32	2,47	1,86	2,37	2,17	2,01
Nov.	0,89	2,11	1,36	2,49	1,86	2,33	2,17	1,95
Dez.	1,11	2,57	1,32	2,36	1,88	2,30	2,17	1,91
Média anual	0,99	2,57	1,25	2,53	1,64	2,37	2,13	2,13

(¹) Preço deflacionado pelo Índice "2" de Conjuntura Econômica, em cruzeiro de 1977.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 124. - Relação de Preços Ovo/Ração, Estado de São Paulo, 1973-78⁽¹⁾

Mês	1973	1974	1975	1976	1977	1978
Jan.	2,36	2,91	2,30	2,64	2,30	3,41
Fev.	2,30	3,10	1,95	2,64	2,52	3,52
Mar.	2,52	3,12	2,81	3,15	2,92	3,70
Abr.	2,90	3,46	2,83	3,39	3,00	3,19
Mai.	2,78	3,31	2,92	3,11	3,13	3,09
Jun.	3,00	2,98	3,08	3,23	3,21	3,20
Jul.	3,10	3,27	3,07	3,21	3,49	...
Ago.	3,16	3,00	2,72	3,05	3,30	...
Set.	3,20	2,56	2,37	2,82	3,00	...
Out.	3,19	2,68	2,39	2,73	2,97	...
Nov.	3,20	2,73	2,65	2,60	3,29	...
Dez.	3,08	2,16	2,87	2,44	3,46	...
Média	2,92	2,93	2,65	2,91	3,05	...

⁽¹⁾ Quilogramas de ração para poedeiras que podem ser adquiridos por uma dúzia de ovos.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 125. - Preço Médio de Pinto de um Dia para Postura, São Paulo, 1974-78

(em Cr\$/unidade)

Mês	1974		1975		1976		1977		1978	
	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾
Jan.	2,25	6,85	2,80	6,34	3,88	6,74	5,86	6,92	7,09	6,09
Fev.	2,75	8,15	2,80	6,20	3,90	6,51	5,90	6,75	7,65	6,36
Mar.	2,75	7,80	2,76	6,02	4,01	6,45	5,90	6,48	7,65	6,16
Abr.	2,75	7,37	2,75	5,89	4,54	7,04	5,91	6,24	7,98	6,21
Mai.	2,75	7,13	3,13	6,57	4,64	6,95	6,00	6,11	8,00	6,03
Jun.	2,75	6,99	3,47	7,12	4,65	6,79	6,22	6,21	8,00	5,82
Jul.	2,75	6,91	3,52	7,07	4,82	6,78	6,65	6,51
Ago.	2,75	6,83	3,53	6,90	4,95	6,69	6,65	6,43
Set.	2,77	6,75	3,55	6,78	5,05	6,60	6,75	6,41
Out.	2,80	6,73	3,55	6,64	5,35	6,82	6,75	6,24
Nov.	2,80	6,63	3,64	6,66	5,36	6,71	6,75	6,08
Dez.	2,80	6,48	3,70	6,63	5,45	6,67	6,75	5,96
Média anual	2,72	7,07	3,27	6,63	4,72	6,82	6,34	6,34

⁽¹⁾ Preço deflacionado pelo Índice "2" de Conjuntura Econômica, em cruzeiro de 1977.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 126. - Preço Médio das Principais Matérias-Primas para Rações, Mercado Atacadista de São Paulo, 1974-78

(em Cr\$/kg)

Matéria-prima	1974		1975		1976		1977		1978 ⁽²⁾	
	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾	Corrente	Real ⁽¹⁾
Milho	0,68	1,77	0,97	1,97	1,21	1,75	1,38	1,38	2,08	1,65
Farelo de soja	1,03	2,68	1,12	2,27	2,01	2,90	2,66	2,66	2,86	2,27
Farelo de caroço de algodão	0,84	2,18	0,94	1,90	1,58	2,28	1,94	1,94	2,36	1,87
Farelo de amendoim	0,97	2,52	0,93	1,88	1,64	2,37	2,43	2,43	2,61	2,07
Farelinho de trigo	0,27	0,70	0,31	0,63	0,59	0,85	0,75	0,75	1,03	0,82
Farinha de carne	1,55	4,03	1,61	3,26	1,88	2,72	2,92	2,92	3,27	2,59
Farinha de sangue	1,80	4,68	1,83	3,71	2,23	3,22	3,84	3,84	4,95	3,92
Farinha de osso	2,26	5,87	2,00	4,05	2,19	3,16	2,84	2,84	3,71	2,94
Farinha de ostras	0,21	0,55	0,31	0,63	0,43	0,62	0,63	0,63	0,71	0,56

⁽¹⁾ Preço deflacionado pelo índice "2" de Conjuntura Econômica, em cruzeiro de 1977.

⁽²⁾ Médias de janeiro a junho.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

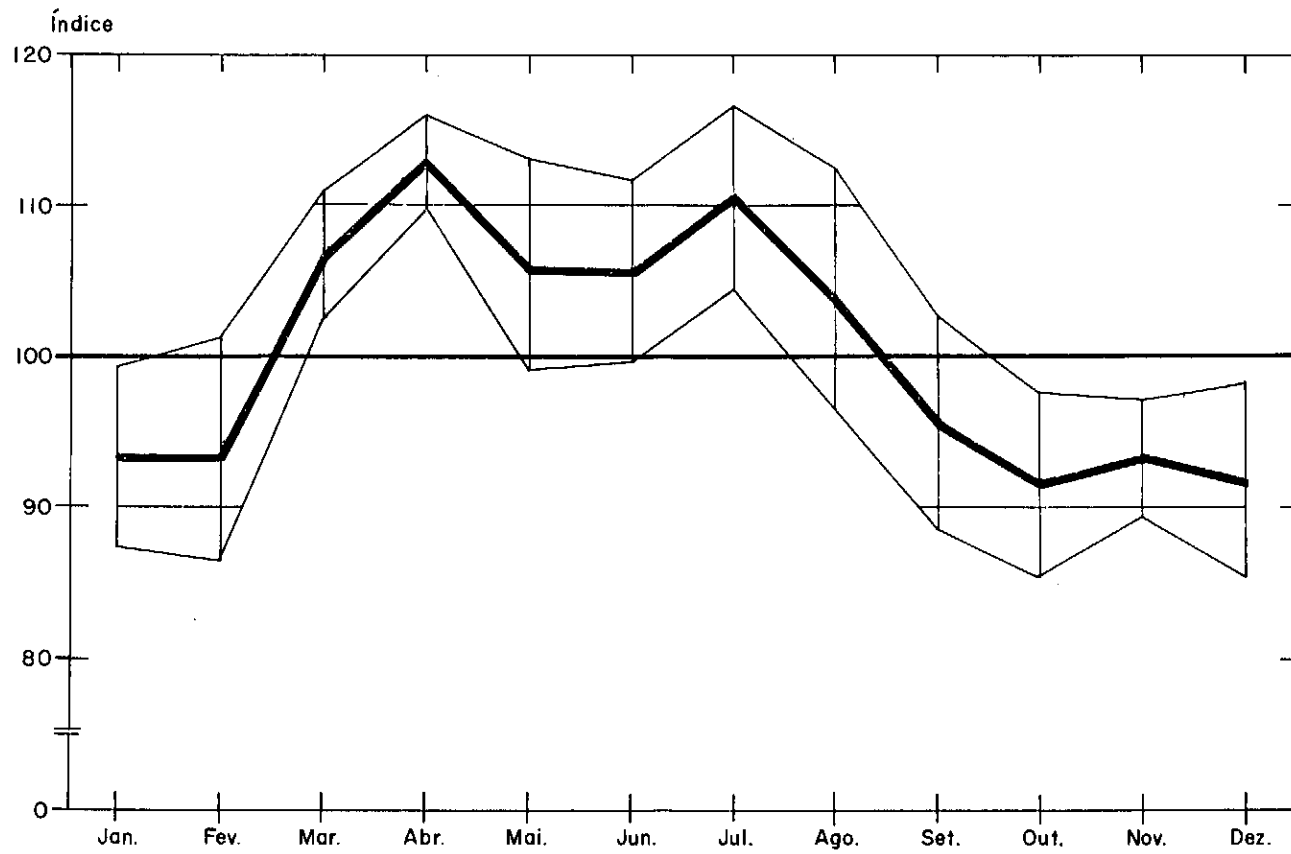


FIGURA 18. - Variação Estacional do Preço Médio Recebido pelos Produtores, Ovos, Estado de São Paulo, 1971-77.

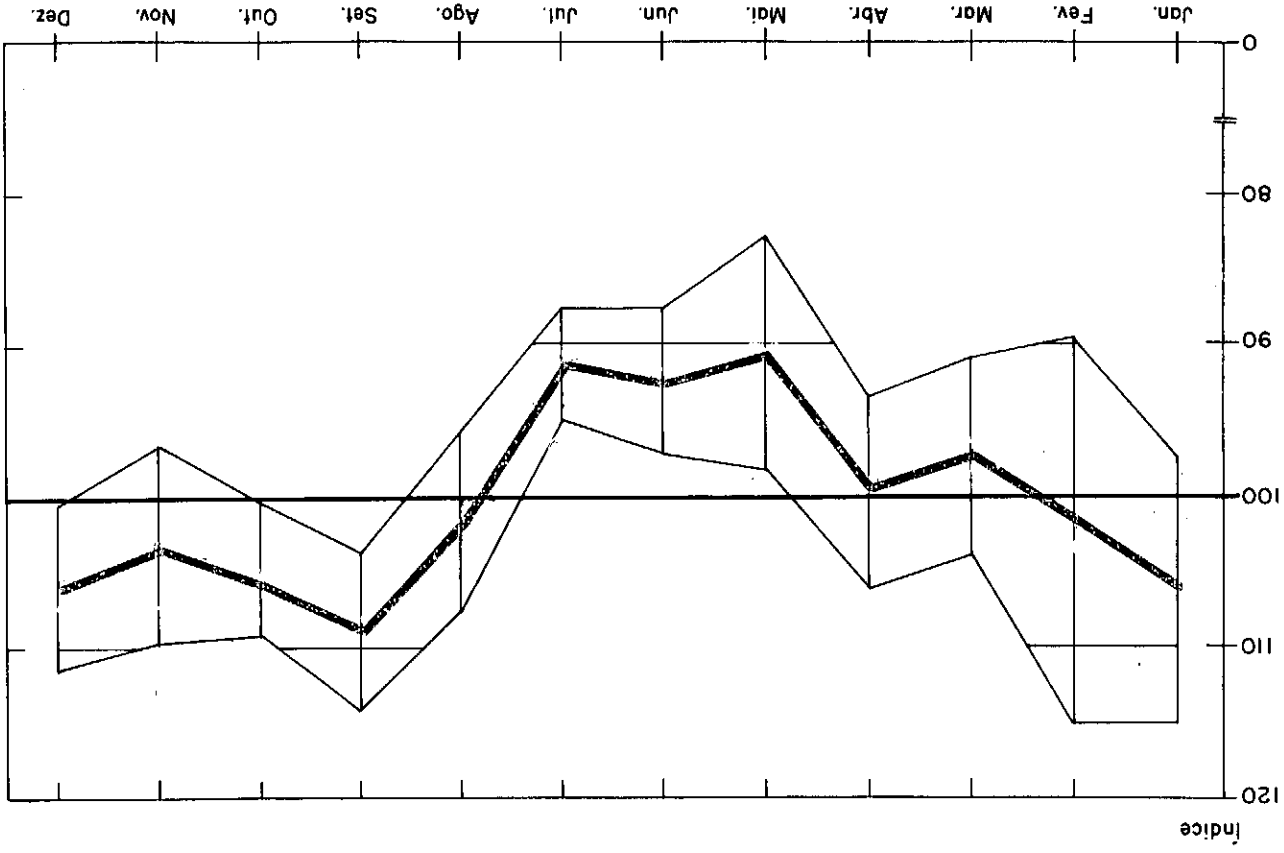


FIGURA 19 . - Variação Estacional do Preço Médio Recebido pelos Produtores, Franço, Estado de São Paulo, 1971-77.

- Frutas

- Laranja

- Panorama internacional

Embora ainda não se disponha de dados completos sobre a produção cítrica mundial da safra 1977/78, é possível que os aumentos estimados para diversos países compensem a redução de 10% em relação a 1976/77 registrada nos Estados Unidos, principal produtor e consumidor.

Entre os países com previsões de maiores colheitas em 1978, relativamente a 1977, pode-se citar Brasil, segundo produtor mundial, Marrocos, Argentina, Austrália e África do Sul. Decréscimos foram estimados para Itália, Japão e Turquia, enquanto que, na Espanha, admite-se que tenha se mantido estável.

Essas estimativas recompõem a tendência crescente da produção mundial, cujas projeções para 1980 prevêm um total de 56,5 milhões de toneladas (das quais 38 milhões de laranja e 8,5 milhões de tangerina), após ter-se registrado 22 milhões de toneladas em 1960 e 46 milhões em 1974.

Na área do Mediterrâneo, o maior aumento deverá ocorrer no Egito onde as plantações continuam a serem feitas em larga escala. Também na Itália a produção deverá permanecer em expansão, como resultado dos plantios de laranja e tangerina realizados nos últimos 10 anos.

Na Espanha, Israel e Marrocos, onde a expansão foi significativa em anos recentes, os custos crescentes e menores preços reais desencorajam grandes plantios de laranja, embora permaneça o interesse em tangerinas (Satsuma, Dancy e outras).

Em termos de comércio, a escassez de oferta e preços firmes experimentados em 1977 deverão perdurar até o final de 1978, tanto para fruta fresca como para sucos cítricos, admitindo-se que a situação de oferta e demanda retorne aos níveis anteriores apenas quando a produção dos Estados Unidos se normalizar, o que poderá ocorrer em 1979.

Quanto ao mercado americano, caso persistam os atuais níveis de preços no varejo, as vendas de suco não deverão apresentar crescimento significativo. Dessa forma, o "carry over" ao início de temporada 1978/79 (novembro) deverá ser superior à pequena quantidade em estoque ao início da safra recém-terminada.

- Situação interna

A estimativa da safra de laranja no Brasil, efetuada em maio de 1978 pela FIBGE, aponta um volume da ordem de 162,7 milhões de caixas (base de 250 frutas por caixa de 40kg), com um acréscimo de 14% sobre a colheita precedente.

No ano civil de 1977 as exportações de suco atingiram 191.038 toneladas (peso líquido), com redução de 16% em relação ao recorde alcançado em 1976. Considerando-se o período junho/77 a maio/78, o total atinge 191.619 toneladas, equivalentes à cerca de 53 milhões de caixas, processadas em 1977, quando o rendimento industrial (3,6kg/caixa) foi bas-

tante elevado (quadro 127).

Segundo a CACEX, o preço médio de suco FOB-Santos relativo a 1977 foi de US\$829,00/t, contra US\$480,00 em 1976, notando-se que no período janeiro a maio foi US\$500,50/t, e no segundo semestre situou-se entre US\$900,00 e US\$1.050,00/t.

A exportação de frutas frescas em 1977 mostrou decréscimo de 6% em relação à do ano anterior, atingindo 40.632 toneladas.

O levantamento final da produção paulista de 1977 (novembro) estimou um volume de 101.500 mil caixas (4.060 mil toneladas) inferior à produção de 1976. Todavia, nos meios citrícolas esse número é considerado superestimado, inclusive partindo-se do desaparecimento aparente da fruta comercial que ascenderia a, aproximadamente, 90 milhões de caixas. Contribuiu para a redução na colheita em 1977, o tempo chuvoso durante 1976 que provocou forte vegetação dos pés e baixo pagamento da florada.

Com a redução na colheita e com as cotações do suco em acentuada alta, o preço médio anual recebido pelo citricultor atingiu Cr\$30,00/caixa no pé, equivalente a US\$2,05, embora recebido em condições menos favoráveis do que aquelas que vigoravam até então. Merece destaque especial a experiência do "Plano de Participação" realizada pela FRUTESP e a COOPERCITROS, cujos associados receberam além dos Cr\$28,00 garantidos por caixa, mais um retorno de Cr\$5,00/caixa quando do encerramento da apuração de contas nas vendas dos produtos obtidos com a industrialização. Representou, de outra parte, uma garantia de fornecimento de matéria-prima à fábrica num ano de baixa produção.

Também, a nível de atacado, em São Paulo, observou-se em 1977 elevação das cotações que praticamente mais que duplicaram em relação, mês a mês, ao ano anterior, como consequência da redução de 8% na quantidade ofertada (11,4 para 10,5 milhões de caixas de 30kg) no Entrepósito Terminal de São Paulo (quadro 128). Com essa situação foi menor a participação da fruta de São Paulo no mercado de outros Estados, particularmente os mais longínquos, do Nordeste, onde o abastecimento foi atendido pela fruta de Sergipe e Bahia. Permitiu, também, que se fortalecessem os preços recebidos pelos citricultores do Rio de Janeiro.

Para 1978, a safra paulista está, até o momento, oficialmente estimada em 113.860 mil caixas, com um acréscimo da ordem de 25% quando se considera a cifra mais provável para 1977. Como as frutas atingiram coloração amarela antecipadamente e as fábricas de suco não adquiriram grande número de pomares, prevê-se que as perdas poderão atingir 10% do total, visto que os agricultores não se encontravam preparados para o combate à mosca das frutas, tarefa geralmente executada pelos compradores. Essas perdas deverão ser mais acentuadas para as variedades precoces e na região citrícola ao redor de Limeira, Araras, Mojiguaçu, Pirassununga até Araraquara. Dessa forma a oferta líquida deverá oscilar ao redor de 100 milhões de caixas.

Com o aumento da oferta que, aparentemente, garante à indústria um fornecimento de fruta para atendimento de sua programação de processamento (entre 75 e 78 milhões de caixas), houve necessidade da intervenção governamental, via CACEX, para garantir uma remuneração adequada ao citricultor, tendo sido fixado o preço de Cr\$36,00/caixa no pé.

Conquanto não se possa deixar de consignar que tal política de preços se faz necessária pela existência de um oligopsonio, mister se faz reconhecer que traz sérias distorções, pois iguala bons e maus produtores, grandes e pequenos pomares, localizados a qualquer distância das fábricas de suco, ao mesmo tempo que pressupõe que a indústria deva comprar variedades menos indicadas para fabricação de suco, sem poder postergar a época de compras (adiando o sina).

Em suma, a médio prazo há necessidade de se rever a situação face às indicações de safras crescentes e plantios intensos, sendo certo que a melhor solução será a presença de novas

empresas, fortalecendo a concorrência. No âmbito da agricultura deverá haver uma erradicação dos pés menos produtivos, ao mesmo tempo que o associativismo deverá ser estimulado.

- Perspectivas

Como em anos anteriores, o comportamento da futura safra cítrica em São Paulo dependerá das condições que prevaleceram durante o período das floradas (agosto a novembro), podendo-se notar, até o momento, a inexistência de fenômenos climáticos desfavoráveis. Deve-se, ainda, levar em conta que a próxima colheita (1978/79) se verificará após uma safra abundante, com bom rendimento por pé e que, no caso da laranja, não costuma se repetir, ou seja, há indicações de alternância de produtividade, especialmente quando a colheita é retardada.

Assim, levando-se em conta a atual composição etária dos pés, é provável que a produção paulista, em 1979, situe-se ao redor de 125 milhões de caixas. Esse volume é pouco superior àquele apresentado nas projeções de oferta (quadro 16 do capítulo 4), pois o modelo utilizado levou-se em conta a produtividade média estimada das últimas cinco safras (1973 a 1977) entre as quais, sabidamente, estão inseridos pelo menos dois valores de safras prejudicadas por fatores climáticos adversos, além de um percentual mais elevado de pés com pouca idade.

(IEA, 27/07/1978)

QUADRO 127. - Exportação de Suco Concentrado de Laranja pelo Porto de Santos, 1970-78

(em tonelada-peso líquido)

Mês	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978
Jan.	422,1	3.563,4	6.485,9	7.971,0	3.138,0	11.461,0	19.908,0	22.885,0	22.467,0
Fev.	2.606,5	2.940,4	3.584,8	10.453,5	3.495,0	13.507,0	25.045,0	13.307,0	11.456,0
Mar.	492,3	5.190,6	4.240,3	10.007,1	6.062,0	13.380,0	11.448,0	15.481,0	13.753,0
Abr.	108,2	2.156,4	4.032,8	6.152,0	2.379,0	9.221,0	14.000,0	8.563,0	14.842,0
Mai.	613,1	2.981,4	3.200,4	4.124,6	2.258,0	6.998,0	4.728,0	6.957,0	5.256,0
Jun.	1.618,4	1.854,7	4.399,3	6.109,4	5.544,0	11.460,0	15.656,0	3.637,0	...
Jul.	2.769,3	10.460,4	7.949,9	5.979,1	4.509,0	15.964,0	16.218,0	10.540,0	...
Ago.	2.758,2	5.465,6	9.134,1	17.283,6	8.946,0	12.384,0	16.706,0	16.106,0	...
Set.	2.443,8	9.783,6	9.855,7	10.990,7	9.016,0	14.484,0	23.521,0	17.930,0	...
Out.	5.346,9	10.439,3	12.102,0	22.231,1	10.117,0	16.003,0	14.074,0	21.893,0	...
Nov.	8.014,9	5.545,4	16.855,5	10.699,3	16.400,0	14.961,0	22.721,0	25.823,0	...
Dez.	4.096,3	13.047,1	9.280,5	12.662,0	25.879,0	20.472,0	37.954,0	27.916,0	...
Total	31.290,0	73.429,3	91.121,2	124.663,4	97.743,0	160.295,0	221.979,0	191.038,0	...
Estoque 1/12 e estimados	16.832,2	21.544,2	38.708,2	17.332,0	54.567,0	75.129,0	67.193,0	67.774,0	...

QUADRO 128. - Evolução de Preços de Laranja a Nível de Atacado e Varejo na Capital, São Paulo, 1974-78

Mês	Atacado ⁽¹⁾ (Cr\$/cx.)					Varejo (Cr\$/dz.)				
	1974	1975	1976	1977	1978	1974	1975	1976	1977	1978
Jan.	25,00	11,00	18,00	35,00	65,00	2,76	3,10	4,46	6,30	10,31
Fev.	30,00	12,00	19,00	70,00	80,00	3,45	2,52	4,32	7,05	11,21
Mar.	35,00	19,00	23,00	90,00	80,00	4,00	2,64	3,86	9,00	11,56
Abr.	23,00	19,00	28,00	65,00	65,00	3,00	2,82	3,66	7,80	10,17
Mai.	17,00	13,00	25,00	47,00	50,00	3,00	2,67	3,88	7,54	8,14
Jun.	15,00	12,00	23,00	44,00	45,00	2,72	2,76	3,82	7,32	8,85
Jul.	14,00	14,00	23,00	42,00	...	2,56	2,79	4,00	7,13	...
Ago.	13,00	14,00	24,00	47,00	...	2,26	2,86	4,14	7,89	...
Set.	12,00	16,00	24,00	50,00	...	2,43	3,26	5,20	8,92	...
Out.	10,00	18,00	24,00	50,00	...	2,79	3,32	4,80	9,30	...
Nov.	11,00	18,00	25,00	60,00	...	3,05	4,00	5,11	9,77	...
Dez.	12,00	18,00	30,00	60,00	...	3,22	4,02	5,63	10,37	...

⁽¹⁾ Cotações referentes apenas à laranja pera.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

- Banana e outras frutas

- Panorama internacional

Praticamente pouco se alterou o quadro da economia bananeira em 1977, com os preços internacionais se mantendo constantes em valores correntes e novamente recuando em termos reais após a valorização observada em 1975. Essa situação reflete a expansão nas quantidades ofertadas pelos principais países produtores como Honduras, Colômbia e Panamá, após o furacão que em 1975 destruiu grande parte das plantações hondurenhas.

De outra parte, o consumo nos países importadores, em geral desenvolvidos, tem crescido a uma taxa igual à do aumento vegetativo da população, pois o consumo per capita ao redor de 10kg parece ter atingido um nível de saturação. As importações pelos países de economia centralizada deverão continuar crescendo mais rapidamente.

Mesmo no Japão, a taxa de incremento no consumo parece estar se atenuando após o rápido aumento observado entre 1960 e 1975, quando as Filipinas surgiram como seu principal fornecedor.

Em 1977, a produção de frutas de clima temperado nos principais países produtores declinou aproximadamente 13% em relação ao nível recorde de 1976, em consequência de adversidades climáticas (geadas, granizo, vendavais e fortes chuvas) ocorridas virtualmente em todos os países da Europa.

Até 1977, a produção vinha se mantendo relativamente estável por alguns anos, a despeito de perdas isoladas em diversos países afetados por secas em 1975 e 1976.

Associada com a redução na oferta, em 1977, observou-se uma elevação geral nos preços dessas frutas, bem como dos custos de fretes marítimos e de estiva, estimulados pelo aumento nos embarques para países tradicionalmente auto-suficientes.

Na Argentina, principal fornecedor de maçãs e peras para o Brasil, a produção em 1977 atingiu, respectivamente, 820.000 e 160.000 toneladas, com aumento de 42% e 30% em relação a 1976. Para 1978, a estimativa oficial (em dezembro/77) era de uma produção de maçã da ordem de 790.000 toneladas, enquanto em fevereiro de 1978, fontes do comércio admitiam que os fortes ventos e granizo, que em janeiro atingiram as regiões de Rio Negro e Mendoza, haviam provocado 20% de perdas reduzindo as previsões de safra para cerca de 630.000 toneladas. Também, no caso da pera, admite-se uma safra 9% menor que em 1977.

Em termos mundiais admite-se que, em 1978, ocorra recuperação da produção de frutas de clima temperado que, no período imediato, deverá se estabilizar próximo aos níveis de anos recentes, enquanto a tendência do comércio é de volumes crescentes para todos tipos de frutas, procurando dirigir-se principalmente para os países de economia planificada e do Oriente Próximo (OPEP) onde o consumo per capita é baixo.

- Situação interna

Segundo a FIBGE, a produção brasileira de banana, em 1977, alcançou 410,0 milhões de cachos, com aumento de 1% em relação a 1976. Para 1978, estimativa de maio apontava um volume da ordem de 431,0 milhões de cachos, destacando-se como principais estados produtores Ceará, Bahia, São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Segundo o Instituto de Economia Agrícola (IEA), a área plantada com bananeiras em São

Paulo em 1978 deverá atingir 40,3 mil hectares, representando diminuição de apenas 0,7% em relação a 1977, quando houve expansão de 4,3% sobre o ano precedente.

No tocante à produção, a estimativa para 1978 é da ordem de 882 mil toneladas, com expressivo aumento (32%) relativamente a 1977, quando, em decorrência de fortes ventos em fins de julho que derrubaram cerca de 2 milhões de touceiras, a produtividade foi seriamente comprometida.

Em 1977 foram exportadas, segundo a Carteira do Comércio Exterior (CACEX), 111.652 toneladas de banana, com um aumento de 5,4% em relação ao volume embarcado em 1976. De outra parte, observou-se uma diminuição de 13% na cotação média FOB, atingindo US\$170,64/t contra US\$196,25/t do ano anterior.

A Argentina, principal mercado importador, absorveu 96% do total, sendo responsável pelo aumento registrado, pois o Uruguai voltou a diminuir suas compras (quadro 129).

A embalagem predominante foi a caixa, tendo todo transporte sido efetuado por via rodoviária.

No Entrepasto Terminal do Jaguarê, na Capital, verificou-se menor oferta de fruta verde a granel (134.165 toneladas), compensada pelas entradas de maior volume em caixas (15kg), de modo que a disponibilidade total pode ser considerada praticamente igual à do ano anterior.

Ao contrário de 1976, observou-se em 1977 um menor afluxo de banana no segundo semestre, permitindo uma recuperação das cotações no atacado a partir de setembro, tendo acompanhado de perto o padrão estacional médio de preços (quadro 130 e figura 20).

Pode-se estimar que o produtor paulista tenha recebido, em média, Cr\$600,00/t de banana na propriedade (todos os destinos), significando um acréscimo de tão somente 3,4% em relação ao valor obtido em 1976. Também a nível de varejo na capital o aumento foi de apenas 4%. Dessa forma, justifica-se a fase de desestímulo dos bananicultores que vêm reivindicando do Governo algumas medidas no sentido de ser definida uma política para o setor, prensado entre custos crescentes de produção e preços não remuneradores, possivelmente por um excesso de produção.

Para as demais frutas (quadros 131 e 132) pode-se afirmar que, com raras exceções, tanto 1977 como a safra 1977/78, no caso das frutas de clima temperado, foram temporadas tranquilas para a comercialização, em grande parte auxiliada pela reduzida oferta de frutas cítricas, cujos preços em alta favoreceram o comércio das demais. Uma análise pouco mais acurada mostra o seguinte quadro:

- Figo: nas duas últimas safras 1976/77 e 1977/78 não se registraram picos de quantidades de fruta "in natura" ofertadas no mercado, principalmente nos períodos de janeiro a abril, o que resultou em preços mais estáveis a nível de atacado, permitindo ao agricultor receber, em média, respectivamente, Cr\$9,00/engradado e Cr\$14,00/engradado, na propriedade.

Deve-se notar, também, que os engradados têm diminuído ainda mais de tamanho, comportando atualmente de 24 a 27 frutos em média. De outra parte, a indústria de conservas teve sérias dificuldades para obter matéria-prima ao início de 1978, a despeito da forte elevação nos preços oferecidos aos fruticultores, reflexo da escassez da oferta, pois a produção mostra nítida tendência declinante a partir do recorde de 1973.

- Uva: a estabilização da produção de uva comum de mesa (niagara) e diminuição na área dedicada à uva para indústria têm contribuído para a firmeza das cotações nas últimas duas safras.

Também o uso mais generalizado de tecnologia mais avançada de poda e de forçamento de brotação com fito-hormônios têm induzido a oferta de maior volume de fruta no período de preços mais elevados (novembro e dezembro), de modo que a média ponderada de preços tem acusado

valores estáveis em termos reais nas últimas colheitas.

O mesmo pode ser dito no tocante aos preços da uva itália, a despeito do aumento nas quantidades ofertadas em função da ampliação da área de cultivo, pois têm permitido reduzir as necessidades de importação de uvas finas.

Registre-se que, a fim de estimular o consumo de vinho nacional e facilitar seu escoamento, a SUNAB, através da Portaria 50 de 12/09/77, resolveu tabelar a margem de lucro na venda do produto em hotéis e restaurantes, atendendo às solicitações das entidades produtoras do Rio Grande do Sul.

- Goiaba para indústria: para a safra 1977/78 foi estabelecido no Comitê de Agroindústria da Secretaria da Agricultura um preço de sustentação de Cr\$1,15/kg de goiaba para massa, produto na roça, representando um aumento de 28% em relação aos preços praticados na safra precedente, quando foram pagos valores acima daqueles previamente acordados.

No caso de goiaba para compota ficou estabelecido que o custo de colheita correria por conta da indústria, mantendo-se o mesmo preço por quilo de produto.

Pode-se afirmar que a safra 1977/78 decorreu tranquilamente, estando no momento sendo estudado por produtores e indústria um sistema de classificação dos frutos que permita que na próxima temporada sejam estabelecidos prêmios por qualidade do produto entregue, como já vem ocorrendo com o tomate.

- Pêssego para indústria: a produção nacional de pêssego em calda, em 1977, teria alcançado algo como 25 milhões de latas, para um consumo entre 35 e 40 milhões de latas por ano. Em consequência, as indústrias, tanto de São Paulo como do Rio Grande do Sul, passaram a importar da área da ALALC (Chile e Argentina) o produto conservado em água (semiprocessado).

Segundo estimativas preliminares, teriam sido autorizadas pela CACEX guias de importação para 9,4 mil toneladas do produto, equivalentes a uma produção final de 12 milhões de latas (1,0kg).

Chegar-se-ia, portanto, a uma oferta global próxima a 37 milhões de latas, o que é consistente com informes de que, ao final do ano, os estoques em Pelotas eram reduzidos (cerca de 1 milhão de latas).

Como a colheita da safra 1977/78 foi antecipada, tanto em São Paulo como em Pelotas (RS), já em novembro foi assinado o "Convênio do Pêssego" em São Paulo, na base de Cr\$8,00/kg para os tipos A e B e de Cr\$5,00/kg para o tipo C. No Rio Grande do Sul o "Acordo do Pêssego" foi celebrado na base de Cr\$3,00/kg para o tipo I, Cr\$2,00/kg para o tipo II e Cr\$1,00/kg para o tipo III.

Em ambos os estados o processamento ocorreu em dezembro de 1977, estimando-se, em caráter preliminar, produções de 4,5 milhões de latas em São Paulo e de 22,5 milhões de latas no Rio Grande do Sul, onde as perdas foram elevadas devido ao pico de colheita e escassez de mão-de-obra industrial por ocasião das festas natalinas.

A fim de fazer frente ao significativo deficit entre produção e consumo, algumas poucas empresas de Pelotas importaram em janeiro/fevereiro fruta fresca da Argentina para ser processada no Rio Grande do Sul. Estima-se que tenham sido elaboradas, aproximadamente, 7 milhões de latas, elevando o total produzido a 34 milhões de latas.

A partir de março, as entidades representativas da indústria gaúcha passaram a pressionar o Governo Federal no sentido de proibir as importações de pêssego conservado em água e, assim, obter uma garantia de mercado, com elevações dos preços do produto pronto, como vem ocorrendo.

Deve-se, porém, assinalar que estudos comparativos de custos de produção de pêssego em calda em São Paulo e em Pelotas, ou elaborado como produto semiprocessado em ambas as cidades,

mostra nítida vantagem para o produto sulino que, dessa forma, não precisaria valer-se de Cláusula de Salvaguarda (Tratado de Montevideu) para manter sua posição no mercado.

No quadro 133 são mostrados os volumes anuais comercializados no Entrepósito Terminal do Jaguarê, da CEAGESP, e respectivos preços médios de venda, em valores correntes e válidos para o ano civil.

- Perspectivas

É difícil prever-se o comportamento da futura safra de frutas em São Paulo antes da ocorrência das floradas, devendo-se notar, todavia, que, até o momento, o clima se mostra favorável ao bom desenvolvimento da produção, que no caso da uva, figo e pêsego deverá ser precoce.

Para a banana, os preços poderão acusar aumentos no segundo semestre em decorrência da menor oferta. Para as tangerinas, em geral, as cotações deverão continuar deprimidas, a não ser que as indústrias voltem a processá-las na próxima safra. No caso do pêsego para conserva, caso seja mantida a proibição de importações da ALALC em todas as posições da lista brasileira de mercadorias (NBM), os preços deverão elevar-se substancialmente tanto em São Paulo como em Pelotas. Para figo e goiaba para indústria acredita-se que o mercado se manterá firme.

(IEA, 27/07/1978)

QUADRO 129. - Exportação de Banana por São Paulo, 1974-77

(em 1.000 volumes)⁽¹⁾

Mês	Argentina				Uruguai			
	1974	1975	1976	1977	1974	1975	1976	1977
Jan.	594	738	311	422	35	30	0	14
Fev.	475	526	384	374	45	28	0	2
Mar.	490	704	354	416	52	30	0	0
Abr.	621	662	349	424	4	8	0	0
Mai.	537	646	362	442	-	6	0	0
Jun.	421	340	241	355	-	52	28	0
Jul.	380	275	304	379	-	27	29	28
Ago.	500	294	263	332	-	27	104	22
Set.	393	295	240	339	-	5	137	23
Out.	512	511	322	441	-	-	2	15
Nov.	666	491	338	396	-	-	0	30
Dez.	721	480	218	564	-	-	18	46
Total	6.310	5.962	3.686	4.884	136	213	318	180

⁽¹⁾ Cachos e caixas.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 130. - Preços Médios Mensais de Banana Nanica, Mercado Atacadista, São Paulo, 1972-78

(em Cr\$/t de banana verde)

Mês	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978
Jan.	76,00	200,00	215,00	500,00	860,00	610,00	750,00
Fev.	77,00	260,00	170,00	350,00	810,00	530,00	500,00
Mar.	105,00	245,00	230,00	480,00	550,00	790,00	790,00
Abr.	110,00	250,00	300,00	530,00	640,00	720,00	830,00
Mai.	95,00	134,00	290,00	500,00	420,00	650,00	880,00
Jun.	100,00	133,00	274,00	455,00	390,00	550,00	1.260,00
Jul.	110,00	150,00	300,00	460,00	490,00	460,00	...
Ago.	160,00	280,00	260,00	465,00	525,00	510,00	...
Set.	185,00	415,00	365,00	585,00	585,00	980,00	...
Out.	180,00	470,00	370,00	900,00	780,00	1.160,00	...
Nov.	190,00	370,00	430,00	1.280,00	740,00	980,00	...
Dez.	220,00	270,00	540,00	1.500,00	680,00	950,00	...

-222-

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 131. - Produção e Número de Pês de Algumas Frutas de Clima Tropical, Estado de São Paulo 1970-78

(em 1.000 unidades)

Ano	Goiaba para indústria		Abacate		Abacaxi		Limão		Mamão		Tangerina ⁽¹⁾		Manga	
	Pê	Tonelada	Pê	Caixa	Pê	Fruto	Pê	Caixa	Pê	Caixa	Pê	Caixa	Pê	Caixa
1970	925	2.600	70.000	25.200	2.280	2.740	5.220	2.470	4.400	5.770	474	1.500
1971	1.020	2.500	93.300	38.400	2.630	3.370	4.300	2.140	4.900	7.300	314	1.417
1972	1.800	25.000	1.060	2.700	111.000	51.500	3.400	5.500	4.100	2.430	5.000	8.340	600	1.800
1973	1.400	28.300	1.360	3.600	108.000	58.300	4.100	7.200	4.700	2.900	6.000	9.400	670	2.300
1974	1.150	22.000	1.380	3.500	91.600	51.900	4.800	8.400	4.200	2.600	6.700	10.700	670	2.200
1975	1.520	43.100	1.360	3.700	86.500	48.700	4.500	8.000	4.600	2.800	7.690	12.130	630	2.050
1976	1.175	34.700	1.660	3.620	63.500	35.300	4.620	9.400	9.300	4.300	8.690	15.060	530	1.630
1977 ⁽²⁾	955	25.170	1.656	3.610	61.300	31.900	4.550	9.300	11.140	6.400	8.480	14.420	570	1.670
1978 ⁽²⁾	856	24.650	1.647	3.780	65.530	30.680	4.460	9.150	11.655	7.740	8.630	14.570	602	1.850

⁽¹⁾ Inclui cravo, ponkan, mexerica e murcote.

⁽²⁾ Estimativa preliminar.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 132. - Produção e Número de Pês de Frutas de Clima Temperado, Estado de São Paulo, 1970-78

(em 1.000 unidades,

Ano	Maçã		Caqui		Figo ⁽¹⁾		Pêssego de mesa		Uva de mesa		Uva para indústria	
	Pê	Caixa	Pê	Caixa	Pê	Tonelada	Pê	Caixa	Pê	Caixa	Pê	Tonelada
1970	-	-	780	1.600	910	7,2	260	1.470	34.090	8.890	12.270	22.430
1971	905	345	800	1.860	960	9,0	310	2.200	36.700	8.900	13.300	21.700
1972	1.074	508	900	2.900	1.700	16,0	500	5.600	38.700	13.700	13.100	25.200
1973	1.203	573	900	3.000	1.700	17,9	450	5.700	38.500	14.700	11.450	23.000
1974	1.113	563	960	3.400	1.900	17,4	440	5.200	38.400	15.000	10.300	18.300
1975	1.440	609	880	3.200	1.800	17,1	510	6.600	35.620	14.100	7.800	21.100
1976	844	2.800	1.900	16,1	485	4.750	35.410	15.610	7.700	21.100
1977 ⁽²⁾	825	2.980	1.900	15,8	485	4.340	34.170	14.220	7.040	17.630
1978 ⁽²⁾	800	3.140	1.970	15,4	485	4.370	34.010	14.450	7.000	17.530

⁽¹⁾ Inclui figo para a indústria.

⁽²⁾ Estimativa de novembro de 1976 - preliminar.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 133. - Quantidades Comercializadas na CEAGESP e Preços Médios Anuais de Algumas Frutas, Mercado Atacadista, São Paulo, 1972-77

Espécie	Unidade	Quantidade total (1.000 unidades)						Preço médio ponderado (Cr\$/unidade)				
		1972	1973	1974	1975	1976	1977	1973	1974	1975	1976	1977
Abacate	cx.25kg	478	448	533	565	543	536	17,10	21,10	29,10	52,00	58,30
Caqui	cx.26kg	460	371	429	414	377	567	21,00	28,00	29,00	53,00	68,30
Figo	engradado 30kg	1.409	1.473	1.722	2.022	1.624	2.430	4,80	5,60	6,50	9,70	13,30
Mamão	cx.33kg	361	760	596	586	1.023	1.764	18,60	29,80	45,00	54,70	53,60
Manga	cx.23kg	312	318	352	463	256	535	18,60	31,90	37,60	56,00	63,10
Maracujá	cx.16kg	59	120	125	50	41	73	20,00	21,90	50,80	78,50	126,30
Pêssego	cx.3kg	1.524	1.479	2.041	2.167	2.040	2.274	7,90	12,20	14,70	19,60	139,00
Uva niagara	cx.8kg	2.413	2.170	553	3.060	2.061	4.228	13,30	7,00	18,40	29,70	45,00
Uva itália	cx.8kg	800	781	1.091	1.131	933	1.195	36,30	34,00	40,30	63,00	95,90
Tangerina cravo	cx.30kg	519	388	475	637	500	497	14,30	16,40	15,50	24,00	42,30
Tangerina ponkan	cx.30kg	906	1.360	1.398	1.596	1.708	1.481	11,50	16,20	20,70	25,20	43,00

Fonte: Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais do Estado de São Paulo (CEAGESP).

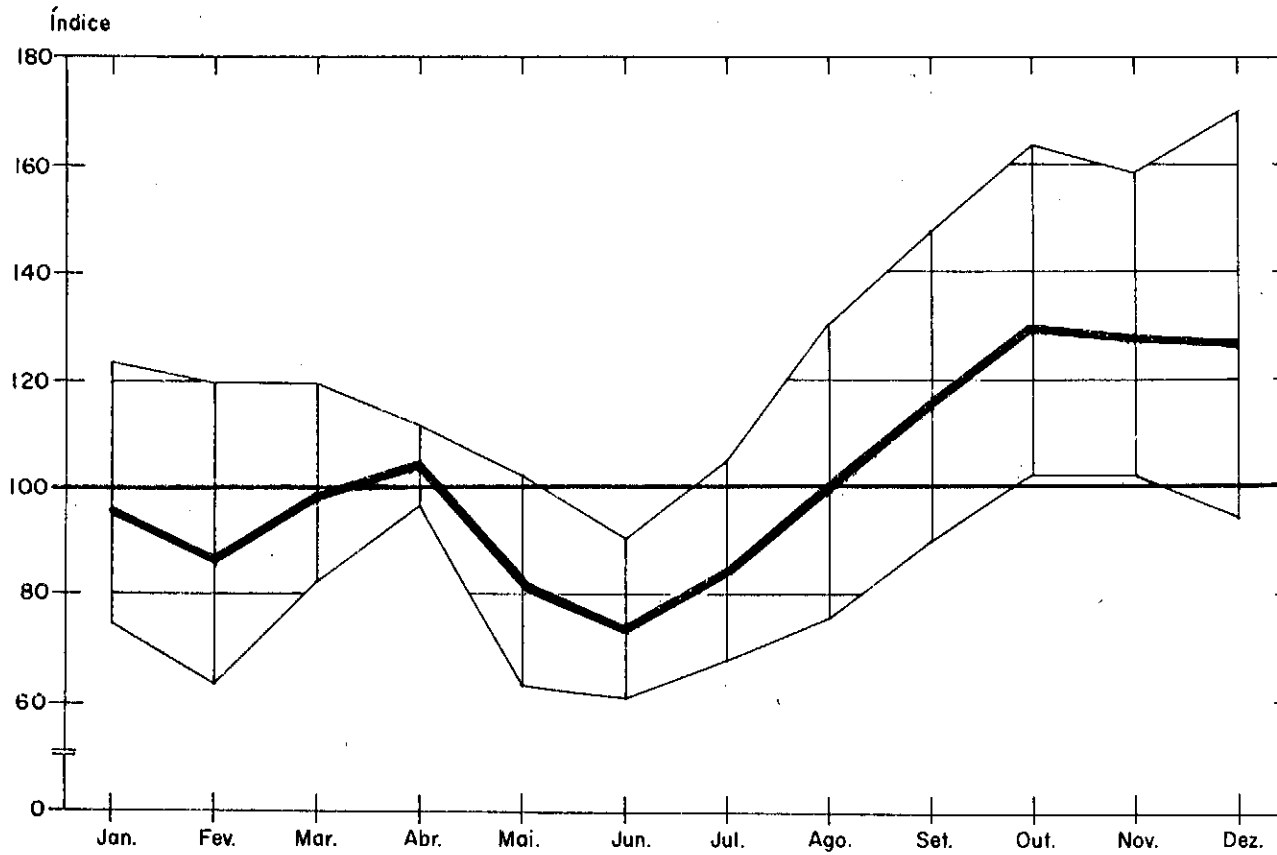


FIGURA 20. - Variação Estacional do Preço Médio Recebido pelos Agricultores, Banana Nanica, Estado de São Paulo, 1971-77.

- Cebola

- Panorama internacional

A produção mundial no último triênio atingiu a média anual de 16,1 milhões de toneladas. Crescendo a uma taxa bastante elevada, a produção do Brasil participou com 400 mil toneladas.

De um comércio internacional, cuja média anual do último triênio foi de 1,2 milhão de toneladas, o Brasil importou na década de 70, em média, 5 mil toneladas anuais, cobrindo seus eventuais deficits. No primeiro semestre de 1978, as estatísticas de importação da CACEX apresentaram a cifra de 18,6 mil toneladas. Nesse semestre, as importações brasileiras procedem geralmente da Argentina ou Chile e, no segundo semestre, da Espanha, com início em fins de julho, quando são liberados os produtos "grano" e "grano d'oro". No corrente ano os preços de abertura na Espanha estão em 6 pesetas (Cr\$1,40) por quilograma.

Entre os países grandes produtores e exportadores, os índices de produtividade são bastante elevados. A Argentina produz, em média 18,8t/ha, a Espanha 21,6t/ha e os Estados Unidos 35,7t/ha.

- Situação interna

A cultura de cebola em São Paulo compreende duas modalidades: a comumente chamada de bulbinho (conhecida comercialmente como soqueira do estado), colhida no segundo trimestre de cada ano e o segundo processo de produção é a cebola de muda, que compreende as claras, oferecidas de forma predominante no terceiro trimestre do ano e a pera do estado, oferecida no quarto trimestre, podendo estender-se pelos meses de janeiro e fevereiro.

De modo geral, a cultura da cebola tem-se desenvolvido de forma surpreendente em São Paulo nos últimos anos, tanto em volume produzido e produtividade, como em incorporação de modernos processos de produção e comercialização (quadros 134 e 135). Em 1976/77, a produção paulista atingiu 170 mil toneladas, o que corresponde a 42% da produção nacional.

O maior desenvolvimento cultural concentra-se na região de Sorocaba e, em particular, na região de Piedade, não obstante as regiões de Ribeirão Preto (Monte Alto) e Campinas (São José do Rio Pardo e circunvizinhanças) apresentarem notável incremento.

Os preços do produtor no ano agrícola que se encerra comportaram-se bastante fora dos padrões sazonais costumeiros (figura 21).

No período de oferta de claras, em 1977, os preços ao produtor apresentaram-se incommumente baixos. Em julho, agosto e setembro daquele ano os preços encontravam-se 34%, 62% e 34%, respectivamente, abaixo da média dos mesmos meses em anos anteriores. Em outubro, quando os preços das claras reagiram, aproximando-se da média do mês, sua participação no abastecimento foi pequena, estando já no fim da safra.

A pera do estado fez-se presente no mercado no período de setembro a janeiro. Do início da safra até novembro, os preços conduziram-se próximos às médias dos respectivos meses. Em dezembro, diante da expectativa de diminuição das safras riograndense e catarinense os preços ao produtor elevaram-se substancialmente. Em janeiro continuou o processo altista, quando a participação deste produto no abastecimento já era bastante reduzida.

Os preços da soqueira atingiram cifras elevadas em março, continuando a subir em

abril. Em maio, os preços ao produtor sofreram sensível declínio, para atingirem os níveis correspondentes aos padrões estacionais em junho. O produtor de soqueira do estado auferiu razoável margem de lucro em 1978.

No varejo paulistano o período de janeiro a abril foi marcado por uma alta constante, que se acentuou ao longo de fevereiro, março e abril, apresentando nestes 2 meses níveis nunca atingidos. Em maio os preços declinaram sensivelmente para em junho praticamente retornarem aos padrões normais (quadro 136).

A alta nos preços de varejo de dezembro a janeiro, pode ser explicada, em parte, pela expectativa de quebra da safra e pela liquidação dos remanescentes da pera do estado, que se apresentavam com padrão de qualidade meramente regular.

A alta de fevereiro a março pode ser explicada em grande parte pela expectativa de término precoce da safra riograndense. Esta safra, que em anos normais estende-se de dezembro a junho-julho, supriu em grande parte o mercado no mês de janeiro, abastecendo-o praticamente até o mês de março. Em abril estas remessas decaíram até a terceira semana do mês, quando então se encerraram de todo as ofertas de produto sulino.

Apesar da grande produção de soqueira, o volume ofertado ainda se manteve, em princípio de abril, bastante abaixo dos níveis considerados normais. Somente na segunda quinzena registrou-se no mercado paulistano oferta condizente com o consumo. Em maio, os preços evoluíram acentuadamente no sentido de uma normalização, que praticamente foi atingida em junho.

- Perspectivas

O crescimento dos índices de produtividade agrícola da cebola permite concluir que há intensa absorção de tecnologia, aproximando-se da média obtida na Argentina, sendo lícito esperar que a produção em certas regiões do Estado venha, com a consolidação do processo evolutivo, a competir no mercado externo.

Até a terceira semana de julho último manifestou-se uma tendência de alta nos preços das claras. Esta disposição é, contudo, transitória e decorrente de eventos conjunturais, estando ligada às características irregulares do clima, tais como dias com sol encoberto e chuvas esparsas.

A produção de claras em São Paulo é bastante elevada (quadro 137), apresentando cifras inéditas. A qualidade da cebola produzida está dentro de padrões bastante satisfatórios.

A produção no Nordeste, que inicialmente apresentou sinais de qualidade inferior, reagiu bastante posteriormente, melhorando o padrão das remessas, de forma a indicar uma safra de boa qualidade.

Tais elementos permitem prognosticar, salvo a ocorrência de um período de inverno bastante irregular, a inexistência de maiores percalços com relação ao abastecimento e ao nível de preços. Caso suceda, porém, amadurecimento na mesma época, por força de fatores climáticos, poderão ocorrer uma sensível baixa nos preços, em fins de agosto ou princípios de setembro.

Em setembro o abastecimento contará com uma oferta adicional de pera do estado, proveniente da região de Piedade (SP), que este ano empregou maior quantidade de sementes de variedades precoces. A safra de pera do estado está vegetando muito bem e deverá ultrapassar em 22% a produção do ano anterior, já elevada.

Em dezembro inicia-se a oferta de cebola riograndense e catarinense, cujo volume e sanidade deverão gerir os preços dos tipos de outras procedências; é esperada uma boa produção destas origens.

(IEA, 31/07/1978)

QUADRO 134. - Produtividades da Cultura da Cebola, em Alguns Estados, 1976-78

(em t/ha)

Estado	1976	1977	1978
São Paulo	9,7	12,1	13,3
Paraná	3,7	3,6	3,8
Santa Catarina	7,2	7,3	8,3
Rio Grande do Sul	6,8	6,6	6,0
Pernambuco	12,3	13,0	13,0

Fonte: Previsões e Estimativas, IEA - CATI, dados originais da FIBGE.

QUADRO 135. - Produtividades da Cultura da Cebola nas Principais Regiões Produtoras, Estado de São Paulo, 1977-78

(em t/ha)

Região	Cultura de muda		Cultura de soqueira	
	1977	1978	1977	1978
Sorocaba	13,5	15,8	13,9	15,6
Campinas	9,9	11,1	-	-
Ribeirão Preto	7,7	9,2	-	-
Estado	11,1	13,1	13,7	14,9

Fonte: Previsões e Estimativas, IEA - CATI.

QUADRO 136. - Evolução Percentual dos Preços de Cebola no Mercado Varejista Paulistano, Ano Agrícola 1977/78⁽¹⁾

1977						1978					
Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.
-14	-26	-25	-29	-11	-8	79	108	239	323	85	30

(¹) Base 100: média móvel dos meses do período 1972-77.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 137. - Produção de Cebolas Claras das Regiões de Campinas e Ribeirão Preto, Estimativas em Junho, 1974-78

(em 1.000t)

Região	1974	1975	1976	1977	1978
Campinas	18,9	29,2	32,1	33,0	39,3
Ribeirão Preto	13,4	10,4	14,1	10,1	13,6
Total	32,3	39,6	46,2	43,1	52,9

Fonte: Previsões e Estimativas, IEA - CATI.

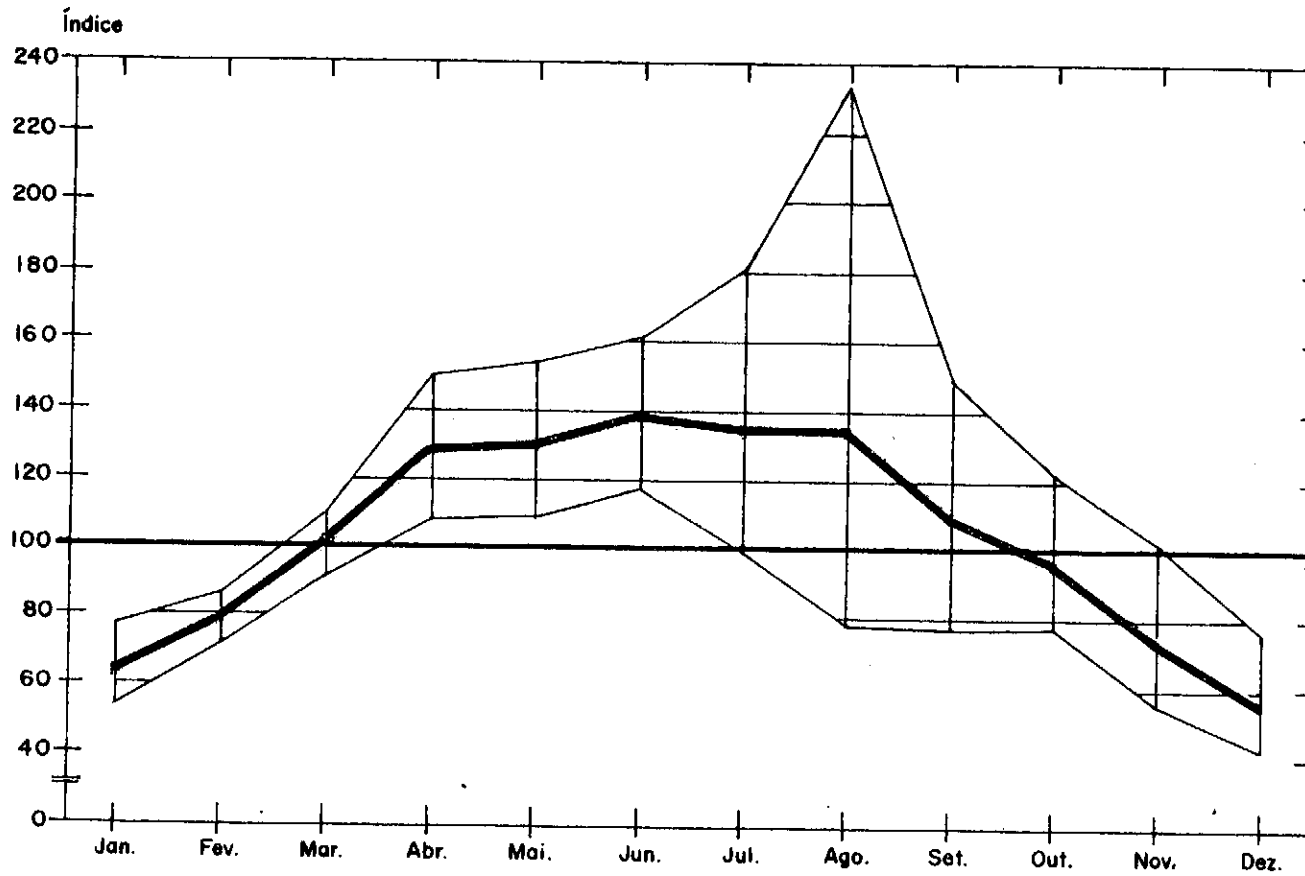


FIGURA 21. - Variação Estacional do Preço Médio Recebido pelos Agricultores, Cebola, Estado de São Paulo, 1971-77.

- Silvicultura

- Panorama internacional

Em dezembro de 1975, a FAO preconizava a possível extinção das fontes de matéria-prima para produção de celulose, em menos de cinco anos. No entanto, os países exportadores da celulose, como a Suécia, Finlândia e Estados Unidos, em virtude de concessões fiscais e alfandegárias, tiveram suas produções aumentadas, de tal ordem que, em fins de 1976, os estoques mundiais já ultrapassavam a casa dos 2,9 milhões de toneladas, dos quais só a Suécia possuía mais de 1,5 milhão de toneladas.

Conseqüentemente o preço médio da celulose, que em fins de 1974 oscilava ao redor de US\$800,00/t, situou-se em US\$380,00/t, em maio de 1977, continuando a cair até US\$280,00/t em setembro do mesmo ano.

O setor madeireiro continua em ampla atividade, com o preço médio da madeira compensada na Bolsa de Chicago atingindo US\$206,76/mil pés quadrados em princípios de 1978, contra US\$191,00/mil pés quadrados nos primeiros meses de 1977.

Importadores tradicionais de madeira e derivados estão encontrando dificuldades em obter suprimento na África e temem uma queda na oferta dessa região, o que poderia aumentar sua dependência do produto de origem asiática e ocasionar elevação excessiva dos preços. Nesse sentido um grupo de exportadores da Amazônia estuda a possibilidade da criação de um programa que propicie fornecimento permanente a esses países, além da formação de um órgão para mediar contratos brasileiros junto ao Bureau de Genebra, que reúne produtores e consumidores mundiais.

Em meados de 1977, uma firma brasileira do setor, associada a capital árabe e maltense, criou na Ilha de Malta, na cidade de La Valleta, um entreposto comercial para distribuir madeira brasileira a todo Mediterrâneo e Oriente Médio, tendo sido exportados inicialmente 5 mil metros cúbicos.

- Situação interna

As exportações brasileiras de celulose, previstas em 2 milhões de toneladas a partir de 1980, não deverão se confirmar. Embora o País possua um grande potencial de produção, as projeções de exportação foram alteradas para níveis mais modestos, segundo os quais seriam exportadas, em 1978, 340 mil toneladas, 590 mil em 1979 e apenas 740 mil em 1980.

Segundo dados da CACEX, as exportações efetivas de celulose em 1976 foram de 140.604 toneladas, no total de US\$26.659 mil-FOB e, em 1977, 94.630 toneladas (-32,7%) no valor de US\$19.487 mil-FOB (quadro 138). As exportações de celulose até maio de 1978 alcançaram 72.823 toneladas, representando um aumento de 194% em relação a igual período do ano anterior. Caso persista essa mesma tendência deve-se terminar o ano com 278 mil toneladas exportadas, ou seja, 98% acima das exportações de 1976, mas 18% abaixo da meta estabelecida para o ano (340 mil toneladas).

A queda nas exportações de celulose em 1977 se deve aos elevados estoques mundiais existentes e à pouca aceitação ainda da celulose de fibra curta (eucaliptus) no mercado internacional.

As exportações brasileiras de madeira, em 1977, foram de 488.806 toneladas num valor

total de US\$164.958 mil-FOB, contra 436.176 toneladas e US\$142.836 mil-FOB em 1976, com acréscimo portanto de aproximadamente 12,6% (quadro 139).

O Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), neste ano de 1978, concedeu prioridade a projetos verticalizados, integrando floresta e indústria, além de considerar o critério de proximidade dos atuais centros consumidores de matéria-prima.

Dentro dos critérios acima apontados, das 6 mil cartas-consulta enviadas ao IBDF em 1977, somente 748 foram selecionadas e 728 aprovadas, com aumento aproximado de 25%, quando comparadas com 583 cartas-consulta aprovadas em 1975. A área total plantada passou de 227.082 hectares em 1975 para 401.063 hectares em 1977, representando portanto aumento de 77% (quadro 140).

Os estados da Região Sudeste (Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo e Rio de Janeiro) tiveram redução de 31,2% no número de cartas-consulta aprovadas, passando de 288 em 1975, para 198 em 1977. Como consequência, exceção feita a Minas Gerais, que teve aumento de 53.852 hectares em 1975 para 151.400 hectares em 1977, os demais estados tiveram menor expansão da área reflorestada. Essa retração é em parte explicada pela alta dos preços da terra, uma vez que seu custo não é incluído pelo IBDF nos projetos baseados em incentivos fiscais. Isto tem provocado um deslocamento da atividade das firmas de reflorestamento para regiões onde estes custos são menores. No caso específico de Minas Gerais, essa atividade tem-se deslocado para o Vale do Jequitinhonha, onde o valor da terra se mantém relativamente baixo.

A redução de Cr\$3,2 bilhões para Cr\$2,6 bilhões nos recursos do Fundo de Investimento Setorial (FISSET) - Reflorestamento (Portaria nº 498 de 08/09/77 do Ministério da Fazenda) a serem aplicados em 1978 está preocupando o setor, pois a não reposição das florestas acarretaria a devastação do pouco que resta das matas naturais do País, além de prejudicar alguns programas governamentais, tais como os planos siderúrgicos, papel e celulose.

No Estado de São Paulo, a área total reflorestada em novembro de 1977 era da ordem de 997.319 hectares, sendo 750.597 hectares em eucaliptus e 246.727 hectares em pinus; em junho de 1976, essa mesma área correspondia a 1.220.989 hectares plantados, 937.132 hectares em eucaliptus e 283.857 hectares em pinus. Na DIRA de Sorocaba se concentra a maior área plantada do Estado, com 255.438 hectares de eucaliptus (34%) e 150.489 hectares de pinus (61%).

Os estoques de madeira em São Paulo foram estimados, em 1975, em 1.400.000m³ para pinus e 5.700m³ para eucaliptus, sendo que a maior parte dessa madeira será utilizada na produção de celulose, podendo entretanto ser usada para a produção de carvão metalúrgico (eucaliptus) e serrarias (pinus, este somente no corte final).

Para maior estímulo ao setor, a Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo e o IBDF celebraram Convênio, da ordem de Cr\$77 milhões, visando efetivar programa de reflorestamento junto a pequenas e médias propriedades rurais do Estado. Deverá ser ativado até o final deste ano. Faz parte de um programa governamental visando "adotar a lenha ou o carvão vegetal como fonte de produção de energia, em lugar do óleo combustível ou de outro derivado do petróleo, bem como visando fornecer ao produtor rural uma fonte de material lenhoso para benfeitorias". A Secretaria caberá garantir o fornecimento de mudas e sementes melhoradas, obtidas a partir de áreas especialmente manejadas, e de espécies adaptadas às diferentes condições edafoclimáticas do Estado.

- Perspectivas

Espera-se, para meados de 1979, uma elevação nos preços da celulose em virtude da diminuição dos estoques mundiais, pois somente a Suécia teve seus estoques reduzidos em 225 mil toneladas no primeiro trimestre de 1978.

O setor de papel, papelão e seus derivados continua com demanda acentuada; neste setor dificilmente haverá crise, pois o consumo mundial de papel e seus derivados nos Estados Unidos e Europa continua em rápida ascensão.

Segundo as estimativas oficiais, o deficit no mercado madeireiro brasileiro atingirá, em 1980, o equivalente a 1,7 milhão de hectares, pois o País deverá reflorestar somente 1,2 milhão de hectares, quando as necessidades internas corresponderiam a uma área de 2,9 milhões de hectares.

(IEA, 31/07/1978)

QUADRO 138. - Exportações Brasileiras dos Setores Papel e Celulose, 1976 e 1977

Produto	1976		1977		Variação relativa 1977/1976 (%)
	US\$ mil/FOB	Tonelada	US\$ mil/FOB	Tonelada	
Pasta para fabricação de papel	26.659	140.604	19.487	94.630	-32,70
Papel, cartolina e seus manufaturados	36.559	137.531	49.244	169.623	23,33
Artigos de livreria e artes gráficas	8.232	2.402	10.215	3.755	56,33
Total	71.450	280.537	78.946	268.008	-

Fonte: Carteira do Comércio Exterior (CACEX).

QUADRO 139. - Exportações Brasileiras de Madeira, 1976 e 1977

Produto	1976		1977		Variação relativa 1977/1976 (%)
	US\$ mil/FOB	Tonelada	US\$ mil/FOB	Tonelada	
Laminados (incluso pinho)	24.497	37.020	24.646	36.968	-0,14
Mad.compensada e contraplacada	11.214	29.089	15.115	33.408	14,85
Mad.construção	16.531	31.869	24.659	47.849	50,14
Mad.pinho serrada	20.850	62.476	17.984	61.425	-1,68
Mad.coníferas e não coníferas	19.082	55.335	23.651	72.334	30,72
Mad.serrada (exclusive pinho)	30.486	178.892	37.199	194.142	8,52
Mad.móveis	6.779	1.519	7.532	1.659	9,22
Mad.outras (bento, simpl.,ser.)	1.620	7.203	895	4.186	-41,89
Mad.sob outras formas	11.777	32.776	13.277	36.835	12,38
Total	142.836	436.179	164.958	488.806	12,06

Fonte: Carteira do Comércio Exterior (CACEX).

QUADRO 140. - Distribuição por Estado das Cartas-Consulta Aprovadas pelo IBDF, 1975 e 1977

Estado	Consulta-aprovada (nº)		Total do plantio (ha)	
	1975	1977	1975	1977
Minas Gerais	177	158	53.852	151.400
Paraná	74	85	29.075	51.209
Bahia	11	82	7.709	35.104
R.G.do Norte	-	62	-	3.600
Mato Grosso	69	57	39.964	39.100
Amazonas	1	49	2.000	5.600
R.G.do Sul	43	49	11.605	20.952
São Paulo	97	35	36.796	26.418
Santa Catarina	86	30	24.172	20.052
Goiás	11	26	6.758	14.680
Pará	-	25	-	5.000
Distrito Federal	-	21	-	7.100
Piauí	-	19	-	3.750
Ceará	-	17	-	4.198
Espírito Santo	9	5	13.672	5.000
Amapá	-	4	-	7.100
Pernambuco	-	2	-	300
Maranhão	-	1	-	250
Paraíba	-	1	-	250
Rio de Janeiro	5	-	1.479	-
Total	583	728	227.082	401.063

Fonte: Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF).

- Eventos Climáticos

Observando-se as precipitações pluviométricas do ano agrícola 1977/78, pode-se dizer que o clima do Estado de São Paulo não foi nada favorável à agricultura. Razoáveis no início (mês de setembro), as chuvas diminuíram na primeira quinzena de outubro para melhorar na segunda, prosseguindo normais até a segunda quinzena de janeiro, quando se verificou, principalmente a partir do dia 18, a sua quase total interrupção. Estas só retornaram à normalidade na segunda quinzena de fevereiro. Tal fato, ligado às altas temperaturas, provocou grandes quebras nas safras de diversos produtos, principalmente de milho, arroz e café. A primeira quinzena de março foi demasiadamente chuvosa, provocando inclusive danos para os produtos que estavam sendo colhidos. As chuvas interromperam-se no dia 13 para só recomeçar no dia 26, voltando a estiagem durante quase todo o mês de abril e primeira quinzena de maio. A segunda quinzena de maio foi novamente muito chuvosa e o mês de junho bem mais seco que o normal.

A comparação das precipitações do ano (quadro 141) com a média de 9 anos anteriores mostra que julho, agosto, outubro, janeiro, fevereiro, abril e junho foram mais secos. Os outros meses foram mais chuvosos, sendo que março apresentou um menor número de dias chuvosos, porém com maior volume de precipitação.

Para o total do ano houve 90,0 dias de chuvas, somando 1.349,10mm, enquanto que a média é de 101,9 dias e 1.378,20mm.

As pequenas geadas ocorridas não chegaram a provocar prejuízos. Essas ocorrências foram registradas somente nas regiões onde o fenômeno acontece com frequência.

Esse quadro climático provocou uma diminuição nas safras, conforme pode-se verificar na comparação dos levantamentos de previsões e estimativas das safras agrícolas de novembro e de abril, realizados pelo IEA/CATI (quadro 142).

O quadro 143, elaborado pelo Instituto de Atividades Espaciais, do Ministério da Aeronáutica, mostra algumas perspectivas para o ano 1978/79. Embora se trate ainda de um trabalho experimental em fase de desenvolvimento, já pode ser tomado como indicativo dos futuros fenômenos climáticos.

Para o ano de 1979 são esperadas geadas fracas no Sul; todavia, o Nordeste Brasileiro deverá sofrer estiagem moderada.

(IEA, 31/07/1978)

QUADRO-141. - Dados Climáticos do Estado de São Paulo, 1969-78

Item	Mês												Total
	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Jan.	Fev.	Mär.	Abr.	Mai.	Jun.	
Precipitação média no período de 1969-77 em mm	40,4	35,7	73,4	135,1	157,7	215,0	217,7	176,0	148,6	68,9	55,9	53,8	1.378,20
Precipitação mensal no período de 07/77 a 06/78, em mm	13,3	30,2	77,5	73,6	203,2	299,2	195,4	104,5	184,6	14,1	125,3	28,2	1.349,10
Nº médio de dias chuvosos no período 1969-77	3,0	3,4	7,3	7,9	12,9	13,2	16,0	10,0	11,6	6,6	4,1	5,9	101,9
Nº de dias chuvosos no período de 07/77 a 06/78	2,2	3,1	7,4	6,3	15,4	14,6	13,2	6,2	9,8	1,9	8,2	1,7	90,0
Temperatura máxima no período de 07/77 a 06/78 (Graus C)	34,5	37,9	38,0	40,6	38,0	38,0	45,0	41,5	39,5	38,0	34,0	33,5	-
Temperatura mínima no período de 07/77 a 06/78 (Graus C)	5,2	5,0	6,5	12,5	11,0	11,3	10,0	12,3	10,0	8,2	2,8	0,5	-

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 142. - Comparação dos Levantamentos de Previsões e Estimativas das Safras Agrícolas Realizados em Novembro e Abril, Ano Agrícola 1977/78

Cultura	Unidade	Novembro	Abril	
		Volume (mil)	Volume (mil)	Variação em relação a novembro (%)
Cafê	sc.60kg	8.150	7.232	-11,3
Laranja	t	104.800	113.860	8,6
Algodão	arroba	32.020	24.310	-24,1
Arroz	sc.60kg	6.110	4.270	-30,1
Milho	sc.60kg	34.490	29.190	-15,4
Soja	sc.60kg	16.027	12.640	-21,1
Feijão das águas	sc.60kg	3.150	2.015	-36,0
Amendoim das águas	sc.25kg	7.800	6.792	-13,2

Fonte : Instituto de Economia Agrícola/CATI.

QUADRO 143. - Método Estatístico de Previsão do Tempo para o Estado de São Paulo, Entre os Meses de Junho de 1978 a Junho de 1979 (1)

Mês	Dia claro	Dia nublado	Dia chuvoso	Chuva na reg. leste (dia)	Massas de ar frio (nº)
1978					
Jun.	11	8	5	6	3
Jul. (2)	22	5	2	8	4
Ago.	6	17	3	10	3
Set.	4	13	9	17	3
Out.	5	16	7	13	3
Nov.	3	13	10	14	2
Dez.	7	14	7	11	0
1979 (3)					
Jan.	2	15	9	11	0
Fev.	3	13	7	16	0
Mar.	4	14	6	16	1
Abr.	13	9	3	8	3
Mai.	17	8	2	5	3
Jun.	5	15	4	12	4

(1) Dados em fase de teste.

(2) Ocorrência de geadas moderadas no mês de julho de 1978.

(3) Para o ano de 1979 as geadas serão fracas no Sul, todavia, o Nordeste Brasileiro sofre rã estiagem moderada.

Fonte: Instituto de Atividades Espaciais (IAE). Resp. Lic. Carlos Girardi.



FEA

**DESEMPENHO DA
AGRICULTURA
PAULISTA**

7 - DESEMPENHO DA AGRICULTURA PAULISTA

- Valor da Produção Agrícola

Estimativas de preço e produção de 26 dos principais produtos da agricultura paulista, referentes à safra 1977/78, indicam um decréscimo do valor bruto da produção, em relação a 1976/77, de 14,25% em valores reais (quadro 144). Ao se excluir o café, tal decréscimo passaria para 0,93%, pois este produto além de ter apresentado uma produção física 4,47% abaixo da observada em 1976/77, experimentou uma queda de 44,63% em seu preço real. Exclusivamente em termos físicos, ou seja, considerando somente a variação quantitativa da produção entre 1976/77 e 1977/78, a preços de 1976/77, a agricultura paulista apresenta um decréscimo de 0,64%; excluindo-se o café, esta taxa passaria a 0,91%.

Os 20 produtos vegetais apresentam entre esses dois anos decréscimos de 22,45%; excluindo-se o café, essa taxa torna-se -6,59%.

Os produtos animais, em número de 6, deverão experimentar, em conjunto, um acréscimo de 8,71% em relação a 1976/77.

Globalmente, a renda agrícola é avaliada em mais de Cr\$77 bilhões, 17,71% acima da renda gerada em 1976/77, que foi de Cr\$65,6 bilhões. Os produtos vegetais responderam por 66,62% desse total, e os produtos animais pelos 33,38% restantes.

Quanto à importância relativa dos diferentes produtos, em termos de renda (quadro 145), verifica-se que o café continua ocupando a primeira posição (17,79%), seguindo-se a cana-de-açúcar (15,33%) e a carne bovina (12,45%). Nesta safra, esses 3 produtos mais aves e ovos (10,68%), e o leite (8,49%) responderam por 64,73% da renda do setor. Desses produtos, apresentaram ganhos de renda real carne bovina (20,95%), leite (11,46%) e aves (4,47%); outros aumentos foram registrados por trigo (140,83%), cebola (57,84%), banana (35,92%), amendoim (31,61%), uva de mesa (28,86%), chã verde (19,54%) e tomate rasteiro (3,96%). Entre os que registraram perdas de renda em termos reais, destacam-se: mamona (-50,93%), mandioca (-51,24%), café (-47,11%), algodão (-33,39%), tangerina (-32,14%), limão (-30,61%), casulo (-16,24%), carne suína (-14,71%), feijão (-14,61%), soja (-11,13%), milho (-9,91%), cana-de-açúcar (-7,17%) e batata (-4,92%).

- Indicadores de Preço e de Quantidade

Espera-se, para este ano, variações da ordem de -14,25% no índice geral de preços e de -0,74% no índice de produção física dos 21 produtos constantes das séries históricas do IEA, considerando-se como base o período 1962-66 (quadro 146).

Produtos de origem vegetal - Esse grupo apresenta um decréscimo tanto em preços reais (-20,61%) quanto nas quantidades produzidas (-3,48%). Subtraindo-se o café, os índices de preços e de quantidades se retraem em relação ao ano anterior de 1,28% e de 3,31%, respectivamente. Contribuíram para esses resultados:

- as quedas em preços reais observadas para mandioca, café, feijão, mamona, laranja, batata, soja e cana-de-açúcar; e

- as quebras de produção sofridas por algodão, milho, arroz, mamona, café e soja.

Ao lado desses decréscimos, convém ressaltar também as altas de preços reais registrados para arroz, milho, amendoim e cebola. Aumentos em produção foram apresentados por banana, chá verde, cebola, feijão, amendoim, laranja e batata.

Produtos de origem animal - Esses produtos, na safra 1977/78, estão acusando elevação, tanto em preços reais (6,25%), quanto nas quantidades produzidas (5,22%).

Para esse grupo, destaca-se o crescimento da produção de leite, de carne bovina e de ovos, enquanto que a produção de carne suína deverá se manter inalterada em relação a 1977, devido à moléstia que está assolando o rebanho suíno paulista. Quanto aos preços reais, somente carne bovina e ovos apresentaram um incremento positivo em relação ao ano anterior. Os demais produtos apresentaram incrementos negativos: carne suína, casulo e ovos. Em termos de renda, somente a carne bovina e o leite acusaram acréscimo real.

Produtos tradicionais, em transição e modernos - Relativamente aos preços, somente os produtos tradicionais apresentaram acréscimo real (8,34%) em relação a 1976/77. Os produtos modernos e os em transição sofreram decréscimos em seus preços reais da ordem de 6,48% e 31,79%, respectivamente. Entre os tradicionais, o arroz, a carne bovina e o leite experimentaram aumento em preços reais. No grupo dos modernos, somente o tomate, e no grupo dos em transição, o milho, o amendoim e a cebola.

Quanto à quantidade produzida, os produtos tradicionais e os modernos cresceram 3,13% e 0,09%, respectivamente, e os em transição decresceram 7,08%. Concorreram positivamente para os tradicionais e modernos: leite, carne bovina, ovos, laranja, cana-de-açúcar, feijão e batata. Milho e café foram os produtos que mais contribuíram para a queda no índice de quantidade dos produtos em transição.

- Índices de Área e de Rendimento

Através da evolução da área plantada dos 16 produtos de origem vegetal, nota-se uma tendência mais ou menos estável na superfície de cultivo do Estado, situando-se ao redor de 5,5 milhões de hectares, embora em relação ao ano anterior haja ocorrido um acréscimo da ordem de 3,25% (quadro 147).

Quanto ao rendimento, este apresenta-se reduzido em 16,20% em relação a 1976/77.

Contribuíram para o aumento da superfície de cultivo do Estado: feijão (27,58%), soja (24,10%), amendoim (20,50%), mamona (17,98%), algodão (15,00%), cebola (12,77%), laranja (9,50%), chá verde (7,61%), cana-de-açúcar (6,79%), batata (5,51%), mandioca (3,48%) e café (2,51%). Para a queda no rendimento, participaram negativamente: algodão (-34,43%), arroz (-27,48%), mamona (-22,36%), soja (-20,42%), milho (-18,90%), feijão (-8,13%), café (-6,71%), amendoim (-5,04%), mandioca (-2,95%) e cana-de-açúcar (-1,12%).

Analisando-se os grupos de produtos segundo o nível de tecnologia (produtos modernos, em transição e tradicionais), nota-se um decréscimo de 3,91% na área de cultivo dos produtos em transição e acréscimos de 12,89% e 7,35% na área dos tradicionais e dos modernos, respecti

vamente. O milho (-14,30%) foi o principal responsável pela redução de área dos produtos em transição, enquanto que o feijão, a soja, o algodão, a laranja, o chá, a cana-de-açúcar e o café foram os produtos que mais influíram na expansão das superfícies de cultivo dos produtos modernos e dos tradicionais.

Quanto ao rendimento, os três grupos de produtos apresentaram decréscimo em relação a 1976/77. As variações ocorridas foram da ordem de -14,60% para os tradicionais, -13,05% para os em transição e -12,87% para os modernos. Os principais responsáveis por esses decréscimos foram: algodão, arroz, milho, soja, feijão, mamona, café e amendoim.

- Perspectivas

Excluída - por imponderável - a hipótese de interferências meteorológicas, o desempenho da agricultura paulista, no ano 1978/79, deverá resultar da interação das variáveis econômicas que se delinearão na conjuntura de renda e mercado da safra 1977/78.

O recém-findo ano agrícola indica uma performance deficiente que implicou substancial perda da renda esperada por elevado número de agricultores do Estado. Além dos eventos climáticos constatou-se uma queda de preços, em termos reais, para 16 dos 26 produtos analisados, queda esta que foi compensada por elevações mais que proporcionais da produção em somente 2 casos.

Em virtude da natural reação decorrente de situações anômalas como as observadas, espera-se uma elevação da produção, em termos físicos, no ano agrícola vindouro. Com algumas exceções, as perspectivas de preços são de relativa estabilidade o que deverá resultar também em maior valor total da produção.

A nível de produto, o mercado paulista acentuará sua dependência da conjuntura internacional. O café, cana-de-açúcar, laranja, algodão, soja e amendoim perfazem 47,6% do valor da produção estimada, contra 39,5% em 1973/74, e representam o principal segmento da agricultura comercial do Estado. Em 1978/79, a produção de café paulista deverá acompanhar a tendência nacional de gradual elevação após a queda de 1975, o que será necessário à manutenção de estoques mínimos para enfrentar situações de eventual escassez. Já a situação internacional do açúcar permanece inalterada, com a demanda pouco ativa; o principal estímulo à cultura de cana deverá provir do aumento de produção de álcool carburante. O mercado de sucos cítricos mostra-se favorável em 1978, sem uma definição mais clara para 1979, quando a produção paulista deverá elevar-se em torno de 10%. A área plantada com algodão, em São Paulo, poderá permanecer estável em 1978/79, em um período em que as alternativas de exportação são pouco atraentes. Quanto à soja, sua área plantada deverá experimentar novo aumento, em São Paulo, a partir de uma situação de elevação de preços, enquanto se forma a expectativa de substancial elevação da produção americana. Por sua vez, as elevadas cotações do óleo de amendoim propiciam boas perspectivas para a cultura.

No que se refere ao abastecimento do mercado interno, em situação climática normal não há previsão de crises de monta. O Estado de São Paulo é pequeno produtor dos chamados "gêneros de primeira necessidade", sobretudo os cereais e grãos. A principal exceção são os produtos de origem animal, representados por quatro dentre os dez principais produtos da agricultura paulista e responsáveis por 1/3 da produção estadual. Suas perspectivas para 1978/79 apresentam-se favoráveis no caso da carne bovina que se vem recuperando gradualmente das baixas ocorridas até 1977; o período será de recomposição do estoque de matrizes e ainda de certa retração da oferta. Esta situação poderá favorecer o mercado de frango para corte, princi

palmente se se estabilizar o preço da ração, atualmente bastante onerada pela pequena oferta de milho. O mercado de carne suína poderá recuperar-se parcialmente da atual depressão, conforme se desenvolvam as medidas de combate à peste suína africana e se recupere a confiança do consumidor. Quanto ao leite, a continuidade da reação observada, em sua produção em 1977, deverá ser mantida, caso permaneça a tendência dos dois últimos anos, de elevação em seus preços reais. Já a produção de ovos deverá crescer pouco, uma vez que se tem reduzido os investimentos no setor.

O mercado de fatores de produção deverá continuar onerando os custos de forma a exigir contínuas elevações nos preços do produto. Os salários agrícolas devem continuar aumentando em termos reais, assim como o valor da terra. Com respeito a fertilizantes e outros insumos de custeio, seus preços poderão ser influenciados pelas normas a serem seguidas pelo sistema de crédito rural na safra 1978/79. Esta influência será tanto maior quanto mais variarem as restrições aos financiamentos em termos de disponibilidade total de recursos, percentual a ser aplicado e preços mínimos. Neste particular, acredita-se em uma atitude conservadora, que não altere substancialmente a situação existente em 1977.

Uma avaliação global da evolução dos custos de produção entre as safras 1977/78 e 1978/79 indica que enquanto as despesas operacionais por hectare deverão crescer em torno dos 33%, as mesmas despesas por unidade produzida poderão permanecer constantes ou apresentar pequena elevação, caso os níveis de produtividade mostrem-se normais.

Entre as perspectivas para 1979 não se pode deixar de mencionar a possibilidade de inovações na orientação da política agrícola nacional. As notícias até agora veiculadas permitem antever uma saudável preocupação com definições globais que traduzam uma visão crítica da atuação do Estado para com o setor agrícola. Espera-se que esta orientação destaque o mais eficiente e racional emprego de instrumentos de política econômica e investimentos públicos, através de um enfoque dirigido às reais necessidades do meio rural. Restará, ainda, a expectativa de que sua implementação obedeça a uma linha de coerência com os objetivos formulados.

(IEA, 31/07/1978)

QUADRO 144. - Valor da Produção de 26 dos Principais Produtos da Agricultura Paulista, Final do Ano Agrícola 1976/77 e Estimativa Preliminar

1977/78

Produto	Quantidade (1.000t)		Preço (Cr\$/unidade)		Unidade	Valor corrente (Cr\$1.000)		Valor real de 1977/78 ⁽³⁾ (Cr\$1.000)
	1976/77	1977/78 ⁽¹⁾	1976/77	1977/78 ⁽²⁾		1976/77	1977/78	
Cafê	454,20	433,90	2.500,00	1.900,00	sc.60kg.	18.925.000	13.740.173	10.009.771
Cana-de-açúcar	55.300,00	56.910,00	168,00	208,02	tonelada	9.290.400	11.838.418	8.624.335
Carne bovina	438,84	465,37	198,00	310,00	arroba	5.792.688	9.617.648	7.006.495
Leite (milhões litros)	1.586,81	1.711,58	2,70	3,83	litro	4.284.387	6.555.351	4.775.599
Ovos (milhões dúzias)	550,00	554,35	6,49	8,50	dúzia	3.569.500	4.711.975	3.432.693
Laranja	4.060,00	4.554,40	30,00	36,00	cx.40kg	3.045.000	4.098.960	2.986.109
Aves de corte	286,00	297,44	8,63	11,90	quilograma	2.468.180	3.539.536	2.578.566
Milho	2.520,00	1.751,40	68,00	121,00	sc.60kg	2.856.000	3.531.990	2.573.069
Algodão	543,90	364,70	88,00	120,00	arroba	3.190.880	2.917.600	2.125.483
Soja	768,00	758,40	170,00	210,00	sc.60kg	2.176.000	2.654.400	1.933.741
Feijão	201,60	236,30	500,00	500,00	sc.60kg	1.680.000	1.969.165	1.434.545
Batata ⁽⁴⁾	396,60	420,00	185,00	228,00	sc.60kg	1.222.850	1.596.000	1.162.692
Amendoim	213,00	243,70	95,00	150,00	sc.25kg	809.400	1.462.200	1.065.219
Arroz	360,00	256,20	155,00	300,00	sc.60kg	930.000	1.281.000	933.214
Carne suína	72,80	72,80	205,00	240,00	arroba	994.933	1.164.799	848.561
Tomate envasado	313,30	296,90	2,77	3,92	quilograma	867.841	1.163.848	847.868
Uva de mesa	113,80	115,60	40,20	70,00	cx.8kg	571.845	1.011.500	736.882
Cebola	171,20	219,10	114,59	194,00	sc.45kg	435.951	944.565	688.119
Trigo	87,40	220,70	190,20	249,00	sc.60kg	277.059	915.904	667.240
Banana	669,40	881,60	600,00	850,00	tonelada	401.640	749.360	545.912
Tangerina	556,80	555,71	30,00	28,00	cx.40kg	417.600	388.997	283.386
Tomate rasteiro	300,00	312,00	0,86	1,18	quilograma	258.000	368.160	268.206
Mandioca	710,00	747,00	754,00	480,00	tonelada	535.340	358.560	261.212
Limão	364,00	371,46	30,00	28,00	cx.40kg	273.000	260.022	189.427
Casulo	5,30	5,00	32,00	39,00	quilograma	169.600	195.000	142.058
Mamona	25,00	22,90	4,80	5,00	quilograma	170.000	114.500	83.414
Chã verde	27,50	36,10	2,00	2,50	quilograma	55.000	90.250	65.747

Valor total da produção (26 produtos)	(crescimento real = -14,25%)	65.618.094	77.239.881	56.269.562
Valor total da produção sem café (25 produtos)	(crescimento real = - 0,93%)	46.693.094	63.499.708	46.259.761
Valor total da produção de origem vegetal (20 produtos)	(crescimento real = -22,45%)	48.338.806	51.455.572	37.485.590
Valor total da produção de origem vegetal s/café(19 produtos)	(crescimento real = - 6,59%)	29.413.806	37.715.399	27.475.819
Valor total da produção de origem animal (6 produtos)	(crescimento real = 8,71%)	17.279.288	25.784.309	18.783.792
Valor total da produção a preços de 1976/77	(crescimento físico = - 0,64%)	65.618.094	65.199.165	-

⁽¹⁾ Quarta estimativa de safras, abril de 1978.

⁽²⁾ Estimativas preliminares, baseadas nas informações disponíveis até junho de 1978.

⁽³⁾ Deflator estimado (0,728504) em função da variação do Índice "2" de Conjuntura Econômica, de junho de 1977 a junho de 1978.

⁽⁴⁾ A safra de inverno de 1977/78 foi estimada como igual à de 1976/77.

QUADRO 145. - Variação Percentual na Área Plantada, Produção, Rendimento, Preço e Valor da Produção de 26 dos Principais Produtos da Agricultura Paulista entre os Anos Agrícolas 1976/77 e 1977/78⁽¹⁾

Produto	Participação percentual		Variação percentual entre 1977/78 e 1976/77						
	no valor		Área	Produção	Rendimento	Preço		Valor	
	1976/77	1977/78				Corrente	Real ⁽²⁾	Corrente	Real ⁽²⁾
Café	28,75	17,79	2,51	- 4,47	- 6,71	-24,00	-44,63	-27,40	-47,11
Cana-de-açúcar	14,12	15,33	6,79	2,91	- 1,12	23,82	- 9,80	27,43	- 7,17
Carne bovina	8,80	12,45	-	6,05	-	56,57	14,06	66,03	20,95
Leite	6,51	8,49	-	7,86	-	41,85	3,33	53,01	11,46
Ovos	5,42	6,10	-	0,79	-	30,97	- 4,62	32,01	- 3,83
Laranja	4,63	5,31	9,50	12,18	2,45	20,00	-12,57	34,61	- 1,93
Aves para corte	3,75	4,58	-	4,00	-	37,89	0,46	43,41	4,47
Milho	4,34	4,57	-14,30	-30,50	-18,90	77,94	29,63	23,67	- 9,91
Algodão	4,85	3,78	15,00	-32,95	-34,43	36,36	- 0,66	- 8,56	-33,39
Soja	3,31	3,44	24,10	- 1,25	-20,42	23,53	-10,00	21,99	-11,13
Feijão	2,55	2,55	27,58	17,21	- 8,13	-	-27,15	17,21	-14,61
Batata ⁽³⁾	1,86	2,07	5,51	5,90	0,37	23,24	-10,22	30,51	- 4,92
Amendoim	1,23	1,89	20,50	14,41	- 5,04	57,89	15,03	80,65	31,61
Arroz	1,41	1,66	- 1,87	-28,33	-27,48	93,55	41,00	37,74	0,35
Carne suína	1,51	1,51	-	-	-	17,07	-14,71	17,07	-14,71
Tomate envarado	1,32	1,50	- 6,25	- 5,23	1,08	41,52	3,25	34,11	- 2,30
Uva de mesa	0,87	1,31	-	1,58	1,58	74,13	26,86	76,88	28,86
Cebola	0,97	1,22	12,77	27,98	13,49	69,30	23,34	116,67	57,84
Trigo	0,42	1,19	- 8,33	152,52	175,52	30,91	- 4,63	230,58	140,83
Banana	0,61	0,97	- 0,74	31,70	32,68	41,67	3,20	86,58	35,92
Tangerina	0,63	0,50	- 5,58	- 0,20	3,61	- 6,67	-32,00	- 6,85	-32,14
Tomate rasteiro	0,39	0,48	4,27	4,00	- 0,36	37,21	-	42,70	3,96
Mandioca	0,81	0,46	3,48	5,21	- 2,95	-36,34	-53,62	-33,02	-51,21
Limão	0,41	0,34	- 6,66	2,05	5,55	- 6,67	-32,00	-4,75	-30,61
Casulo	0,26	0,25	-	- 5,66	-	21,88	-11,22	14,98	-16,24
Mamona	0,18	0,15	17,98	- 8,40	-22,36	4,17	-24,17	- 4,58	-50,93
Chá verde	0,09	0,12	7,61	31,27	21,99	25,00	- 9,00	64,09	19,54

⁽¹⁾ Quarta estimativa de safras, abril de 1978.

⁽²⁾ Deflator estimado (0,728504) em função da variação do Índice "2" de Conjuntura Econômica, de junho de 1977 a junho de 1978.

⁽³⁾ A safra de inverno de 1977/78 foi estimada como igual à de 1976/77.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 146. - Índices de Preços Reais e de Quantidade Produzida, por Grupo de Produtos e Evolução Percentual, Estado de São Paulo, Anos Agrícolas 1975/76 a 1977/78 ⁽¹⁾

Grupo ⁽²⁾	Nº de produtos	Preço					Quantidade				
		1975/76	1976/77	1977/78 (³)	Evolução (%)		1975/76	1976/77	1977/78 (⁴)	Evolução (%)	
					1976/77	1977/78				1976/77	1977/78
Produtos tradicionais	6	119,09	119,84	129,84	0,63	8,34	101,74	90,23	93,05	-11,31	3,13
Produtos em transição	7	281,53	253,22	172,73	-10,06	-31,79	69,19	100,32	93,22	44,99	-7,08
Produtos modernos	8	119,07	109,99	102,86	-7,63	-6,48	172,63	196,76	196,93	13,98	0,09
Produtos de origem animal	5	116,70	117,72	125,08	0,87	6,25	123,99	131,53	138,40	6,08	5,22
Produtos de origem vegetal	16	188,34	171,80	136,39	-8,78	-20,61	113,75	129,48	124,97	13,83	-3,48
Produtos de origem vegetal sem café	15	125,66	115,98	114,50	-7,70	-1,28	132,68	134,12	129,68	1,09	-3,31
Geral sem café	20	122,48	116,60	118,26	-4,80	1,42	129,59	133,20	132,78	2,79	-0,32
Geral	21	165,99	154,93	132,86	-6,66	-14,25	116,94	130,12	129,16	11,27	-0,74

⁽¹⁾ Índices construídos pelo método de Laspeyres, ponderação fixa no período base. Índices de preços ponderados pela produção média do período 1962-66; preços transformados em cruzeiro de 1971 pelo Índice "2" de Conjuntura Econômica. Índices de quantidade ponderados pelos preços médios do período 1962-66. Base de comparação igual à de ponderação.

⁽²⁾ Composição dos índices anuais: Índice "1" - Produtos tradicionais: arroz, feijão, mamona, bovinos, leite e suínos; Índice "2" - Produtos em transição: banana, cebola, milho, amendoim, mandioca, café e chá; Índice "3" - Produtos modernos: batata, laranja, tomate, cana, casulo, soja, algodão e ovos; Índice "4" - Produtos animais: carne bovina, carne suína, casulo, leite e ovos; Índice "5" - Produtos de origem vegetal; amendoim, algodão, arroz, banana, batata, cana-de-açúcar, café, chá, cebola, feijão, laranja, mamona, mandioca, milho, soja e tomate; Índice "6" - Produtos de origem vegetal sem café; Índice "5", excluindo-se o café; Índice "7" - Geral sem café: composto dos índices "4" e "6"; Índice "8" - Geral: composto dos índices "1", "2" e "3", ou "4" e "5".

⁽³⁾ Preço e deflator preliminares.

⁽⁴⁾ Baseados na 4ª estimativa de safras, abril de 1978.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 147. - Índices de Área Plantada e Rendimento no Estado de São Paulo, por Grupo de Produtos e Evolução Percentual, entre os Anos Agrícolas 1975/76 a 1977/78

Grupo (1)	Nº de produtos	Área plantada(2)					Rendimento(3)				
		1975/76	1976/77	1977/78 (4)	Evolução(%)		1975/76	1976/77	1977/78 (4)	Evolução(%)	
					1976/77	1977/78				1976/77	1977/78
					1975/76	1976/77				1975/76	1976/77
Produtos tradicionais	3	70,60	57,18	64,55	-19,01	12,89	139,91	121,71	103,94	-13,01	-14,60
Produtos em transição	7	80,72	78,56	75,49	- 2,68	- 3,91	98,25	124,14	107,94	26,35	-13,05
Produtos modernos	6	154,87	171,42	184,02	10,69	7,35	113,49	131,26	114,37	15,66	-12,87
Produtos de origem vegetal sem café	15	99,27	95,83	99,08	- 3,47	3,39	124,22	126,83	112,72	2,10	-11,13
Produtos de origem vegetal	16	96,52	96,37	99,50	- 0,16	3,25	111,14	131,39	110,10	18,22	-16,20

(1) Composição dos grupos, rodapé (2) do quadro 146.

(2) Índice simples, base 1962-66=100.

(3) Índices construídos pelo método de Paasche.

(4) Baseados na 4ª estimativa de safras, abril de 1978.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

Prognóstico 78/79

Equipe técnica responsável: Afonso Negri Neto, Alberto Veiga, Antônio Ambrósio Amaro, Antônio José Braga do Carmo, Antônio Roger Mazzei, Arthur Antônio Ghilardi, Célia Regina Roncato Penteado, Celuta Moreira Cesar Machado, Claus Floriano Trench de Freitas, Clotilde Cantos, Clóvis de Toledo Piza Junior, Constantino Carneiro Fraga, Eloisa Elena Bortoleto, Fernando Antônio de Almeida Séver, Fernando Sebastião Gomes Junior, Gabriela Toscano, Hiroshige Okawa, Ismar Florêncio Pereira, José Roberto da Silva, Leonia Gadelha de Lima Furtado, Luiz Flávio Barbosa Cancegliero, Luiz Henrique de Oliveira Piva, Luiz Moricochi, Maria de Lourdes do Canto Arruda, Maria Auxiliadora de Carvalho, Maria Tanajura Cruz Gimenes, Marina Brasil Rocha, Maristela Simões do Carmo, Minoru Matsunaga, Natanael Miranda dos Anjos, Nelson Giuliatti, Nilda Tereza Cardoso de Mello, Paul Frans Bemelmans, Paulo David Criscuolo, Paulo Augusto Wiesel, Richard Domingues Dulley, Rosa Maria Pescarin Pellegrini, Sebastião Nogueira Junior, Silvia Toledo Arruda, Sylvia Regina Hellmeister e Yuly Ivete Miazaki de Toledo.

Datilografia: Anélia Alaburda, Cleusa Batista Pastori, Elaine Orso, Maria Alaburda Katsas e Wilson Roberto de Paulo Cardoso.

Desenho: Mário Pareto.

Capa: W.G. Figueiredo